

CHRISTINE WOODWARD

O toque da
Vampira

MARVEL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Christine Woodward

O toque da
vampíra

 novo século®
SÃO PAULO 2014

Rogue Touch

Originally published in the United States and Canada by
Hyperion as ROGUE TOUCH by Christine Woodward.

TM & Copyright © 2013 by Marvel and Subs.

Translation copyright © 2014 by Marvel Entertainment LLC.

This translated edition published by arrangement with Hyperion.

| | |
|-----------------------|---------------------|
| COORDENAÇÃO EDITORIAL | Mateus Duque Erthal |
| EDITOR ASSISTENTE | Daniel Lameira |
| TRADUÇÃO | Caco Ishak |
| PREPARAÇÃO | Jonathan Busato |
| MONTAGEM DE CAPA | Monalisa Morato |
| DIAGRAMAÇÃO | Project Nine |
| REVISÃO | Tágidi Mar Ribeiro |

TEXTO DE ACORDO COM AS NORMAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA
LÍNGUA PORTUGUESA (DECRETO LEGISLATIVO Nº 54, DE 1995)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Woodward, Christine
O toque da Vampira / Christine Woodward ; [tradução Caco Ishak].
-- Barueri, SP : Novo Século Editora, 2013.

Título original: Rogue touch.

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-13616

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Edição eletrônica: 2015

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
CEA – Centro Empresarial Araguaia II
Alameda Araguaia 2190 – 11º Andar
Bloco A – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial – SP
Tel. (11) 3699-7107 – Fax (11) 2321-5099
www.novoseculo.com.br
atendimento@novoseculo.com.br

E-ISBN: 978-85-428-0202-3

Para Hadley Gessner.

Um senhor já idoso conversava com seu neto. “Meu filho”, ele disse, “dentro de todos nós há uma batalha entre dois lobos. Um é Mau. É a raiva, a inveja, a ganância, a inferioridade, a mentira e o ego. O outro é Bom. É a alegria, a paz, o amor, a esperança, a humildade, a bondade, a empatia e a verdade.”

O menino refletiu por um tempo. Então, perguntou: “Qual dos lobos vence?”

Fez-se um momento de silêncio antes que o velho respondesse. Por fim, disse: “Aquele que você alimenta”.

CONTO POPULAR DO FOLCLORE NORTE-AMERICANO

um

Eu estava a caminho do trabalho, tratando de cuidar da minha própria vida, quando avistei James espreitando no escuro. Claro que, na hora, não sabia que era James. Pensei que fosse um cara qualquer, alto e esquisitão, sem coisa melhor pra fazer do que assustar mocinhas à noite. Ou isso ou ele realmente pretendia dar o pulo do gato e me agarrar. Certamente seria muito mais perigoso pra ele do que pra mim. Seja qual for o caso, a primeira sensação que tive ao vê-lo escorado na porta da Maybelline's Collectibles foi uma irritação tremenda. Ele não estava fumando, não estava olhando pras bolsas de miçanga vagabundas na vitrine nem estava fazendo nada além de me observar caminhando rua abaixo. Uma pequena parte de mim gostou de estar sendo observada. É triste quando uma garota de dezoito anos não tem suas pernas admiradas.

Ainda assim. Ele não poderia ser educado e atravessar a rua só pra deixar claro que não era nenhum estuprador ou coisa assim? Será que a mãe dele não tinha ensinado um pouco de bons modos noturnos? Um dos motivos pelos quais adorava meu emprego na padaria Sunshine era que quase nunca encontrava ninguém no caminho pro trabalho. Jackson, cidadezinha do Mississippi, sabe, não chega a ser Nova York. A maioria das pessoas já estavam enfiadas debaixo das suas cobertas até meia-noite. Por isso, de madrugada, eu até me sentia segura sem meu traje de couro. Toda noite saía do meu apartamento subsidiado pelo governo vestindo short e camiseta. Foi um verão longo de tão quente,

e ir a pé pro trabalho foi a única maneira que encontrei de sentir pelo menos um vestígio de vento no rosto.

Mas então, pela primeira vez desde que tinha começado naquele emprego, fazia uns três meses, tive que bolar um jeito de desviar das pessoas pra evitar o contato com minha pele. Quanto mais me aproximava da escada que descia pra cozinha da padaria, mais claro ficava que El Creepo não pretendia sair do meu caminho. Foi assim que resolvi chamá-lo, El Creepo, mesmo depois de me aproximar e notar que ele parecia ser bem gostosinho.

Imaginei que fosse só uns anos mais velho do que eu. Tinha cabelos longos e escuros. Não fazia a barba havia alguns dias. Estava escuro demais pra ter certeza, mas tive um pressentimento de que seus olhos eram azuis, um azul penetrante.

Como se não bastasse, ainda vestia um sobretudo de couro. Agora por que diabos alguém além de mim usaria alguma coisa de couro em pleno agosto no Mississippi?

Mas eu não estava nem aí. Mesmo que El Creepo não fosse um estuprador ou um assaltante, e mesmo que ele fosse stupidamente boa pinta, a entrada da padaria ficava bem ao lado da vitrine da Maybelline's. Eu não podia correr o risco de ele tentar me pegar pelo braço ou tropeçar e segurar em mim pra se equilibrar. Resolvi então eu mesma atravessar a rua, andei uns seis metros já do outro lado e atravessei de novo. Tive de voltar alguns passos no sentido contrário pra chegar à padaria. El Creepo tinha mudado de posição, aparentemente pra poder continuar me observando, e eu o encarei de volta de uma forma tal que, assim eu esperava, dissesse que apenas tinha feito o que ele devia ter feito. Atravessado a rua, só isso. Juntei todas as minhas forças pra não mostrar o dedo do meio, pois além da presença dele significar que eu não arriscaria mais vestir short e camiseta mesmo àquela hora da noite, também significava que eu não poderia mais ficar de bobeira no topo da escadaria olhando as quinquilharias na vitrine da Maybelline's, coisa que eu costumava fazer antes de vir pro trabalho.

Eu não tinha dinheiro pra comprar nada da Maybelline's, mesmo. E não era do tipo que perdia tempo sonhando com o que não podia ter. Essa era uma das manias que eu tinha pegado de Cody. Então, não

havia o menor problema de ficar sem minhas espiadas diárias na vitrine. Às vezes eu ficava tão cansada de tudo que era melhor assim.

Já no andar de baixo da padaria Sunshine, coloquei minha rede de cabelo e os fones de ouvido do iPod e comecei a trabalhar. Aquele turno noite adentro (organizando todos os bolos, donuts e pães que estariam à venda logo cedinho quando a padaria abrisse) era meu terceiro emprego desde que tinha me mudado de Caldecott pra Jackson, e o primeiro de que realmente cheguei a gostar. Se eu não podia encostar nas pessoas, pelo menos poderia alimentá-las. A dona, Wendy Lee Beauchamp, mantinha todas as receitas numa grande pasta, e tudo que eu tinha a fazer pra assegurar que tudo saísse corretamente era segui-las à risca.

Assim que terminei de botar toda a comida no forno, entrei no banheirinho minúsculo dos funcionários. No dia em que fui contratada, Wendy Lee disse que eu teria de manter o banheiro limpo. Com isso, imaginei que ela quisesse dizer mantê-lo organizado e não deixar minhas coisas largadas por aí. Porque, né, pra que você iria querer que a mesma pessoa que cozinhasse sua comida também limpasse o banheiro? Mas, nos últimos tempos, ficou impossível não notar os anéis de sujeira na pia e no vaso, e comecei a suspeitar que eu mesma acabaria tendo de esfregar aquilo tudo. Como se não houvesse nada melhor a fazer do que viver o presente, tratei de simplesmente pegar um frasco amassado de desinfetante.

Quando enfim terminei, vesti minha calça de couro e minha blusa de gola rolê preta, minhas luvas por último. Como tinha esquentado muito, troquei as luvas de couro por um par de algodão, brancas. Do tipo que se usa pra ir a uma festa chique. Minhas mangas cobriam bem meus braços, mas como era o local mais provável pra que alguém tentasse encostar em mim, eu também usava uma jaqueta de couro. Quanto ao preto, bem, a cor não fazia diferença alguma no quesito proteção, a não ser pelo fato de que o preto assustava as pessoas e elas acabavam preferindo não encostar em mim. O mesmo acontecia com as mechas brancas no meu cabelo longo e marrom, as que apareceram depois do que aconteceu com Cody.

Até que Wendy Lee desse as caras, ainda me sobravam dez minutos pra levar todos os quitutes que eu tinha assado até o balcão, então coloquei de volta meu iPod, aumentei o som em “Jesus, take the wheel” e passei a esfregar o chão do banheiro.

— ANNA MARIE. ANNA MARIE!

Quando enfim escutei Wendy Lee me chamando, imaginei que ela já estivesse gritando fazia um bom tempo, pois se aproximou com seu braço esticado como se quisesse bater no meu ombro. Dei um pulo pro lado tão repentino que acabei trombando contra a prateleira com todos os papéis higiênicos e papéis toalha. Tudo caiu chovendo sobre minha cabeça e por todo o chão, até ninguém poder ver o quanto eu tinha deixado aquilo tudo tão limpinho.

Assim que tirei os fones de ouvido, notei que o fogão com os pães estava uma fumaceira só, feito uma chaminé.

— Droga.

Mesmo agitada daquele jeito, eu procurava policiar meu linguajar perto de Wendy, que se considerava uma mulher temente a Deus. Em vez de correr pro forno com os pães (aqueles já eram caso perdido, mesmo), fui em direção ao dos bolos. Eles pareciam um pouquinho tostados por cima, mas de um jeito até bom, dourado e crocante.

Por outro lado, os pães estavam carbonizados. Wendy Lee os tirou do forno ela mesma. Era daquelas mulheres que se enfeitavam todas: cabelo pintado e escovado, sobrancelhas delineadas, unhas feitas, maquiagem pesada como uma máscara. Um fio de cabelo fora do lugar e pronto, ela estaria toda desgrenhada. Naquele momento, pelo menos três fios estavam esvoaçando, sem contar que ela estava com uma mancha preta na bochecha por causa dos pães carbonizados.

— Pelo amor de Deus, Anna Marie — Wendy Lee disse. Agora, além de ter queimado os pães, eu tinha feito com que ela usasse o santo nome de Deus em vão. — O que diabos eu vou vender hoje de manhã?

Ela respirou fundo pra tentar se acalmar, e notei que eu não iria gostar do que elaalaria a seguir. E estava certa. Fiquei parada, ouvindo-a narrar uma lista de motivos pelos quais eu não estava dando certo na padaria Sunshine.

— Não quero te magoar, Anne Marie, mas a forma como você se veste é bem peculiar.

— Mas ninguém nunca nem me vê! Eu trabalho no subsolo de madrugada.

— As pessoas te veem saindo pela manhã, querida. Elas ficam imaginando por que a pessoa que assa os bolos está toda empacotada em roupas de couro em pleno verão.

Ela disse que alguém tinha me visto na frente da Maybelline's e ficou preocupado achando que eu estava saqueando o lugar, o que não deu pra acreditar.

Quem diabos me viu olhando vitrines à uma da manhã? Imediatamente suspeitei de El Creepo. Pode ser que aquela noite tivesse sido a primeira vez que eu o vi, mas não o contrário. Ela continuou falando:

— Bom, não quero acusar ninguém. Mas, desde que você começou a trabalhar aqui, já dei pela falta de dinheiro na gaveta do troco umas três vezes.

— Mas eu nunca nem sequer subi. Eu juro, Wendy Lee.

Obviamente, aquele era o real motivo pelo qual eu estava sendo dispensada. Wendy Lee achava que eu estava roubando. Mas ela não queria discutir sobre isso, certamente porque não poderia provar. Quando disse que eu nunca limpava o banheiro, corri pra abrir a porta e comecei a catar os papéis do chão e colocá-los na prateleira.

— Olha aqui, acabei de limpar agorinha de manhã. Olha, Wendy Lee, eu lavei o chão e tudo.

Pude sentir meu rosto brilhando de suor e meus cabelos brancos esquisitos escaparem da rede de proteção que os prendia juntos. Se Wendy Lee ao menos parecesse estar brava, eu poderia tentar continuar com as explicações, mas ela só parecia estar sentindo pena de mim, nada mais. Então arranquei minha touca e a joguei aos seus pés.

— Tudo bem. Pode ficar com esse seu emprego fuleiro. — Eu ainda não tinha coragem de falar uns bons palavrões na frente dela. Como também não tinha a menor dignidade pra simplesmente ir embora sem antes receber meu último pagamento, fiquei ali parada batendo meu pé no chão enquanto ela terminava de preencher o cheque. Eu não sabia quantos anos Wendy Lee tinha. Ela se produzia

tanto que poderia ter qualquer idade entre 25 e 50. Que tipo de lembranças teria? Eu poderia até matar alguém *mesmo* pra decorar um bolo tão bem quanto ela.

Já na rua, o clima estava quente e abafado, e eu me sentia triste e desanimada. Não só tinha perdido um emprego de que realmente gostava, como também não fiquei lá por tempo suficiente pra receber seguro-desemprego. Aquele mísero cheque no meu bolso não duraria muito tempo. Minhas botas de solado grosso grudavam no asfalto, fazendo um barulho tipo o de sucção enquanto eu andava. Caminhões de entrega barulhentos chacoalhavam rua abaixo. Parei um instante pra me recompor em frente ao restaurante Jackson.

Um casal de jovens aparentemente da minha idade sentou do outro lado da vitrine. Eles estavam tão envolvidos na conversa que nem notaram minha presença (a gótica esquisitona de mechas brancas, cabelo todo desgrenhado e com cheiro de fumaça da padaria). A garota estava muito triste e era muito bonita, com sardas nas bochechas que poderiam pertencer a uma fada de um dos velhos livros que minha mãe colecionava. Mesmo chorando, os olhos dela não estavam nem um pouco vermelhos.

Talvez o cara estivesse terminando com ela. Olhei pra ele (os dois ainda não tinham notado minha presença) e vi suas sobrancelhas meio que se contraírem. Ele estava com lágrimas nos olhos, como se sentisse muito mas não soubesse o que fazer. Enquanto a garota falava, ficava mexendo no saleiro. De repente, o cara estendeu a mão pra que ela calasse a boca. Envolveu as mãos dela e eles ficaram parados por um instante, encarando-se profundamente nos olhos e de mãos dadas. Pareceu que aquilo a deixou mais calma, aquele toque. Pareceu confortá-la. Existem certas coisas que as pessoas simplesmente não conseguem suportar. Dei um passo pra trás, me afastei da vitrine e segui pra casa.

Subi às escuras a escadaria do meu prédio antigo na Section 8. Foi o único lugar onde me aceitaram pra que eu pudesse ter um apartamento só meu. Tecnicamente, nem sei se dá pra chamar aquilo

de apartamento, pois tinha apenas um cômodo, excluindo o banheiro. Tranquei as quatro fechaduras e tirei minha calça de couro, liguei os três ventiladores barulhentos que tinha comprado na Godwill e me enfiei debaixo dos lençóis. Nada mais a fazer a não ser dormir, mesmo sabendo que teria o que eu chamava de O Sonho. Acontecia quase todas as noites e nunca tinha o mesmo começo, a não ser que consideremos o fato de que estou sempre feliz. Estourando de felicidade. Tão feliz que mal dá pra suportar, mas você não quer que acabe nunca. Talvez se o sonho não começasse tão feliz, eu já teria descoberto uma forma de acordar antes que fosse tarde demais. Mas nunca quis acordar sem que o começo acabasse. Era o começo que fazia o sonho quase valer a pena.

Então, ele era quase sempre bem-vindo. Não sabia exatamente como começaria, o que eu estaria fazendo, quem eu veria. Apenas sabia que estaria feliz até que tudo desse errado. Terrível e pavorosamente errado.

Era quase certo que o sonho começasse com a coisa mais feliz do mundo: Cody e eu, como costumávamos ser, subindo o morro da fazenda de seus pais. No sonho, provavelmente estávamos na primavera, pois tudo ao nosso redor estava florescendo e eu não sentia tanto calor. Pássaros cantavam e eu sentia uma brisa fresca. Quando digo que podia sentir, é porque não estava coberta de couro dos pés à cabeça. Em vez disso, usava um vestido delicado e florido, do tipo que eu costumava usar na minha vida pregressa, aquela em que eu podia tocar nas pessoas e não sugar todas as memórias delas, nem suas habilidades e força de viver. Não lembro bem como o vestido era, mas dava pra sentir que era simplesmente lindo. Seu algodão macio acariciava minhas pernas, o vento soprava meu cabelo, que não tinha mechas brancas ridículas, era apenas marrom. Não um marrom inosso, mas um marrom profundo e escuro feito a madeira da árvore na frente da casa de Cody. Certa vez, na vida real, Cody tinha dito que não havia nada mais lindo no mundo do que uma garota de olhos e cabelos castanhos.

Nos meus sonhos, Cody estava como sempre foi, o doce vizinho dos sonhos de todas as garotas, com cabelos castanhos-claros feito areia que caíam por cima de sua testa, sardas e olhos cor de mel. Ele amava jogar beisebol, seus braços eram sinuosos e musculosos. Aos dezessete, ele já era capaz de consertar qualquer problema em qualquer tipo de carro. Amava dirigir o velho trator do seu pai e lá estava ele agora, estacionado ao nosso lado no morro. Cody subiu e eu o segui. Abracei sua cintura e apoiei meu queixo em seu ombro enquanto ele girava a chave e dava partida no motor.

Dirigimos por entre fileiras de algodão perfeitas. Consegui ouvir e sentir o cheiro do rio Mississippi e de um pinheiral antigo que despontava no horizonte. O cabelo de Cody acariciava meu rosto; cheirava a palha, sementes de algodão e sabão de coco. Subi minhas mãos por seu peito e as pressionei contra seu coração. Pude sentir as batidas por baixo de meus dedos: tum, tum, tum, o som mais alegre de todos. Um corvo sobrevoou tão baixo que pensei que ele pentearia o topo das nossas cabeças, e não pude deixar de encostar meus lábios na nuca de Cody, em sua pele, o espaço entre seu cabelo e a gola de sua blusa.

Era isso, era suficiente. Encostar nele. Nunca acontecia nos sonhos como aconteceu na vida real. Mas sempre terminava com Cody estirado no chão, e tudo que o fazia ser quem ele era simplesmente sumia.

Acordei num pulo com um grito entalado na garganta e os lençóis enrolados nos meus pés, meu corpo coberto de suor, mesmo com todos aqueles ventiladores estridentes.

O estado do Mississippi mudou o nome de seu programa de bolsa alimentação pra SNAP¹, que supostamente deveria significar Programa de Assistência Suplementar Nutricional. Se me perguntassem, diria que o nome soa muito ousado. Posso ter sido criada sem maiores riquezas (nenhuma até), mas isso não significava que eu gostasse de admitir que precisava receber doações.

Mas, admitindo ou não, estava na hora de encarar o SNAP. O último cheque da padaria Sunshine não tinha durado muito —

pensando agora em como Wendy Lee não tinha me dado aviso prévio nem nada, deu vontade de ter dito todos os palavrões que eu conhecia. Até então, não tinha alcançado sucesso algum na procura por um novo emprego. Não dá pra imaginar que tocar nas pessoas pode ser tão importante quando pensamos num emprego subalterno, mas é quase impossível passar por uma entrevista sem um aperto de mãos.

O único motivo de eu ter me safado com Wendy Lee foi porque ela estava decorando um bolo pro casamento dos Devereaux enquanto me entrevistava, então não tinha uma mão livre pra me oferecer. Você não pode simplesmente vestir luvas pra uma entrevista de emprego em pleno verão no Mississippi e, como eu disse, dizer que tem problema de pele não é uma boa saída quando se quer entrar na indústria alimentícia. Ou qualquer outra indústria, pensando bem. Então, até que eu pudesse inventar um novo plano, tinha um encontro marcado no SNAP. Cheguei a mencionar que, lá em Caldecott, eu só tirava nota dez desde a primeira série? Até Tia Carrie tinha certeza de que eu ganharia a bolsa de estudos Ole Mission. Aos dezoito, eu deveria estar em um dormitório universitário, comendo no restaurante universitário. E não morando no Section 8, tentando entrar no programa de bolsa alimentação.

Isso tudo deixou minha cabeça bem ocupada no ônibus até chegar a North State Street. Nem me preocupei com a senhora me encarando como se eu fosse abrir minha boca pra comê-la, mesmo tendo levantado pra oferecer meu assento. Só conseguia imaginar como seria humilhante caminhar em direção ao Departamento de Serviços Humanos com todos os outros esquisitões e fracassados e minha mão estendida. Mas tão logo consegui fazer uma boa pose autoindulgente de ‘tenha-pena-de-mim’ o ônibus passou roncando pela frente do Capitol Museum.

Com os olhos fixos naquele prédio antigo (o mais histórico no estado do Mississippi), fui tomada pela lembrança de quando passei pelas grandiosas portas da entrada, segurando a mão de uma mãe. Digo uma mãe em vez de minha mãe porque não era a minha. Não era nem sequer uma memória minha. As lembranças que tenho da minha mãe são bem claras, mas ela estava sempre tão ocupada cultivando suas próprias comidas e costurando suas saias hippies que não tinha tempo

de se preocupar em me levar até a cidade vizinha, Jackson, muito menos a um museu. E, sinceramente, nem me lembro de algum dia ter segurado sua mão.

A mulher naquela lembrança era a Sra. Robbins. A mãe de Cody. Olhei em volta, os tetos eram altíssimos e havia vários artefatos protegidos por cúpulas de vidro, mas o que senti mesmo foi o amor, o cuidado e a felicidade de ter aquela mulher sorridente ao meu lado. Com um zunido, o ônibus passou da South pra North State Street. Desci na minha parada, sentindo-me um pouco melhor com tudo. Mesmo que o amor da lembrança não fosse meu, não mais do que aquela memória, acabou elevando meu espírito e me deu forças pra atravessar aquelas portas de vidro deprimentes.

Aparentemente as memórias de Cody me deram forças pra soltar um grito quando avistei James na fila com os outros miseráveis. Pelo menos acho que fiz isso. Não imagino como poderia ter nervos pra me levantar se não por esse motivo.

— Ei, El Creepo! — gritei no instante em que o vi.

Estávamos em filas diferentes, mas ele logo chamou minha atenção, pois, além de mim, ele era o único que também vestia roupas de inverno. O que reconheci mesmo foi o sobretudo de couro. Quando gritei seu nome (no caso, o nome que tinha dado), ele se virou e me olhou na hora. Assim como todas as outras pessoas na sala.

Ele estava a uns dois metros de distância e do jeito que imaginei: com olhos azuis penetrantes, quase faiscando. Mas eu só pensava no porque de ele ter me dedurado. Saí da fila e fui em sua direção, pra exigir uma explicação e saber por que ele tinha dito a Wendy Lee que eu estava rondando a Maybelline's. Quando ele se deu conta de que estava indo até ele, olhou em volta, talvez na esperança de que eu estivesse falando com outra pessoa.

— Não senhor, sem essa, estou falando com você mesmo!

Ele deu meia volta e saiu correndo. Por um instante, fiquei mal por ele ter perdido seu lugar na fila. E então notei que eu também tinha perdido o meu. Corri atrás dele. Enquanto James corria, seu sobretudo esvoaçava e um monte de papéis foi caindo pelo chão. Parei de

persegui-lo a tempo de recolher o que ele tinha deixado cair. Era um envelope cheio de carteiras de motorista diferentes, cheques cancelados e canhotos de pagamentos. Ou seja, tudo o que se precisaria pra fraudar uma bolsa alimentação.

A essa altura, um guarda já tinha se intrometido em nosso problema. Foi em minha direção e, quando viu o que eu estava segurando, gritou pra que alguém segurasse James. Outro guarda que estava perto da porta agarrou seu braço bem na hora em que ele ia sair do prédio. Notei que meu guarda estava prestes a me agarrar também. Derrubei toda a papelada falsa pra que ele tivesse que recolher tudo em vez de me segurar. Quando enfim terminou de catar os papéis e viu que eu não tinha corrido, ele se deu conta de que eu ficaria ali parada sem que ele tivesse que encostar em mim. Dois guardas arrastaram James até onde estávamos. Ele olhou pra mim por entre seu cabelo longo, bagunçado, porém sexy (com aqueles olhos azuis me encarando). Vi que suas bochechas estavam fundas. Parecia estar com fome. Faminto.

Não me aguentei e perguntei:

— Por quê? Por que você disse a Wendy Lee que eu queria assaltar Maybelline's?

Ele apenas me encarou de volta, sem uma palavra sequer.

— Você conhece esse homem? — o guarda me perguntou.

Sacudi a cabeça. Os guardas o levaram embora. Senti uma culpa poderosa, alguém continuaria passando fome por minha causa. E então fiz a única coisa que me veio à cabeça, que foi voltar à fila pra resgatar meus malditos vales-alimentação.

Aquela noite foi como antigamente, tirando o fato de que me protegi ao máximo. Eu sabia que não levariam El Creepo pra cadeia, pois ele não tinha efetivamente utilizado a papelada falsa. Devem-no ter apenas encaminhado até a saída e pedido pra que ele não aparecesse mais por ali. Não me pergunte como, mas tinha certeza de que ele estaria bem no lugar onde o tinha avistado da outra vez, pairando na porta da Maybelline's Collectibles.

Andei pelas ruas escuras e vazias, desejando estar caminhando de volta pro meu antigo emprego pra assar quitutes pro café da manhã. E, enquanto isso, desejei também não só que Cody estivesse vivo, mas que estivesse caminhando ao meu lado. No dia seguinte, teria de ir à biblioteca pra usar o computador (pra ver se encontrava alguma notícia dele no jornal de Caldecott). Talvez ele tivesse acordado. Mas, no fundo do meu coração, sabia que Cody não tinha acordado de seu coma. Provavelmente jamais acordaria.

Alguns minutos depois, estava parada na porta da Maybelline's. Será que eles tinham vendido todas aquelas bolsinhas bobas? No lugar delas, havia um display de espelhos pintados à mão de diferentes tamanhos. Um era largo e quadrado com uma linda moldura verde-água. Parecia que tinha sido feito pra ficar sobre uma pia, mas estava inclinado de uma forma que pude ver quase todo meu corpo estranho. Não tive tempo de sentir o desdém de sempre, pois, em questão de segundos, vi também o reflexo de El Creepo. Ele estava atrás de mim, com seu longo casaco e seu cabelo esvoaçando, seu rosto pálido e faminto, seus olhos azuis feito os de um lobo do ártico.

Bom, pensei, mirando o reflexo, pelo menos sei que não é um vampiro. Ele estendeu a mão pra encostar em meu ombro e eu me agachei por baixo do seu braço. Mesmo vestindo um casaco de couro e uma gola rolê, eu não quis arriscar.

— Eu não ia machucar você — ele disse. Mal sabia.

Seu sotaque parecia ser de longe, com certeza não daqui do sul, talvez nem dos Estados Unidos, sem contar que sua voz era chiada e sem fôlego, como se ele tivesse vindo correndo. Não apenas isso, ele me olhava como ninguém jamais tinha olhado. Quer dizer, de uma forma que me fez sentir completamente nua. Dei outro passo pra trás, pus a mão no bolso e tirei um monte de vales. Entreguei todos pra ele sem sequer uma palavra. Pra ser bem sincera, minha garganta estava completamente seca. Ele apenas piscou, olhando pra minha mão enluvada como se não entendesse ao certo o que eu estava entregando.

— O que é isso? Sua moeda? — ele perguntou.

— Moeda? — respondi, finalmente encontrando minha voz. Imaginei de que país ele poderia ser com aquele sotaque. — Não é

moeda, são vales-alimentação. SNAP? O que quase te fez ser preso por tentativa de fraude?

— Ah, é isso que eu devo usar para conseguir comida? — retrucou, ainda olhando pra minha mão.

— Sim — respondi vagarosamente —, você vai até um mercado e os usa pra comprar comida. Não qualquer tipo de comida. Quer dizer, existem regras. Tipo, você não pode comprar comida pronta. — Notei que eu estava falando demais. — Olha, por que você estava querendo fraudar o SNAP se você nem sabe o que essas coisas são?

Ele não respondeu minha pergunta, apenas pegou os vales. Pude sentir seus dedos encostarem no tecido da luva. O que o diferenciava dos outros (uma das coisas, pelo menos, e elas certamente pareciam estar se acumulando) era o fato de não ter questionado minha forma de vestir. Sequer olhou pra mim como se eu fosse estranha. Mas, pensando bem, ele também se vestia como se o inverno estivesse chegando.

Ele guardou os vales no bolso.

— Você sabe se tem alguma loja de comida aberta a essa hora?

— Bem — respondi, desejando ter trazido ao menos uma banana ou algo assim. Estava ficando cada vez mais claro o motivo de ele ficar parado perto da cozinha da padaria. Apesar de ele ser tão incomum e aparentemente morto de fome, havia um quê de elegância em James. Detestaria imaginá-lo catando comida do lixo. — A cidade é bem parada. Mas tem um Kroger que deve estar aberto. É na I-55 perto de Northside...

Antes que eu pudesse terminar de falar, ele deu meia volta e passou a subir a rua.

— Ei! Será que dá pra esperar uma dama terminar de falar?

Ele se virou e me encarou. Seu rosto tinha suavizado um pouco e não me senti tão nua. Além de estar contente por ter decidido ajudá-lo, apesar de não saber exatamente por quê.

Ele esperou que eu dissesse algo e, então, percebi que não sabia o que fazer. Perguntar como ele pretendia chegar a I-55 sem um carro? Ou por que ele estava tão faminto? Em vez disso, perguntei:

— Qual é seu nome?

— James — respondeu. Ele tinha uma voz baixa, quase um gentleman. O cara podia até ser estranho, mas de repente eu não vi mais nada de esquisito nele.

— James, sou Anna Marie.

— Eu sei — retrucou.

Nossa! Aquilo me deixou sem palavras por um instante. Fiquei parada, recuperando o fôlego, preparando-me pra perguntar como diabos ele sabia meu nome, quando ele falou do nada:

— Eu não disse a ela que tinha visto você. Nunca falei com essa tal de Wendy Lee. Mas sinto muito que você tenha sido demitida.

Então ele se virou de novo e voltou a caminhar, deixando-me boquiaberta diante daquele casaco maluco esvoaçando como se fosse do século dezenove, de um tempo quando mistérios eram tão comuns quanto o sol do Mississippi.

Depois que James foi embora, fiquei parada por um tempo na porta da Maybelline's. A essa altura, pouco importava se achassem que eu roubaria a loja, então resolvi esperar pra ver quem tinha me substituído na padaria. Pra minha surpresa, Wendy tinha contratado um cara grande, careca e tão tatuado que eu enxergava os desenhos no escuro. Pra mim, ele aparentava ser tão criminoso quanto eu, mas não havia muito que pudesse fazer a não ser ir pra casa e dormir. Como se eu conseguisse dormir. Tive um pressentimento, um estranho e empolgante pressentimento. Como se algo fosse acontecer.

Depois de um tempo, saí da cama, peguei uma folha de papel regrado do meu antigo caderno da escola e sentei junto à minha mesa retrátil. *Queridos Sr. e Sra. Robbins*, escrevi.

Fiquei acordada trabalhando naquela carta por mais de uma hora. Enfiei-a num envelope, coleí o selo e escrevi o endereço que sabia de cor. No dia seguinte, faria o que já tinha feito umas quatro vezes desde que tinha fugido pra Jackson. Pegaria o ônibus. Cada uma das outras vezes, tinha pegado o ônibus pra uma cidade diferente, e decidi que no dia seguinte iria até Vicksburg. Na estação de Vicksburg, entraria escondida em outro ônibus pra algum lugar bem longe, tipo Nova York ou Gainesville, na Flórida. Quando eu ainda era uma garota comum

em Caldecott, no Mississippi, sonhava em ir pra esses lugares. Havia mapas por toda a parede do meu quarto e um atlas desatualizado que eu tinha comprado num sebo em Dodson.

Até aquele momento, ainda não tinha conseguido sair do meu estado natal e, no dia seguinte, não seria diferente. Não conseguiria ficar dentro do ônibus; simplesmente deixaria a carta em algum dos assentos, torcendo pra que alguém a encontrasse e a levasse aos correios. Não que eu tivesse assinado a carta. Mas os Robbins certamente saberiam quem tinha escrito. Quem mais poderia saber tanto sobre as memórias de Cody, sem contar do tanto que ele amava seus pais? Eu não poderia correr o risco de assinar uma carta. Pois, se tinha uma coisa que eu sabia, além de que precisava escrever aquelas cartas, era que não poderia correr o risco de alguém me encontrar.

1 Supplemental Nutrition Assistance Program [Programa de Assistência Suplementar Nutricional] (N.E.).

dois

Tia Carrie sempre dizia que eu era o diabo. Eu não acreditava muito nisso. Mas já não podia mais ter certeza. Na verdade, é mentira que ela sempre dizia isso. As primeiras lembranças que tenho dela são muito embaralhadas com as que tenho de mamãe. As duas eram como unha e carne, com flores no cabelo, gargalhando nos campos de grama alta perto do pântano Bayou Pelage. Levavam-me pra caminhar pelo Bayou e eu ficava sentada na margem enquanto elas remexiam a água escura e densa atrás de orquídeas terrestres, nenhuma das duas com o menor medo de jacarés ou cobras. Naquela época, Tia Carrie era hippie, bendita seja, igual a mamãe. Elas até se pareciam, tinham cabelos loiros, olhos azuis e sorrisos iluminados. Nada como eu, obscura e frágil. Devo ter puxado meu pai. Não posso dizer que me lembro dele, nunca cheguei nem a ver uma foto. A única coisa que sei com certeza é que o nome dele era Conrad. Uma vez, pesquisei na internet e descobri que significa “corajoso”, então é assim que sempre penso nele. Corajoso.

Depois que minha mãe morreu, Tia Carrie mudou. Abandonou a comunidade e voltamos pra fazenda da família. Não foi fácil pra ela. Quando fugi, ela estava prestes a se isolar do resto do estado do Mississippi. Quando me sinto um tanto caridosa, gosto até de pensar que ela estava apenas com medo que eu ficasse como minha mãe, cabeça aberta e selvagem demais até que, um belo dia, caísse no

mundo. Sempre me manteve por perto, sempre de olho, e nunca teve medo de usar o cinto quando achou necessário.

— Anna Marie — ela dizia —, vai pegar um cinto já. Vou te bater até o diabo sair do teu corpo.

Acho que ela não bateu forte o bastante.

Na manhã seguinte à noite em que dei os vales a James, acordei com uma sensação estranha no bom sentido, meio natalina. Mas só durou o tempo de dar três passos pelo quarto e olhar o frigobar pra ficar preocupada de novo. Quando abri a porta, tudo o que vi foi só o que *não* tinha. Não tinha café, ovos, nem nada além de um pouquinho de leite com um fio de espuma azeda. Bati a porta do frigobar e sentei na cadeira desnivelada que tinha encontrado ao lado de uma lixeira. Minha janela estava escancarada, mas nada nem parecido com uma brisa fresca entrava, só um bafo quente tão denso que eu poderia até ter armazenado um pouco dentro de um pote e cultivado cogumelos.

Pelas ruas, todo tipo de pessoa andava pra cima e pra baixo vestindo trajes de verão. Jovens mães seguravam as mãos de seus filhos. Mulheres de meia idade caminhavam de salto alto e saias enrugadas, como se estivessem indo ao encontro de alguém. Imaginei-as chegando a um restaurante e dando um enorme abraço na amiga antes de se sentarem e pedirem ovos feitos com uma receita chique qualquer. A mãe de Cody costumava fazer ovos cozidos com molho de vinagre. A Sra. Robbins gostava de mim. Aliás, ela foi a última pessoa no mundo a me dar um beijo na bochecha. Atravessamos a porta da cozinha, ela me beijou e disse:

— Já tomou café da manhã, Anna Marie? — Ela sabia que eu diria que não mesmo já tendo tomado, amava aqueles ovos com vinagre que ela fazia. O melhor era a torrada, ensopada na gema, no vinagre, na manteiga, tudo misturado. Eu sempre fechava os olhos quando dava a primeira mordida.

Ainda de pé ao lado da janela, senti meu estômago embrulhar de fome. Tinha vales-alimentação dentro da minha carteira, não muitos já que tinha dado alguns pra James, mas o suficiente pra durar o resto da semana se levasse apenas massa e uma dúzia de ovos. Por outro lado,

eu podia simplesmente ficar no apartamento. Parar de comer de uma vez por todas. Imaginei quantos dias demoraria pra que uma pessoa morresse de fome. De uma coisa eu tinha certeza: ninguém bateria em minha porta até que fosse cobrar o aluguel, o que seria dali a duas semanas, e eu não tinha ideia de como juntaria aquele dinheiro. E se eu simplesmente desistisse de uma vez? Assim, quem sabe, o perigo que eu representava aos outros, a todos, morreria junto comigo.

Um pequeno suspiro se formou em minha garganta e explodiu pela boca. Sacudi a cabeça e me afastei da janela pra que ninguém me visse. Eu precisava de comida. Eu precisava de dinheiro. Eu teria de ir até a biblioteca e olhar os classificados atrás de emprego. Então comecei a vestir as roupas quentes que eu tanto odiava, mas que mantinham o mundo a salvo de mim.

O que leva uma pessoa a sobreviver quando ela não tem mais nada pelo que viver?

Já na biblioteca Eudora Welty, senti-me aliviada ao ver que o movimento estava fraco e vários computadores estavam disponíveis. Nos classificados, encontrei propostas de emprego no Jaco's Tacos e no Mermaid Café, mas ambos durante o dia. Quando morava em Caldecott County, tinha trabalhado no verão, depois da escola, como garçoneiro no Bette's Diner, e me lembrei da frequência com que as pessoas estendiam a mão pra me cutucar ou até mesmo pra agarrar meu pulso. Obviamente isso não daria certo.

Cliquei no site de registros de Caldecott County e digitei "Cody Robbins" no campo de pesquisa. Três artigos antigos apareceram. Eu já tinha lido todos eles. Certamente os jornais iriam noticiar caso ele tivesse acordado; não havia muitas grandes novidades naquela cidadezinha pacata às margens de um curso d'água pantanoso. Aliás, era bem provável que a maior notícia surgida por lá tenha sido quando Cody Robbins (o melhor lançador do time de beisebol da escola) caiu à beira do rio Mississippi e jamais levantou.

Naquele dia fatal, após ter comido os ovos que sua mãe tinha feito pra mim, Cody e eu fomos passear. Não era longe de sua casa até o rio Mississippi; eu e ele já tínhamos feito o percurso algumas vezes antes.

Não que ele fosse meu namorado. Pelo menos não exatamente, mesmo ele tendo me dado um anel de presente com minha a pedra correspondente ao mês de meu nascimento, uma pequena ametista, no Natal anterior. Nós dois andávamos juntos desde que éramos pequeninos. Todo mundo (Tia Carrie, Sr. e Sra. Robbins, até mesmo Cody e eu) pensava em nós dois como colegas. O que não quer dizer que eu não fosse apaixonada por ele havia um bom tempo.

Cody e eu andamos em direção ao rio, longe da vista da casa dele e de todos dentro dela. Longe da vista de todos em Caldecott County. Apenas nós dois, num dia perfeito de outono, com o sol brilhando alto no céu, um sopro quase imperceptível de frio pairando no ar. Conversávamos sobre coisas bobas como beisebol, os gatinhos que a gata da Tia Carrie tinha parido na noite anterior e o novo corte de cabelo de Shelby Zimmerman. Depois de um tempo, acabamos parando embaixo de uma árvore de Tupelo, com suas folhas vermelhas balançando sobre nossas cabeças e nos cobrindo de modo que, se alguém estivesse olhando em nossa direção, veria apenas dois pares de pernas, um de calça jeans e o outro por baixo de uma saia curtinha de babados floridos.

Cody era tão grandalhão que até mesmo uma garota alta como eu tinha de ficar na ponta dos pés pra alcançar sua boca. Pus minhas mãos em seus ombros e dei um belo beijo nele, dos clássicos. Ele não pareceu nem um pouco surpreso, e certamente não tinha nada a reclamar. Só colocou suas mãos na minha cintura e me beijou de volta, e por um bom minuto contado no relógio, talvez até mais. O mundo todo estava perfeito. E, de repente, o mundo estava na maior imperfeição que jamais poderia estar e, até onde dava pra ver, nunca iria melhorar.

Durante todo o caminho até o hospital fiquei observando no espelho meu reflexo com aquelas novas mechas brancas no cabelo.

— Deve ter sido pelo choque — a Sra. Robbins disse no mesmo instante em que as notou.

Eu não estava nem aí pro meu cabelo, apenas rezava pra que não fosse culpa minha. Que fosse tudo uma grande coincidência e que ele tivesse começado a ter uma convulsão bem na hora em que estávamos nos beijando. Mas mesmo enquanto rezava, parte de mim sabia. Eu também pude sentir um tipo de convulsão, Cody todinho saindo de si e sendo lançado direto em meu corpo. Naquele exato momento logo antes de Cody desabar no chão, a sensação era tão intensa que eu mal pude notá-lo caindo. Bastou um segundo pra que eu o sugasse por inteiro feito um lobo chupando os ossos de um veado. Gulosa. Quando voltei ao meu estado normal e saí correndo até a casa dele pra pedir ajuda, não corria com minha própria velocidade, mas com a de Cody. Era capaz de lembrar de milhares de bases de beisebol por baixo dos meus pés e o barulho das minhas chuteiras escorregando até a base final.

— Aconteceu algo fora do comum — o médico me perguntou quando chegamos ao hospital — logo antes de ele cair?

Eu não conseguia falar nada, mas sacudi a cabeça. Sacudi com força. Eles confiaram na minha palavra. Por que não confiariam? Sempre fui uma boa menina. O doutor saiu correndo atrás de Cody assim que o levaram pelo corredor. Eu não podia ir junto, mas a mãe dele sim. Afundei na cadeira na sala de espera e me lembrei de ter ido àquele mesmo hospital quando eu tinha sete anos de idade pra retirar minhas amídalas, e do tanto de sorvete de pistache que tinham me deixado comer. Só que eu odiava sorvete de pistache e ainda tinha minhas amídalas. O que diabos estava acontecendo?

O diabo. Do jeitinho que Tia Carrie costumava dizer. Eu era o diabo.

Só havia uma forma de descobrir com certeza se tinha sido eu quem fez aquilo com Cody. Então saí escondida do hospital e peguei um ônibus até o centro da cidade, depois corri por cerca de sete quilômetros de volta à fazenda da nossa família, calçando chinelos. Ao chegar lá, o sol já estava se pondo. Pude ver as luzes acesas na cozinha e Tia Carrie preparando o jantar. Dei a volta no estaleiro, subi até o mezanino onde Arisca, a gata caolha, estava deitada cuidando de sua ninhada recém-nascida.

Ajoelhada na palha, fiquei observando os gatinhos. Onze filhotinhos. Quem sabe uma mãe com menos experiência pudesse estar com medo de perder algum deles, mas os filhos, netos, bisnetos e tataranetos de Arisca estavam por toda parte em Caldecott County. Eu não tive dúvidas de que ela daria conta de cuidar de cada um de seus novos filhotes. Mesmo assim, escolhi o menor de todos. Levantei-o pelo couro do pescoço pra longe de seus irmãos e irmãs e do calor da sua mãe. O gatinho era preto. Esperneava em minha mão, mas nada aconteceu com ele, nada mesmo. Apenas abriu a boca e miou.

Por um instante, senti uma onda de felicidade. Não fui eu! Não tinha machucado Cody. Foi só uma coincidência ter sido depois do nosso beijo. Mas logo notei que o pelo do gatinho o protegia do contato direto com minha pele. Não estávamos nos tocando, não literalmente. Então, respirei fundo e ergui o gato até a altura do meu rosto. Seus olhinhos estavam enrugados de tão fechados, e eu sabia que ele ainda não podia escutar nada também. Mesmo assim, sussurrei:

— Desculpa, gatinho. Espero de coração que eu esteja errada — e pressionei meu nariz contra seu focinho miúdo e molhado.

Não demorou nem perto do que foi com Cody. O filhote era tão miudinho. Alguns poucos segundos se passaram e o esperneio se tornou convulsão. Deitei o gatinho na palha. Era tarde demais. Ele estava estirado, imóvel, minúsculo e duro como pedra, morto.

Senti um arrepio passar por todo meu corpo. Tentei piscar, mas meus olhos estavam completamente selados. Estava cega feito um morcego, ou feito um gatinho recém-nascido. Ah, foi o mínimo de castigo que meu ser diabólico merecia. Um sentimento de pesar e exaustão tomou conta de mim. Cobri o gato com um pouco de palha e fui pro canto do mezanino, encolhida embaixo do beiral do telhado. Quando acordei, já era de manhã e meus olhos se abriram normalmente. A luz se esparramava dentro do estaleiro pelas rachaduras. Talvez, se tivesse acordado na minha cama, eu pudesse ter imaginado que tudo tinha sido um sonho. Mas não aqui, não com palha no cabelo e vendo Arisca furiosa acariciando seu pobre filhote morto. Passei por entre os dois gatos e descii a escada. O carro de Tia Carrie não estava lá, provavelmente ela tinha saído a minha procura.

Por sorte, teria tempo suficiente pra juntar tudo o que eu pudesse levar.

Vesti uma calça jeans, uma blusa de gola rolê e um par de luvas de lã. Juntei todas as roupas que couberam em minha velha mochila verde e arranquei um mapa da parede. Peguei todos os centavos das minhas economias de garçõete, guardadas entre as tábuas soltas debaixo da minha cama, e fui até o banheiro pegar minha escova de dentes.

Bem, um gato que não chegou a viver nem dois dias completos não tinha muitas lembranças que eu pudesse absorver, e quase não tinha habilidade alguma. Mas quando olhei pro espelho em cima da pia, mal pude acreditar no que vi. Meus olhos tinham se transformado do antigo castanho pra um verde intenso. Rajadas de jade, brilhantes e reluzentes, nada parecido com olhos humanos. Eles me encaravam de um jeito que chegavam a ser até acusatórios, quer dizer, se não estivessem tão amedrontados.

Já na biblioteca Eudora Welty, fiquei parada na frente do computador encarando a tela com aqueles mesmos olhos esverdeados. Perguntei-me se Cody estava sonhando comigo, em coma, e se eu me parecia com a antiga Emma ou com a nova naqueles sonhos. Se os sonhos dele começavam felizes e terminavam com medo e miséria. No topo direito do meu navegador tinha uma barra de pesquisas do Google. Digitei “Pacientes em coma sonham?” e fiquei ali sentada por um bom tempo lendo artigos e formas elaboradas de dizer que ninguém sabia.

Eu me desconectei e empurrei a cadeira pra trás. Já de pé, quem mais eu poderia ver senão o misterioso homem antes conhecido como El Creepo, James, sentado no final da fileira de computadores, olhando pra tela como se estivesse vendo a coisa mais interessante de toda sua vida. Por um instante, eu só quis poder gritar seu nome. “James! Sou eu, Anna Marie. Lembra de mim?” Em vez disso, eu me agachei por trás das cadeiras na fila de espera e fiquei escondida atrás das pilhas de audiolivros. Conseguia espiar James sem ser vista, entreolhando por elas.

Será que foi no dia anterior mesmo que eu tinha entrado os vales a ele? Mal podia entender como ele conseguiu mudar tanto em menos de doze horas. Ele deve ter encontrado umas comidas bem nutritivas lá pelo Kroger, pois parecia ter acabado de passar duas semanas em um spa. Sua pele tinha passado de pálida pra rosada. Ele parecia ter ganhado uns cinco quilos, tudo de músculo. Claro que só estava conseguindo vê-lo de perfil. Até tentei não desejar que ele olhasse bem na minha direção pra que eu pudesse ver se alguma coisa tinha mudado naqueles olhos azuis penetrantes. Meu coração se derreteu um pouquinho só de imaginar, então puxei a manga da minha jaqueta pra trás e me dei um bom beliscão. Como assim, eu lá sentindo aquilo tudo por James, espiando o cara por entre aquelas pilhas? Era como desejar sua morte. James estava todo empacotado como se fosse novembro em Nova Scotia. Tinha deixado seu sobretudo de couro em casa, mas vestia uma calça jeans e um grande casaco de pescador, branco e de lã. Dava pra ver um pedacinho da gola de uma camisa xadrez de flanela, preta e vermelha, por debaixo do casaco. Claro que a biblioteca tinha ar condicionado. Até eu me sentia meio confortável dentro daquele meu traje maluco. Mas, se eu tivesse escolha? Pode apostar que estaria com um vestidinho leve de verão ou short.

Uma vez, escrevi um texto sobre esperança pra minha professora de gramática preferida, Srta. Eloise Fitzsimmons. Escrevi que mesmo meus pais tendo desaparecido quando eu era bem pequena e que eu mal lembrasse da mamãe e do papai, havia alguns dias em que eu ainda esperava que eles entrassem no meu quarto e me levassem com eles pra bem longe. A Srta. Eloise gostou particularmente da minha citação do Sr. Alexander Pope pra enfatizar meu ponto de vista: “A esperança brota eternamente no peito do homem”.

Pra provar que a esperança era eterna dentro de mim, eis o que eu pensava a respeito de James: *Talvez ele tenha a mesma aflição que eu. Talvez seja por isso que ele está coberto dos pés à cabeça.* Se podia acontecer comigo, podia acontecer com outra pessoa. Certo?

Assim que essa ideia parou de se multiplicar na minha cabeça, James se virou na minha direção, do jeitinho que eu tinha desejado e do jeitinho que acabou me deixando com medo. Eu me agachei um

pouco mais, mas nem tanto, para que ainda desse pra ver o que tanto queria, aqueles olhos azuis, azuis, azuis, olhando na minha direção. Ele tinha amarrado o cabelo num rabo de cavalo. E mesmo sendo impossível ele ter me visto, alguma coisa dentro de mim me deixou toda arrepiada quando seus lábios se curvaram num sorriso tímido e meio perplexo até.

Mesmo ele olhando direto pra mim, eu continuava confiante de que ele não conseguia ver nada além do topo da minha cabeça, se tanto. Então, levei um minuto pra abafar a esperança. Acima de tudo, eu me senti desleal a Cody, de quem eu ainda usava o pequeno anel, o garoto que dormia pra sempre por conta do meu beijo. Permaneci agachada e fui me arrastando por detrás das pilhas de volta ao dia claro e quente da rua North State.

Mesmo tendo que fazer o pouco dinheiro e os vales que me restavam renderem o máximo possível, precisava urgentemente de uma regalia, então comprei um pote de sorvete no caminho de casa. Antes de tomá-lo, tirei toda minha roupa, grudenta de tanto suor, e entrei debaixo de uma chuva fria. Quando sai, mal suportei vestir um pano sequer. Se minhas cortinas não fossem tão fininhas, eu até poderia ficar completamente pelada, mas acabei me contentando com uma calcinha e um top. Coloquei meu maior ventilador, o quadrado, na janela e sentei em frente a ele com o sorvete. Pela primeira vez no dia, me senti limpa e refrescada.

Observei o mapa dos Estados Unidos pregado na parede ao lado da minha cama, o mesmo que eu tinha no meu quarto lá em Caldecott County. Quem sabe, se conseguisse outro emprego, um dia teria dinheiro pra comprar uma passagem daqueles ônibus de longa distância. Mergulhei a colher no sorvete e olhei pela janela. E justo quem avistei parado na calçada com as mãos no bolso, olhando diretamente pro meu prédio? James. Que diabos? Era isso que eu deveria ter pensado. Eu deveria sentir nojo ou raiva. Mas, em vez disso? Manhã de Natal! Uma onda de alegria e excitação explodiu no meu peito. Por um instante, senti-me como uma garota da minha idade

deveria se sentir, com o corpo todo formigando e os joelhos enfraquecidos ao ver um rapaz atraente.

Coloquei meu sorvete na mesinha de café. Meus cabelos estavam caídos livres, leves e soltos sobre meus ombros. Eu não estava usando luvas, nem couro, nem mangas compridas. Que se dane, eu não estava nem de sutiã. E mais do que tudo neste mundo, eu queria que James me visse assim. Uma garota comum vestindo roupas indecentes. Então bati na janela.

Ele olhou direto pra mim através do vidro. Mesmo à distância, pude ver algo como gratidão em suas feições. Ele sorriu. E eu não só sorri de volta como acenei igual a uma adolescente sem maiores preocupações ou pensamentos na cabeça.

— Você trocou de roupa — James disse ao passar pela porta. Ele parecia estar tão desapontado quanto soou. Enquanto ele subia, eu tinha vestido meu traje completo, incluindo dois pares de luvas rendadas. Nas lojas em Jackson, a coleção de outono já estava exposta nas vitrines e, alguns dias antes, eu tinha visto um casaco com luvas sem dedos costuradas às mangas. Aquilo resolveria o problema do vão perigoso entre as mãos e os pulsos, mas, ao entrar na loja, percebi que a etiqueta dizia oitenta e cinco dólares, e eu não tinha nem metade disso.

Por sorte, James não tentou me dar um aperto de mãos, nem encostar em mim. Passou reto e se jogou na minha cama. O que me pareceu extremamente pessoal pra alguém que eu tinha acabado de conhecer na rua. Sentei-me na cadeira de vime e tentei agir como se fosse algo corriqueiro: um rapaz desconhecido, bonito e peculiar aparecendo na minha porta e sentando na minha cama. Graças a Deus, eu tinha arrumado o quarto naquela manhã.

James colocou as mãos no colo e passou os olhos pelo quarto. Passaram-se apenas algumas horas desde que eu estiva espionando James na biblioteca, mas sua aparência estava ainda melhor, face meio rosada e robusta, com barba por fazer. Fui tomada por um desejo fulminante de estar vestindo aquele traje indecente de novo. Eu me imaginei levantando da cadeira de vime, atravessando o quarto e

sentando em seu colo. Minha mente foi inundada pela sensação de estar pele a pele com ele e tudo o que isso acabaria desencadeando, e, mesmo com a boca ainda aberta, não fui capaz de dizer palavra alguma.

James também não disse nada, mas ficou um pouco arrepiado, o que me fez pensar se era capaz de ler minha mente. Afinal, ele sabia meu nome sem que eu o tivesse dito, não é mesmo? Incrivelmente, isso não me deixou nem um pouco constrangida. De certa forma, eu até queria que ele pudesse ler minha mente, assim nós dois estaríamos fazendo juntos na minha cabeça uma coisa que jamais poderíamos fazer na vida real.

— Você se importaria de desligar aquela máquina? — James pediu.

Passei os olhos pelo quarto, tentando descobrir a qual máquina ele estava se referindo. Além da torradeira, do micro-ondas e da cafeteira, não tinha muitos outros eletrodomésticos.

— Aquela ali — falou, apontando pro ventilador na janela. — Está um pouco frio aqui.

— Frio!? Frio feito um forno fumegante. Você está maluco?

Assim que as palavras saíram da minha boca, me dei conta de que era a primeira coisa que eu dizia a ele desde que entrou no quarto. Eu podia não ter tido a criação mais sofisticada do mundo, mas não era tão mal-educada a ponto de me sentir uma má anfitriã. Aí me estiquei e desliguei o ventilador grandão. James olhou pros dois ventiladores menores e ainda oscilantes, então me levantei e os desliguei também, tentando imaginar de onde neste mundo ele tinha vindo que não sabia chamar aquilo de “ventilador”. James assentiu com a cabeça como se estivesse melhor.

— Desculpe-me. É bem mais quente lá de onde eu venho.

Mais quente do que o Mississippi em agosto? Tentei imaginar onde isso poderia ser. Eu sabia que existiam lugares no mundo que eram bastante quentes, como o Sudeste da Ásia e a África. Mas, no meu caminho da biblioteca pra casa, o termômetro do First Bank of Jackson marcava 35,5 graus. Mesmo em, digamos, Ho Chi Minh City, não acho que 35,5 graus seria considerado frio.

— Hum — foi tudo o que pude pensar em dizer na hora.

James sorriu e disse:

— Só quis passar aqui para agradecer. Fazia dias que eu não comia, e realmente não estava com os pensamentos em ordem. Mas com os vales que você me deu, consegui recarregar minhas energias e isso me ajudou a entender melhor as coisas. — Ele enfiou a mão no bolso e puxou um bolo de dinheiro. Eu quase caí da cadeira. — Tome — ele disse, partindo o bolo ao meio e estendendo a mão cheia de notas de vinte pra mim. — Imagino que isso possa ser útil. Dinheiro, não é? Melhor do que aquilo que você me deu?

Tudo que eu consegui fazer foi ficar ali parada olhando pro dinheiro. Nem me preocupei com a mão dele tão perto de mim.

— O que você fez? Roubou um banco?

James levou o dinheiro de volta em sua direção. Ele parecia confuso, quase magoado. Mas a última coisa que eu precisava era de um ladrão de bancos fugitivo dentro do meu apartamento.

— Mas você precisa disso, não precisa?

Não dava pra aguentar mais. Eu me levantei e botei minhas mãos na cintura.

— Precisar? Por que diabos eu estaria trabalhando no turno da madrugada numa padaria se eu não precisasse? Por que outro motivo eu estaria atrás de vales-alimentação? Ah, não, é claro que eu não preciso. É por isso que eu estou aqui vivendo nesse luxo, nesse maravilhoso e refrigerado apartamento! — desabafei.

— Ah — James disse, guardando as notas de volta no bolso. — Desculpe-me, Anna Marie, acho que as coisas não são tão claras quanto eu imaginava.

Levantou-se. Como já disse, sou uma garota alta, 1,73m descalça. Mas James era bem maior, mais alto até do que Cody. Eu me senti bastante confusa e com um pouco de medo, mas ao mesmo tempo não pude deixar de imaginar o tanto que teria de me esticar na ponta dos pés pra alcançar seus lábios, que pareciam tão carnudos e macios. E gentis. Por mais alto que meus instintos tagarelassem minhas contradições, foi essa a palavra que se sobressaiu, mais do que sexy ou atraente ou louco. Gentil. Fazia muito tempo que qualquer tipo de gentileza não cruzava meu caminho.

James deu um passo na minha direção. Voltei ao meu estado normal e dei um passo pra trás, quase caindo por cima da cadeira. Eu a

chutei pra fora do caminho e dei a volta em torno dela, o que me levou a ficar encostada contra a parede.

— Olha, eu não tenho certeza do que está acontecendo aqui. Não sei por que você está com frio quando está quase 40 graus. Não sei por que de repente você tem mais dinheiro do que o Donald Trump, sendo que na noite passada você ficou imensamente agradecido por causa de alguns míseros vales. E eu não sei por que você está aqui. Mas você tem que ir embora. Agora.

— Mas, Anna Marie — ele disse, falhando a voz como se tivesse sido a coisa mais triste que já tinham dito pra ele. — Pensei que você fosse ficar contente em me ver. Eu estou muito feliz em ver você.

Ele deu outro passo adiante. Levantei minha mão, rezando pra que, seja lá de onde for que ele tivesse vindo, aquele ainda fosse o sinal universal de pare.

— Você tem que ir embora, só isso.

James suspirou:

— Tudo bem. Se é isso mesmo que você quer.

Ele parou por um instante, como se estivesse esperando eu admitir que não queria que ele fosse. Então ele se virou e finalmente se foi. Suas costas indo embora do meu apartamento foram uma das coisas mais lamentáveis que já vi e, pelas horas seguintes, foi quase como se eu tivesse tocado nele, de tanto que eu me sentia tomada pela tristeza que não deveria me pertencer.

Naquela noite, meu apartamento estava sombrio e solitário como nunca antes. Talvez porque James tivesse estado lá. Mas, pela primeira vez desde que tinha fugido, fiquei desesperada pra ter meu quarto na minha casa de novo. Claro que Tia Carrie era brava e nunca teve pudor de dizer tudo o que eu fazia de errado. Mas ela me proporcionava um teto. E eu tinha minhas lembranças de dias mais jovens, mais suaves.

Além do mais, ela mantinha a geladeira sempre cheia, com ovos do galinheiro e leite das suas vacas, leite grosso e não pasteurizado. Os que se encontram no mercado nunca teriam o mesmo gosto. Não era muito pra me sentir nostálgica, mas, naquele momento, com trinta

dólares no bolso e alguns vales-alimentação, certamente me parecia algo digno de ser lembrado com afeto.

Naquele exato momento, meus olhos recaíram sobre o molho de chaves que eu tinha jogado na mesa de centro. Vislumbrei duas chaves que não tinha sido capaz de jogar fora, a da velha picape azul da Tia Carrie e a da porta da frente da casa na fazenda. Mas acabei vendo também a maior de todas, a da padaria Sunshine, que, em meio a todos os nossos outros problemas, Wendy Lee tinha se esquecido de pegar de volta. Olhei pro micro-ondas, eram oito e meia. A padaria estava fechada fazia mais de três horas. Faltavam quase quatro horas até que o Sr. Clean aparecesse pra iniciar os trabalhos dos quitutes da manhã seguinte. Em outras palavras, mais do que tempo suficiente pra que eu entrasse lá e fizesse um lanche.

Passei pela loja com o casaco na vitrine, mas estava sem tempo de parar pra admirar. Como se quisesse provar isso, acabei tropeçando em uma pedra do tamanho de uma maçã que alguém provavelmente tinha chutado pro meio da calçada.

Na padaria, minha chave girou com facilidade. Sorte minha que Wendy Lee não tinha trocado as fechaduras. Agora, só tinha de rezar pra que ela não tivesse mudado a senha do alarme, mas, quando abri a porta, o painel estava lá, apagado e em silêncio. Apesar disso parecer boa sorte, era um pouco curioso, já que Wendy Lee costumava ser bem rígida quanto ao acionamento do alarme. Ela devia estar com outras coisas na cabeça naquele dia.

Sem tempo pra raciocinar demais. Desdobrei minha sacola e fui direto ao ponto. A primeira parada foi o grande cômodo refrigerado. Peguei um monte de ovos e alguns tabletes de manteiga. Depois, joguei vários tipos de frutas silvestres dentro da minha sacola. Engraçado que, aqui na cidade, frutas silvestres eram um luxo. Nessa época do ano, lá em casa, nós vivíamos comendo de todas elas, já que cresciam livremente na natureza e de graça. A essa altura, a temporada dos morangos já tinha acabado, mas praticamente todas as serras estavam recobertas de mirtilos que não custavam mais do que as manchas azuis deixadas nos dedos.

Não demorou pra que eu me desse conta de que devia ter levado duas sacolas. Aquela já estava praticamente cheia, e eu ainda tinha de ir à dispensa pra pegar farinha e chocolate e tudo o mais. Então lembrei que Wendy Lee provavelmente guardava as sacolas da loja em algum lugar lá embaixo. Tentei imaginar onde elas poderiam estar enquanto saía da sala refrigerada. E, bem ali, no meio da cozinha, apontando uma arma em minha direção, estava a própria Wendy Lee em pessoa. Droga.

Levantei minhas mãos mas não larguei a sacola, ficou lá pendurada no meu braço. Quando Wendy Lee viu que era eu, baixou a arma um pouco. Mas logo reconsiderou e a apontou de novo pra mim.

— Anna Marie, o que diabos você pensa que está fazendo? — ela rosnou. Ao contrário da última vez que a vi, ela estava em sua perfeita glória, com seu cabelo loiro oxigenado bem escovado e sua maquiagem carregada e meticulosamente pintada.

Tão logo comecei a baixar os braços, ela engatilhou o rifle como se quisesse mostrar que não estava pra brincadeira. Em vez de me assustar, isso acabou me deixando furiosa. Primeiro ela me coloca nessa situação lamentável, e agora está querendo atirar em mim por roubar leite?

— Eu estou com fome — tentei me justificar. — Fui colocada no olho da rua sem aviso prévio, sabe, e sem motivo nenhum.

— Sem motivo?! Eu pensei que você fosse uma ladra qualquer. Pelo visto, estava certa.

— Eu nunca fui ladra até este exato momento. Você não demitiu uma ladra, Wendy Lee, você criou uma! — assim que as palavras saíram da minha boca, soube que eram a mais pura verdade. Fiquei tão brava que baixei os braços e passei reto por ela marchando em direção à dispensa. Como suspeitava, ela não atirou em mim.

— Wendy Lee, você pode me dizer onde suas sacolas ficam guardadas? Acho que não vai caber tudo que eu preciso nesta que eu trouxe.

Escutei um barulho de leve e imaginei que ela tivesse colocado o rifle no balcão.

— Anna Marie! — ela gritou o mais alto que pôde. — Leve o tempo que quiser, eu vou ali rapidinho chamar a polícia.

Minha mão ficou paralisada segurando uma barra de chocolate meio amargo. A polícia. Eu tinha me esquecido completamente disso. Havia só dois telefones na padaria Sunshine, um no andar de cima, atrás do balcão ao lado do caixa, e o outro também lá em cima, no escritório de Wendy Lee. Eu corri pra fora da dispensa e me coloquei bem na frente da porta que levava à escada.

— Anna Marie, sai da minha frente.

— Não, senhora.

Ela botou as mãos na cintura. Notei que estava mais emperiquitada do que de costume, vestindo uma saia florida, uma blusa enfeitada e salto alto que a deixou na altura do meu queixo. Ela provavelmente tinha um encontro depois do jantar com algum vendedor de bíblias velho e gordo. A qualquer momento ele poderia entrar por aquela porta pra buscá-la, e então eu teria dois sulistas indignados pra lidar. Eu já tinha visto os homens com quem Wendy se relacionava. Nenhum deles aparentava o tipo que ficaria intimidado por ela estar prestes a atirar em mim.

Logo concluí que a melhor coisa a fazer seria desistir.

— Quer saber, deixa pra lá. Vai em frente, Wendy, liga pra eles.

Eu me afastei da porta, imaginando que ela fosse aproveitar a chance pra passar correndo lá pra cima, mas não foi bem o que ela fez. Em vez disso, pulou no meu braço e me agarrou pelo pulso, bem no limite da manga. Sua mãozinha gorda segurava firme e eu fiquei paralisada no lugar. A mão de Wendy Lee era forte e quase maternal. Entrei em pânico. E, ao mesmo tempo, de certa forma gostei que uma outra pessoa estivesse encostando em mim, mesmo que com raiva. Também senti um alívio imenso de gratidão pela camada de roupa que separava nossas peles. Mas aquele momento não durou muito, e logo o dedão de Wendy escorregou pra dentro da manga. Um toque mínimo, um susto, os pingentes brilhosos de sua pulseira roçando contra meu braço e uma única digital impressa na minha pele branca entre a manga e a luva.

Prendi a respiração. O problema de uma doença como a minha, que apareceu do nada, é que não tem como saber se ainda está lá. Eu não podia sair matando gatinhos todos os dias da minha vida. E mesmo que alguma coisa bem lá no fundo da minha alma estivesse me

dizendo que eu não tinha melhorado nada, uma garota não podia perder as esperanças. A esperança brota eternamente no peito do homem, como eu tinha escrito no meu trabalho pra Srta. Fitzsimmons. Então, no milésimo de segundo entre seu toque e qualquer reação minha, fui tomada por essa esperança maluca de que o mal tinha ido embora e eu poderia me despir de todas as camadas de roupas, botar um vestidinho de verão e...

Mas não haveria mãos dadas no meu futuro. Mesmo comigo voltando ao meu estado normal e puxando meu braço do aperto de Wendy Lee, alguma coisa acabou acontecendo com ela. Seu rosto estremeceu e ficou duro que nem pedra, e logo passou a estremeecer de novo como se a pedra fosse estourar e se despedaçar toda. Ao mesmo tempo, alguma coisa aconteceu comigo, um surto de sei lá o que me invadiu, primeiro pelos dedos e depois pelo corpo todo formigando. Uma onda atravessou meu corpo inteiro até minhas unhas dos pés e os folículos dos meus cabelos, absorvendo algo que jamais deveria ter sido meu. Wendy Lee. Tudo o que ela tinha passado durante todos os anos da sua vida, tudo o que a tinha transformado em quem ela era. Wendy Lee desabou no chão.

Eu tinha que sair dali. Não apenas isso, como também tinha que sair de Jackson, dar o fora do Mississipi. Mas também tinha que buscar ajuda pra Wendy Lee. Eu não encostei nela nem perto do tanto que tinha encostado em Cody e ela era bem maior do que um gatinho. Pude sentir sua respiração. Então, em vez de subir a escada em direção à porta que dava pra rua, acabei subindo até a padaria. Fui pra trás do balcão e disquei pra polícia.

— Tem uma mulher no andar de baixo da padaria Sunshine. Ela está inconsciente. Por favor, mandem uma ambulância urgente — e desliguei, peguei um monte de chocolates que estavam em cima do balcão e saí pela porta da frente.

Wendy Lee tinha trinta e sete anos. Ela usava óleo de coco pra deixar a massa de suas tortas crocante. Casou com seu namorado do ensino médio quando tinha dezessete anos, engravidou dele, mas acabou perdendo o bebê logo depois do casamento. Ele então partiu pro rancho da família no Colorado e nunca mandou um centavo pra ela. O cara levou até o cachorro deles, um Bluetick Coonhound

chamado Radar. Pude ver o rosto do seu marido bem em frente aos meus olhos. Ele tinha sardas, cabelos ruivos e um sorriso meio torto. Odiei e amei aquele rosto, tudo ao mesmo tempo.

A noite estava quente feito uma sauna, mas sentia meus ossos congelarem de frio. Ao passar pela loja com o casaco na vitrine, decidi partir do Mississipi de vez. Sabe Deus pra onde eu iria, ou como ia chegar lá. Mas não poderia voltar para Jackson nunca mais.

Escutei uma sirene ao longe, com sorte seria a ambulância pra salvar Wendy Lee. Mas quem viria me ajudar? Ninguém nessa bola de lama chamada planeta Terra? Olhei pro chão. Lá estava a pedra em que tinha tropeçado no caminho até a padaria. Até aquele momento, ainda não tinha me mostrado uma boa criminosa. Mas o que eu tinha a perder? Era certo que a polícia não estaria muito longe da ambulância. Bem, fazer o quê? Pelo menos que eu deixe a polícia tentar me prender. Ajoelhei, peguei a pedra e a joguei na vitrine, que provavelmente tinha sido construída havia anos, pois se despedaçou com muita facilidade. Nem sequer disparou o alarme. Eu não me dei ao trabalho nem de arrancar o casaco do manequim, apenas atravessei o vidro partido e peguei uma pilha deles no tamanho médio que estava em cima da mesa. Logo estava de novo pelas ruas caminhando de volta até meu apartamento, para o que, sabia bem, seria minha última visita.

Já de volta a minha casa, enfiei todos os casacos roubados dentro da minha mochila junto com algumas outras roupas. Subi na cama e despeguei meu mapa da parede, dobrei com cuidado, guardei na mochila e fechei o zíper. Tranquei a porta, deixando pra trás apenas o suficiente pra que pensassem que eu planejava voltar.

Uma vez lá fora, ainda tinha uma decisão a tomar: qual carro roubaria. Tinha de ser algo que o mundo inteiro não chegasse a notar quando eu passasse. E tinha de ser uma carro fabricado nos Estados Unidos, já que era o tipo de automóvel que Cody estava mais acostumado a consertar. De uma forma estranha, aquilo era no

mínimo empolgante. Por conta das memórias de Cody, simplesmente passei a saber como dar partida em um carro sem nada além de uma chave de fenda.

Meu coração parou por alguns instantes quando ouvi o escapamento de um carro subindo a rua. Fui até a esquina da North State com a Magnolia procurando desesperadamente de onde o som vinha, até que o mesmo carro buzinou pra mim. Que maravilha. O carro parecia tão velho quanto soava, com amassados e partes enferrujadas, e um teto conversível cheio de fiapos pendurados. E assim que encostou ao meu lado, quem mais poderia estar ao volante senão James, vestindo seu sobretudo e luvas grossas de couro que parecia ser de ovelha.

— Anna Marie, entra! — sua voz soou alegre e cheia de vida, como se ele estivesse me convidando pro cinema, pra dançar ou algo do tipo. Não entrei no carro de imediato, mas enfiei minha cabeça pela janela.

— Até onde você pretende ir?

— Até onde você quer ir?

Se ele tivesse escarafunchado o cérebro por um milhão de anos, ainda assim não seria capaz de inventar uma resposta melhor do que aquela. O carro tinha um único banco dianteiro. Joguei minha mochila primeiro pra que houvesse alguma coisa entre nós. Então sentei-me e comecei a procurar por uma estação de rádio decente. Seria uma longa, longa viagem.

três

O carro estava mais quente do que o inferno. Não só os vidros estavam fechados como o aquecedor estava ligado.

— Você só pode estar de brincadeira — eu disse, e ele olhou pra mim como se não tivesse a menor ideia do que eu estava falando. — Você acha que a gente poderia ligar o ar-condicionado em vez do aquecedor?

— Claro — ele respondeu, soando tão calmo com aquela voz elegante, quase musical. — Por favor, faça o que você quiser. Eu ainda estou tentando entender como tudo funciona.

— Tá, relaxa — eu disse, dando uma chance pro cara. — Esse carro é velho mesmo, com certeza.

Girei o botão do vermelho pro azul. As chances do ar-condicionado daquela joça estarem funcionando eram bem pequenas. Por sorte, Cody sabia exatamente como consertar um ar-condicionado de um Camaro antigo, então, mesmo que eu não soubesse exatamente como naquele momento, poderia consertá-lo em algum ponto da estrada.

— O que isso aqui faz? — James perguntou, ao me ver mexendo nos botões. — Limpa o oxigênio?

— O oxigênio? Do que você tá falando?

— Você chamou de ar-condicionado. Isso quer dizer que o ar ficará mais limpo? Mais fácil de respirar?

— Você não sabe o que é um ar-condicionado?

Ele hesitou por um instante, como se soubesse que estava cometendo um erro. E então, aleluia, começou a sair ar gelado do painel, e ele passou a tremer. Revirei os olhos e o jeito foi desligar.

— Seguinte. Vamos fazer um pacto. A gente desliga o aquecedor, que deixa o carro mais quente, e também desliga o ar-condicionado, que deixa o ar frio, e não mais fácil de respirar. Quer me contar por que você é a única pessoa do mundo que não sabe disso?

James fez que sim com a cabeça. Mais adiante, havia uma grande placa na autoestrada nos dando a opção de seguir pela 220 South ou pela 55 North.

— Você quer conversar sobre meu conhecimento acerca de termos automobilísticos? Ou você prefere me dizer para onde estamos indo?

— Norte — respondi, sentindo-me um pouquinho culpada por querer subir rumo a temperaturas ainda mais frias. — Definitivamente pro norte.

Fiquei esperando que ele reclamasse um pouco, dizendo que queria ir pra um lugar mais quente, mas ele não disse nada. Só pegou a entrada da Interstate 55. Fiquei de ouvidos abertos em busca de sirenes estridentes atrás de nós, mas não escutei nada. Uma placa na beira da estrada dizia que faltavam 870 quilômetros até Winona, no Tennessee.

— Como é que você se sente sabendo que vai ter de dirigir durante toda a madrugada? — perguntei a ele.

— Por mim, tudo bem.

— Nesse caso, a gente não precisa falar sobre coisa nenhuma se você não quiser.

James sorriu e fez que sim com a cabeça. Estendeu o braço como se pretendesse afagar minha mão e eu a retraí. Eu estava usando luvas rendadas por baixo das luvas embutidas no casaco, mas mesmo assim. Melhor não criar o hábito. Ele estremeceu um pouco, eu o tinha magoado de novo, mas ele manteve os olhos na estrada. Isso me deu a oportunidade de analisá-lo por um momento. A princípio, com os cabelos longos e todo aquele couro, ele podia parecer um pouco assustador. Por sorte, aprendi que a maioria das pessoas não se dava a oportunidade de algo além da primeira impressão. Então elas não enxergavam o que eu enxergava, como um calombo sutil em seu nariz, como se ele já tivesse sido quebrado umas duas vezes, ou a forma com

que ele segurava o volante, com força, como se suas mãos fossem capazes de fazer qualquer coisa neste mundo.

A iluminação dentro do carro mudava de acordo com os postes de luz que passavam voando e dos faróis com que cruzávamos na estrada. Não tirei meus olhos de James, e ele não parecia se importar com isso. Fazia tanto tempo que eu não ficava simplesmente sentada ao lado de alguém. Tanto tempo que eu não sentava no banco do carona em vez de estar simplesmente sozinha... De repente minha cabeça foi tomada por esse pensamento. Era mais uma memória do que um pensamento propriamente dito. A lembrança de estar num carro, quase exatamente como aquele, com um banco único e um capô conversível. Mas, na minha cabeça, o homem ao volante não era James, mas um careca barrigudo. Na minha lembrança, eu pouco me importava com isso. Na verdade, eu de certa forma até gostava. Então me debrucei e abri o zíper da sua calça enquanto ele dirigia.

— Não é seguro — ele disse, mas não me soou nada convincente, então eu só ri. Depois, tirei o que ele escondia lá dentro e...

Wendy Lee! E pensar que todo esse tempo eu a tinha imaginado tão religiosa.

Minhas bochechas ficaram tremendamente rosadas durante o percurso todo até Canton. Por sorte estava escuro e James não pareceu ter notado. É de se imaginar que nós dois já estivéssemos sem papas na língua àquela altura e com todas as dúvidas que precisavam ser esclarecidas. Na minha cabeça, procurava o que dizer a James quando ele perguntasse por que eu quis sair de Jackson com tanta pressa. Mas ele não perguntou, simplesmente manteve os olhos na estrada, dirigindo.

— Quer que eu dirija um pouco? — perguntei, depois de três silenciosas horas.

— Não, acho isso divertido.

— Você se importa se eu dormir, então?

— Não — respondeu com seu sorriso típico, aquele que me fazia pensar na palavra “gentil”. — Tente descansar.

Tirei minha jaqueta e a dobrei num quadrado rechonchudo pra usá-la como travesseiro. Assim que encostei na janela, pensei no jeito gentil de James. Podia até imaginar: ele é bem o tipo de pessoa que, assim que eu adormecesse, afagaria meus cabelos ou passaria a mão de modo carinhoso na minha bochecha.

Não dá pra esquecer que eu costumava ser uma garota normal. Sabia bem sobre as coisas que se passavam entre as pessoas como se não fossem nada de mais. Minhas amigas em Caldecott County costumavam me tocar o tempo inteiro com seus dedinhos esvoaçantes. Até mesmo Tia Carrie entrava na ponta dos pés no meu quarto pra me dar um beijo na testa quando pensava que eu já estivesse dormindo. Eram os únicos momentos em que parecia gostar de mim, quando eu enfim adormecia.

— Escuta, James — comecei.

— Sim, Anna Marie? — ele falava de maneira tão correta que eu tive de rir por dentro.

— Eu vou dizer uma coisa meio estranha — avisei. Ele desviou o olhar da estrada por um instante e sorriu de forma a me incentivar, como se eu pudesse dizer qualquer coisa estranha que quisesse. Respirei fundo. — Você não pode encostar em mim, nem quando eu estiver acordada nem quando eu estiver dormindo. Não é nada pessoal contra você. E nem estou dizendo que você queira encostar em mim. Mas preciso que você prometa que não. Prometa que não tocará em mim, só isso.

— Tudo bem — ele concordou.

— Promete?

— Prometo.

Fiquei surpresa de ele não ter feito nenhuma pergunta, mas imaginei que ele estivesse simplesmente me agradecendo por não ter feito nenhum interrogatório. Encostei minha cabeça na janela com o travesseiro improvisado com minha jaqueta e esbocei fechar os olhos. Mas eu ainda estava um tanto encucada, e nunca aprendi a ficar de boca calada.

— James?

— Sim, Anna Marie?

— Você não quer saber por que você não pode tocar em mim?

— Bem, para ser honesto, quero sim. Mas suspeito que seja parecido com o fato de eu não saber o que é um ar-condicionado. Não é mesmo?

Um ligeiro surto de medo misturado a um certo entusiasmo foi subindo direto até meu coração.

— Sim — sussurrei —, acho que sim.

Encostei minha cabeça na janela e fechei os olhos. Mais uma das lembranças de Wendy Lee passou pela minha cabeça. Dessa vez, era uma maldita imagem bem mais completa, em que ela estava encostada na janela daquele mesmo jeito. O homem dirigindo era diferente do primeiro, muito mais jovem, seu ex-marido antes de ele se tornar um ex. Seu nome era Joe Wheeler. Nessa lembrança, ele colocava a mão na cabeça de Wendy e os dedos passavam carinhosamente pelos cabelos enquanto ela dormia.

— Obrigada, Jojo — murmurei, o que não deve ter feito muito sentido pra James, mas nem deu pra ver sua reação, já que caí no sono logo depois.

Quando abri meus olhos, eles piscaram contra a luz do sol que invadia o carro pelas janelas. James estava pegando uma saída da 55, imaginei que fosse pra abastecer. Li uma placa que dizia: Grenada. Tennessee! Nenhuma novidade até agora, tudo muito parecido com o Mississippi. E aí caiu a ficha: eu não tinha sonhado com Cody. Eu nem sequer tinha sonhado. Não conseguia me lembrar da última vez em que isso tinha acontecido.

— Bom dia, fico feliz de ver que você descansou um pouco.

— Obrigada — eu disse, alongando os braços. Rezei pra que meu hálito não estivesse tão ruim. James encostou o carro ao lado de uma bomba de gasolina e aproveitei pra revirar minha mochila atrás de meus objetos de higiene pessoal. — Só vou ali rapidinho ao banheiro. Posso dirigir por um tempo, se você quiser descansar um pouco.

— Tudo bem.

No meio do caminho até o banheiro, virei pra trás e olhei pra James enquanto ele abastecia o tanque. Ele era do tipo grandalhão e

assustador. Ninguém seria capaz de imaginar o quanto era profundamente agradável.

O banheiro definitivamente precisava de uma faxina. Enquanto escovava os dentes, eu deveria mais estar pensando em Wendy Lee e me preocupando se estava tudo bem com ela. Claro que fiz tudo isso, mas também senti uma alegria imensa de ter James como companhia e me protegendo, principalmente depois de ele ter aceitado tão bem a história de não poder encostar em mim.

Quando saí do banheiro, James estava na loja de conveniências comprando alguns sanduíches.

— Quer alguma coisa?

Lembrei das barras de chocolate que estavam dentro do meu bolso. Era bem provável que eu tivesse esmagado todas elas completamente na noite passada. Mesmo assim, seriam um bom café da manhã. Cedo ou tarde teria de encontrar uma maneira de pagar pela minha gasolina e pela minha comida, mas como era eu quem ia dirigir, pensei que não teria problema algum se ele me pagasse uma xícara de café.

Aquela porcaria de Camaro não tinha porta-copo, então tive de equilibrar o copo de isopor entre meus joelhos mesmo. James e eu dividimos as barras de chocolate e eu o deixei usar minha jaqueta como travesseiro, já que ele não queria tirar a dele.

— James — eu disse, pensando na única coisa que não me deixava ficar calada —, vou te fazer uma pergunta e, se você não quiser responder, não tem problema. É só falar. Beleza?

— Tudo bem — ele respondeu, apesar de já ter fechado os olhos pra dormir.

— Quando eu te conheci, você me pareceu meio... sem sorte. E agora você tem bastante dinheiro.

James se endireitou no banco. Franziu as sobrancelhas um pouco, como se estivesse tentando achar uma boa resposta sem tocar nos outros assuntos que a circundavam.

— Bem — ele disse devagar —, na primeira vez em que vi você, não fazia muito tempo que estava no Mississippi. Eu ainda estava tentando descobrir como as coisas funcionavam.

— Como você sabia que precisava de todos aqueles documentos pra fraudar o sistema dos vales-alimentação?

— Eu estava ficando no Smith Park. Havia outras pessoas dormindo lá também e um deles notou que eu não tinha nada para comer. Ele me deu um saco de maçãs e aquela papelada toda. Disse que era para eu ir até lá e pegar os vales.

— E como você passou disso pra um grande maço de dinheiro?

— Uma coisa importante sobre mim é que sou muito bom com as máquinas. Como aqueles computadores que você me viu usando na biblioteca.

— Você me viu na biblioteca?

Ele ignorou minha pergunta:

— Em Kroger, vi aqueles cartõezinhos que as pessoas usam para pagar as coisas. Eu observei as pessoas retirando dinheiro daquelas telas...

— Dos caixas eletrônicos?

— Sim, claro, caixas eletrônicos. — James continuou contando como simplesmente digitou o nome de um banco no computador e criou uma conta pra si mesmo.

— Você criou uma conta falsa? Mas, James, isso é como roubar.

Ele deu de ombros.

— Pelo que pude ver, são apenas números em um computador. Uma forma estranha de monetarização. E também muito fácil de replicar. Eu apenas tive de digitar os números. O banco pensa que esses números são a quantia de dinheiro que tenho. Qualquer coisa que eu comprar, a pessoa que me vendeu será paga. Pensando bem, acho que é roubar do banco.

Olhei pra James e seus grandes olhos azuis quase fechados, e pensei em todas as casas que foram hipotecadas nos últimos anos, mesmo depois de terem recebido uma ajuda do governo. Às vezes, a própria Tia Carrie tinha de ligar pra explicar os pagamentos atrasados, e os funcionários do banco nunca demonstravam um pingão de piedade por ela. Uma vez, escutei a mãe de Emma Deane Wilford ao telefone com eles, implorando pra que baixassem o valor da conta do seu cartão de crédito, mas eles não cederam, mesmo sabendo que o marido dela estava desempregado. A verdade é que eu não estava nem aí pra fraude

de James, não mesmo. Roubar de pilantras pra salvar minha pele me parecia bem tranquilo.

— Vai lá, descansa um pouco pra continuar bonito, tenho uns bons quilômetros pra te compensar.

O que Cody mais amava no mundo eram os carros, consertá-los e também dirigi-los. Mas ele nunca teve a oportunidade de fazer o que eu estava fazendo, simplesmente pisar no acelerador e seguir sem rumo até me perder no horizonte. Enquanto James cochilava, eu zarpava de uma estrada pra outra, indo em direção ao norte. Lugares que pela minha vida inteira sonhei visitar passavam voando pela janela do carro. Lá se foi Memphis com todo aquele churrasco que diziam ser delicioso, e depois Graceland. Então desviei rumo ao leste e passei por Nashville e pelo Grand Ole Opry, até Kentucky. Ao menos lá pude ver um pasto bonito e até alguns cavalos, de onde eu estava. Praticamente o mundo inteiro passou diante dos meus olhos num borrão de árvores e placas de sinalização. Em outras circunstâncias, até pensaria em fazer aquela mesma viagem em alguns dias em vez de horas, parando pra provar as comidas, ouvir as músicas e visitar os lugares turísticos ao longo do caminho.

James acordou em algum lugar no Kentucky. O que me deixou bem contente, já que minha barriga estava roncando fazia horas, mas não quis acordá-lo.

— Ei, dorminhoco. Está com fome?

Ele piscou, ainda meio sonolento, e passou a mão na cabeça, ajeitando seus longos cabelos.

— Sim, acho que sim.

A paisagem era bem rural e estava começando a escurecer. Esperei que ele reclamasse da direção em que estávamos indo, o fato de ser pro norte, mas ele não disse nada. Pegou minha jaqueta e a jogou por cima dos ombros feito um cobertor. Não encontramos lugar algum pra comer até quase chegarmos em West Virginia, quando parei numa pequena churrascaria que parecia ter sido construída com compensado. Havia galinhas correndo soltas ao redor, e eu me perguntei se elas seriam o prato de amanhã.

Não havia muitas pessoas lá dentro, apenas uma mesa cheia do que pareciam ser fazendeiros e o velho atrás do balcão. Mesmo assim, deu pra notar bem que o lugar ficou em total silêncio quando James e eu entramos. Apesar da estrada, parecia que eles não recebiam muitas visitas como nós, ambos com roupas de couro dos pés à cabeça e uma com um par de mechas brancas no cabelo. Pedi dois pratos de carne de porco com couve e deixei que James pagasse a conta. Ele tirou o bolo de notas do bolso, o que me fez estremecer um pouco e me lembrar de comentar que ele não deveria ficar exibindo aquela dinheirama toda. O tiozinho atrás do balcão cerrou os olhos, todo desconfiado, quando James lhe entregou algum dinheiro.

— Cê tem uma de dez? — o tiozinho perguntou. — Tô ruim de troco.

Acho que ele estava torcendo pra ouvir que podia ficar com o troco, mas James não sacou. Em vez disso, começou a folhear aquelas notas todas e disse em alto e bom som:

— Não, não tenho nenhuma de dez. Mas tenho um bocado das de vinte.

Peguei nossas bandejas e falei pro tiozinho ficar com o troco.

Joguei minha cabeça pro lado com força, sinalizando pra que James me seguisse. Os caras da mesa tinham começado a parecer mais uns malandros do que fazendeiros. Pude vê-los observando atentamente a gente, mas evitei olhar na direção deles ao fisgar uma pilha de couve com o garfo. Não que eu ainda estivesse com fome. Lá fora tinha começado a escurecer, e nenhum outro carro estava estacionado. Em outras palavras, um cenário perfeito pra nos assaltarem no caminho de volta ao carro.

— Sabe — eu disse com uma voz bem baixinha. Ele não parava de empurrar comida pra dentro da boca sem dar bola pro mundo. — Você deveria ser um pouco mais discreto com esse dinheiro.

Ele pareceu confuso, como se, em vez de ser discreto, estivesse planejando tirar o maço do bolso pra dar outra olhada.

— Não faz isso. Não tira mais esse dinheiro do bolso. A gente conversa no carro.

Ele deu de ombros e continuou comendo. Na outra mesa, os fazendeiros juntavam as bandejas. Não olharam pra nós ao se dirigirem

até o balcão e darem boa noite pro tiozinho, e eu enfim me acalmei o suficiente pra dar uma mordida no meu churrasco, torcendo pra que fosse só paranoia minha. A carne estava com um gosto forte de vinagre e meio ressecada, e eu com certeza ainda estava arrependida de não ter experimentado o churrasco de Memphis.

Quando saímos do restaurante, já estava completamente escuro; apenas as estrelas e o poste da rua iluminavam nosso caminho até o carro. Eu já tinha me tranquilizado quanto aos malandros, quem quer que fossem, ao ouvir o barulho de um carro saindo do estacionamento não muito tempo depois que eles deixaram o restaurante. Mas aparentemente apenas alguns deles tinham ido embora, pois dois tinham ficado pra trás e agora estavam encostados na lateral do motorista do Camaro. O mais alto e largo dos dois estava batendo um taco de beisebol contra a própria perna quando passamos por eles.

— Ei — James disse de modo amigável, como se nunca tivesse visto um par de malandros prestes a assaltá-lo.

— E aí — o cara que segurava o taco disse, soando consideravelmente menos amigável.

Ambos usavam macacões e regatas que deixavam à mostra seus ombros queimados pelo sol. Eles aparentavam ser bem jovens, não muito mais velhos do que eu, e realmente senti pena deles. Desde que tínhamos saído da estrada até aquele ponto, a paisagem me pareceu bem depressiva, com um bocado de trailers quebrados e casebres miseráveis. Pensando no tanto de pessoas que passaram por maus bocados lá em Caldecott County, quase me sensibilizei com a tentativa de assalto. Afinal, éramos apenas pessoas estranhas exibindo um punhado de dinheiro — o que não queria dizer que eu estivesse a fim de apanhar daquele taco.

Enquanto isso, James continuava parado com a expressão mais calma e tranquila do mundo, apenas esperando que eles saíssem da frente pra que pudéssemos entrar no carro. Não parecia ter intenção alguma de se valer do seu tamanho considerável e dos seus músculos pra se proteger, muito menos a mim. Até que finalmente ele disse:

— Com licença, esse é nosso carro.

Os dois caíram na gargalhada, e o menor, que tinha a cara cheia de espinhas, deu uma cusparada no chão.

— É mesmo? — disse o cara com o taco. Ele o ergueu e o bateu contra a palma da mão algumas vezes, bem devagar. — Que tal você contar alguma coisa que eu ainda não saiba? Tipo se você gostaria de ir embora com esse bolo de dinheiro dentro do bolso.

— Ah, você precisa de dinheiro? — James perguntou, ainda sem o menor medo e nem mesmo incomodado.

Juntei todas as minhas forças pra não dar um tapa na minha própria testa. Ou um tapa nele, no caso.

— Olha só — interrompi —, é bem legal da parte de vocês isso de dar pra gente as boas-vindas à cidade dessa maneira. Mas acontece que precisamos desse dinheiro pra continuar nossa viagem. Então, se não se importarem de dar licença pra gente poder entrar no carro, eu agradeço.

— É mesmo? — retrucou o cara que segurava o taco.

— Sim, agradeceria muito.

Se fosse algum tempo atrás, quando eu ainda tinha cabelos e roupas normais, aquele sulista teria me reconhecido como uma das suas. Naquela época, eu teria uma chance de convencê-lo a nos deixar em paz. Mas estávamos no presente e eu parecia mais uma esquisitona da cidade grande. Decidi naquele exato momento que simplesmente daríamos o dinheiro a eles, entraríamos no carro e sairíamos dali cantando pneu.

Mas, pelo visto, o cara com o taco não percebeu que eu estava prestes a me render, pois se afastou do carro, tirou o taco do ombro e começou a girá-lo em direção a James. Bem, tenho certeza de que tudo depois disso aconteceu numa questão de segundos. Por algum motivo, porém, pude ver cada peça se movendo com muita clareza, como se tudo estivesse em câmera lenta. Lembro que esperei James reagir de alguma forma, mas ele não comprou briga. Só ficou parado, como se não fizesse ideia de que aquele taco voando em sua direção pudesse rachar seu crânio ao meio. Aí eu saquei na hora que, se pretendíamos seguir nossa jornada, eu teria de tomar alguma providência. E essa providência seria simplesmente tirar minhas luvas e tocar naqueles caras, ambos com os braços e os ombros descobertos, e os dois cairiam duros no chão. Depois disso, ficariam em coma e tudo que os fazia ser quem eles eram seria transferido pra mim.

Não foi apenas por não querer as lembranças deles que eu não parti pro ataque. Porque, mesmo que tudo tenha acontecido tão rápido e por mais que eles pudessem nos machucar, eu tampouco queria mais dois corpos na minha consciência.

Não dá para chamar de sorte. Mas veio bem a calhar o fato de Cody estar dentro de mim, já que ele era rápido, forte e sabia como usar um taco de beisebol. Então, antes que o malandro pudesse acertar James, dei um passo adiante e chutei o cara bem no estômago. Minha bota de solado grosso o protegeu de maiores danos do que apenas ficar sem fôlego. O taco caiu no chão, eu o peguei e apoiei no ombro.

O malandro com a cara cheia de espinhas deu um passo na minha direção e eu não hesitei nadinha, apesar de ter me segurado um pouco. Mirei nos joelhos do sujeito e dei um golpe rasteiro como se fosse acertar uma bola quicando, e logo os dois estavam estatelados no chão, mas não por muito tempo.

— Entra no carro! — gritei pra James, que tinha ficado o tempo todo praticamente ali parado observando tudo. Joguei fora o taco e mergulhei no banco do motorista enquanto ele dava a volta no carro.

— Jesus Cristo! — dei um berro. — Você podia ter me dado uma ajudinha, não?

Ao sairmos do estacionamento, pude ver o tiozinho parado na porta com uma espingarda em uma das mãos e um telefone na outra. Pode apostar que, quando a polícia chegasse, eles não escutariam nosso lado da história, e eu sabia que tinha de dar o fora de West Virginia o mais rápido possível.

— Desculpe-me — James disse após alguns minutos em silêncio. — Eu não fazia ideia. Não pude perceber nada até que estivesse acontecendo.

— Olha só — retruquei, tentando não gritar muito —, não sei como as coisas funcionam de onde você veio. Mas, por aqui, você não pode ficar exibindo dinheiro por aí. Entendeu?

De esguelha, pude vê-lo assentir com a cabeça. Procurei no retrovisor por luzes vermelhas piscando e me senti mais aliviada. Se a polícia ainda não estava nos perseguindo era porque o incidente não tinha sido denunciado. Provavelmente os caras que nos atacaram tinham diversos motivos pra evitar a polícia. Desviei minha atenção da

estrada por um instante, pois o rosto de James tinha ficado branco, completamente pálido, como se algo muito sério o afligisse.

— Dá próxima vez, estarei preparado. Eu prometo, Anna Marie. Essa foi a última vez que você me protegeu.

Não consegui ter tanta certeza sobre o assunto, mas concordei pra que ele se sentisse melhor:

— Vamos deixar isso pra trás.

O fato era que James não parecia ser covarde, nem fraco. Só inocente. Novo. Então não tinha como conseguir ficar com raiva dele, nem mesmo desapontada.

Após um longo silêncio dentro do carro, tendo apenas o ronco do motor ao fundo, James disse:

— Eles estavam famintos, não estavam?

Pensei nos grandes pratos de churrasco que tínhamos visto na mesa dos caras.

— Não famintos de comida. Mas, sim, faminto é a palavra certa, sem dúvida.

— É uma palavra muito violenta — James disse. Sua voz falhou como se ele nunca tivesse escutado algo tão triste na vida.

E mesmo sem querer parafrasear nossos quase assaltantes, não resisti:

— Me diga alguma coisa que eu ainda não saiba.

Quando chegamos na Pensilvânia, já estava escuro havia um bom tempo, e eu sabia que deveríamos parar pra descansar um pouco. Nunca tinha ficado num hotel em toda a minha vida, mas imaginei que aquele bolo de dinheiro tão visado seria o bastante pra pagar um belo de um quarto, então logo tratei de parar na porta do que me parecia ser o mais chique de todos.

Outra coisa que eu nunca tinha feito na vida? Dormir no mesmo quarto que um homem. Graças a Deus havia duas camas, pelo menos isso. Enquanto James estava no banheiro, liguei a televisão em busca dos noticiários. Eu já tinha parado de me preocupar com os caras do estacionamento da churrascaria. E claro, mesmo que Wendy Lee estivesse morta, e o caso fosse julgado como crime, parecia improvável

que a notícia chegasse até Altoona, em plena Pensilvânia. Então mal se passou um minuto e eu já tinha desistido. Resolvi descer até a sala de informática que tinha visto ao lado do saguão. Dava pra escutar James enchendo a banheira. Bati na porta, tentando parar de imaginar o quão pelado ele estaria.

— Sim? — James disse do outro lado da porta. Avisei que ia descer pra usar o computador. — Tudo bem, vejo você daqui a pouco — respondeu, como se estivessemos casados há vinte anos.

A sala de informática tinha uma janela com vista pra piscina. Estava escuro lá fora, mas pude ver o brilho da água. E o tanto que não seria bom vestir um biquíni agora? A última vez que vesti um tinha sido na casa de Emma Deane Wilford, em Caldecott. Eles tinham uma piscina no quintal e eu, Emma e sua prima ficamos lá dentro a tarde toda de biquíni, tomando limonada.

Será que teria aproveitado de um jeito diferente se soubesse que aquela seria a última vez que eu faria algo do tipo: sentar com as amigas numa piscina fresquinha, nossas peles inofensivas lado a lado e às vezes até se roçando?

Tratei de tirar aqueles pensamentos da cabeça e entrei no site do *Clarion-Ledger*. É certo que, se Wendy Lee estivesse morta (uma empresária respeitável, assídua na igreja, assaltada em sua própria padaria), seria capa do jornal. Mas só encontrei um monte de artigos sobre a Igreja Batista se opondo ao casamento gay e sobre a expansão dos estádios de futebol americano, basicamente o mesmo conteúdo sem graça que eu lia sempre que abrisse aquele jornal, coisa que raramente fazia. Cliquei nos obituários. Nada. É claro que também não tinha obituário algum pra Cody. Ainda não, pelo menos.

Quando retornei ao quarto, James estava sentado em uma das camas, trocando de canal em canal. Ele tinha ligado o aquecedor, então o clima estava bem aconchegante. Sentei na outra cama com os pés no chão e meus joelhos a menos de um metro de seu cotovelo desprotegido. Tirei minha jaqueta e me senti bem por estar ao lado de

uma pessoa que sabia que não poderia encostar em mim, mesmo sem saber o motivo. Tentei não pensar em todas as coisas que eu, de uma hora pra outra, sabia fazer, coisas que tinha aprendido com Wendy Lee, e tudo que aconteceria se eu esticasse a mão e arrancasse aquele roupão dele. James desligou a TV e jogou o controle remoto na cama.

— Foi bem interessante a forma como você lidou com aqueles homens.

Sei que ele quis fazer um elogio, mas eu sinceramente não estava com a mínima vontade de dizer obrigada.

— Você se importa se a gente não falar disso?

— Claro — ele concordou. E, de repente, do nada, continuou: — Você não se parece com uma Anna Marie.

— Sério? Sinto informar que tenho sido Anna Marie desde que nasci. Com quem você acha que eu me pareço?

— Não tenho certeza. Vou ter de pensar a respeito.

Dei um sorriso. E então fiz algo que não fazia havia muito tempo na presença de outra pessoa. Tirei meu casaco. Eu usava um top por baixo, então não era como se eu estivesse pelada. Mas, levando em consideração o olhar de James, dava até pra dizer que eu estava sim. Ele não teve pudor algum de passar os olhos pelos meus ombros desnudos, meu colo. Fechei os olhos imaginando suas mãos fazendo o mesmo. Mas não por muito tempo.

— Ei — eu disse, voltando ao meu estado normal —, você nunca vai me perguntar por que eu estou fugindo?

— Você nunca vai me perguntar por que eu também estou fugindo?

Isso meio que me surpreendeu. Não tinha pensado nele como um foragido. Pensava nele como o cara que tinha me ajudado a escapar. Provavelmente tinha algo a ver com o fato de eu estar sozinha por tanto tempo, isso de não ter de me preocupar com mais ninguém. Ou talvez por ele ter parecido tão deslocado, tão turista naquele lugar, pra começo de conversa. Simplesmente esqueci que ele poderia ter seus próprios motivos pra querer dar o fora de Jackson.

— Pois bem, por que você está fugindo?

— Não posso contar.

Ele pôs as mãos atrás da cabeça e continuou me encarando, como se eu fosse um milk-shake gigante que ele quisesse devorar. Ele tinha um quê de bondade, um brilho dos mais agradáveis nos olhos. Era difícil imaginar que estivesse fugindo de alguma coisa.

— Então, Anna Marie — ele disse meu nome como se fosse a coisa mais ridícula do mundo, como se meu nome fosse Orquídea ou Raio de Sol, ou alguma baboseira dessas sem sentido algum. — Por que você está fugindo?

Respirei fundo. Mesmo que James não se importasse em forjar documentos ou roubar um banco, ele não parecia o tipo de pessoa que aceitaria numa boa isso de machucar alguém, principalmente se eu tomasse o incidente do estacionamento como exemplo. Então, eu teria de escolher minhas palavras com muito cuidado.

— Eu acho que posso ter machucado minha ex-chefe, Wendy Lee. Não como aqueles caras no estacionamento. Quer dizer, não de propósito nem nada. Por acidente. Mas a polícia pode não interpretar bem dessa forma.

— Você acha que machucou a pessoa, mas não tem certeza?

— Sim, era justamente o que estava fazendo agora, procurando notícias sobre ela nos jornais. Quando isso aconteceu, eu fiquei bastante assustada e saí correndo. Foi mais ou menos aí que você me encontrou.

— Hum... e por que você não liga para ela?

— Ligar pra ela?!

— Claro — ele apontou em direção ao telefone com o queixo. Havia milhares de botões. — Aquilo é um telefone, não é? — Qualquer outra pessoa teria pensado que ele estava sendo irônico. Mas, tratando-se de James, eu simplesmente não podia ter a menor certeza de que ele, por sua vez, tinha certeza de que aquilo era mesmo um telefone. — Por que você não o pega e liga para ela de uma vez? Veja se atende.

Ele puxou as mãos de trás da cabeça e as apoiou em sua barriga descoberta. Eu não sabia o telefone da casa de Wendy Lee, mas, logo pela manhã, eu poderia ligar pra padaria. Ninguém lá de cima conhecia assim tão bem minha voz que não fosse possível disfarçá-la

um pouco. Se eu perguntasse por Wendy Lee, eles certamente me informariam caso algo tivesse acontecido.

Levantei-me e fui em direção à janela, sentindo o olhar de James acompanhando de perto cada movimento meu. Empurrei as cortinas verdes, pesadas, e olhei pra piscina. Devia ser quase meia-noite e não tinha ninguém lá embaixo. O recepcionista parecia ter seus quatorze anos. Provavelmente, ficaria na recepção lendo gibis sem prestar muita atenção em nada a não ser que alguém aparecesse pra fazer check-in, o que àquela hora parecia improvável. Altoona parecia ainda mais morta do que Jackson.

— Quer saber — James disse, da sua cama —, acho que finalmente estou me acostumando com esse clima.

— É porque você ajustou a temperatura do quarto pra mais de 40 graus. Acho que vou é descer pra nadar um pouco.

— Quer que eu vá com você?

— Não, deve estar fazendo uns trinta e poucos graus lá fora — disse, fechando as cortinas. — Você provavelmente morreria de frio.

Não havia ninguém na piscina. Lâmpadas halógenas alaranjadas, por todo o lugar, aclaravam o ambiente à meia-luz. Ultimamente, eu estava vivendo de modo tão cauteloso e sempre me mantendo toda embrulhada... Naquele momento, porém, me senti a imprudência em pessoa. Imprudente o bastante pra arrancar minha calça de couro e o casaco que eu tinha vestido pra pegar o elevador. Não parecia ter muitos hóspedes no hotel, não via nenhuma luz acesa a não ser a do terceiro andar, onde James provavelmente estava deitado na cama passando pelos canais. De top e calcinha, mergulhei direto na parte funda da piscina.

Aquela água estava tão boa em contato com minha pele, tão fresquinha e límpida e tonificante. E familiar, como o abraço de um velho amigo. E daí que eu estava fugindo? Eu estava era viajando! Estava em um estado qualquer no norte do país. E estava nadando. Talvez a vida não tivesse de ser tão solitária e sem prazer no fim das contas. Fiquei boiando de costas, observando as estrelas. Elas piscavam pra mim. “Onde você esteve todo esse tempo, Anna Marie?”, elas pareciam perguntar. Eu sorri.

Meus olhos vagaram de volta ao hotel, de volta àquela única janela acesa no terceiro andar. E lá vi uma figura parada, toda embrulhada no seu roupão branco, olhando de volta pra mim. Ele ergueu a mão e acenou. Com um leve espirro d'água quase imperceptível, deixei de boiar e encostei os pés no azulejo. Isso foi o mais próximo que cheguei em anos de me sentir como aquela garota que tinha ficado pra trás em Caldecott County. Encarei James de volta e meus olhos de gato se ajustaram ao escuro e à distância sem o menor problema.

O top de algodão estava grudado no meu corpo. Coçava. Estava atrapalhando tudo. Então resolvi tirá-lo logo de uma vez e o joguei de lado. Ficou boiando um pouco na água e depois afundou, cada vez mais pesado. Quanto a mim, abri os braços, inclinei a cabeça pra trás e voltei a boiar na minha posição de morto. Pude sentir meus seios ligeiramente pra fora d'água. Melhor do que isso, pude sentir James em pé, escorado à janela, olhando direto pra mim.

Quando voltei lá pra cima, o quarto estava escuro. James estava deitado na cama, adormecido (ou pelo menos fingindo que estava dormindo). Sua respiração não estava assim tão profunda pra ficar de fato convincente. Fui até o banheiro na ponta dos pés, o mais silenciosamente que pude.

Com a porta bem trancada, tirei as roupas molhadas e as pendurei na porta do box pra que secassem. E passei a me enxugar com a toalha. James tinha deixado uma de suas muitas peças, uma camiseta branca, pendurada no banheiro. Eu a levei até meu rosto. Respirei fundo. Era bom poder sentir seu cheiro tão de perto, não do outro lado do carro. Ele tinha um cheiro bom, suavemente apimentado, feito gengibre e jasmim juntos com xampu de neném, e apenas a quantidade suficiente de suor pra torná-lo másculo. Vesti a camiseta, escovei os dentes e fui pra cama.

Não seria capaz de descrever o quanto tive vontade de entrar debaixo das cobertas com James. Ao mesmo tempo, era tão bom, tão melhor do que qualquer outra coisa nos últimos tempos, dormir no mesmo quarto com outra pessoa respirando, vestir a roupa de outra pessoa. Era tão pessoal. Senti um nó na garganta que mais parecia

tristeza acumulada. Ainda não tinha me dado conta do quanto eu era solitária.

Bum! Creque!

Mesmo naquele quarto escuro e de olhos fechados, pude ver a luz branca e intensa que de repente nos cobriu. As batidas continuaram, mais suaves, como se alguma coisa elétrica tivesse pifado ou algum raio tivesse caído no meio do quarto.

James ficou de pé antes mesmo de eu abrir os olhos. Quando me sentei na cama, ele já estava juntando as coisas e jogando tudo pra dentro de sua bolsa de couro.

— Nós temos que ir. Agora.

Até mesmo uma pessoa curiosa como eu podia perceber que não era hora pra perguntas. Obediente como nunca tinha sido em toda minha vida, saí catando todas as minhas roupas espalhadas pelo quarto e soquei tudo pra dentro da mochila.

— Não — James disse quando fui em direção ao elevador. E acabou sendo bem oportuno eu ter me dado ao trabalho de vestir alguma coisa, já que, no meio da correria toda, ele acabou me puxando pelo braço. Tinha mãos grandes e imponentes, e seus dedos se fecharam em torno do meu antebraço. Ele próprio ficou olhando pra sua mão em mim por um instante, tentando entender aquilo. Dava até pra dizer que ele talvez pudesse estar pensando que eu tinha mentido. — Não, aquele espaço fechado não, vamos de escada.

Soltou meu braço e saiu correndo pelo corredor na direção oposta ao elevador, pela escada abaixo, até o estacionamento em direção ao carro. Saltou no banco do motorista e girou a chave. O carro fez um barulho terrível e ficou chiando pateticamente. Logo depois, engasgou e morreu. Olhei pelo para-brisa pra janela do nosso quarto.

Nenhum dos dois tinha acendido as luzes, mas alguma coisa lá dentro estava piscando e fazendo uns barulhos como se fogos de artifício tivessem sido acesos dentro do quarto. Abri o zíper da minha mochila e peguei a chave de fenda que tinha trazido de Jackson.

— Não precisa se preocupar — eu disse, erguendo a chave de fenda no escuro do carro. — Eu cuido disso.

Antes, na minha cabeça, eu estava indo em direção a Maine. Era um lugar que eu sempre quis conhecer. Nunca tinha visto um farol ou o mar, ou comido lagosta. E sempre ouvi dizer sobre o quanto lá fazia frio, então quem sabe até mesmo no verão eu não acabasse fervendo de calor dentro de todas essas roupas. Mas cheguei à conclusão de que, quando se está sendo perseguido, a melhor coisa a fazer é mudar sempre de direção, então peguei a estrada 80 rumo ao oeste. Talvez, daqui a mais um tempinho, eu pudesse mudar um pouco a rota de volta e seguir ao nordeste de novo.

Meu coração estava acelerado, batendo forte, e James tinha adquirido uma tonalidade branca que me lembrou as magnólias que cresciam em Caldecott County. Tínhamos pegado o primeiro carro que apareceu na nossa frente, um Scion azul minúsculo, só um pouco maior do que um carrinho de golfe. Bancos separados que, embora mais seguros, pareciam um tanto solitários depois daquele velho e bom banco único do Camaro.

— Está tudo bem, fugimos a tempo. O sistema de rastreamento talvez sequer tenha nos registrado. O fato de você estar lá pode tê-lo confundido.

— Rastreamento? Era isso que era?

Não era pra essa palavra ter me confortado. Mas acabou me confortando. Ela me pareceu tão técnica, tipo um aparelho eletrônico, e nada tão sobrenatural quanto aquela explosão toda de luzes tinha dado a impressão de ser.

— Sim, as pessoas de quem eu estou fugindo. Eles são bastante... sofisticados.

Fiz que entendi e mantive as mão fixas no volante. Era óbvio que James não estava me contando tudo, mas nem me importei tanto assim. Eu ainda estava tentando juntar todas as peças dentro da minha cabeça e, aos poucos, tudo ia começando a fazer algum tipo de sentido. Outra garota poderia não ter chegado à mesma conclusão assim tão rápido. Mas, depois de tudo que eu já tinha passado, aquilo não me parecia tão surreal assim.

— James — eu disse com muito cuidado, porque, se falasse alguma coisinha errada, ele poderia acabar se ofendendo. Mas, não sei por quê,

tinha um forte pressentimento de que eu não estava nadinha errada. —
Você é de outro planeta, né?

Ele ficou lá sentado sem dizer nada por um minuto. Mas enfim acabou admitindo, balançando a cabeça.

— Sim, Anna Marie, sou sim.

quatro

Quando eu tinha uns dez anos de idade, o pastor da igreja de Tia Carrie, reverendo Otis P. Johnson, pretendia reformar o hall de entrada da sua casa com papel de parede. Ele vivia num casarão antigo na Main Street, a apenas algumas portas de distância da igreja, e aquele hall se estendia por toda a área desde a porta de entrada, passando por uma sala de estar por um lado e uma antessala do outro (não me pergunte a diferença), e depois por um lavabo até uma grande e notável cozinha. Em outras palavras, era um montão de parede. Antes de começar a grudar o novo papel listrado, o reverendo convidou todas as crianças da congregação para desenhar nas paredes que seriam cobertas.

Tia Carrie estava realmente perturbada. Por um lado, desenhar nas paredes era o tipo de hábito que ela se empenhava em repreender, e eu tinha marcas pra provar isso. Por outro lado, era um convite vindo da própria casa do reverendo Johnson. Nós da periferia raramente éramos convidados pra ir às casas da cidade, em especial para a casa do pastor. Por isso, no fim das contas, Tia Carrie não pôde resistir e acabou me deixando ir, sabendo que, enquanto eu brincava, ela estaria muito bem na cozinha, bebendo café e comendo biscoitos com o Sr. Johnson e seus amigos. Aí, Tia Carrie preparou uma cesta com frutas do seu próprio jardim e até me comprou uma caixa com dezesseis gizes de cera Crayola, novinha em folha. Lembro-me dessa última parte muito bem pelo fato de que, até então, eu só tinha ganhado a

caixa com as oito cores clássicas. A de agora tinha a cor *burnt sienna*, e mais um tom de vermelho especial chamado *razzmatazz*.

Enquanto as outras crianças faziam desenhos de cachorros, cavalos e dinossauros, eu me pus a desenhar uma enorme e maravilhosa nave espacial *razzmatazz*. Por baixo dela desenhei montes de grama verde e algumas Susans de olhos pretos. Duas pessoas estavam na grama (uma senhora de cabelos *marigold* e um homem de cabelos *burnt sienna*), meio que banhadas por uma luz amarela clássica que se projetava da nave. E, bem longe da luz, havia uma menininha com o mesmo cabelo *burnt sienna* do homem.

— O que está acontecendo em seu desenho, Anna Marie?

Eu me virei pra dar de cara com o rosto muito sério e roliço de Lula Johnson, filha do pastor. Ela devia ter uns quatro anos de idade na época.

— É minha mãe e meu pai — respondi. — Tá vendo? É o último dia deles no planeta Terra. Essa nave tá vindo levar eles pra Far Banks agora.

Lula chegou a abrir a boca pra perguntar o que era Far Banks, mas, antes que ela tivesse a chance (e muito menos eu de responder), Tia Carrie saiu voando da cozinha feito um corvo ensandecido. Ela agarrou meu braço e me arrastou direto pra fora. Acho que já tínhamos chegado a meio caminho de casa antes que ela percebesse que, ao sair daquele jeito, acabou deixando seus pêssegos em conserva pela metade e sua xícara de café frio pra trás, e, ainda pior, chamando muito mais atenção pro meu desenho do que se ela tivesse simplesmente ignorado.

— O que você tem na cabeça, Anna Marie?

Minha bunda já estava ardendo só de ver como as juntas dos seus dedos estavam pálidas, espremendo o volante.

— Sei lá — respondi, me jogando no assento. Nunca ia deixá-la ter o gostinho de ficar sabendo que eu estava com medo. Mesmo tendo apenas dez anos, eu já sabia que era injusto e cruel ficar com raiva de uma criança só porque ela estava se perguntando como seus pais tinham deixado este mundo.

— Foi o tio Gillis que te disse sobre Far Banks?

Tio Gillis tinha nos visitado algumas semanas antes. Era o irmão mais velho do meu pai. Ele me disse que uma vez, na comunidade em que moravam, meus pais enfiaram na cabeça que tinham de ir pra essa outra região, um lugar místico chamado Far Banks. E foi assim que eles desapareceram. Tentando chegar lá.

Sem paciência de esperar por uma resposta minha, Tia Carrie murmurou mais pra si mesma do que pra mim:

— Gillis não tinha nada que fazer isso.

— Mas Tia Carrie, é minha mãe e meu pai. Por que não posso saber o que aconteceu com minha própria mãe e com meu próprio pai?

— Eles eram dois tolos e não tinham Deus no coração, e isso acabou enfiando os dois num caminhão de problemas. Isso é tudo que você precisa saber. — Depois de um minuto, ela acrescentou: — Eu só posso te dizer uma coisa. Eles não foram pra canto nenhum em uma nave espacial.

Sua voz estava meio sonhadora, um pouco mais suave do que o normal, e deu até pra perceber que aquele era um bom momento pra continuar a fazer perguntas.

— Bem, como é que eles foram então? — pressionei um pouco.

— Eu não sei bem como explicar isso. Eles só... se foram.

— Desapareceram no ar?

Nesse ponto, já tínhamos chegado à frente de casa. Tia Carrie puxou o freio de mão de um jeito como se lembrando que estava furiosa.

— As pessoas não desaparecem no ar, Anna Marie.

Ela nem olhou pra mim, só ficou ali sentada franzindo a testa, de cara pro para-brisa. Uns gansos canadenses provocavam um alvoroço no chafariz. Eu estava só esperando que ela me mandasse entrar em casa e tirasse o cinto. Mas ela não fez isso. Apenas soltou um suspiro e me disse pra ir pro meu quarto. Dei o fora de lá antes que ela pudesse mudar de opinião, deitei na minha cama e fiquei olhando pro teto, tentando entender como duas pessoas adultas podiam simplesmente desaparecer em outra região.

Não, eu decidi. Todos eles deviam ter entendido errado. Só podia ter sido uma nave espacial que veio pra buscá-los.

Então logo se via que não era só por causa da minha aflição que eu podia chegar àquela conclusão lógica, de que James era de outro planeta. Muito antes do beijo em Cody, eu tinha a convicção de que a vida não era exatamente só o que nós conseguíamos enxergar com nossos próprios olhos. Existiam outras coisas. Coisas que não tinham nada a ver com lógica, nem mesmo com religião. Não apenas coisas mágicas como também inesperadas e inexplicáveis.

Depois de dirigirmos por toda a noite em meio à escuridão, varando o amanhecer e quase passando do meio-dia, James enfim começou a relaxar um pouco. Até que isso acontecesse, eu já tinha me sentido tão mal por ele que o calor até parou (claro que eu tive de arrancar fora minha jaqueta e meu suéter enquanto dirigia pra conseguir suportar).

Ao meio-dia, ele enfim disse:

— Se eles não nos encontraram até agora, acho que podemos concluir com certa tranquilidade que perderam nosso rastro. Levou semanas para que eles me encontrassem. Assim, mesmo que eles cortem esse tempo pela metade, ainda temos um pouco de folga para respirar.

— Mas, James, quem são *eles*, afinal? E o que vai acontecer se eles te encontrarem? Se eles encontrarem a gente?

— É uma longa história.

Sem muita paciência, apontei pra estrada que se estendia sem fim no horizonte.

— Querido, se existe uma coisa que a gente tem de sobra é tempo.

— Vamos comer primeiro — James retrucou, apontando pra uma placa que dizia POSTO-RESTAURANTE-HOSPEDAGEM um pouco mais à frente, à direita, e tirei o pé do acelerador pra jogar o carro em direção à pista de saída.

Àquela altura, nós já tínhamos chegado a uma cidade chamada La Porte, em Indiana. Fui guiando o pequeno Scion por todo o caminho até o fim da estrada, onde havia um bar na beira de um lago. Já tinha visto um monte de lagos em Caldecott County, além dos pântanos, é claro. Mas aquele lago mais parecia com o que eu sempre tinha

imaginado como o oceano. Era tanta água, mas tanta água, que nem dava pra ver onde aquilo tudo terminava. James e eu nos sentamos de frente pra um janela imensa com vista pro lago e pedimos uma porção de asas de frango pra duas pessoas.

— Bem — eu disse —, acho que não preciso perguntar como era o clima lá de onde você veio.

James estava sentado na minha frente, todo empacotado e ainda tremendo um pouco enquanto eu derretia de calor dentro daquele suéter e da minha jaqueta. Nunca se sabe quando um garçom gente boa vai resolver dar uns tapinhas nas nossas costas, então era melhor continuar toda coberta, de um jeito ou de outro.

James até que sorria um pouco, mas parecia cansado e preocupado. Não tivemos a chance de dormir no hotel, mas a adrenalina de estar em fuga e o fato de ter descoberto que meu companheiro era um alienígena meio que me deram um choque pra permanecer acordada. Decidi que era melhor guardar pra depois minhas dúvidas sobre o motivo de ele estar fugindo e me concentrei em assuntos mais genéricos. Talvez isso fizesse com que ele se sentisse mais confortável pra conversar sobre seu lar.

— Como você sabia que ia precisar de roupas mais grossas?

— Eu não sabia — ele respondeu. Como não se prolongou em sua explicação, imaginei que ele pudesse ter roubado aquelas roupas. Julgando pela aparência daquele longo casaco de couro, deve ter roubado em um lugar bem chique. Mas antes que eu pudesse perguntar alguma coisa mais, ele disse: — A questão é essa: não posso falar muito sobre isso. Até hoje eles estavam me rastreando pelo universo afora. Mas agora eles se concentraram neste lugar especificamente. Coisas como palavras-chave que digam respeito à minha situação podem ajudá-los a me encontrar.

Senti meu estômago revirar. Por um instante senti-me quase tão assustada quanto tinha me sentido quando Cody desabou no chão embaixo daquela árvore de Tupelo. Isso deve ter ficado bem visível no meu rosto, porque James acabou dizendo:

— Veja bem, pode até soar muito fácil, mas eles ainda teriam de viajar muito de um lado para o outro até obterem as coordenadas

corretas. Isso leva algum tempo. Se nos mantivermos em movimento, conseguiremos continuar à frente deles.

— O que eles vão fazer se te encontrarem?

A expressão de James adquiriu um ar meio engraçado. Pode ter sido medo. Mas pode ter sido outra coisa. Sabe o olhar que um homem faz quando a gente faz uma pergunta que ele não quer responder?

— Não vamos nos preocupar com isso agora. Vamos nos concentrar em continuar mantendo distância deles. E o melhor jeito de fazer isso é não conversando sobre o assunto.

— E se a gente escrevesse sobre o assunto? Eu poderia escrever as perguntas num pedaço de papel e você escreveria as respostas.

Seus olhos estreitaram e então se desviaram pra longe de mim, de uma forma que me deixou pensativa sobre a veracidade de sua resposta.

— Palavras são palavras. Acredite em mim, quanto menos conversarmos sobre o assunto, de qualquer maneira que seja, mais seguros estaremos.

— Mas como eles podem até mesmo entender o que a gente diz? Você disse que palavras são palavras, e você fala e lê minha língua tão perfeitamente. Não vai me dizer agora que essa é a língua oficial lá do seu planeta.

James enfiou a mão no bolso e puxou o que parecia ser uma pedra fina e vermelha de mármore. Colocou na mesa entre nós e, quando olhei mais de perto, percebi que não era nada parecido com mármore, mas um pequeno ponto de energia perpassado por tons de amarelo e laranja, que não parava de rodopiar.

— É um tradutor. Se você carregar isso consigo, qualquer idioma se codifica automaticamente em seu cérebro, escrito ou falado.

Aquilo explicou como James poderia falar minha língua tão bem mas sem saber palavras que definiam coisas que não deviam existir no seu planeta, como ventilador e ar-condicionado. Desejei muito ter tido um daqueles quando fiz o teste admissional de espanhol.

— Acho que é melhor eu me livrar disso, agora que aprendi mais ou menos seu idioma. É só mais uma maneira que eles têm de me rastrear.

Considerando aquela explosão de luz e a expressão de pavor no rosto de James, arrematei:

— Pros diabos então, joga esse troço fora.

Depois que comemos, fomos dar uma volta pelo píer. James me deixou segurar a bolota vermelha por alguns segundos. Queria muito que alguém começasse a falar em francês ou em chinês pra que eu pudesse ver como aquela coisa funcionava. Era uma pena ter que jogar fora um dispositivo tão útil.

James se ajoelhou e enfiou o dedo na água. E então provou. Parecia surpreso.

— É salgada — ele disse. — Isso aqui é o oceano?

— Não. Acho que é um dos Grandes Lagos.

Pra ser honesta, nunca tinha visto o oceano antes, e aquilo parecia tanto com a imagem do oceano que eu tinha na minha cabeça (as praias de areia e tudo mais) que nem consegui me sentir completamente segura na hora de responder. Queria ter prestado mais atenção nas aulas de geografia, mas tinha prestado atenção o suficiente pra saber que não havia oceano algum em Indiana.

Estendi minha mão no ar e arremessei a bola de luz na água. Por alguns instantes, as ondas que se formaram em volta permaneceram vermelhas, amarelas e laranjas. Então a luz foi se esvaindo até apagar por completo. Assim que percebi que ela tinha sumido, senti uma forte onda de medo.

— Você ainda consegue me entender?

James sorriu.

— Claro que sim — ele respondeu, dando uns tapinhas na sua têmpora com a ponta de um dos dedos. — Eu aprendo rápido. Está tudo aqui dentro agora.

Soltei um bom e longo suspiro, aliviada em poder acrescentar “aprende rápido” e “linguista” na crescente lista de talentos dele.

— Existe oceano lá de onde você veio?

— De onde eu vim não temos praticamente nada além do oceano. Compõe noventa e cinco por cento da superfície do planeta.

— Vocês devem ser ótimos velejadores — eu disse, gargalhando.

— Anna Marie. Quando estávamos no hotel e eu peguei em seu braço...

Ele ainda estava de joelhos no píer e me olhou de baixo pra cima com aqueles olhos azuis enormes, parecendo que estava novamente magoado.

— Bem, é o seguinte... o problema é minha pele. Você não pode nem sonhar em tocar nela. Mas não tem problema se você me tocar desde que tenha algum tipo de barreira. Tipo nossas roupas.

Ele não me perguntou o porquê daquilo, o que me deixou contente. Não estava preparada pra que pensasse que eu era algum tipo de monstro. Então, apenas disse:

— Quer dizer que *posso* tocar em você se houver alguma coisa entre minha pele e a sua?

— Isso — respondi, falando como se, de repente, um sapo tivesse pulado pra dentro da minha garganta. — Assim, você pode.

James se levantou. Olhou bem nos meus olhos e deu pra perceber que ele não estava pensando sobre seu planeta natal ou em quem estava nos perseguindo.

— Bom saber — ele disse, e naquele momento tive certeza de que uma das coisas que eu mais gostava nele era aquele toque sutil de malícia em seu olhar.

Tratamos de arrumar um outro quarto de hotel. Ele caiu na cama, totalmente esgotado, tão logo passamos pela porta. Eu não tinha dormido nem um tiquinho a mais do que ele, mas estava meio irrequieta e resolvi descer. Do outro lado da rua, bem em frente ao hotel, havia um posto de gasolina, e dei um pulo lá pra comprar um cartão telefônico. Depois fui até um orelhão do lado de fora da loja. Chamou três vezes até que alguém atendesse.

— Padaria Sunshine — disse uma voz masculina. Eu não fazia ideia de quem era, mas também nunca tinha passado tanto tempo assim no andar de cima.

— Oi, olá. Poderia falar com Wendy Lee?

Fez-se um silêncio dos mais solenes do outro lado da linha. Meu coração foi bater nos meus pés, deixando um buraco de puro pavor no

lugar.

— Quem é? — a voz pareceu ligeiramente desconfiada.

Eu me lembrei de que não tinha como ele reconhecer minha voz. Disse o primeiro nome que me veio à cabeça.

— Aqui é Emma Deane Wilford. Conversei com a senhorita Beauchamp há uma ou duas semanas sobre a possibilidade de encomendar um bolo pro meu casamento.

— Bem, minha querida — o cara disse com uma voz, de repente, toda melosa. — Sinto informar, mas a senhorita Beauchamp teve... um acidente.

— Minha nossa — soltei, soando exatamente como a fresca da Emma Deane. — Espero de coração que ela fique bem.

— Só Deus sabe.

Então, de uma hora pra outra, reconheci a voz. Não que eu já tivesse encontrado com ele por aí. Mas já tinha escutado sua voz através dos ouvidos de Wendy Lee. Fazia uns anos que ela o tinha contratado pra trabalhar no caixa e anotar os pedidos pelo telefone. Ele era casado e tinha três filhos, mas isso não impedia que ele e Wendy Lee ficassem trancados na dispensa no andar de baixo. Espremi os olhos pra tentar lutar contra a imagem do seu enorme barrigão de fora e tentei me concentrar em como Wendy Lee estava naquele momento. O homem, então, continuou:

— Faz dias que ela está no hospital.

Meu coração fez todo o caminho de volta pelo estômago e quase saiu pela boca. Pensei que talvez ele pudesse estar exagerando um tanto naquele tom lamurioso de voz, levando-se em conta o que os dois tinham passado juntos.

— O que tem de errado com ela? — deixei escapar. O que queria perguntar, na verdade, era: “Ela está em coma?”. Mas não me pareceu uma pergunta que uma cliente atrás de um bolo de casamento faria. Provavelmente já tinha sido uma péssima ideia perguntar sobre o que tinha de errado.

— Ela foi atacada — o homem respondeu — por um ex-funcionário insatisfeito.

— Nossa, isso é terrível — reagi. E emendei: — Espero sinceramente que ela fique bem e logo. — Na esperança de que ele

traduzisse como “Me diz logo o que ela tem de errado”.

Aquele sujeito, Curtis era seu nome (podia escutar a voz de Wendy Lee cacarejando toda afetada, “Ai, Curtis!”), não precisava de tecnologias fúteis e ultrapassadas como a bolinha vermelha de James pra ler nas entrelinhas.

— Os médicos ainda não sabem dizer se ela vai acordar. Mas eles também não sabem dizer se ela pode morrer, então a gente está depositando toda nossa fé em qualquer milagre, por mínimo que seja.

Pensei que não fosse ser capaz de dormir nem por um segundo, mas foi só rastejar pra debaixo dos lençóis, já de volta ao hotel, que o sono me pegou como se alguém tivesse me puxado pra fora d’água. A tarde já estava mais ou menos pela metade e a última coisa que cheguei a ver foi a luz alaranjada por trás das cortinas espessas e douradas do hotel.

Horas depois, quando acordei gritando, o quarto estava completamente escuro. Eu estava tendo aquele sonho. Aquele bom e velho sonho que me acompanhava havia milhares de noites. Não fosse pelo fato de que, dessa vez, não era Cody que estava nele, e sim James.

Nós dois estávamos em mar aberto, velejando sem rumo.

— Eu poderia jurar que isso é o oceano — James disse, e eu retuquei com um “não, é apenas um lago de água salgada”.

No meu sonho, lembrava do que tinha aprendido na escola, que aquele era o Lago Michigan, e que apenas parte da água era salina, exatamente como o mar. James sorriu pra mim como se eu fosse a criatura mais inteligente de todos os planetas. Sorriu pra mim como se eu fosse sagaz e linda e muito irresistível. Sorri de volta, esperando que meu sorriso lhe transmitisse as mesmas coisas que o dele tinha conseguido. Ele estendeu a mão pra tocar meu rosto. Sabia que devia impedi-lo. Mas eu queria tanto sentir a palma da sua mão encostada na minha bochecha...

Sua mão foi na minha direção, carinhosamente preparada pra me acariciar. Eu sabia bem que não podia deixar que aquilo acontecesse. A plenos pulmões, gritei “NÃO!” (tanto no meu sonho quanto, acredito, no quarto do hotel). Quando abri os olhos, alguém do outro lado da

parede estava dando socos pra demonstrar bem todo seu incômodo. Mas eu não conseguia parar de gritar, mesmo sabendo que não tinha passado de um sonho.

Meus olhos já tinham quase se adaptado à escuridão. E então vi James, pulando da sua cama pra minha. Eu era capaz de sentir meus cabelos esparramados sobre meus ombros descobertos.

— Não!

Gritei de novo, dessa vez na vida real, por motivos reais. Mas James estava preparado. Estava com o lençol do hotel em suas mãos e o estendeu sobre mim. Cobriu meus cabelos e meus ombros, e protegeu suas mãos quando ele me envolveu nos braços, me agarrou e me deu um beijo na testa através daquela lã sintética que não parava de pinicar.

Dava pra sentir seu queixo no topo da minha cabeça. Seus braços eram tão fortes quanto eu sempre tinha imaginado. James se recostou na cabeceira da cama e eu encostei minha cabeça no seu peito, ainda com seus braços ao meu redor.

— James — eu enfim disse após um bom tempo. — Esse nome, James. É um nome americano. Um nome do planeta Terra. Não pode ser seu verdadeiro nome.

— Não — ele confirmou. Dava pra sentir seus lábios se mexendo contra o cobertor de lã sobre minha cabeça.

— Bem... então qual é o seu nome de verdade?

— Você não conseguiria pronunciar. Nossa língua é muito diferente da sua.

Não quis discutir com ele, mas realmente queria escutar seu nome, seu nome de verdade. Queria conhecê-lo de uma maneira que eu nunca tinha conhecido ninguém neste mundo. Depois de alguns minutos de silêncio, ele deve ter sido capaz de imaginar bem o quanto eu queria saber qual era o seu nome, porque acabou soltando um som que se pareceu um pouco com uma música e um pouco com um assobio bem baixinho.

— Isso foi lindo — eu disse com toda a sinceridade do mundo. Aquele som tinha feito meu coração doer um pouco com sua beleza, e também porque me dei conta de que nunca seria capaz de chegar nem perto de reproduzi-lo. — Ele significa alguma coisa?

— Significa, sim. Mas você não acreditaria em mim caso eu lhe contasse.

— Tente.

— Quer dizer toque.

— Toque?

— Sim, do verbo “tocar”; “touch” em inglês e francês.

— Fala sério.

Ele ficou me olhando meio perplexo, então sorriu. Com toda certeza estava sentindo falta do seu tradutor.

— Falando sério — concordou.

Caí de costas por cima do seu peito com o cobertor bem firme em torno de mim. Não podia pegar no sono daquele jeito, seria perigoso demais. Ao mesmo tempo, também não podia largar do pé dele assim tão fácil.

Toque. Touch. Eu lutava pra que meus olhos permanecessem abertos de modo que eu pudesse fazer aquele momento durar só mais pouquinho. Sabia que nunca mais o chamaria por outro nome. Não demorou pra que ele caísse no sono e, preocupada que eu acabasse fazendo o mesmo, dei um pulo e tratei de engatinhar até a outra cama, onde ele estava dormindo antes. Pressionei meu rosto com força contra o travesseiro, inalando sua fragrância como se fosse oxigênio e sentindo o calor que ele tinha deixado pra trás como se fosse a maior manifestação do desejo.

Já era quase de manhã quando passamos pela saída de La Porte, e quase não havia carro algum na estrada. Touch assumiu o volante. Ao pegar a 80 West, o porta-luvas se abriu e o manual de instrução caiu lá de dentro, junto com um envelope cheio de fotografias. Passei os olhos por todas elas, todas de algum tipo de festa de um escritório. Havia inúmeras fotos de uma pessoa em particular, uma morena sorridente que parecia ter uns trinta anos. Imaginei que fosse a dona do carro, mas quando examinei os documentos do veículo, vi que pertencia a um tal de “Franklin Faxon”. Era um nome engraçado. Pra mim, pelo menos. Franklin Faxon devia ter uma queda por aquela garota das fotos. Ela bem podia ser sua namorada, mas alguma coisa no sorriso dela, em

como ela sorria pra câmera, parecendo estar lisonjeada mas não totalmente confortável com a situação, meio que me passou a impressão de que ela não era, nem nunca seria, a namorada dele. Agora, ainda por cima, seu carro tinha sido roubado. Como ele deve ter se sentido quando voltou pro hotel e descobriu que o carro não estava mais lá? Ainda que tivéssemos roubado num caso de vida ou morte, eu me sentia terrivelmente triste por Franklin Faxon, e culpada também. O carro estava limpíssimo, com tudo em seu devido lugar. Tudo ali gritava “homem prevenido”.

Touch e eu ficamos conversando sobre o assunto por um tempo. De acordo com o registro, Franklin morava em Napoleon, em Ohio. Talvez ele estivesse em Altoona a trabalho ou indo visitar alguém. Decidimos que iríamos desviar até Ohio e deixar o carro em algum lugar da cidade, pra depois lhe enviar um cartão postal dizendo a localização. Por fim, arranjaríamos outro carro, que também teríamos que roubar, mas dessa vez levaríamos de alguma concessionária.

— Mas isso também seria roubo — Touch disse.

— É, pode ser, mas estaremos roubando de uma grande corporação. Não vamos roubar de uma revendedora pequena, vamos direto no peixe grande.

Deixei Touch por dentro de tudo sobre as grandes corporações e como os empresários malvados só queriam saber de lucrar em cima do mesmo povo que trabalhava pra eles ou do povo que comprava as coisas deles. Ele fez sinal com a cabeça como se tivesse entendido por experiência própria.

— Existe alguma coisa parecida com isso lá de onde você veio? — Apesar de ter digerido até rápido a ideia, eu ainda não conseguia dizer “no seu planeta”.

— Se você tivesse me perguntado isso algumas semanas atrás, eu teria dito que não. Mas agora...

Ele deixou que sua voz fosse sumindo aos poucos, como se, por alguma razão, a resposta tivesse mudado pra sim.

Continuava sendo incrível, depois de todos esses anos da minha vida desejando viajar por aí e conhecer novos lugares, ver tudo

passando por mim feito um borrão de asfalto e pasto verde. Chegamos a Napoleon lá pro fim da tarde e deixamos o carro de Franklin Faxon no estacionamento de um Walmart. Aí saímos andando pela rua principal, bastante movimentada, até encontrarmos um hotel onde nos hospedamos. Nenhum dos dois estava com fome, mas ambos nos sentíamos meio agitados, então fomos dar uma caminhada ao longo de um extenso e lindo rio. Até então, todas as cidades em que paramos tinham alguma coisa legal (como esse rio ou aquela lagoa em La Porte), mas nada do que vi tinha me pegado realmente de jeito ou era tão diferente assim de tudo o que eu conhecia antes.

Estranhamente, Touch parecia estar pensando a mesma coisa. Ficou parado olhando pra água e disse:

— Os rios lá de onde eu venho são exatamente assim. Quer dizer, a paisagem é diferente. Aqui faz mais frio e tem uma grande quantidade de árvores que eu não reconheço.

Ele se virou na minha direção, como se quisesse dizer algo mais, mas acabou se distraindo. Sorriu e me examinou dos pés à cabeça, e depois fez o caminho inverso. Eu gostava de sentir aquilo, saber que a mera visão que ele tinha de mim podia deixá-lo tão atrapalhado daquele jeito e desconcentrá-lo de qualquer que fosse o pensamento. Então, só sorri de volta, tentando não pensar que olhar pra mim seria praticamente o máximo que ele poderia fazer, hoje e sempre.

Touch e eu continuamos andando pela beira do rio. Ele me disse como não era nada incomum, lá de onde tinha vindo, visitar outros planetas. Na verdade, uma das coisas que Touch fazia era construir naves pra viagens interplanetárias e dispositivos tipo a bolinha vermelha que traduzia idiomas pra ele.

— Então você é tipo um inventor?

— Isso. Eu invento coisas que possibilitam que pessoas viajem a lugares aos quais elas não seriam capazes de ir de outra maneira. O dispositivo que me trouxe até aqui... — ele se interrompeu e olhou em volta, quase como se estivesse preocupado que alguém pudesse estar escutando. — Vamos dizer que eu calculei errado.

Touch estava quase sem dinheiro e ele não queria usar o caixa eletrônico no lobby do hotel, então paramos num posto de gasolina. Pode apostar que o gerente ficou de olho na gente, dois forasteiros esquisitões com couro até o pescoço. Pelo menos a presença dos dois acabaria criando uma barreira pra que ninguém visse Touch se valendo de seus métodos não convencionais pra sacar dinheiro. Ele enfiou a mão no bolso e pegou outra bolotinha. Essa era azul. Ele a segurou na palma da mão estendida e a soltou em frente à abertura por onde se passa o cartão. A bola ficou estancada no ar por um breve momento e, num piscar de olhos, sumiu pra dentro do caixa eletrônico. A tela acendeu, mas não pediu por nenhum número ou quantia. A máquina apenas começou a cuspir notas de vinte, uma atrás da outra, uma pequena pilha ficando cada vez mais gorda até que a bandejinha do caixa parecia não ser capaz de suportar o peso de todas elas.

— Touch — disse, dando uma cotovelada de leve no seu braço —, acho que já deu.

Encostou na abertura do cartão e a bolinha saiu de volta pra ele, que a guardou no bolso junto com as notas. Antes de sair, compramos uma Coca-Cola pra mim e um chá quente pra ele, então retornamos ao hotel.

— E comida? Vocês comem a mesma coisa que a gente, lá de onde você veio?

— Praticamente. Temos o mesmo tipo de vida animal, então a carne é a mesma, o mesmo valendo pra frutas e vegetais. O modo de preparo de vocês é mais primitivo. Dá pra sentir o sabor de produtos químicos. Mas, e você? Agora você já sabe por que eu estou com frio o tempo todo. Não vai me dizer por que eu não posso tocar você?

Enfiei minhas mãos nos bolsos do casaco. Muito embora Touch tivesse um grande segredo, não tinha como negar que pertencia a uma categoria bem diferente do meu. Por exemplo, ele veio de um outro planeta onde vivem pessoas exatamente iguais a ele. Enquanto isso, eu era a única esquisitona da minha espécie em qualquer lugar por toda a galáxia. No mais, Touch podia até representar algum tipo de perigo, com aquela luz crepitante que tinha tomado nosso quarto. Mas o perigo que eu representava vinha direto de mim.

— Eu tenho um problema de pele — eu disse. Essas palavras soaram bastante vazias saindo da minha boca daquele jeito. A essa altura, já tínhamos voltado ao centro comercial da cidade, todo pavimentadinho e cheio de lojas e carros buzinando sem parar. — Se você me tocar, pode acabar pegando.

Touch pigarreou.

— Eu não quero contradizê-la, mas, a essa altura, já deu para ter uma boa visão de sua pele, e o único problema que ela parece ter é sua intocabilidade. Então talvez seja melhor arrumar um motivo mais convincente. Se você realmente quer que eu permaneça com as mãos longe de você.

Parei de caminhar e ele me acompanhou. Deu um sorriso. E como eu queria ser entendida e deixar as coisas muito claras, fechei minha mão protegida por duas luvas em volta do seu braço, que também estava coberto por diversas camadas de roupa.

— Escute. Por enquanto, será que daria apenas pra você acreditar na minha palavra?

Ele ficou ali parado piscando sem tirar os olhos de mim, e eu o encarei de volta com olhos que nem ao menos me pertenciam, não por direito. Mas ele balançou a cabeça como se acreditasse que eu fosse alguém em quem ele pudesse confiar, o que me fez sentir um pouco triste. Então me dei conta de que estávamos parados na frente da loja REI. Cody sempre ia lá pra comprar um estoque de suprimentos antes de sair por aí viajando pra caçar com seu pai.

— Ei. Vamos entrar aqui e dar algum fim prático nesse dinheiro todo.

Já de volta ao quarto do hotel, desempacotamos tudo que tínhamos comprado pra Touch na REI. Diferentes tipos de sambas-canção, um colete de lã sem mangas e um sobretudo acolchoado de frio. Friorento do jeito que ele era, apesar de ainda não ter chegado a tanto, parecia mais inteligente estar prevenido.

Sem saber dizer por quanto tempo nós estávamos na estrada ou quanto ainda acabaríamos viajando, também comprei pra mim um gorro e uma balaclava, que era tipo um gorro mas cobria minha cabeça e todo meu rosto, exceto pelos olhos.

Podia acabar sendo bem útil.

— É engraçado — eu disse. Estávamos sentados na cama do hotel, cada um de um lado de uma enorme sacola de compras, separando os produtos do novo saque pra que Touch pudesse colocar sua sambacção de seda. — Toda minha família é do sul, mas eu sempre detestei o calor. Eu sempre quis me mudar pra algum lugar onde fizesse frio, onde até caísse neve.

— Neve?

Precisei rir.

— Eu também nunca cheguei a ver. Lá pra cima, mais ao norte, onde é bem frio no inverno, a chuva se transforma em neve. É essa coisa branca fofa — mostrei pra ele a etiqueta da sua jaqueta, que tinha a imagem de uma montanha com o topo coberto de neve. Touch tremeu todo só de olhar.

— É exatamente assim que o resto da minha família reage quando alguém fala de temperaturas baixas. Mas, pra mim, o jeito que você fala soa até meio glorioso. Deve ser algum tipo de gene trapaceiro¹, eu acho.

Touch me olhou, profundamente pensativo. Depois de um tempo, enfim disse:

— Eu acho.

Quando foi ao banheiro pra tomar uma ducha quente, desci até o saguão pra usar o computador. Dessa vez consegui encontrar o que estava procurando no *Clarion-Ledger*: um artigo na íntegra sobre Wendy Lee, seu coma e o “funcionário insatisfeito” que a tinha deixado de cama:

Quando uma noiva em Jackson espera ter tudo do bom e do melhor em seu casamento, ela sabe bem para onde ligar atrás do bolo. Mas os pedidos neste verão não poderão ser atendidos, uma vez que Wendy Lee Beauchamp permanece desfalecida em coma

profundo, devido ao ataque de uma cozinheira noturna demitida alguns dias antes.

“Todo mundo sabia que tinha alguma coisa sinistra naquela menina”, diz Maybelline Morling, proprietária do estabelecimento em frente à Padaria Sunshine. “Fiquei tão feliz ao saber que Wendy Lee tinha despedido aquela funcionária. E agora acontece uma coisa dessas”.

O artigo continuava e acabou dando meu nome e minha descrição. Dizia que eu tinha um metro e oitenta de altura (quem me dera! Maybelline deve ter sido a responsável por essa estimativa, ela era como um chihuahua humano) e me considerava “armada e perigosa”. Também dizia que um telefonema feito por mim tinha sido rastreado até Altoona, na Pensilvânia, e, como eu tinha cruzado a fronteira do estado, o FBI poderia se envolver no caso.

Caramba. Acho que não devia ter feito aquela ligação. Mas de que outro jeito eu ia saber tudo o que tinha acontecido com Wendy Lee? Aquilo, pelo menos, não mostrava que eu me importava com ela? Maldito Curtis. Será que ele mencionou pros jornalistas ou pra polícia que eu perguntei sobre a saúde de Wendy Lee?

Quando enfim voltei ao quarto, meu coração ainda não tinha desacelerado nadinha, meu peito parecia mais um tambor sendo espancado tão alto que imaginei até que Touch pudesse escutar o barulho do outro lado. Ele permaneceu ali parado, vestindo sua calça jeans e sua flanela xadrez e seu colete de lã novinho em folha. Dava pra ver sua samba-canção azul de seda saindo das calças, e ele também usava um gorro sobre seus longos cabelos. Fui eu quem o convenceu a vestir a touca de lã. Fui tomada pela memória de Joe Wheeler, ex-namorado de Wendy Lee, dizendo pra ela que o segredo pra ficar aquecido era manter a cabeça coberta.

— Você está se sentindo melhor? — perguntei.

— Com certeza. Sinto que estou me acostumando ao frio, de qualquer jeito, ainda que aos poucos. Mas essas roupas têm me ajudado bastante. Sem dúvida que sim.

Surpreendentemente, apenas o fato de ter escutado sua voz fez o que eu estava esperando que fizesse: acabou me acalmando um pouco. Afundei-me na cama e respirei fundo. Onde será que eu estaria agora se ele não tivesse aparecido do nada com aquele velho Camaro ensurdecedor? Senti uma onda profunda de nostalgia por aquele carro. Já tinha notado a concessionária da Chevrolet no começo da estrada. Talvez, quando entrássemos lá sorrateiramente naquela noite, conforme estava nos nossos planos, eu acabasse vendo se eles não tinham algum modelo usado no estacionamento.

Touch não tinha ligado o aquecedor dessa vez, mas é claro que ele também não ligou o ar-condicionado. Podia até não ser mais o Mississippi, mas ainda era verão, e até mesmo em Ohio isso queria dizer que estava calor demais pra ficar usando lã e couro. Tirei meu casaco. Touch permaneceu de pé ao lado da janela. Fechou as cortinas com um puxão. Depois, virou-se pra mim e meio que apontou o queixo em minha direção. Ele tinha uma covinha no queixo; mal dava pra ver, já que a barba estava há um dia por fazer. Mas foi um dos gestos mais sexys que eu já tinha visto ou mesmo sonhado.

— Vá em frente — Touch disse. — Continue.

Talvez, se minha pele não estivesse ardendo tanto, eu tivesse obedecido. No começo, até que estava gostosa aquela vontade, mas de repente me veio um desejo tão louco de partir pro contato, e tão perigoso, que senti não poder mais resistir. Passei minha jaqueta de volta por cima dos ombros.

— Eu não posso — sussurrei. — Eu realmente quero. Mas simplesmente não posso.

O rosto dele nem se mexeu. Ele só continuou ali, imóvel, com aqueles olhos azuis arregalados e impossíveis de decifrar. Então, ele se aproximou e sentou na cama ao lado da minha, o que já tinha se tornado nossa posição clássica, sentados em diferentes camas, um encarando o outro e com nossos joelhos apenas a poucos centímetros de distância.

— Vampira.

— Vampira o quê?

— É assim que eu vou chamar você. E não de Anna Marie. Em analogia àquele gene trapaceiro, que a impede de aproveitar o calor.

Claro que eu poderia ter tomado isso como um insulto. Uma parte de mim, a parte teimosa, queria dizer que ele não tinha nada que mudar meu nome. Daí pensei em como as pessoas que tinham dado meu nome de batismo (mamãe e papai) tinham sumido em busca de algo que consideravam bem mais interessante do que eu. E pensei também naquela garota que eu costumava ser, aquela que sonhava em viajar, aquela que vivia com a pele exposta ao mundo todo porque nenhum mal senão o pecado poderia partir dela. Aquela garota estava a um milhão de quilômetros e a um milhão de anos de distância. Deixou de existir no segundo em que Cody Robbins desabou no chão debaixo da árvore de Tupelo. Então por que não simplesmente dar a ela um nome novo, junto com todo o resto? *Vampira* me cairia muito bem.

Eu estava sentada ali na cama do hotel, com Touch a poucos centímetros de mim. Mas ele bem poderia estar até a cinco estados de distância, já que eu nunca teria a chance de sentir sua pele contra a minha. Do jeito que eu queria.

— Vampira — Touch disse, praticamente sussurrando. — Essa situação vai nos exigir um pouco de imaginação.

Fiquei sem reação por um segundo, mas logo concordei. Sabia exatamente o que ele queria dizer. E, enquanto Anna Marie não tinha lá muita imaginação pra esbanjar nesse departamento, Vampira estava começando a construir toda uma enorme reserva.

¹ Em inglês, “rogue gene”. Há um trocadilho intraduzível, pois “rogue” também significa vampira, em inglês (N. T).

cínco

A concessionária da Chevrolet ficava num trecho onde não havia nada além de alguns lotes de carros, uns atrás dos outros. Havia algumas lojas de grandes marcas como a Volkswagen e a Toyota, e outras que não passavam de um buraco com carros que provavelmente quebrariam antes de chegar até o fim da rua. Todos tinham o mesmo tipo de iluminação que a sinuca lá de Altoona, larga e alaranjada, projetando sombras que deslizavam pela claridade muito inicial da manhã. Touch e eu caminhamos por entre as fileiras de Chevys como se estivéssemos fazendo compras, ambos empacotados por motivos diferentes. Eu até conseguia acreditar que Touch estava se acostumando com o clima, pelo tanto que eu já tinha me acostumado a vestir várias camadas de roupa e ficar com calor o tempo todo. Acho que as pessoas foram feitas pra se adaptarem. Naquela noite quente, eu tinha até vestido meu gorro de lã, imaginando que ele pudesse ao menos cobrir as mechas brancas em meu cabelo no caso de alguém me ver.

— Vamos dar uma espiada nos carros usados — eu disse. — A gente não pode escolher nada muito chamativo. — Secretamente, é claro, meu coração desejava um Camaro, o que devia ser meu lado Cody falando. Fomos em direção ao fundo do lote, onde vi algo que fez o coração de Cody acelerar à potência máxima. Não era um Camaro, era um Mustang 1965 vermelho-cereja. Caramba, como eu desejei aquele

carro. — Esse aqui. A gente vai levar esse aqui. — Coloquei minha mão no topo do carro. Pelo que deu pra ver, parecia ser todo original.

— Pensei ter ouvido você dizendo que não queríamos nada chamativo.

Droga. Tinha imaginado que talvez ele nem notasse. Que talvez aquele pudesse ser um automóvel modesto na sua cidade natal.

— O que vocês dirigem lá de onde você veio?

— Não dirigimos. É um pouco mais...

— Sofisticado? — Já tinha percebido que, quando Touch falava do seu planeta, usava a palavra “sofisticado”, e quando falava do meu, usava a palavra “primitivo”.

Ele riu. Minha mochila estava pendurada no meu ombro, e abri o zíper pra pegar a chave de fenda. Anna Marie jamais se arriscaria num Mustang 65 lustroso. Ela teria ficado com um Ford Taurus.

Pá! Creque! Buuuuum!

Foi umas três vezes mais alto do que quando aconteceu no quarto do hotel. Junto com o barulho veio um flash de luz forte e branca. Touch e eu nos jogamos no chão. Estávamos em lados opostos do carro, mas por sorte eu podia ter uma boa visão dele por baixo. Suas mãos estavam escoradas no asfalto e ele continuava com a mesma cor das magnólias. Seus olhos, porém, estavam fixos em mim, como se ele mal se importasse consigo mesmo e o mais importante ali fosse me proteger. Percebi que teríamos de inverter os papéis. Quando se tratava de ameaças deste mundo, como valentões em um estacionamento, era meu dever protegê-lo, e vice-versa quando se tratava de ameaças do mundo dele. Pude notar em sua expressão que ele queria fazer exatamente isso. E, por maior que fosse o medo que eu estivesse sentindo naquele momento, também me sentia preciosa. Eu sabia que ele não me abandonaria.

Pá! Pá!

O brilho alaranjado das luzes artesanais tinha sido completamente ofuscado pela claridade esbranquiçada surgida com o estrondo, grandes explosões, e eu só não conseguia entender como a cidade toda ainda não tinha acordado e corrido pra lá. A luz em si, apesar do brilho intenso que produzia, não chegava a agredir meus olhos nem um

pouco. Só tornou tudo ao nosso redor muito mais claro (a escuridão tinha sumido com o brilho alaranjado) e muito mais em foco, como nunca antes. Então, de repente (tanto que eu mal pude dizer se já não estavam de fato ali conosco o tempo todo), três figuras apareceram do nada. Assim que chegaram, a luz sumiu, levando-nos de volta à bruma de uma madrugada terráquea e ao brilho regular das luzes de halogênio.

Meu coração parou de bater por um bom minuto. E voltou de modo bem relutante, num ritmo meio estranho.

Aquelas figuras (três homens, como tinha acabado de perceber) começaram a andar por entre os carros, como se procurassem alguma coisa. Imaginei que estivessem atrás de Touch. Todos estavam com seus musculosos braços de fora e tinham cabelos longos. Não dava pra ver os rostos deles, mas pareciam bem determinados, como se estivessem numa missão, e vinham bem em nossa direção.

Fiquei apoiada nos cotovelos pra ter uma visão melhor deles. E então Touch fez algo que eu não estava esperando. Ele se levantou. Com a intenção de segui-lo, comecei a me levantar também, mas ele fez um sinal pra que eu permanecesse abaixada. O jeito foi continuar com a barriga encostada no chão e sair me contorcendo pra debaixo do carro. Daquele ângulo, pude ver Touch andando em direção a eles com seus braços erguidos. Não era um gesto de “não atirem em mim”, era mais um gesto de “ouçam o que eu tenho a dizer”. E logo começou a falar naquela língua assobiada e celestial dele. Era difícil identificar os tons de voz de uma língua tão diferente. Mas algo no comportamento de Touch me dizia que ele tentava acalmar os caras. Não apenas isso, mas que ele também os conhecia e sua intenção era distraí-los da minha presença. Arrastei-me ainda mais pra debaixo do carro, rezando pra que eles não me vissem.

Os caras não pareciam nada calmos. Pelo contrário. Pareciam extremamente irritados.

Também pareciam sentir frio. Nenhum deles estava empacotado feito Touch, o que me pareceu ser uma coisa boa. Talvez o frio pudesse detê-los um pouco. O do meio, o cara loiro, parecia estar no comando. Ele estava meio que se abraçando enquanto falava, se é que se podia chamar aquilo de falar; estava mais pra uma sequência musical de

assobios, um pouco mais baixos e mais ásperos do que quando Touch falava. Claro que eu não entendia o que eles estavam dizendo, mas deu pra notar bem que não era nada amigável. Touch respondia gesticulando como se estivesse tentando convencê-los de algo. Então o cara à direita do loiro deu um passo à frente. Touch se afastou de imediato, e só então me dei conta da real importância (extrema importância) de que aquelas pessoas não encostassem nele.

Mas eles não pareciam querer capturá-lo. Não tentaram agarrá-lo, bater nele, nem nada do tipo. O que deu um passo à frente era menor do que o loiro, mas parecia bem mais agressivo. Seus pios e assobios soavam meio ríspidos e exigentes. Touch deu um passo pra trás; parecia estar se esforçando pra não se virar em minha direção e entregar minha posição. Queria que ele dissesse alguma coisa em minha língua pra que eu pudesse entendê-lo, mas talvez isso fosse perigoso demais.

De repente, enquanto o rapaz menor passava um sermão em Touch, o loiro virou a cabeça bruscamente, direto para a direção onde eu estava. Touch deu um passo à frente pra impedi-lo e o loiro enfiou a mão no bolso, tirou alguma coisa de dentro e a jogou na minha direção. Pela forma como ele abriu o punho, parecia estar libertando um pássaro, mas logo percebi que se tratava de uma grande bola de luz vermelha e flamejante. Não houve barulho, nem explosão. Apenas um flash intenso de luz branca. E então o que antes tinha sido um antigo carro perfeitamente restaurado, já não me acobertava mais. Em vez, fiquei coberta por uma poeira fina e metálica. Acima de mim, nada além de vento.

— Corre! — Touch gritou, ainda sem se virar pra mim. — Corre agora!

Não me perguntem como eu me tornei tão obediente. Talvez fosse pelo fato de não saber mais o que fazer diante de armas pulverizadoras e silenciosas. Meio que comecei a rastejar e logo me pus a correr o mais rápido que pude, meus passos ecoando nos ouvidos.

Atrás de mim, os três passaram a falar todos ao mesmo tempo, gritando com Touch, que, pelo que parecia, tentava impedi-los de me seguir. Eu não virei a cabeça pra confirmar. Àquela altura, já tinha alcançado o pátio da Toyota. Dei a volta no prédio, puxando todas as

portas, pro caso de alguma delas estar aberta. Sem sorte, continuei correndo em direção à concessionária da Jeep.

E que desgraça: logo que cheguei, os três homens do Planeta Touch já estavam bem no meio do meu caminho, esperando por mim. Derrapei um pouco até parar, sem tempo de entender como diabos eles tinham chegado lá se nem sequer os ouvi correndo atrás de mim. Como não possuía nenhum apetrecho de desmaterialização como o que eles carregavam, a única coisa que pude fazer foi dar meia volta e recomeçar a correr na direção oposta. Não sei ao certo se dava pra dizer que me senti aliviada naquele momento, mas, diante de todo aquele pânico, fiquei bem feliz ao ver Touch correndo ao meu encontro.

Ao mesmo tempo, em algum lugar dentro de mim, fui capaz de pensar: *Ei, eles deveriam estar perseguindo Touch. Então por que estou com a impressão de que eles estão me perseguindo?*

Não tive muito tempo pra maiores especulações a respeito, pois, antes que Touch estivesse a três metros de distância, outra bola de luz veio rodopiando em minha direção. Cobri minha cabeça com as mãos, preparada pra explodir em mil pedacinhos, mas Touch pegou uma bola azul de dentro do bolso e a arremessou. Foi um dos melhores arremessos que já tinha visto na vida. A bola azul se chocou contra a laranja e as duas se fundiram no ar bem acima de nossas cabeças.

— Pega! — Touch gritou.

Estendi os braços e a bola caiu bem nas palmas das minhas mãos, como se ela soubesse exatamente o que fazer. Os três caras estavam correndo em nossa direção, sem parar de tremer por todo o caminho. Enquanto isso, um calor pulsava dentro de mim por conta das luzes que segurava nas mãos. Por um instante, temi que fosse começar a derreter e desaparecer do nada, mas logo pareceu que as luzes conversavam comigo, e eu soube exatamente o que fazer. Touch não estava mais correndo ao meu encontro, corria em direção ao prédio da Toyota. Levantei o braço e lancei a bola azul-alaranjada contra a porta de entrada da loja. Naquele mesmo instante, a porta desapareceu, liberando a passagem pra Touch.

Enquanto eu corria em direção à entrada, os três sujeitos do Planeta Touch pareciam estar me seguindo em câmera lenta. Touch

provavelmente tinha feito alguma coisa pra desacelerar a corrida deles. Mas, pela forma que se moviam, o efeito dava sinais de que não duraria por muito mais tempo. Eu vi Touch pegar uma bolinha no chão e mergulhar por entre as rodas de um Prius que estava no meio da sala de exposição. Quando me dei conta, ele já estava quebrando vitrines da forma mais clássica possível: atravessando-as com um carro. A vitrine principal da concessionária se estilhaçou, formando uma chuva de vidro por cima do carro. Pude sentir alguns cacos arranhando meu rosto quando entrei pelo lado do passageiro. Touch passou por cima de todo o vidro e saiu arrancando estrada abaixo.

— Por que eles simplesmente não te agarraram? Por que simplesmente não se materializaram na nossa frente?

— Vampira! — Touch respondeu com um grito. — Você não para nunca de fazer perguntas?

Aquilo me deixou calada por alguns segundos, o que me fez lembrar que eu ainda precisava recuperar o fôlego. Enquanto dirigia, Touch procurava algo dentro do bolso, e logo puxou um anel de ouro com cerca da metade do diâmetro de um pires de café. Ele o estendeu bem na minha frente.

— Segura firme — mandou.

Hesitei um pouco. Isso faria com que nossas mãos se aproximassem muito.

— Segura! — ele gritou de novo. Pelo retrovisor, pude ver que os homens tinham sumido, o que provavelmente significava que eles reapareceriam bem na nossa frente no meio da estrada ou até mesmo dentro do carro. Não era hora de fazer perguntas, nem de discutir. Segurei o anel pela borda oposta e fechei os olhos. Fui tomada por uma sensação turbulenta e, por um instante, fiquei apavorada com a possibilidade de ter encostado nele.

Quando abri meus olhos, Touch estava no banco do motorista com as duas mãos ao volante. Apenas eu segurava o anel de ouro. Larguei-o no assento ao meu lado e espantei alguns cacos de vidro do ombro.

Estávamos na mesma estrada, pelo menos. Isso não tinha mudado. Já tínhamos passado pelas concessionárias e estávamos na zona das lojas de conveniência e dos restaurantes de rede. Mas a iluminação estava completamente diferente, da noite pro amanhecer. Os raios do

sol reluziam no asfalto e nos telhados. Nenhum homem alto e pescoçudo à vista. Com exceção do que estava ao meu lado, claro.

— O que você fez? — sussurrei.

— Ganhei um pouco de tempo. Só isso. — Encostou o carro na beira da estrada. — Preciso que você dirija. Essa correria sugou toda minha energia.

Eu também não estava me sentindo exatamente ótima, mas não me pareceu uma boa hora pra argumentar. Saímos do carro e trocamos de lugar. Assim que afivelei meu cinto, virei para Touch. De alguma forma, tínhamos feito um acordo silencioso de que, por ora, ele estava no comando.

— Oeste. Dirija em direção ao oeste.

Isso me surpreendeu, já que, até então, ele não pareceu saber ou mesmo se importar com a direção em que estávamos indo. Eu não tinha certeza de qual estrada levava a oeste dali, então fui primeiro ao sul, imaginando que pudéssemos cortar pela 70 e depois seguir rumo ao oeste.

Peguei a estrada, acelerando o motor do Prius novinho em folha. O sol subia sereno, banhando o asfalto, as árvores e as linhas brancas da estrada. Em relação ao carro, dá pra dizer que não foi bem como se Touch tivesse podido escolher. O Prius era até potente, mas ao mesmo tempo só um sedan comum, um carrinho que qualquer dona de casa dirigiria sem maiores problemas. Acabaríamos economizando um bom dinheiro e um bom tempo sem tantas paradas pra abastecer.

Assim que tivesse a chance, eu pararia o carro pra arrancar das janelas os adesivos com os preços da concessionária, mas, por ora, não conseguia parar de olhar pro retrovisor pra ver se os três sujeitos estavam nos seguindo de uma forma mais sofisticada que nosso veículo primitivo. Quando olhei de volta pro painel, percebi que o velocímetro estava marcando 150 e tirei meu pé do acelerador um pouco. Era importante nunca esquecer que Touch não era o único fugitivo no carro. Se eu fosse parada em alguma barreira policial, seria o fim da nossa viagem.

— Ei! — disse finalmente. — Você consegue viajar no tempo?

— Não exatamente — ele respondeu e, então, como tinha ficado evidente que era mentira, acrescentou: — É complicado.

— Complicado — sussurrei. Àquela altura, eu já tinha começado a achar que os motivos de Touch pra não querer falar do seu passado (sem contar o que ele estava fazendo aqui) seriam convenientes até demais. — Aquele anel — prossegui. Em algum momento, Touch o tinha pegado de volta e guardado no bolso. — é algum tipo de máquina do tempo?

— Tipo isso — ele admitiu, apesar de eu ter percebido que essa não era sua vontade.

— Escuta. Escuta aqui. Se esse troço funciona, se você pode viajar no tempo...

— Não posso — ele retrucou de pronto, soando bem ríspido.

Respirei fundo e tentei me concentrar na estrada. Não importava o que ele dissesse, eu sabia que aquele anel dourado poderia me ajudar a viajar no tempo. Vi com meus próprios olhos, senti no meu corpo. E se eu pudesse mesmo viajar no tempo? Poderia voltar pra Jackson antes de ter machucado Wendy Lee. Melhor ainda, poderia retornar a Caldecott County e me afastar de Cody de uma vez. Mas que diabos, eu poderia percorrer o caminho todo até a comunidade hippie e impedir que meus pais tentassem viajar até Far Banks!

Touch deve ter percebido a euforia cada vez maior no meu rosto.

— Anna Marie — ele disse, para, em seguida, se corrigir. — Vampira. Não é assim.

— Como assim? Você só consegue ir pra frente e não consegue voltar? É isso?

— Não sei. Quer dizer, eu sei, mas não exatamente. É por isso que eu não nos adiantei mais do que algumas horas.

Ele respirou fundo e, já tremendo, colocou seu chapéu de volta e ligou o aquecedor. Eu não o impedi. Nem tirei meu chapéu, mesmo começando a suar. Melhor sentir desconforto do que arriscar perder a explicação.

— Veja bem — ele recomeçou —, lá em casa, eu trabalho para o... Eu não sei como vocês chamariam aqui, mas eu trabalho para o que chamamos de...

— Governo?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Não exatamente. Nós o consideramos mais como um todo. Acho que daria para chamar de Arcádia. Um lugar simples e quieto, onde todos têm o bastante. Todos cumprem seus papéis. Eu crio formas alternativas de transporte. Nosso mundo é pequeno. Muito, muito pequeno, pelo menos em termos de massa corporal. Como eu lhe contei, é majoritariamente composto por água. Água salgada. Então eu invento meios de transporte que passem por baixo d'água, também pela superfície, e que possam ir às vezes até a outros planetas. Para conseguir mais recursos.

— E que viajam através do tempo também — retruquei. Enquanto eu dizia essas palavras, por algum motivo, senti medo de novo.

— Bem, sim. Mas isso é novo. Não o conceito, é claro, que começou em nossos poemas e ficções primitivos. Mas ninguém jamais chegou a pôr em prática. Eu estou desenvolvendo esse dispositivo e o trouxe comigo pra que ele não caísse nas mãos erradas. — Ele virou os olhos como quem quisesse explicar exatamente o que estava acontecendo mas não sabia como. — A verdade é que não devemos falar sobre isso. Existem ideias, palavras-chave que os trarão até nós. Até mesmo no seu idioma.

— Beleza, mas me deixe fazer uma pergunta.

Sua expressão pareceu um tanto dura, mas ele acabou concordando.

— Se Arcádia é um lugar tão calmo, qual é a daqueles caras explodindo carros?

— Eles não trabalham para Arcádia.

— Mas você trabalha.

— Sim.

— Você veio pra cá a trabalho em nome de Arcádia. E agora aqueles caras querem que você volte. É isso? Eles não querem te matar, querem só que você volte.

— Sim. Pelo menos por enquanto. Uma hora ou outra, quem sabe, podem vir a querer minha morte. Mas, por ora, querem apenas que eu volte.

— Mas você não quer voltar.

Ele se calou por um momento.

— Digamos que eu não queira retornar com eles.

— Então, por que parecia que eles estavam me perseguindo e não a você?

Ele hesitou por um átimo de segundo, tempo suficiente pra que eu desconfiasse que ele estava formulando uma resposta. Aí disse:

— Eles tinham suas próprias munições. Mas eu também tinha a minha. Você não. Talvez eles tenham pensado que, se capturassem você, eu me renderia.

— Foi você que desacelerou os movimentos deles? Você fez isso pra evitar que eles usassem aquele lance de desmaterialização outra vez?

— Sim.

Levei minha mão até seu ombro. Ele deu um pulo, como se isso o tivesse surpreendido um pouco.

— Desculpe — eu disse, baixando minha mão. — Não quis te assustar. É que... estou feliz por você estar aqui. Comigo.

— Mesmo que isso possa acabar matando você?

Pensei comigo: *Deixa eles tentarem*. Touch tinha um olhar preocupado, com a pele toda enrugada entre os olhos. Estava um pouco mais corado, mas ainda assim parecia um tanto pálido.

— Posso ver o anel?

Esperiei que ele dissesse não, mas enfiou a mão no bolso e tirou o anel. Parecia bem ordinário, nem brilhava tanto. Touch olhou pras suas mãos como se não soubesse ao certo se sentia orgulho ou se arremessava o anel pela janela do carro.

— Vamos guardá-lo — ele disse, como se estivesse tomando as decisões apenas vez ou outra. — Não quero arriscar ter de usá-lo a não ser em uma emergência. A não ser que não haja saída.

— Ei! Ei, Touch.

— Sim, Vampira? — Pela primeira vez naquele dia ele parecia estar relaxado, meio brincalhão até. Como ele era antes.

— Você não tem de ficar se preocupando com aqueles caras vindo atrás de você ou não. Sabe por quê?

— Por quê?

— Porque eu estou aqui para proteger você. Lembra daqueles caras em West Virginia? Só preciso de um taco de beisebol.

Ele sorriu e concordou. Na sua cabeça, tinha sido apenas uma piadinha, uma maneira feminina de confortá-lo. Mesmo assim, pude notar, ele também ficou bem mexido.

A não ser pra abastecer ou pra trocar de lugar vez ou outra, não paramos, e seguimos dirigindo direto até escurecer. De repente, pareceu que Touch sabia aonde estava indo. Não os nomes dos estados nem nada tão específico. Mas ele estava bastante certo sobre a direção pela qual queria seguir.

— Oeste, siga rumo ao oeste — ele não parava de dizer.

Para alívio de Touch, tenho certeza, estávamos dirigindo de volta ao calor do Missouri e quase chegamos a Oklahoma. Eu não parava de pensar numa maneira de desacelerar um pouco pra apreciar a vista. Caramba, só dar uma voltinha por um zoológico ou coisa do tipo! Pelo menos eu tinha visto aquele famoso arco quando passamos por St. Louis, que até então só tinha visto em fotos. Apontei pra que Touch o visse e ele se animou por causa da minha excitação toda, mas deu pra notar que não estava nadinha impressionado.

Estacionamos na frente de um McDonald's, bem na saída de Joplin, e ficamos parados lá no escuro do estacionamento. Touch enfiou a mão no bolso e pegou a bola de luz azul que tinha o poder de sacar todo o dinheiro dos caixas eletrônicos e fazer portas desaparecerem. Fiquei imaginando o que mais ela seria capaz de fazer.

— A verdade é que eu deveria me livrar logo dessa coisa e do anel de uma vez. Imaginei que seria o suficiente ter jogado fora só o tradutor. Mas é óbvio que não. E, agora, ainda por cima, essa coisa acabou absorvendo uma das armas deles.

— E isso não é bom?

— Eu não tenho como saber quais avanços eles obtiveram nos últimos tempos.

— Mas, escuta aqui, você já disse que não dá pra gente se livrar do anel, vai que rola uma emergência. É nosso último recurso. Alguém que esteja fugindo não vai simplesmente jogar fora seu último recurso. E já que eles conseguem te rastrear mesmo através da bola, você pode muito bem guardar o anel também.

Estiquei a mão pra pegar a bola azul-alaranjada que não parava de rodopiar. Touch ficou olhando pra ela por um instante. Passou a mão por cima da bola, como se isso o ajudasse a pensar melhor. Fechou os punhos em volta dela por um minuto e, quando abriu a mão, eram duas bolas distintas novamente. Uma azul e outra laranja.

— Uau, você é do tipo mágico...

Ele guardou a bola azul de volta no bolso. Depois me deu a laranja. Eu me senti bem desconfortável ali, segurando uma coisa que destroçava carros e portas. Já carregava poder destrutivo o bastante pra uma pessoa só, afinal.

— O que quer que eu faça com isso?

— Jogue no vaso e dê descarga.

Ele ficou esperando no carro enquanto eu arrombava a loja. Já no banheiro, aquela coisa alaranjada ficou se debatendo de um lado pro outro como se fosse um limpador supersônico de privadas. Fiquei esperando que o vaso todo se iluminasse e talvez até desaparecesse enquanto a bola descia, mas isso acabou não acontecendo.

Fui até a pia, joguei um pouco d'água no meu rosto e olhei bem no fundo dos meus próprios olhos tão estranhos. Nos raros momentos em que eu me afastava de Touch, todas as dúvidas tomavam de volta minha cabeça, dúvidas sobre tantas coisas que ele tinha dito, o fato de que várias das suas explicações não faziam o menor sentido. Peguei um papel toalha e enxuguei meu rosto. O papel era duro e áspero. Minhas suspeitas provavelmente deviam ser minha porção Wendy Lee falando mais alto, pois o que não faltava em seu histórico lamentável eram homens deploráveis, a começar por aquele marido que até parecia amá-la e depois simplesmente pulou fora do barco.

De volta ao Prius, dei a Touch uma caixinha de batatas fritas e um McFish. Era isso que Cody sempre pedia no McDonald's.

— Você era rico lá de onde veio? — perguntei e mordi uma batata, torcendo pra que não tivesse parecido que eu me importava com a resposta.

Touch suspirou:

— Sabe, eu estou um pouco farto de ficar falando disso o tempo todo. Você se importaria de dar um tempo? Pelo menos até amanhã.

A bola alaranjada já era. Muito embora fosse claro que não estivéssemos numa posição que nos permitisse jogar a bola azul fora, decidimos que seria melhor controlar nossos gastos pra não termos de usá-la tão cedo. Assim, depois de passar por Joplin, simplesmente seguimos em frente, revezando no volante enquanto o outro dormia, usando o dinheiro que tínhamos pra pagar a gasolina. A verdade é que nunca tinha visto em toda minha vida aquele tanto de dinheiro que ele guardava no bolso. Isso pode não querer dizer nada, mas na hora pensei que aquela quantia nos manteria por um bom tempo. À luz do dia, poderíamos contar nosso dinheiro e, quem sabe, comprar uma barraca em algum lugar. Uns cem dólares por uma barraca nos faria economizar uma boa quantia em quartos de hotel. Poderíamos entrar na mata e acampar por alguns dias, pensar melhor em qual seria nossa estratégia.

Touch gostou da ideia de acampar. Achou que seria mais difícil nos rastrear se estivéssemos mais distantes da civilização e da eletricidade.

— É óbvio que eles não montaram nenhum centro de comando aqui, eles estão operando lá do nosso mundo, o que quer dizer que têm mais informações do que eu, e mais recursos. Mas também significa que estão rastreado de uma grande distância. Há variáveis suficientes para dificultar o serviço. Não é impossível, obviamente, mas difícil, desde que sigamos em frente.

Quando o comércio começou a abrir suas portas, nós já tínhamos dirigido a noite toda até Pueblo, no Colorado. Agora sim eu estava vendo algo completamente diferente do Mississippi. Por um lado, não era tão verde. Por outro... as montanhas! Eu jamais tinha visto algo parecido com esse tipo de montanha, assim tão alta e coberta de neve mesmo no verão. Touch também pareceu bem impressionado.

— Você já tinha visto alguma coisa tão linda assim na sua vida?

Ele me olhou e sorriu.

— Não até os últimos dias — respondeu. Meu coração quase saltou pela boca. E ele voltou a olhar pela janela. — Na verdade, aquelas montanhas me lembram minha terra. Menos a neve.

— Lá deve ser lindo — comentei, e ele concordou.

Dirigimos pra cima e pra baixo na avenida principal e não encontramos sequer uma loja de materiais esportivos, então acabamos

indo parar no Walmart. No estacionamento, contamos o dinheiro que nos restava. Um pouco mais de dois mil dólares.

— Isso é muito?

— Uma pequena fortuna — respondi. — A gente vai ter que abrir mão dos hotéis caros, só isso. E, se tem um lugar ideal pra fazer compras, é aqui.

Enchemos nosso carrinho com uma barraca e uma lanterna, sacos de dormir, um *cooler* e um monte de comida. Joguei algumas lenhas artificiais também, já que nunca fui boa em acender o fogo. Ao passarmos pela seção de livros, peguei um atlas que acabaria sendo útil (até então, estávamos apenas andando em zigue zague de uma estrada pra outra, torcendo pra que fosse a melhor escolha).

— Olha só — eu disse enquanto estávamos na fila. Havia um fuzuê de motocicletas no estacionamento e a loja estava cheia de gente usando casacos de couro, então acabamos nem chamando tanta atenção quanto normalmente chamávamos: — A gente pode ir pra cá. — Apontei pra uma parte verde no mapa que dizia MONUMENTO NACIONAL DUNAS DE AREIA. Ele ficou olhando fixamente, como se não tivesse certeza, então acrescentei: — É em direção ao oeste.

— Por mim, tudo bem — concordou, dando sutilmente de ombros.

Às vezes estar com Touch me fazia lembrar dos primeiros dias depois que fugi de Caldecott County. Lembrava-me de como me senti perdida, quase como se estivesse em transe. Eu me preocupava muito com o que tinha acontecido com Cody, enquanto mal me importava com o que tinha acontecido comigo mesma. Mas também sentia muito medo do que poderia vir a acontecer no futuro. Todos aqueles sentimentos meio que se digladiavam entre si, então era como se eu nem sequer tivesse sentimentos. Acabei ficando entorpecida. Quase como se tivesse me tornado um animal, eu pensava apenas em sobreviver de um minuto ao seguinte. Touch também parecia estar assim, quase como se tivesse deixado de se importar com tudo a não ser a mais básica sobrevivência. O único momento em que ele não parecia estar assim era quando tirava uns instantes pra olhar direto pra mim.

Touch assumiu o volante quando saímos de Pueblo pra que eu pudesse navegar pelo mapa. Disse que não existiam mapas daquele tipo de onde ele veio, por isso não sabia como ler o nosso.

Dirigimos por uma longa estrada de terra até o parque nacional.

— Totó, acho que não estamos mais no Mississipi — eu disse, e Touch me olhou como se eu tivesse trocado o nome dele de novo. — É só uma expressão de um filme — expliquei. Mas é claro que eles não tinham filmes lá de onde ele veio, deu pra perceber bem naquele seu olhar desconfiado e cheio de dúvidas. De repente, me bateu a curiosidade de qual seria exatamente sua idade.

— Quantos anos você tem mesmo?

— Vinte e cinco, e você?

— Dezoito. Mas você não devia saber disso? Como é que sabia meu nome antes mesmo de eu dizer?

— Nada místico. E não usei nenhuma tecnologia de outro mundo também. Apenas entrei na padaria e perguntei sobre você.

Meu coração apertou. Aquilo queria dizer que a polícia tinha a descrição de nós dois.

— Veja — Touch falou, ao abrir sua janela.

A paisagem ali era diferente de tudo que eu já tinha visto na minha vida. Montanhas feitas inteiramente de areia, cercadas por campos gramados e, ao longe, aquelas montanhas nevadas e majestosas. Logo na beira da estrada, num amplo pasto, havia umas cem criaturinhas pastando sob um sol escaldante. Eles se pareciam com veados. Mas eram menores, mais delicados, com chifres pequenos e pelagem meio malhada, de um tom mais pálido.

— *Fleetdeer* — Touch disse. — Eles existem lá onde eu moro.

— Sério? — parei o carro. Não havia ninguém atrás de nós e eu nunca tinha visto animais tão lindos antes. Alguns quilômetros antes, tínhamos passado por uma placa que dizia: CRUZAMENTO DE ANTILOCAPRAS PRONGHORN, então imaginei que fosse assim que os chamavam aqui. Mas nem comentei nada com ele, claro. Em vez disso, falei: — É estranho pensar nesse outro planeta tão parecido com o nosso. Fica muito longe daqui?

Touch franziu a testa como se isso fosse outra coisa da qual ele não queria falar. Percebi que ultimamente ele tinha parado de usar a palavra “planeta”. Em vez disso, falava “mundo” ou “de onde venho”. Às vezes parecia que ele não estava me contando toda a verdade, e não necessariamente pelos motivos que tinha me dado (de que falar disso acabaria atraindo seus inimigos).

— É bem longe — ele enfim respondeu. O que não me parecia uma explicação muito científica, mas resolvi deixar passar. Afinal, eu também não estava contando tudinho que ele deveria saber sobre mim, não é mesmo?

Decidimos armar nossa barraca um pouco depois de um acampamento familiar, que era o mais vazio de todos. Eu me dei conta de que já devíamos estar passando da metade de agosto e todas as crianças estavam se preparando pra volta às aulas. O que acabou sendo ótimos pra nós — não havia tantas pessoas assim pra que nossa presença fosse notada. Lembrei-me dos dias de escoteiro de Cody e armei a barraca. Tínhamos comprado uma Coleman de quatro lugares. Assim, poderíamos criar uma espécie de barreira com travesseiros, ou até mesmo com o *cooler*, pra que Touch não encostasse em mim acidentalmente durante a noite. É claro que eu trataria de me enclausurar toda dentro do meu saco de dormir, mas cuidado nunca é demais. O ideal teria sido comprar duas barracas individuais, mas devo admitir que eu tinha começado a gostar daquela proximidade. Podia até não encostar nele, pele sobre pele, mas pelo menos a gente ia compartilhar o mesmo oxigênio.

Enquanto Touch dava uma sondada no perímetro, estiquei nossos sacos de dormir dentro da barraca. Deixei pra armar a barreira mais tarde. Por ora, queria olhar um pouco os dois assim, um ao lado do outro. Já fora da barraca, diverti-me organizando as coisas, achando um lugar pro *cooler*, jogando a lenha artificial na fogueira, aproveitando pra catar e incrementar o fogo com umas de verdade também, e me sentindo como se estivesse arrumando uma casa pra nós dois.

Touch apareceu de uma curva fechada, arrastando um par de trenós. Bem, eu nunca tinha andado de trenó no sul do Mississippi, mas

é claro que eu sabia o que era um trenó pelas fotos e pelos filmes. Um azul e outro vermelho. Touch me entregou a corda do azul.

— Eu os encontrei num acampamento vazio — disse, e logo se virou em direção à duna mais próxima. Fiquei parada, observando-o por um instante e, quando enfim descobri o que tinha em mente, saí correndo atrás dele arrastando meu trenozinho azul.

Quando eu era criança, costumava sonhar com a neve e com tudo o que eu faria se algum dia chegasse a vê-la. Claro que um desses sonhos era esqui. Touch e eu posicionamos nossos trenós bem no topo de uma das dunas. Fiquei só observando quando ele pegou impulso com um empurrãozinho e passou a descer aos gritos.

— Como é que para isso? — gritei lá do alto. — Como é que se manobra?

Tudo que obtive como resposta foram o vento e seus gritos de alegria. O vento lançava meus cabelos pra trás e a areia quente voava sobre minha pele. Juro que deixei meu estômago lá no alto da duna e, antes que eu me desse conta, já estava escutando meus próprios gritos. Gritos de alegria, de medo e de entusiasmo, tudo ao mesmo tempo. Quando estava quase lá embaixo, vislumbrei Touch já de pé, fora do trenó e esperando por mim. Parecia tão certo que eu o atropelaria que estendi minhas pernas pra frear, mas eu devia estar rápido demais e acabei dando uma cambalhota e voando. Aterrissei na areia fofa a alguns centímetros de distância dele.

— Pronta para ir de novo?

— Pode apostar que sim.

Não conseguia me lembrar de um dia mais feliz em toda a minha vida. Arrastamos nossos pequenos trenós pelas dunas, sem cruzar com ninguém no caminho. Na maior parte do dia, parecia que todas as pessoas do mundo tinham abandonado o planeta. Era como se eu e Touch tivéssemos herdado tudo só pra nós. Se esse fosse mesmo o caso, não ficaria nada triste em permanecer dessa exata maneira pra sempre, escalando os morros e gritando até chegar lá embaixo. Quando enfim retornamos ao acampamento, minhas pernas doíam de tanto escalar, e minha pele estava rosada de tanto vento e areia.

O *cooler* estava repleto de cachorros-quentes, refrigerante e salada de batata. Pedi que Touch fosse atrás de gravetos pra assarmos as salsichas. Acendi o papel da lenha artificial. Ali no Colorado era bem quente, quase como no Missouri, mas ao mesmo tempo o ar era tão seco que eu nem me incomodava. O sol já estava se pondo e a temperatura tinha caído uns oito graus. Ótimo. Senti-me um pouco egoísta por ter achado bom, pois percebi que Touch estava tremendo todo ao voltar com dois gravetos na mão, bem verdinhos como eu tinha pedido. O fogo daria um jeito nisso.

Ele se sentou ao meu lado no toco. Não muito perto, mas o suficiente. Sorri pra ele, que sorriu de volta e me entregou os gravetos. Preparei as salsichas, dei uma a ele e o ensinei como colocá-la sobre o fogo.

— Quer saber, se este fosse meu último dia na Terra, eu não poderia imaginar uma forma melhor de tê-lo passado — confessei. — Acho que nunca me diverti tanto.

Touch tinha terminado de tostar sua salsicha e a soprava pra que conseguisse dar a primeira mordida.

— Temos um lugar como esse lá em casa chamado Sledding Sands. Sempre imaginei que, um dia, fosse levar meu filho lá.

Quando ele disse isso, pensei que fosse uma metáfora, futuristicamente. Da mesma maneira que eu imaginava ter uma filha chamada Lily e que a levaria pra Disney. Então apenas concordei, fingindo ter entendido o que ele quis dizer. Não falei o que eu estava pensando: que algum dia, talvez, nós poderíamos levar nossos filhos pra lá. Na minha imaginação, eu não me preocupava nem um pouco em não poder tocá-lo. Quem precisava se tocar pra fazer uma criança hoje em dia, com toda essa modernidade? Ora, tudo o que precisaríamos seria de um termômetro e de uma seringa.

Touch espetou mais uma salsicha em seu graveto e começou a torrá-la. Eu mal tinha dado minha primeira mordida.

— Fico triste de estar aqui sem ele.

— Espera aí. Você tem um filho? De verdade?

— Sim. Tem seis anos. O nome dele é Cotton. Não consegui deixar de pensar nele o dia inteiro. Ele teria amado tanto isso aqui.

Touch meio que fez um gesto com a salsicha pra mostrar que não eram apenas as dunas e os trenós, mas o acampamento, os *Fleetdeer*, a fogueira. Tudo aquilo.

E me veio à cabeça o fato de que não importaria quais avanços científicos fossem obtidos no campo da inseminação artificial, uma mãe não seria capaz de cuidar de uma criança que ela nem sequer poderia tocar. Quem garante que um bebê sobreviveria dentro de mim?

— Touch, sei que ainda não discutimos a cultura do seu planeta. Mas, aqui na Terra, quando um homem tem um filho, geralmente ele tem uma esposa também.

Esperei que ele ficasse com aquele olhar perplexo e enrugado. *Esposa?*, ele perguntaria. *O que essa palavra que dizer, “esposa”?*

Mas não. Julgando pelo seu olhar, El Creepo com certeza sabia o que a palavra “esposa” significava, e significava a mesma coisa no planeta dele. Eu me levantei, joguei minha salsicha na fogueira e saí andando em direção ao carro.

— Espera — ele disse. — Vampira.

Bati a porta do Prius e engatinhei pro banco de trás. Assim que me vi deitada lá dentro, desejei ter passado na barraca antes pra pegar um travesseiro e o saco de dormir. E eu é que não ia sair lá de dentro agora de jeito nenhum.

Touch deu uma espiada através do vidro. Pareceu estar aliviado, como se tivesse achado que eu fosse pegar o volante e sair dirigindo, mas percebeu que eu só queria dormir no carro em vez de dormir na barraca. Imaginando como eu tinha ficado tão feliz de ver nossos sacos de dormir lado a lado dentro da barraca, quase me entreguei a um bom e longo chororô. Mas nunca que eu faria isso com ele ali do lado de fora me observando pela janela.

Ele bateu no vidro.

— Pare com isso, não é o que você está pensando.

— Ah, não? O que é então? Ela não te compreende?

Os pensamentos e memórias de Wendy Lee invadiram minha cabeça. Ela tinha uma série de argumentos desse tipo. Cobri meus

ouvidos com as mãos, como se isso fosse abafá-los. Fechei meus olhos e senti uma tristeza profunda ao lembrar como era perder um bebê.

Merda, merda, merda. O dia mais perfeito da minha vida inteira, arruinado.

Finalmente, Touch desistiu e se afastou do carro. Depois de mais ou menos quinze minutos, olhei pela janela pra conferir se ele tinha apagado o fogo. Estava tudo completamente escuro. Imagino que também deviam existir fogueiras lá de onde ele veio. Claro que existiam. Aparentemente era exatamente igual a tudo aqui: dunas de areia, montanhas, filhos, esposas e maridos infiéis.

Não me perguntem como peguei no sono, mas enfim peguei. Infelizmente, não por muito tempo. Acordei cerca de uma hora depois, batendo o queixo e morta de frio pela primeira vez em muito, muito tempo. Procurei algum tipo de cobertor dentro do carro, sem muito êxito. Tinha descarregado tudo pra dentro da barraca quando estava brincando de casinha. Feito uma boa namoradinha extramatrimonial.

Dei uma última e boa olhada no porta-malas do Prius. Nada além das placas que tínhamos arrancado de um carro no ferro-velho em Pueblo. Não podíamos nos esquecer de trocá-las amanhã e de nos livrar das placas da concessionária. Só de pensar na palavra “nós”, fiquei extremamente triste. Senti calafrios. Saía uma fumacinha branca da minha boca. Se eu não entrasse naquele saco de dormir, congelaria.

Touch nem sequer tinha fechado os olhos. O que percebi assim que abri o zíper da barraca. Ele estava apenas deitado, com as mãos atrás da cabeça, olhando fixamente pro teto de nylon. Mesmo brava do jeito que estava, ainda não chegava a ponto de querer matá-lo, por isso tratei de me movimentar naquele pequeno espaço com todo o cuidado. Não disse nada, apenas fechei o zíper e engatinhei delicadamente ao seu redor. Procurei minha balaclava dentro da mochila, cobri minha cabeça e me enfiei no saco de dormir.

— Você está com frio? — ele perguntou. Parecia estar surpreso, como se não fosse possível que eu sentisse frio.

— Congelando.

— Aqui.

Eu podia escutá-lo, mais do que vê-lo, levantando seu braço por trás da cabeça e esticando-o pra me abraçar.

— Não faz isso — chiei. — Não encosta em mim.

— Está tudo bem, eu estou usando luvas e...

— Não. Encosta. Em. Mim.

— Ah — ele disse. Aquele ar magoado de novo. — Tudo bem.

Ele afastou seu braço e o enfiou pra dentro do saco de dormir, talvez pra demonstrar que ele respeitava meus desejos. Por um tempo, só fiquei ali toda murcha dentro do meu saco, focando em me esquentar e nada mais. Quando meus dentes começaram a ranger, me peguei pensando sobre sua esposa, como ela era, quantos anos tinha, que tipo de mãe era. Será que ele gostava da comida que ela fazia?

Agora que eu tinha todas as habilidades de Wendy Lee, aposto que cozinaria melhor do que ela. Fiquei imaginando que tipo de emprego teria a esposa de Touch, se ela recebia um bom salário ou fosse lá o que valesse a mesma coisa que dinheiro no mundo dele.

Minha única certeza? Quem quer que fosse sua esposa, o que quer que ela fizesse, independente de sua aparência, quaisquer que fossem seus defeitos e fracassos, ela poderia tocá-lo e poderia deixá-lo tocar nela. Tinham um filho como prova disso.

— Vampira? — ele me chamou. Naquele momento, deve ter imaginado que eu não falaria mais nada. — Não é o que você está pensando.

— É isso o que os homens casados sempre dizem. — Eu já tinha visto algumas novelas, sem contar que tinha todas as experiências de Wendy Lee enclausuradas dentro de mim. Como ele não respondeu de volta, continuei: — Qual é o nome dela? Sra. Touch?

— Não estamos mais juntos.

— Ah. — Odeio ter que admitir, mas isso me soou bem promissor.

— Ela não é... Não posso explicar de um jeito mais claro. Não é seguro.

— Sempre que você não quer tocar em algum assunto, você diz que não é seguro. Isso já está ficando batido, Touch. Batido demais.

Nossa barraca era azul-clara e, no teto, dava pra ver as sombras projetadas pelos galhos. As árvores ali eram lindas, muitas delas se pareciam com bétulas, só que com minúsculas folhas verdes e arredondadas. Já tinha percebido como elas brilhavam à luz do sol e, então, suas sombras passaram a brilhar também. Se fosse no Mississipi, já teria milhares de insetos do lado de fora da barraca, mas não avistei sequer um inseto lá, apenas as sombras dos galhos. Pude sentir que, se mantivesse os olhos semiabertos, poderia enxergar as estrelas também.

— Eu gosto daqui — falei depois de um tempo. — É bonito. Parece... sei lá. Espíritos bons ou coisa do tipo.

Quando me permiti olhar pra Touch, ele estava apoiado em um dos cotovelos. Seus olhos estavam com uma tonalidade escura, preocupados.

— Eu realmente queria poder contar tudo pra você. Cedo ou tarde, vou descobrir uma maneira de fazer exatamente isso. Mas, por ora, deixe-me falar uma coisa. De onde venho, existe uma coisa, como já falei, chamada Arcádia. Ninguém passa fome, ninguém adoece. Ninguém tem mais do que ninguém. Lembra de quando você me perguntou se eu era rico? A verdade é que eu sou e não sou. Tenho tudo o que preciso, mas todas as outras pessoas também têm. Tudo é igual. Mas nem sempre foi assim. E algumas pessoas, os descendentes das pessoas que dominavam tudo na época anterior à Arcádia, querem que as coisas voltem a ser como eram antes. Querem voltar aos tempos em que algumas pessoas tinham mais do que o necessário, o que acabaria significando que outras pessoas não teriam o suficiente pra sobreviver.

— Então, aqueles homens na concessionária...?

— Eles confabulam contra Arcádia. É a primeira vez em quinhentos anos que alguém se opõe.

Touch se recostou novamente, mas de lado, ainda olhando pra mim. Àquela altura, seu rosto já escancarava uma barba por fazer havia uns dias. Mesmo com aquela parca iluminação, pude ver como as maçãs de seu rosto eram perfeitamente esculpidas.

Quando ele se pôs a falar de novo, sua voz estava bem baixinha e muito sincera. Era uma voz que transmitia uma honestidade em estado bruto.

— Se fosse possível traduzir o nome da minha esposa pra sua língua, seria Alabaster. Ela é uma pessoa amável, tem a pele branca e pálida, e cabelos quase brancos de tão loiros. Olhos azuis. Ela é bem miúda. Feito uma fada, como eu gostava de pensar. Nós nos conhecemos desde que éramos crianças. Mas não estamos mais juntos. E o que nos levou a isso foi o fato de que ela é uma das pessoas que estão confabulando contra Arcádia. É por isso que não quero mais saber dela.

Dentro da minha cabeça, todas as lembranças de Wendy Lee diziam pra não acreditar nele. Ela já tinha escutado histórias como aquela centenas de vezes e, no fim, nunca era verdade. Mas lá estava Touch, todo diligente e simplesmente maravilhoso. Minhas opções eram perdoá-lo (confiar nele) ou passar o resto dos meus dias completamente só.

— E quanto a mim? Você quer saber de mim?

Ele sorriu. Um sorriso lento e sensual que simplesmente me deixou derretida do pescoço pra baixo.

— Com certeza — ele respondeu.

Baixei a balaclava pra cobrir meus lábios. Então, eu me inclinei pra frente e beijei sua boca. Com força. Tinha gosto de lã. Mas, fora isso, pude sentir seus lábios e sentir seu hálito. Era como estar a um passo da coisa mais maravilhosa do mundo inteiro.

Mantive a balaclava sobre meu rosto, deixando apenas os olhos de fora. Ele jogou seu braço por cima do meu saco de dormir e adormecemos. Pela primeira vez em minha vida, eu estive perto de dormir nos braços de alguém.

SEIS

Vampira. Até então não tinha pensado muito no nome que Touch tinha me dado. Mas na manhã seguinte, quando abri os olhos na barraca, foi a primeira coisa que me veio à cabeça. Touch estava deitado, dormindo ao meu lado, e meu coração palpitou de alegria ao vê-lo. Ele tinha puxado seu gorro até quase tampar os olhos e fechado o saco de dormir até o queixo. Quisemos esbanjar um pouco e compramos logo o saco mais caro do Walmart todo. Custou oitenta dólares e a etiqueta dizia que deixava a pessoa aquecida a uma temperatura de até 25 graus. O rosto de Touch tinha uma expressão tão afetuosa à luz da manhã enquanto ele ainda dormia... Queria não ser tão perigosa pra que pudesse acordá-lo com um monte de beijos. Tratei de ignorar a voz de Wendy Lee no fundo da minha cabeça, advertindo-me para não esquecer da esposa linda, loira e extraterrestre dele.

Na época da escola, nas aulas de biologia, tinha aprendido que o gene trapaceiro era bem incomum e não podia ser identificado. Foi isso que Touch quis dizer quando me deu esse novo nome. Ele certamente não sabia que a palavra também denominava simplesmente uma pessoa ruim, vampira. Minha Tia Carrie usava muito essa palavra pra chamar os cavalos que se assustavam com facilidade. Aos meus ouvidos, porém, “Vampira” definia muito melhor o que eu tinha me tornado do que Anna Marie, a inocente e obediente garota do interior que eu tinha deixado pra trás em Caldecott.

Touch tinha cílios bem longos, especialmente para um homem. Sentei ao lado dele e o observei por um tempo até que seus olhos finalmente se abriram. Ele me encarou como se eu fosse a melhor coisa que alguém já tivesse visto no mundo.

— E aí — ele disse. Tirou seu braço do saco de dormir e abraçou minha cintura. Então me arrastou pra perto de si, mas não antes que eu pudesse cobrir meu rosto com a balaclava.

— E aí você — respondi. Souu um pouco abafado por conta do gorro. Desta vez, foi Touch quem me beijou. Do outro lado da lã, pude sentir sua boca abrir só um pouquinho. Eu nunca tinha beijado de língua (Cody e eu não tivemos tempo de chegar a esse estágio), e sabia bem que seria exatamente o que estaríamos fazendo caso eu fosse normal. Mas o máximo que Touch estava conseguindo era encher sua língua de lã. Ele se afastou e puxou uns dois ou três fios.

— Desculpe — eu disse.

— Tudo bem — ele me puxou pra perto novamente, mas dessa vez apenas beijou minha testa de um jeito meio fraternal. A maneira como ele se pressionava contra mim, porém, através de todas aquelas camadas de roupas, não era nada “familiar”. Pude sentir o contorno do seu corpo contra o meu, e sabia que ele também podia me sentir, e tudo o que eu queria era continuar abraçada a ele pra sempre ali naquela barraca. Senti-me incrível por um minuto inteiro antes de começar a pensar que acabaria enlouquecendo de tanta vontade de sentir seus lábios no meu pescoço. Ai, caramba, tudo bem, querendo sentir seus lábios por todas as partes do meu corpo... Troquei de posição pra me sentar. Eu me endireitei.

— Está tudo bem?

— Tudo ótimo, só estou com fome — respondi. Engatinhei pra fora do saco de dormir, saí da barraca e fiquei de pé pra sentir o ar fresco da manhã. Ainda estava fazendo um leve frio, o que restou da madrugada, mas o sol estava subindo e deu pra perceber que o dia seria quente.

A verdade é que Touch ainda não sabia o que aconteceria se ele tocasse na minha pele, e me parecia bem injusto deixá-lo se aproximar tanto assim de mim quando ele nem sabia quais seriam as

consequências. Eu já não tinha sugado a vida de duas pessoas inocentes e desavisadas? Sem contar aquele pobre gatinho.

Parafusei as novas placas no carro e depois acendi uma fogueira. Joguei fora no fogo minha carteira de motorista e o cartão da biblioteca, por precaução. Se o FBI realmente estivesse me procurando, era melhor não ter identificação alguma do que ter a minha. E, quanto ao Prius, imaginei que pudéssemos fazer com que ele aparentasse ter alguns anos de estrada e não ficar assim tão novo e polido, então Touch e eu tratamos de dar um jeito nisso, esfregando areia por todo o carro, tentando sujá-lo o máximo possível pra que ficasse sem brilho algum e meio velho. Amassei a lataria com uma pedra e arranhei a pintura em alguns lugares. Demos um duro danado por cerca de uma hora, mas agora o carro certamente parecia ser bem diferente do que aquele que roubamos em Napoleon.

Depois, comemos algumas barras de cereal que tínhamos comprado no Walmart e fomos fazer uma trilha. Levei uma mochila pequena apenas pra guardar as garrafinhas d'água, além das roupas que, imaginei, quiséssemos tirar pelo caminho quando o dia comesse a esquentar. Ou pelo menos que eu quisesse. Fomos caminhando pelas dunas até que comecei a ficar preocupada com a possibilidade de não encontrarmos nosso caminho de volta. Era tudo tão parecido.

Sem sombra de dúvida, estava ficando cada vez mais e mais quente, e eu não parava de me despir, uma peça de cada vez, até que acabei apenas com minha calça de couro e um top. Todo o resto estava socado na mochila. Tentei tirar meus sapatos, mas a areia estava quente demais pra seguir descalça. Touch, é claro, continuou com toda a sua roupa, inclusive o gorro.

— Onde fica o oceano mais próximo daqui? — ele me perguntou.

— Não a menos de 600 quilômetros.

Ele sacudiu a cabeça, um tanto incrédulo:

— De onde eu venho, não existe lugar algum que esteja a 600 quilômetros do oceano.

— Sério? Você acredita que eu nunca cheguei a ver? O mar, quero dizer.

Os olhos de Touch me procuraram e ele sorriu, e mesmo sem dizer nada, deu pra notar que ele mal podia esperar pra me mostrar o

oceano. Se a gente parar pra pensar, é até engraçado que ele pudesse me mostrar uma coisa do meu próprio mundo que eu jamais tinha visto. Imaginei se não podia ser esse o motivo da insistência dele em seguir rumo ao oeste e, então, percebi que ele não fazia ideia de qual costa era qual, ou mesmo onde.

Por volta da hora do almoço, chegamos a um córrego muito bonito que corria por entre as dunas. Eram apenas alguns centímetros de água, mas, depois de um tempo seguindo seu curso, chegamos a um ponto onde ele formava uma pequena lagoa. O vento percorria a superfície da água de ponta a ponta, criando ligeiras ondulações.

Quando Touch e eu enfim voltamos ao nosso acampamento, comecei a sentir que o Colorado (as dunas, principalmente) poderia bem ser o paraíso. Ficar ali pra sempre me parecia um ótima ideia. Não que tivéssemos algum outro lugar pra ficar, de todo modo.

— Por mim está ótimo — Touch disse, quando eu lhe contei sobre meu plano. Na mesma hora pensei numa coisa que não tive coragem de compartilhar: o quanto ficaria frio ali, àquela altitude, quando o inverno chegasse. Por enquanto, era verão e tudo estava perfeito. Quente o bastante pra Touch, ao menos assim vestido com algumas peças extras de roupa, e seco o suficiente pra que eu não me derretesse toda aos pés dele. Pela primeira vez na minha vida não me sentia nem perto de estar solitária. E todos os nossos inúmeros algozes pareciam estar a mundos de distância. Alguns deles, literalmente.

O que diabos poderia dar errado?

Devia ser mais esperta e evitar essa maldita pergunta. Se estivesse escuro, teríamos percebido a movimentação um pouco antes. Mas, naquelas circunstâncias, mal tivemos tempo de nos esconder atrás de uma moita. As luzes da sirene giravam sem parar, a viatura policial estava estacionada em nosso acampamento, um dos policiais cuidadosamente inspecionava o carro e o outro estava de joelhos dando uma boa e velha espiada em tudo que estava em nossa barraca.

Touch não entendeu por que o puxei pra trás do arbusto. Levei o indicador à boca e saí andando na direção oposta. Por sorte estávamos acampados bem próximos à mata fechada e deu pra arrastá-lo até os pinheiros antes que abrisse a boca. A única coisa que me arrisquei a dizer, sussurrando, foi:

— Essas são as pessoas que estão atrás de mim.

Fomos nos arrastando aos trancos pelo bosque por um tempo até que estivéssemos caminhando em chão firme, longe da areia; as dunas tinham ficado pra trás, tão longe que nem conseguíamos mais vê-las. Os policiais não tinham nos escutado, julgando pelo silêncio que nos seguiu, mas seria bom encontrar um ponto alto o suficiente pra que conseguíssemos enxergar nossa barraca e ver se eles ainda estavam por lá. Seguimos andando em direção ao leste da montanha, torcendo pra que, caso a polícia ainda estivesse à nossa procura, eles pelo menos não imaginassem que poderíamos ter subido.

Já perto do anoitecer, sentamos pra descansar um pouco. Tirei um pacote de carne seca da minha mochila e o dividimos. Era o que tínhamos conosco: uma muda de roupas, o que, no caso de Touch, significava uma calça de couro, um casaco, um gorro, seu sobretudo de couro e um par de luvas. Ele tinha também seu anel dourado que viajava no tempo e a bolinha azul. Tínhamos apenas um quarto de uma garrafa d'água, o resto já tínhamos bebido. E tínhamos o pacote de carne seca e mais um mapa do parque.

Abandonado no acampamento, tínhamos um carro que gastava pouca gasolina. Tínhamos uma barraca e dois sacos de dormir, sem contar todas as roupas extras, quentinhas, que compramos pra Touch na loja REI. Tínhamos um *cooler* cheio de comida, vários litros d'água e nosso atlas. Mais importante: tínhamos um maço de dinheiro que tínhamos sacado no caixa eletrônico em Napoleon, em Ohio.

— Conte-me mais sobre essas pessoas que estão perseguindo você.

Soltei um suspiro.

— Eles são da polícia. Eles são encarregados de manter a lei e a ordem. Tem polícia lá de onde você veio?

— Tinha. Não tem sido necessária há mais de duzentos anos.

— É... mas aqui a gente precisa e muito. Eles saem por aí prendendo pessoas que roubam carros e tem contas fictícias no banco e levam todas elas pra cadeia, onde não vão poder fazer mal a ninguém.

— Cadeia?

— Confie em mim. Você não vai querer chegar nem perto de lá.

Mesmo que ele já soubesse por alto sobre Wendy Lee, não quis contar que esse pudesse ser o motivo de estarem revistando nosso acampamento. Pra ser bem honesta, eles poderiam até estar atrás apenas do carro roubado ou simplesmente poderiam estar lá porque esquecemos de pagar a taxa do acampamento. Mas eu sabia que, mesmo se fosse só pela taxa, uma coisa levaria a outra num efeito dominó e eu acabaria sendo detida pelo assalto à padaria (ou assassinato, vai saber) da Wendy Lee.

Perguntei a Touch o que ele achava de usarmos o anel. Poderíamos voltar algumas horas e pegar tudo no acampamento. Ele sacudiu a cabeça.

— Seria o caso, se eles estivessem quase para nos pegar. Mas usar o anel pra escapar da sua polícia poderia acabar atraindo as pessoas que estão atrás de mim. Isso seria como pular dentro de um ninho de cobras para escapar de uma abelha.

Um calafrio subiu pela minha espinha. Logo em seguida, Touch me deu uma cotovelada de leve:

— Olha.

O céu já estava escuro. Por entre as árvores, lá embaixo perto das dunas, dava pra ver um monte de luzes circulando por toda parte, ronda geral. Atrás de nós, é claro. Nenhum deles parecia estar perto de seguir pela direção certa. Mas isso não me deixava nem um pouco aliviada, já que teríamos de deixar tudo o que tínhamos juntado, sem contar os dias de paz naquele paraíso, tudo pra trás.

Subir a altitudes cada vez mais elevadas, onde somente faria mais e mais frio, não era uma possibilidade. Do jeito que estava, eu já não podia garantir que Touch fosse aguentar durante a noite, quando a

temperatura caísse ainda mais. Felizmente, eu era capaz de enxergar no escuro o suficiente pra ler o mapa. A montanha onde estávamos nos escondendo se chamava Crestone Peak. Se permanecêssemos na base do monte, seguindo em direção ao oeste, passaríamos por um monte de cidadezinhas onde poderíamos arranjar um carro e um pouco de comida. Talvez até encontrar um caixa eletrônico e sacar mais dinheiro, se Touch não considerasse muito arriscado.

Andamos por horas e horas. É bem capaz que *Anna Marie* tivesse ficado com medo de todas aquelas criaturas noturnas que nos circundavam. A placa na entrada das dunas de areia dizia que pegadas de leões da montanha eram sempre vistas, e com certeza havia ursos por ali também, dando um duro danado pra garantir uma hibernação tranquila. Eu nunca tinha visto um urso de verdade ao vivo, e não estava nadinha entusiasmada com a ideia, não naquela situação em particular. Mas eu também não deixava que qualquer farfalhar nas árvores me incomodasse. O farfalhar que mais me preocupava de fato era o de Touch, seus dentes de frio batendo enquanto caminhávamos.

— Toma — eu disse. — Pega minha jaqueta.

— Não vai caber.

Eu a tirei, de qualquer maneira. Depois foi a vez do suéter, o que me deixou verdadeiramente desolada por toda aquela pilha de roupas deixada pra trás na barraca.

— Mas você vai sentir frio.

— Não tanto quanto você. E acho bem difícil que eu consiga te carregar por todo o caminho...

Eu me interrompi. Todo o caminho até onde? Seria mais fácil traçar um plano se tivéssemos algum outro tipo de destino que não apenas o *oeste*. Até então, nós dois sabíamos *do que* estávamos fugindo, mas ainda faltava saber *pra onde* estávamos fugindo, para que todos os nossos passos não acabassem sendo ao léu. O que não parecia estar funcionando muito bem, por sinal.

Touch tirou seu sobretudo e vestiu meu suéter por cima da blusa (de fato, ficou bem apertado, mas com certeza iria aquecê-lo, pelo menos um pouco). Em seguida colocou o sobretudo de volta e o abotoou todo até o pescoço. Eu também lhe dei meu chapéu,

imaginando que mal não faria se redobrássemos os cuidados. Praguejei em silêncio a perda da minha balaclava, isso pra não mencionar tudo o que eu tinha naquela mochila verde, incluindo meu mapa dos Estados Unidos.

Estava na cara que Touch ainda passava um frio do cão, mas ele continuava afirmando que as roupas extras tinham dado pro gasto. Um pouco mais à frente, deu pra escutar o barulho de um riacho; provavelmente não era seguro beber daquela água (as lições de escoteiro de Cody, vindo a calhar novamente, diziam que eu precisaria de pastilhas de iodo se não quisesse que ficássemos doentes), mas achei que seria uma boa ideia seguirmos seu curso. Antes de chegarmos ao riacho, acabamos nos deparando com uma pequena fonte. Fiquei de joelhos à sua margem, tirei minhas luvas e mergulhei as mãos pra lavar meu rosto.

Não demorou um segundo até que eu as puxasse de volta o mais rápido possível. Aquela água estava completamente escaldante. No instante seguinte, escutei Touch cambaleando por trás de mim e se tremendo todo de frio. Em algum lugar na minha mente, um de nós (eu, Cody ou Wendy Lee) tinha ouvido falar sobre umas fontes termais que brotavam no oeste. E então lá estava eu, apertando a vista pra conseguir enxergar na escuridão e, enfim, observar o vapor d'água subindo das tais famosas fontes.

— Touch — eu o chamei. Ele parecia estar à beira de uma hipotermia. Alguma medida teria de ser tomada para resolver essa situação climática.

Fui a passos largos até ele e cutuquei seu cotovelo com meu braço.

— Olha lá — eu disse, apontando pra fonte. Era funda o suficiente pra que ele pudesse ficar submerso até o pescoço.

Não acho que já tenha escutado um suspiro tão grato quanto o que Touch soltou ao escorregar pra dentro daquela água escaldante. A única peça de roupa que ele continuava usando era meu chapéu, enfiado na cabeça até as orelhas. Ele simplesmente ficou lá dentro d'água, escaldando um pouco, com um sorriso meio insano e feliz escancarado no rosto, como se fosse a primeira vez que ele se sentia aquecido desde que tinha deixado sua casa pra trás. Tentei não olhar demais pra ele, nem pra todos aqueles músculos que definiam seu corpo.

Àquela altura, eu já tinha começado a tremer um pouco. Juntei todas as roupas que ele tinha deixado de lado e as empilhei pra formar uma cama, dobrei suas calças pra usar como travesseiro e puxei seu longo sobretudo de couro por cima de mim, feito um cobertor. Dava pra sentir seus dois tesouros (o anel de ouro e a bolinha azul) pulsando contra meu corpo de dentro do bolso. Aquela arrumação toda com certeza não me deixou tão confortável quanto Touch, mas, pelo menos, acabou garantindo meu sono até o sol raiar.

Touch continuava dormindo sublimemente durante as primeiras horas da manhã, enquanto eu tinha acordado já nos primeiros raios do sol com uma ligeira falta de ar, superconsciente de que estávamos sendo perseguidos. Se tivesse papel e caneta, teria feito uma lista de prós e contras. Com certeza um dos problemas dizia respeito a quantas peças de roupa ainda nos restavam (todo aquele maldito couro, em vez de de lã e flanela). Seria bem difícil passarmos despercebidos pela multidão a qualquer hora dessas num futuro imediato. Só nos restava, portanto, conforme eu já tinha decidido, encontrar um carro que pudesse ser roubado, e depois, seguir por estradas rurais remotas. O outro problema era a falta de um destino predeterminado.

Os olhos de Touch se abriram. Ele parecia meio grogue e ficou surpreso ao se ver ainda submerso n'água. Aí logo fechou os olhos de novo, aproveitando pra se deliciar um pouquinho mais.

— Essa é a primeira vez que eu me sinto aquecido nas últimas semanas.

— Desculpa te dizer, mas é melhor a gente seguir em frente. Vai saber por onde estão nos procurando...

Felizmente o sol acabou subindo bem rápido; quando enfim chegamos a uma cidadezinha chamada Alcove, eu já tinha tirado minha jaqueta e meu suéter, e até Touch os dispensou. Pelo que parecia, aquela fonte termal o tinha deixado bem aquecido por dentro, e torci pra que isso durasse um bom tempo.

Aquela cidadezinha não tinha muito a oferecer. Na verdade, ela lembrava um pouco os arredores de Caldecott, a região que cabia ao condado e não à cidade em si, com suas estradas poeirentas, grandes

extensões de terra e seus casebres modestos. Touch e eu nos afastamos da estrada e fomos caminhando pelo pasto até chegarmos a uma cabana que tinha duas camionetes caindo aos pedaços estacionadas no gramado. Uma delas era uma velha Chevy azul que se parecia muito com a picape da Tia Carrie. Bati no capô.

— Eu dou conta de fazer essa belezinha andar.

Entramos na cabana na ponta dos pés, tentando ter uma ideia do que se passava lá dentro. Pelo que parecia, ela estava bem deserta fazia tempo. Sem luzes acesas, nenhum sinal de movimento, e a garagem onde provavelmente guardavam os carros (os que funcionavam) estava vazia. Tive a impressão de que era uma casa de verão, e seus donos já tinham voltado pra onde passariam o inverno. Pedi que Touch enchesse nossas garrafas de água na torneira do quintal. Então retornei à camionete e abri a porta. Touch deu a volta e olhou pela janela do lado do passageiro. Antes que tivesse a chance de me lamentar pela perda da minha chave de fenda, notei que tinham deixado as chaves do carro embaixo do banco do motorista.

Fui tomada pela tristeza. Aquela casa era agradável o suficiente, ainda que com toda sua modéstia. E o fato de ser uma casa de verão era (ou deveria ser) reconfortante. Mas, ainda assim, dava pra ver que seus donos não eram ricos, e talvez até dessem um duro danado pra mantê-la. E imaginaram que esse seria um lugar sem maiores índices de criminalidade, onde alguém pudesse simplesmente deixar as chaves no carro.

Infelizmente, não era hora de ficar com a consciência pesada. Era hora de continuar sobrevivendo. Isso pra não dizer que era a hora da verdade. Girei a chave na ignição. O motor engasgou, tossiu e morreu. Bombeei o pedal umas duas vezes e, depois, tentei de novo. Dessa vez o motor pegou. Não sem reclamar um pouco, claro, mas acabou pegando no tranco. Touch abriu a porta e sentou ao meu lado.

— Pronta para pegar a estrada e ganhar algum chão para longe desse lugar? Podemos ir atrás de um caixa eletrônico.

— Roubar dos bandidos — eu retruquei. Isso me pareceu muito melhor do que roubar de pessoas normais. Conduzi a camionete pela grama até a entrada principal, anotando mentalmente o endereço escrito na caixa de correios enferrujada. Talvez pudéssemos depositar

algum dinheiro num envelope e remetê-lo aos donos como pagamento.

Por ora, precisávamos tomar alguma distância entre nós e a cidade, onde as pessoas provavelmente reconheceriam aquele carro. Pegamos as estradas vicinais até conseguirmos encontrar uma estreita estradinha rural. Por sorte, estávamos com três quartos do tanque de gasolina. Touch encontrou um mapa no porta-luvas e se aproximou de mim, tentando decifrar aquilo. Olhei pra ele de esguelha e fiquei pensando que tipo de pai ele deveria ser. Eu o imaginava no seu planeta superaquecido, ensinando o filho a velejar e a nadar e a fazer tudo o que fosse preciso pra sobreviver no mundo deles.

— Ele deve ser bem bonito — eu disse, acabando de me dar conta de que estava tão preocupada em ficar com ciúmes na noite anterior que nem tinha perguntado nada sobre ele. — Seu filho, quero dizer.

Touch pareceu um pouco perturbado por um instante, então sorriu.

— Ele é lindo. A coisa mais linda do mundo. Um menino doce e engraçado. E um excelente nadador.

— Você deve sentir muita falta dele.

Ele baixou o mapa e levou os olhos pra fora da janela em direção aos pinheiros e arenitos pelos quais passávamos. Se Touch não ficasse com tanto frio, podíamos ter deixado as janelas abertas. Eu já estava começando a morrer de amores só pelo cheiro do oeste, uma mistura de sálvia, zimbro e pinheirais.

— Não há palavras para expressar o quanto — Touch finalmente disse.

Acariciei seu joelho e mantive minha mão acomodada por um instante.

— Uma coisa que você nunca chegou a dizer é se está ou não pensando em voltar.

Seu semblante foi tomado por uma certa rispidez, que eu não tinha visto antes.

— Neste exato momento — Touch disse —, meus únicos planos são pra que você mantenha a direção.

— Oeste?

— Oeste — ele concordou, embora ainda sem dizer o motivo.

Quanto a mim, tentei reprimir aquela impulsividade toda de ficar fazendo tantas perguntas. Tratei de apenas dirigir. E assim fui dirigindo sem parar até que o tanque de gasolina estivesse quase vazio. Então paramos numa cidadezinha logo ao lado da Divisória Continental e fomos direto a um posto de gasolina pra ver se encontrávamos um caixa eletrônico.

Touch e eu ficamos lado a lado, bloqueando a tela pra que ninguém fosse capaz de nos espiar. Ele fez a bola azul flutuar até a abertura por onde o cartão deveria passar. Fiquei olhando pra baixo, esperando que as notas de vinte começassem a ser cuspidas. Dessa vez, pensei, não interromperia o processo tão cedo. Mas, pro nosso azar, nem sequer uma notinha de vinte saiu do caixa eletrônico. A tela ficou piscando por um tempo e, em seguida, fez um barulho estranho, piscando as palavras: “Saldo Insuficiente”.

— Caramba — eu disse.

sete

E lá estávamos nós. Com um tanque de gasolina quase vazio. Nem um centavo (e isso não é maneira de dizer, realmente não tínhamos sequer um centavo) nos bolsos. Nada além de algumas barras de cereal e meio pacote de carne seca.

Voltamos à camionete cabisbaixos. Nenhum de nós sabia o que diabos fazer. Por um breve momento, enquanto estávamos parados ao lado do caixa eletrônico, eu tinha ficado apavorada pensando que a máquina tinha engolido a bolinha azul, mas ela voltou voando pra nós. Touch a guardou no bolso do seu casaco. O que precisávamos era apenas de uma biblioteca ou algum outro lugar onde pudéssemos usar um computador pra que ele pudesse descobrir qual era o problema. Talvez ele precisasse depositar mais dinheiro na sua conta bancária falsa, ou criar uma nova.

Por algum tempo, apenas ficamos sentados dentro da camionete, encarando o painel. Eu queria sugerir que utilizássemos o anel azul de novo (do que adiantava ter um dispositivo tão útil se não podia ser usado?), mas sabia que a resposta seria não.

De repente, algo estalou na minha cabeça. Uma daquelas memórias que pertenciam a outra pessoa. Eu já tinha ido naquela cidade, naquele mesmo posto de gasolina. Estava um pouco diferente do que era antes, as bombas de gasolina eram daquelas clássicas, sem as entradas de cartão de crédito e tudo mais. E também não era uma filial

da Gas n'Go, mas apenas uma pequena loja de conveniência chamada Merle's Groceries.

É claro que não tinha sido eu quem de fato esteve ali, mas Wendy Lee, quando tinha dezoito anos. Quando ela mal sabia assar biscoitos de chocolate. Tudo com o que ela se importava era seu namorado. O nome dele era Joe e era tão caipira do sul quanto ela, mas a família do pai dele era dona de um rancho no Colorado. Ela já tinha escutado isso milhares de vezes. Eles tinham namorado por todo o ensino médio e ela sempre odiava ter que dar o beijo de despedida quando ele partia nas férias de verão. E então lá estava ela de férias com ele, prestes a ver o famoso rancho pela primeira vez! Mal sabia a tristeza que a aguardava. Naquela mesma viagem, ela ficaria grávida. Aí, viria o casamento relâmpago e ela perderia o bebê, e depois o marido meia-boca fugiria e se tornaria seu ex.

Mas, adivinhem só? Aquele rancho era em Ferdinand, no Colorado. A menos de vinte quilômetros de onde estávamos.

Touch e eu estacionamos a cerca de dois quilômetros da casa dos Wheelers. Senti uma leve pontada de orgulho por Wendy Lee não ter permanecido com o sobrenome dele ainda que continuasse a amá-lo. Era engraçado como eu nunca tinha sentido nenhum tipo de afeto por ela quando era minha patroa, mas agora, depois de quase tê-la matado, eu a sentia quase como se fosse da família. Acho que tem a ver com o que aprendi na escola com minha professora de gramática, Srta. Eloise Fitzsimmons: que a gente nunca vai entender uma pessoa até dar uma voltinha com os sapatos dela. Acredito que a Srta. Fitzsimmons jamais teria imaginado a amplitude de sua metáfora aplicada aos sapatos de Wendy Lee, que eu então calçava.

Naquele momento, uns vinte anos tinham se passado desde a última visita de Wendy Lee ao Colorado, e só me ocorreu que talvez a família pudesse nem mais ser dona da propriedade quando Touch e eu já caminhávamos pela estrada de terra. Só me senti aliviada quando avistei uma placa no final da pista, pendurada acima de uma caixa dos correios enferrujada e balançando ao vento, que dizia WHEELER em letras vermelhas e já um tanto gastas.

— Vamos logo — eu disse, agarrando o braço de Touch pra que nos escondêssemos por trás dos pinheiros. Imaginei que pudéssemos seguir a estrada pela segurança da floresta que a enfeitava de ambos os lados.

— Achei que você nunca tivesse vindo para a costa oeste antes — Touch disse, ao nos aproximarmos da casa.

Durante a viagem, eu tinha contado uma mentirinha de nada sobre como um garoto que eu conhecia, Joe Wheeler, tinha um rancho por essas bandas. Não gostava de mentir pra Touch, mas eu não podia simplesmente contar pra ele que eu era uma criatura sanguessuga que chupava todas as lembranças e experiências das pessoas.

— E nunca vim mesmo. Mas Joe falava tanto daqui que eu me sinto como se conhecesse o lugar.

Quando Wendy Lee tinha visitado o rancho dos Wheeler, ele era rústico mas com todas as conveniências da vida moderna, como televisão e um grande computador que ficava num escritório ao lado da sala de estar. Imaginei que, passados vinte anos, era bem capaz de já ter *wi-fi* e um Mac também. Quando enfim chegamos à casa, parecia estar bem deserta. Um trator e uma picape estavam estacionados na garagem ao lado, mas algo me dizia que aqueles veículos ficavam sempre lá, a família estando de férias ou não. Assim como na casa onde tínhamos roubado a camionete, o lugar tinha um ar deserto, sem luzes e de cortinas fechadas. Pude ver algumas vacas pastando no morro (“Gado.” — ouvi a voz de Joe, o Sr. Sabe-Tudo, na minha cabeça — “Não se diz vacas.”) e um grande estábulo no final de outra estrada de terra, provavelmente abarrotado de cavalos. Imaginei que devia ter alguém sempre por perto pra cuidar dos animais, mas por um instante eu senti (torci) que teríamos a casa só pra nós.

— Olha só — eu disse, dando a volta no estábulo até um canto falso onde uma chave extra da casa estava pendurada num prego.

— Uau, seu amigo Joe entrou em todos os maiores detalhes.

— Ele é do tipo que fala bastante — retruquei, ignorando o fato de que Touch certamente tinha notado que havia algo estranho nisso tudo.

Acabou que nem precisamos da chave. Como eu suspeitava, a porta da frente estava aberta.

— Não temos muito tempo — avisei.

Não importa o quanto a criminalidade de um lugar esteja baixa, se a temporada de férias chegou ao fim e você está indo embora, você tranca a porta. Quem quer que tenha saído de casa, planejava voltar ainda naquele dia. Meu coração fez o favor de me lembrar que eu não era uma criminosa nata.

Por sorte, minha barriga fez alguns barulhos estranhos também pra me lembrar do quanto eu estava com fome, enquanto as lembranças de Wendy Lee não paravam de tagarelar sobre como ela tinha sido abandonada com uma mão na frente e outra atrás. Supus que, se tivéssemos de roubar alguém, devia ser de um canalha como aquele.

— Vai pra lá e vê se consegue alguma coisa nesse computador. Vou tratar de pegar comida e alguns suprimentos.

— É melhor que eu não use o mesmo banco novamente. Existe algum outro do qual você não seja fã?

— Claro. E não sou só eu, é a droga do país inteiro.

Aquilo me fez pensar em algo. Segui Touch pra dentro do pequeno escritório e, quando ele estava prestes a ligar o computador, perguntei:

— Se eu te der o nome do banco, você consegue entrar no sistema?

É claro que Touch conseguia. Fiquei parada observando o moço enquanto ele hackeava o sistema, aumentando a conta da hipoteca da Tia Carrie. Ele fez uma série de perguntas enquanto operava. Aparentemente não existiam hipotecas em Arcádia.

— Olha só, tudo o que você precisa saber sobre este mundo é que as pessoas ricas são donas de tudo. O que não deixa praticamente nada pro resto do povo, no qual me incluo.

Touch parou de teclar por um instante e me encarou profundamente.

— Foi por isso que aqueles homens nos atacaram na churrascaria — ele disse meio quieto. — E foi por isso que havia tantas pessoas morando em Smith Park.

— Isso mesmo — confirmei, dando-lhe uns tapinhas no ombro e tentando não deixá-lo tão encantado pelo planeta Terra.

O que importava era que, em cerca de dois minutos, a conta da hipoteca da Tia Carrie constaria no sistema como “QUITADA”. Ao sair do escritório, eu cantarolava baixinho. É tão revigorante fazer uma boa

ação no meio de tanto crime... Fui capaz de imaginar o olhar da Tia Carrie quando descobrisse. Talvez parte dela sentisse, de alguma forma, que aquilo era coisa minha.

No armário do corredor, encontrei duas sacolas, uma mochila de trilha e uma malinha verde do exército, igual à que eu tinha, só que maior. Entrei no quarto que Joe costumava dormir, mas agora ele certamente era de uma criança, cheio de bichos de pelúcia e brinquedinhos de plástico por toda parte. Joe provavelmente tinha se mudado pro quarto maior e, entrando lá, encontrei uma porção de porta-retratos em cima da cômoda. Ele tinha começado a ficar careca, mas ainda não estava barrigudo. Charmoso, eu tinha de admitir, o tipo de homem que Wendy Lee costumava namorar. Na verdade, senti uma pontada de dor no coração pelo tanto que ele ainda estava bonito. Na fotografia também estava sua mulher, que achei muito parecida com Wendy Lee, talvez não tão oxigenada ou emperiquitada ou maquiada. Mas aposto que ela não cozinhava tão bem. Perguntei-me se ela o chamava de Jo Jo.

Por sorte, Joe era bem alto, então deu pra juntar um monte das suas calças jeans e sambas-canções dentro da malinha verde. Um bocado de camisas de flanela também e alguns casacos e uma jaqueta bem fofinha que estava dentro do armário. Poucas coisas da sua mulher caberiam em mim (ela era mais baixa e mais larga do que eu), mas peguei uma jaqueta jeans que me deixaria um pouco mais discreta e alguns gorros de lã pra esconder meu cabelo estranho, mais uma linda e longa saia florida com elástico na cintura que parecia ser tamanho único.

Quando enfim voltei ao escritório, a sacola verde já estava atulhada até a borda de coisas pra ele, mas só uma ou duas peças de roupa estavam de fato dentro da mochila. Pensei que pudéssemos usar o espaço livre pra guardar comida. Quando ele me viu, deu um pulo da cadeira, como se já tivesse terminado.

— Fez o que tinha de fazer na conta bancária?

— Vai dar tudo certo — ele disse, confiante. Era evidente que o fracasso da bolinha azul tinha mexido com sua cabeça.

— Vai voltando pra camionete enquanto eu termino algumas coisinhas por aqui.

Ele hesitou:

— Não acho que seja uma boa ideia nos separarmos.

— Vou estar logo atrás de você — prometi. — Só alguns minutinhos, eu juro.

Touch olhou de relance pro computador, como se soubesse que muito me interessavam algumas coisas ali dentro, e sobre as quais eu não queria que ele soubesse. Então passou a me observar direto no rosto, como que perscrutando cada detalhe. Encarei-o de volta de um jeito que, eu esperava, o fizesse se dar conta de que ele também estava escondendo um monte de coisas de mim.

— Olha só — continuei, já que ele não tinha esboçado a menor reação. — Essa sua vigilância 24 horas já está ficando um pouco opressiva, sabe. Você acha mesmo que eu preciso passar cada segundo da minha vida com você paranoico, sempre alerta?

— Sim, levando em considerando quem está nos perseguindo, sim, precisa.

— “Nos perseguindo”? A gente? Eu pensei que eles estivessem perseguindo você.

Naquele momento, tive certeza de que não era apenas minha imaginação, nem paranoia da Wendy Lee. O rosto de Touch tinha ficado vermelho. Mas logo voltou ao normal.

— Olha, você não quer privacidade? Por mim tudo bem. Eu vou esperar por você no corredor.

Pensei em fazer um comentário sarcástico sobre como ele tinha sido um ótimo guarda-costas em Kentucky. Mas logo me lembrei do jeito dramático como ele tinha nos salvado em Napoleon. Daí entreguei a ele a mochila vazia:

— Toma, porque você não tenta ser útil em vez de ficar aí parado dando uma de guarda-costas? Vá encher isso tudo aqui de comida.

Quando entreguei a mochila, notei que havia uma lanterna no parapeito da janela e não pensei duas vezes antes de jogá-la pra dentro. Nunca se sabe quando um troço desses pode acabar sendo útil.

Depois que ele saiu, sentei na frente do computador. A cadeira de couro ainda estava quente. Eu tinha de ser rápida. Vai saber a que horas Joe e sua família estariam de volta do passeio pela cidade, ou do passeio matinal, sei lá. O que sabia era que eu tinha de procurar por

mais notícias sobre Wendy Lee. Enquanto esperava a página do jornal *Clarion-Ledger* carregar, abri a gaveta da escrivaninha pra ver se encontrava alguma coisa que pudesse me interessar. E como tinha. Um grande clipe prateado prendendo um maço considerável de verdinhas. Fácil demais, ainda por cima depois que parei pra pensar em como aquele canalha jamais tinha dado um centavo pra Wendy Lee. Sorri pra mim mesma, pegando o dinheiro e jogando o clipe de volta na gaveta (no caso de ser herança de família). O clipe esbarrou de leve no móvel quando o guardei, metal tilintando contra metal, então acabei abrindo a gaveta um pouco mais.

E lá estava, bem diante dos meus olhos, uma Magnum .365. Não tinha sido por causa de nenhuma das lembranças de Cody ou de Wendy Lee que eu sabia qual era o tipo daquela arma. Tia Carrie tinha uma exatamente igual dentro de uma lata guardada no balcão da cozinha onde estava escrito FARINHA.

Fiquei ali parada encarando aquela arma por um bom minuto, pensando em todas as maneiras como ela poderia ser útil. Mas, no fim das contas, só fechei a gaveta. Levando em consideração tudo o que minha pele era capaz de fazer, falta de armamento não era um dos meus maiores problemas. Comecei a digitar “Wendy Lee Beauchamp” no campo de pesquisa.

E lá estava um artigo com uma foto dela sentada numa cama de hospital, sorrindo pra câmera. Uma mulher que provavelmente devia ser sua mãe (oxigenada e emperiquitada como ela, mas cerca de vinte anos mais velha) estava ao seu lado com um sorriso maior ainda. A legenda da fotografia dizia: “Dona de padaria contraria todas as possibilidades e acorda do coma”.

Eu adoraria terminar de ler a notícia. Mais do que isso, o fato de Wendy Lee ter acordado me deu esperanças sobre Cody. Queria procurar artigos sobre ele também. Mas, naquele exato momento, escutei a porta da frente se abrindo, e três ou quatro vozes conversando e rindo. A mais espalhafatosa delas (meu coração, tomado pelo de Wendy Lee, parou por um instante) era de Joe. A voz estava mais envelhecida, claro, mas eu a reconheceria em qualquer lugar.

Droga. Eu não só precisava sair de lá como também precisava levar tudo que tinha juntado. Imaginei que Touch tivesse sido esperto o bastante pra dar o fora pela porta dos fundos em vez de vir atrás de mim.

Enfiei as notas dentro do bolso da minha calça e me dei ao trabalho de fechar a página da internet (vai saber no que Joe Wheeler pensaria ao ver aquilo), lamentando não ter tempo suficiente pra limpar o histórico de navegação. Também me dei ao trabalho de vestir um dos chapéus da Sra. Wheeler — era melhor fazer de tudo pra ficar o menos reconhecível possível. Fechei o zíper da malinha e a joguei sobre meus ombros. Se eu abrisse a janela com o máximo de silêncio possível, talvez conseguisse pular por ela e fugir sem que os Wheeler soubessem que estivemos lá, e Touch me encontraria no gramado. Então, escutei o cachorro latir.

Droga, quase disse em voz alta. Esquecendo de ficar em silêncio, puxei aquela janela com toda a minha força, mas parecia estar colada com tinta. Finalmente notei que a trava estava fechada, mas mal pude tocar nela antes que o cachorro entrasse voando dentro do quarto, latindo feito um louco e com Joe Wheeler logo atrás dele. Ergui as mãos. O cão por si só nem era tão ameaçador, uma criaturinha malhada com orelhas pontiagudas.

— Mas que diabos? — Joe gritou. Ele me pareceu estar bem indignado e bastante bravo. Eu já tinha escutado essas mesmas palavras nas lembranças de Wendy Lee, mas eu não estava preparada pra vê-lo. Apesar de ser apenas um homem comum de meia-idade, com cabelos ruivos meio grisalhos e sardas desbotadas, parei de respirar pelo que pareceu um minuto inteiro. Eu sabia que não tinha lógica alguma, mas meus sentimentos acabaram feridos pelo fato de que sua única reação ao me ver ali foi ter ficado com raiva. Ele não parecia estar nada amedrontado e só continuou a gritar: — O que diabos você pensa que está fazendo, garota?

Sua esposa e o casal de crianças (uma adolescente e um menino de uns dez anos) se amontoaram no quarto por trás dele. Joe ergueu o braço, mandando que as duas crianças saíssem do escritório, e fiquei um tanto comovida com seu instinto de proteção. Mas logo parei de

me emocionar quando vi seus olhos recaírem sobre a gaveta da escrivaninha onde estava aquela Magnum .365, e me pareceu bem óbvio que ele não hesitaria em atirar em mim por causa de um maço de dinheiro e uma saia indiana. Sem dúvidas, o Colorado era um estado “faça meu dia” igualzinho ao Mississipi.

Antes que pudesse me conter, falei:

— Nem pense nisso, Jo Jo. Você sempre foi péssimo de mira.

O olhar confuso no seu rosto me deu tempo suficiente pra pegar a arma da gaveta. Num piscar de olhos, me certifiquei de que a trava de segurança estivesse mesmo ativada. Eu com certeza não queria atirar em ninguém, muito menos em duas crianças.

Joe abriu os braços enquanto sua esposa empurrava as crianças pra fora do quarto. Eu as teria deixado ir embora se não fosse por Touch. Sabe-se lá onde ele estaria agora.

— Fiquem aí — eu disse, gostando do medo no olhar de Joe, sem contar a confusão (tinha certeza, pela sua reação, de que ninguém o tinha chamado de Jo Jo desde Wendy Lee). Empurrei meu dedo para trás, fazendo de conta que tinha liberado a trava de segurança. — Preciso de que todos fiquem aqui. Ninguém precisa se machucar. Eu vou sair tranquilamente por essa janela e vocês vão esquecer que um dia me viram.

Dei alguns passos pra trás em direção à janela. O cachorro não sabia que devia ter medo daquela arma, é claro, então só correu pra mais perto de mim, latindo feito um louco.

— Chama aí seu cachorro, Jo Jo.

Eu sinceramente não queria atirar no cachorro de ninguém, nem mesmo no de Joe Wheeler. Deu pra ver a expressão de pânico no rosto da sua filha, e seus olhos cheios de lágrimas, como se estivesse com mais medo que eu atirasse no cachorro do que no pai. Ao mesmo tempo, dei-me conta de que não havia nada particularmente terrível em Joe, assim ao vivo e a olho nu.

— Radar — ele o chamou. — Volta aqui, garoto.

Soltei uma pequena risada.

— Pelo amor de Deus, Jo Jo. Será que você não consegue pensar em outro nome pra um cachorro?

O rosto de Joe ficou tão vermelho que nem deu mais pra ver as sardas. Sua esposa o encarou de um jeito engraçado.

— A gente se conhece, moça? — Joe perguntou, todo confuso, e eu não pude conter o riso. A essa altura, meu coração já estava completamente tomado pelo de Wendy Lee. Talvez ele nem fosse tão terrivelmente terrível assim. Mas, por outro lado, não vi nada de especial nele. Agora que Wendy Lee já tinha acordado do seu coma, torci pra que ela fosse capaz de passar por cima de todo esse sofrimento e encontrar um bom rapaz solteiro que pudesse amá-la. Mas mal pude concluir meu raciocínio antes que...

Pá! Creque! Bum!

Merda. Àquela altura eu já sabia bem que barulho era aquele e o que ele significava: pessoas do planeta de Touch vindo atrás dele (e agora de mim) com aquelas armas apavorantes. Imaginei mesmo que seria apenas uma questão de tempo até que Touch e eu tivéssemos de enfrentar os problemas dos dois mundos ao mesmo tempo.

— Corram! — gritei o mais alto possível pra Joe e sua família. — Protejam suas vidas!

Pela primeira vez na vida, Jo Jo deu ouvidos a alguém. Ele e sua família correram pra fora da casa com o cachorro logo no encalço, o mais rápido que já tinha visto quatro pessoas e um cão correrem. E vou contar, estaria bem atrás deles se não fosse por Touch. Eu não arredaria o pé dali antes de saber pra onde ele tinha ido. Vindo da garagem, escutei um carro dar partida e sair voando. Era certo que iriam direto pra delegacia de polícia, mas esse era um problema que eu teria de resolver depois.

— Touch!

Aquela barulheira toda tinha vindo da cozinha, então foi pra lá que eu corri. Havia uma luz vindo daquela direção, um pouco forte mas nada ofuscante. E pude ouvir vozes assobiantes conversando entre si (eu já conseguia distinguir a voz de Touch quando ele falava na própria língua). Nenhuma das vozes soava tão brava ou urgente quanto da última vez na concessionária, mas eu nem sequer tive a chance de ponderar sobre isso, pois, antes mesmo que eu chegasse à cozinha,

algum tipo de monstro saiu rosnando lá de dentro e partiu direto na minha direção.

“Monstro” pode até não ser uma denominação tão específica assim, mas aquela coisa que me fez sair fugindo em disparada não se encaixava em nenhuma outra categoria que eu jamais tivesse visto. Só o que vi, mesmo, foi uma grande quantidade de pelos e dentes grudados a uma criatura que era pelo menos do meu tamanho e estava doida atrás de mim. Eu já tinha percorrido metade da casa até que dobrei numa curva e, em questão de segundos, ele já estava bem na minha cola de novo. Bati a porta do quarto de Joe com toda força e me tranquei no closet. Enquanto brigava com a trava de segurança da arma de Joe, pude escutar aquela coisa arranhando a porta. Levou cerca de dois minutos até que ouvisse o estrondo maior da coisa vindo abaixo. Claro que, se ele tinha arrebentado a porta do quarto, seria capaz de derrubar a porta do closet, mas eu simplesmente não conseguia destravar a porcaria da arma com aquela tremedeira toda em minhas mãos.

Aquelas garras terríveis passaram, então, a arranhar a porta do closet. Encostei na parede, as barras dos vestidos da Sra. Wheeler fazendo cócegas no meu rosto. Parecia que a casa inteira estava tremendo enquanto o monstro forçava a porta pra me pegar. Quando finalmente descobri como liberar a trava, uma garra gigantesca atravessou a madeira da porta. A criatura tentou agarrar minha perna e acabou rasgando minha calça de couro, sua pata inteira agora pressionada contra minha pele exposta.

E lá vamos nós de novo, pensei. A arma voou da minha mão e se chocou contra a porta, provocando um barulho ensurdecedor ao disparar por acidente. Talvez o tiro tenha acertado o monstro, mas àquela altura isso me pareceu um tanto redundante, porque eu já tinha escutado a carcaça dele desabando no chão. Enquanto isso, meu corpo tinha acabado de sugar a maior onda de força e poder que eu já tinha sentido.

Peguei a arma e me pus de pé. A criatura tinha caído contra a porta, então pensei que talvez tivesse de dar um empurrãozinho pra liberar a passagem, *ok*, mas a própria porta se encarregou de jogar o corpo de

lado como se não pesasse mais do que um monte de folhas. Fiquei parada, observando o que eu tinha acabado de absorver. Uma criatura grande, peluda e marrom que parecia um cruzamento entre um urso e um lobo. Sua caixa torácica continuava subindo e descendo, então dava pra perceber que ele não estava morto. Eram pequenas as chances de que ele despertasse, mas eu não poderia arriscar que os Wheelers chegassem em casa e se deparassem com aquele bicho. Fechei os olhos e aponte a arma, meu corpo inteiro se retraindo quando ela disparou. Ao abrir os olhos, o monstro já não respirava mais. Agora sim eu poderia voltar ao que realmente importava.

— Touch! — gritei.

A casa inteira estava estranhamente silenciosa. Onde diabos ele poderia estar? E onde diabos estavam as pessoas ou estava a pessoa que tinha vindo atrás dele? Segurei a arma perto do meu peito e voltei na ponta dos pés pro corredor. Nada. Mas deu pra ouvir bem as sirenes ao longe chegando pela estrada. Eu tinha de sair daquela casa o quanto antes. Voltei pra cozinha, mas não havia nada nem ninguém além das portas abertas dos armários. A porta dos fundos também estava escancarada, e foi por ela que me mandei.

Mal meus pés pisaram na grama e aqueles ruídos começaram a ecoar por toda parte, e não digo que eram os ruídos de todo o departamento de polícia de Ferdinand a caminho. Era mais como uma tempestade terrível, com relâmpagos e trovoadas e um vendaval violento. Só que não, aquilo não era vento propriamente dito, era mais como se o capim e as árvores estivessem se curvando o máximo que podiam de encontro ao chão, como se as próprias plantas temessem o que estava por vir. O que mais eu poderia fazer senão me jogar no chão também, aflita com a possibilidade de Touch já ter sido levado de volta ao seu planeta, me deixando ali sozinha pra nunca mais vê-lo outra vez? Eu podia até suportar a ideia de acabar morrendo naquele exato momento pelo que quer que estivesse atrás de Touch. O que não seria capaz de suportar era nunca mais vê-lo de novo e me encontrar outra vez completamente sozinha.

Meus olhos lutavam pra se manterem abertos contra aquela energia que me rodeava. E então, vindo bem na minha direção, eu a avistei. Mesmo que Touch tenha dito apenas algumas poucas palavras sobre

ela, eu a reconheci na hora. Ela se parecia com a Sininho, só que um pouco maior, flutuando ao meu encontro, toda loira com um corpinho delgado e olhos tão azuis quanto um dia suave de verão. Um dez vezes mais linda do que eu jamais poderia imaginar.

Alabaster. A esposa de Touch. Vindo direto na minha direção com um olhar nada convincente: sereno e bem-intencionado demais, como se quisesse que eu pensasse que ela estava lá pra ajudar. Abriu a boca pra falar e um tipo de assovio saiu, como quando Touch me disse o nome dele. Será que era seu jeito de exigir que eu dissesse onde ele estava? Ou será que tudo nessa língua soava daquela mesma maneira, e ela nem está dizendo o nome dele?

Então Alabaster apontou pra mim enquanto o ar continuava a crepitar a nossa volta. Ela vestia uma espécie de vestido claro e rendado, que não cobria muito mais do que um biquíni era capaz. Estava com uma capa amarrada ao pescoço, também transparente e rendada, que esvoaçava graciosamente em meio aos estalidos elétricos. Mas deu pra notar que tinha sido pega de surpresa pela temperatura. Esse povo realmente precisava passar a se comunicar um pouquinho melhor. Ela tremia muito e seus lábios já tinham começado a ficar azuis.

Ela tentou falar comigo de novo naquela língua estranha. Fiquei toda arrepiada, a melodia era tão linda. Claro que eu não fazia ideia do que ela estava dizendo. Bem poderia ser: “Passa já meu marido pra cá, sua cara de pau sem vergonha!”. Ou algo ainda pior, tipo: “Ajoelhe-se, criatura terráquea, e prepare-se para enfrentar a morte”.

Só de pensar na minha morte senti uma onda de adrenalina por todo o corpo. Alabaster estava tão visivelmente miserável e tremendo de frio apesar de todo o poder que pairava ao seu redor que talvez eu pudesse até tirar proveito da situação. Fiquei de pé num pulo e saí correndo pra me embrenhar no bosque. Logo atrás de mim, deu pra escutar seus gritos e, do nada, apareceram mais dois daqueles monstros. Suspendi a arma e atirei contra o coração do primeiro, que tombou com um uivo trágico. Mas o segundo acabou dando a volta e me acertou por trás, me derrubando no chão e arremessando a arma pelos ares.

Gritei desesperada, completamente sem ar, quando a criatura montou em mim e me esmagou com mochila e tudo. Acho que ele tinha percebido que seus dois amigos estavam mortos por minha causa. Dava pra ver nos seus olhos, ele estava bem furioso. Seu bafo rançoso encobria meu rosto enquanto ele abocanhava o ar a poucos centímetros de um dos meus ombros. Senti quando ele rasgou as camadas de couro e lã, até que seus dentes enfim roçaram minha pele, abrindo uma feridinha que chegou mesmo a sangrar.

Tentei me virar de costas, mas a maldita mochila não me deixava pegar impulso suficiente pra enterrar os pés na barriga do monstro, então torci pra que saísse pelo menos um bom chute dali. Ao mesmo tempo, mal conseguia nutrir qualquer esperança que fosse, só estava fazendo meu papel e lutando contra aquela besta, já que eu não admitia a ideia de morrer em silêncio. Meu ombro estava doendo pra diabo. Agora dava pra ver bem aquela coisa. Não era só metade urso, metade lobo, mas também uma coisa que simplesmente não existia neste mundo, com olhos vermelhos, presas compridas e garras tão enormes quanto. O único pensamento que minha cabeça conseguia formular era: *É isso, acho que tudo acaba aqui.*

Rolar pro lado foi a pior coisa que eu podia ter feito. Aquele bicho parecia gostar bastante do meu pescoço, a única parte do meu corpo que estava descoberta e pedindo pra ser rasgada. Mas o que aconteceu foi que, quando ele me mordeu, todas as camadas de roupa acabaram protegendo seu nariz e suas gengivas, fazendo com que apenas suas presas me arranhassem um pouco. Mas, ao se aproximar da minha jugular, não teve jeito de evitar o contato pele a pele, e seu focinho acabou pressionado contra meu pescoço antes que ele tivesse a chance de afundar seus dentes.

A corrente elétrica enfim cessou por toda parte. O capim e as árvores retornaram a suas posições verticais. De onde eu estava deitada, olhando por cima do monstro metade cachorro e metade urso, pude ver Alabaster ainda mais pálida ao vislumbrar a fera estremecer toda e tombar pra trás feito pedra, como se estivesse prestes a explodir antes mesmo de se estatelar sem vida no chão.

Alabaster me olhou como se eu fosse o próprio diabo em pessoa. A arma estava aos seus pés e despertou sua atenção por um instante. Prendi a respiração, mas aparentemente ela não sabia o que aquilo era e acabou deixando pra lá. Ela então segurou a barra da sua capa e a estalou ao vento, fazendo com que ela e as duas criaturas (tanto a morta quanto a petrificada) desaparecessem.

E agora eu tinha duas daquelas criaturas pulsando dentro de mim, e não tinha tempo de me recompor. As sirenes estavam se aproximando cada vez mais. Minha única chance era correr até a camionete e torcer pra que, de alguma forma, Touch tivesse conseguido chegar lá. Já que não queria mais nada com aquela arma mesmo, deixei-a onde estava e saí correndo pelo bosque em direção à camionete, não mais com a velocidade de Cody, mas alguma coisa nova, ainda mais rápida, sobre-humana. Percorri quase dois quilômetros pelo bosque em menos de dois minutos, as árvores eram um borrão passando por mim. E pra minha alegria e total alívio, lá estava Touch, tamborilando os dedos no painel e se parecendo com qualquer outro homem impaciente à espera de uma mulher, só que um tanto mais atraente.

— O que diabos aconteceu com você? — ele perguntou pela janela aberta.

Se eu não estivesse com tanta pressa, até teria dado uma gargalhada ao escutar sua voz elegante e com todo aquele sotaque estrangeiro falando palavrão. Em vez disso, disse:

— O que diabos você quer dizer com o que aconteceu comigo? Você estava lá!

— Lá? — ele retrucou, como se não tivesse a menor ideia do que eu estava falando. — Você me mandou pegar comida e esperar por você no carro, e foi o que eu fiz.

De repente, toda a adrenalina liberada durante minha corrida começou a se esvaír. Cheguei a pensar que tombaria de encontro ao chão.

— Mas você não fez isso, você disse que não ia me deixar e depois te ouvi conversando com alguém na cozinha...

— Não, peguei o que eu pude na cozinha e vim para cá esperar por você, assim como tinha dito — ele rebateu com firmeza. Firmeza até

demais.

Acho que estava dando muito na cara de que estava prestes a desmaiar, porque do nada ele esticou o braço pela janela pra me segurar.

— Vampira — ele disse, com uma voz um pouco mais suave dessa vez. — O que aconteceu com você?

— A sua esposa foi o que aconteceu comigo. Como se você não soubesse.

Eu me afastei dele, joguei a mochila dentro do carro e me sentei no banco do passageiro.

— Eu sabia que não devia ter deixado você sozinha.

— Mas você não deixou, eu sei que não. Eu te ouvi.

— Você está machucada. Está confusa.

A primeira parte até que era verdade, de fato. Talvez a segunda também. Eu estava mesmo meio tonta e nem um pouco a fim de discutir.

— Só dirige. O mais rápido que você puder em qualquer direção. Só dá o fora deste inferno.

Touch fez conforme eu disse. Enquanto os pneus cantavam atirando terra e cascalho por todos os lados, fiquei me perguntando se era verdade, se ele realmente tinha saído da casa antes que Alabaster aparecesse. Que motivo ele poderia ter pra mentir pra mim? Suspendi a perna pra examinar onde a criatura tinha me arranhado. Parecia superficial, o pior estrago tinha sido na calça. Meu ombro, por outro lado, latejava sem parar, eu podia sentir o sangue escorrendo pelo suéter. Mas não havia nada que eu pudesse fazer naquele momento. Antes de qualquer coisa, tínhamos de fugir de tudo, e de todos que estavam nos perseguindo. Eu tinha dito a Touch pra que simplesmente caísse fora. Mas é claro que ele foi na direção de sempre. Oeste.

Quando enfim tomamos uma boa distância do rancho dos Wheeler e das sirenes, Touch disse:

— Você está muito machucada.

Joguei meu ombro pra frente. O corte parecia ser bem acima da clavícula, então daria pra ver se eu jogasse meu queixo pra trás. O pior mesmo tinha sido aquele maldito monstro ter rasgado minhas únicas roupas, e também manchado todas elas com sangue por toda a parte.

— Temos de cobrir isso com alguma coisa para estancar o sangramento. E levar você a um médico.

— Médico? Você pirou?

Tirei minha jaqueta e depois meu suéter. Estava empapado de sangue, mas teria de servir. Eu o embolei, afastei a alça do meu top e o pressionei pra tentar estancar o sangramento. A ferida doeu de um jeito absurdo, não parava de arder.

— Sabe o que um médico ia fazer? Ligar pra polícia e me costurar, nessa ordem.

E nem perdi tempo dizendo que eu provavelmente nem chegaria até o médico, já que as enfermeiras com certeza morreriam tentando medir minha pressão.

— Costurar você? — ele perguntou com aquele olhar confuso. A familiaridade daquele olhar me encheu de ternura por ele. E eu estava até satisfeita por ele ainda não ter dito uma palavra sequer sobre sua esposa, do tanto que estava preocupado com meu bem-estar.

— Pois é. — Fiz o melhor que pude pra tentar explicar sobre agulhas e linhas a ele.

— Acho que consigo até visualizar, no caso de roupas. Mas você está me dizendo que os médicos fazem isso, inserem agulhas em seu corpo? Costuram a pele?

— Bem, é isso mesmo. Como é que curam as feridas lá de onde você veio?

Ele suspirou e disse:

— Eu não sou médico. Então não posso dizer exatamente como funciona o elixir. Só posso dizer que ele realmente funciona. Você vai ao médico, toma um gole e dorme. Acorda novo em folha.

— Ah, fala sério. E se você estiver doente?

— A mesma coisa.

— Qualquer tipo de doença?

— Sim, qualquer tipo.

— Até câncer?

Suas sobrancelhas franziram.

— Então você quer dizer que, de onde você vem, não existe pobreza, agulhas e nem doenças incuráveis? Dá pra explicar de novo por que você foi embora?

Um olhar dos mais tristes tomou seu rosto de assalto, de um tanto que até me senti mal por ter perguntado.

— Fui embora por todos os motivos errados.

Não havia tempo de perguntar o que ele queria dizer com aquilo. O ponteiro da gasolina já estava no vermelho e não dava pra saber quando teríamos outra chance de abastecer. Fora meu ombro, que estava pegando fogo.

— A gente tem que parar no próximo posto de gasolina.

Tirei do bolso o dinheiro que tinha roubado de Joe Wheeler e comecei a contar as notas, tentando não tremer muito ou desmaiar de tanta dor.

Já fazia um bom tempo que eu estava sozinha no mundo por minha conta e risco. Nem sempre fazendo um bom trabalho, mas pelo menos me mantive viva e abrigada. Antes disso, como todas as outras crianças, acho, eu era apenas mais um passageiro num trem em movimento. Não foram poucos os dias em que eu mal sabia o que teria pro jantar até que o prato fosse posto na minha frente. E acredito que parte do meu cérebro, desde o momento em que eu tinha entrado no primeiro carro roubado da nossa viagem (não, eu me corriji, Touch tinha comprado aquele carro), ansiava ser somente aquele passageiro. Naquele momento, soube que tinha julgado Touch erroneamente. Claro que ele me fazia companhia. Mas alguma coisa no jeito como ele reagiu à ferida no meu ombro e à notícia de que eu precisaria de pontos me fez lembrar que, independente das superengenhocas que ele pudesse ter, ele era tão novo neste planeta quanto um bebê de oito semanas. Se era de um plano que precisávamos, eu é que teria de elaborá-lo.

Enquanto Touch abastecia o carro, entrei na loja de conveniência vestindo nada além da minha calça jeans e meu top, com meus cabelos soltos cobrindo a ferida e o chapéu da Sra. Wheeler na cabeça. Comprei gazes e band-aids, um kit de costura, um espelho portátil,

uma caixa de anti-inflamatórios, um novo atlas e uma garrafinha de água oxigenada.

— Ô, moça — um cara me chamou enquanto eu estava na fila do caixa. — Você tá sangrando.

Lancei um olhar carregado de malícia que já estava até surgindo de modo natural e espontâneo:

— Jura? — retruquei, mostrando minhas compras pra que ele se tocasse de que não estava me dizendo nenhuma novidade.

— Isso é uma mordida de cachorro ou coisa do tipo? — insistiu o Sr. Enxerido, chegando perigosamente perto, como se quisesse dar uma espiada. — Se um cachorro te morde, você tem que comunicar as autoridades. Tem que ter certeza de que ele tá vacinado.

Dei um passo à frente e botei minhas compras no balcão.

— Não foi um cachorro — respondi, torcendo pra que meu tom de voz deixasse claro que não era da conta dele. — Um prego enferrujado me arranhou num celeiro.

O funcionário me estendeu o kit de primeiros socorros dentro de uma sacola. Segui em direção à porta.

— É melhor confirmar se a sua vacina de tétano tá em dia — o enxerido gritou, garantindo que todas as dez pessoas na loja se lembrassem de que eu estive lá, caso fossem interrogadas pela polícia.

Sentada no quarto de um motel nas redondezas de Dove Creek, no Colorado, resolvi encarar agulha e linha. Joe Wheeler tinha quinhentos e quatorze dólares. Touch e eu resolvemos que seria melhor adiar o uso da bola azul o máximo possível, então decidimos não ficar mais hospedados em hotéis, nem num vagabundo tipo esse.

Enfim, passei a linha pelo buraco da agulha e arranquei o band-aid que tinha colocado ainda no carro. Estava ensopado de sangue, assim como meu top. Minha única roupa leve, e agora teria de jogá-la fora. O dinheiro de Joe daria pra mais alguns dias de comida e gasolina, mas não dava nem pra pensar em sair às compras.

Pensei de novo em como devia ter deixado Touch comprar o kit de primeiros socorros sozinho. Mesmo sendo um homem dos mais notáveis, ainda assim ele não teria chamado tanta atenção quanto uma

garota vestindo um par de calças de couro rasgado e com sangue escorrendo pelas costas. Ele acabou entrando mesmo, de qualquer jeito, logo depois de mim, enquanto eu colocava o band-aid da melhor maneira possível.

— O que você comprou, por sinal, quando entrou na loja?

— Whisky — ele respondeu.

— Whisky! Não me diga... Sério que existe álcool naquele seu mundinho perfeito?

— Fomos apresentados por meus amigos em Smith Park. Tornou o frio um pouco mais suportável. Pensei que pudesse ajudá-la com a dor.

Eu já tinha tomado uns cinco comprimidos de anti-inflamatório, o que também tinha surtido algum efeito analgésico sobre a mordida da criatura. Mas eu sabia bem que, assim que começasse a me costurar, a dor só ia piorar e muito. Não era como se eu já tivesse enfiado uma agulha no meu próprio corpo alguma vez na vida, sabe. Eu só tinha levado pontos uma vez antes, quando rasguei a perna no grampo solto dum sofá velho. Eu tinha cerca de dez anos e foi preciso que duas enfermeiras me segurassem pra que o Dr. Sparks pudesse dar os pontos. E lá estava eu de novo, já bem crescidinha e sem ninguém pra me segurar, pois ninguém sobreviveria.

— Passa pra cá. — Ele tirou a garrafa do bolso do seu casaco de couro (qualquer dia eu não podia deixar de olhar dentro daquele bolso) e me entregou.

Deixei de lado a agulha e a linha. A garrafa se abriu num estalo quando o lacre foi rompido. Dei só um gole, o suficiente pro calor sair descendo pela garganta até meu estômago. Dei mais outro gole e achei melhor parar. Eu só tinha bebido whisky uma ou duas vezes na vida; precisava apenas do bastante pra aliviar a dor um pouco, e não pra instabilizar de vez minhas mãos.

— Beleza — eu disse, depois de soltar um arrote. — Agora segura o espelho.

Por sorte aquela maldita besta tinha abocanhado meu ombro esquerdo. Se tivesse sido o ombro direito, eu jamais teria sido capaz de costurar. Mas, como não era o caso, o jeito foi contrair os músculos do rosto, mergulhar a agulha, parar por um instante e me concentrar pra não gritar e, enfim, puxar a linha. Cada vez que repetia o processo,

dava pra ver a expressão de Touch se deformando por compaixão, e o enorme esforço que ele fazia pra simplesmente não me segurar de uma vez. Ele procurava desesperadamente um jeito de me confortar, mas meus braços estavam descobertos. Assim, foi obrigado a se conter. No máximo, às vezes colocava sua mão sobre minha coxa protegida pelo couro e a apertava.

— Levanta esse espelho — eu disse pela sexta vez. — Vê se levanta isso direito senão eu não consigo enxergar nada.

O corte estava horrível. Antes de passar a linha pela agulha, eu tinha queimado sua ponta pra desinfetá-la e depois a mergulhado totalmente na água oxigenada. Era o mais estéril possível naquelas condições. Os cinco pontos que fui capaz de dar estavam largos e bem desiguais, unindo a pele de um jeito desleixado, com pequenos hematomas em volta dos furos por onde a agulha tinha entrado e saído. Aquilo deixaria uma baita duma cicatriz maluca.

— Só mais um ponto — eu disse, como se estivesse me incentivando a continuar. Pensei no gole de whisky que eu daria (pelo menos pra ajudar a engolir mais um anti-inflamatório). Sabia bem do que eu realmente precisava: antibióticos e uma vacina antitetânica, como o Sr. Enxerido tinha dito. Sem contar uma vacina antirrábica: não podia esquecer de perguntar a Touch se existia raiva de onde ele vinha. Porque raiva era tudo que eu precisava pra completar minha intocabilidade!

Fiz força pra manter os olhos abertos, enfiei e puxei a agulha e forcei pra suturar a pele. Touch cortou o fio com a tesourinha do kit de costura e amarrou as duas pontas com três nós. Em seguida, deitei-me de barriga pra baixo e Touch derramou mais um pouco de água oxigenada por cima da bagunça toda. Tive de tampar a boca com as duas mãos pra não gritar. Touch estendeu a mão pra afagar minha cabeça, mas acabou se interrompendo.

— Eu sei o que fez isso com você.

Já estava demorando pra que ele tocasse no assunto; eu estava só esperando.

— É mesmo?

Ele fez um ruído que mais pareceu um grunhido do que um assobio. Se eu não estivesse sentindo tanta dor, teria dado uma boa

risada.

— Isso daria um nome perfeito praquela coisa, se não fosse tão bonito aos ouvidos.

— Eles não costumam ser perversos, eu nunca conheci um que fosse, na verdade. Mas já ouvi histórias sobre como costumavam ser antigamente. Antes de Arcádia, eles eram os guardas do palácio. Agora o palácio pertence ao povo e aquelas criaturas, *wildebears*, como nós os chamamos, circulam livremente pelos arredores, pelas florestas. Em toda a minha vida jamais ouvi falar de algum deles ter atacado um humano.

Eu me suspendi pra ficar sentada e alcancei a caixa dos band-aids maiores e quadrados.

— Mas então como é que você pode ter certeza de que é deles que estou falando?

Após fazer a pergunta, rasguei uma embalagem com os dentes, retirei a camada protetora e grudei o curativo no ombro. Então, me debrucei pra que Touch conferisse.

— Está totalmente coberto?

— Sim, está. Ouvi alguns rumores ao longo do último ano. Algumas facções estariam caçando os *wildebears* e treinando-os como guardas ou algo pior. — Ele disse isso com uma expressão muito aflita e imaginei que estivesse pensando no seu filho, torcendo pra que ele não estivesse convivendo com *wildebears*.

— Olha... quem quer que tenha treinado esses bichos fez um puta trabalho, viu. Ele veio atrás de mim feito um coiole atrás de um coelho.

— Mas você escapou. Estou muito impressionado com isso. Pelas histórias que ouvi, é quase impossível sobreviver ao ataque de um *wildebear*. E você sobreviveu a dois.

Ele me passou a garrafa de whisky. Dei outro belo gole. Quando a devolvi pra Touch, foi sua vez de dar uma maior ainda.

— Você está preocupado? Com seu filho?

Touch fechou a cara.

— Estou sempre preocupado com ele. Mas não que Alabaster o machuque. Machucá-lo fisicamente, digo. Existem outras formas de

machucar uma pessoa. Se Arcádia cair, se houver uma guerra, ninguém estará seguro por muito tempo.

Concordei com um sinal de cabeça e Touch prosseguiu com a voz falhando de um jeito que eu nunca tinha escutado:

— Mas não é só isso. Eu não quero que ele alimente esse tipo de ideias, sobre o que ele merece e o que é ou deixa de ser certo para os outros. E se o lado errado ganhar... Não quero que ele viva em um mundo como este aqui.

Um mundo como este aqui. Quase deu vontade de dizer que não era tão ruim assim e que, apesar de tudo, ainda dava pra tentar ser feliz no meio de tanta coisa errada. A dor no ombro começou a passar um pouco, embora o corte ainda latejasse no fundo. E eu simplesmente não podia embarcar num papo tão filosófico assim. Touch deve ter notado isso e parou de falar de repente. Mas deu pra notar que o pensamento ainda martelava na sua cabeça. Me joguei com força sobre o edredom piniquento do motel e deitei minha cabeça em dois travesseiros finos. Touch sentou na outra cama. De vez em quando tomava um gole de whisky enquanto me observava. Ele ainda não tinha dito uma palavra sobre sua ex-mulher (naquele exato momento, decidi que eu a chamaria assim dali em diante: não mais de sua “mulher”, e sim de “ex-mulher”).

— Touch — minha voz saiu meio rouca, choramingada —, eu tenho que te contar a verdade. Sobre como eu sobrevivi, quero dizer. É hora de você saber de toda a verdade.

Ele suspendeu a mão.

— Deixe-me dizer o que eu penso que seja, primeiro. Há algum tipo de poder em sua pele. Se você encostar na pele de outra pessoa, você absorve tudo dela. As lembranças, as habilidades, sua mais pura essência. Sua força vital. Sem nada disso, eles desmoronam, às vezes para nunca mais acordar.

Por todo um minuto contado no relógio, a dor chegou até a passar. Mas que diabos, eu podia ter ido embora de uma vez, desaparecido na mesma hora. Como é que uma pessoa pode simplesmente pensar numa explicação dessas? E descrever essa coisa mil vezes melhor do que eu mesma poderia ter feito?

— Conheci um homem que tinha a mesma habilidade.

— Habilidade — retruquei com uma pontada de ódio. — Flagelo define melhor.

— Sim, claro — ele disse. Estava com um olhar estranho, como se estivesse preocupado, mas não com o que conversávamos. Como se houvesse alguma coisa no mundo mais preocupante do que o fato da minha pele representar a ausência instantânea de vida. — Claro que você se sente como se isso fosse um flagelo. Mas é um poder também, não há como negar. Você por acaso sentiu como se tivesse adquirido algo mais? Poderes especiais? Dos *wildebears*, digo.

Contei sobre o quanto eu tinha sido capaz de correr tão rápido do rancho até a camionete. Touch balançou a cabeça.

— Faz sentido, eles são conhecidos por sua velocidade. É uma das coisas que os tornam tão perigosos. E úteis. Aposto que você está se sentindo muito mais forte também. É provável que esse seja um dos motivos porque você foi capaz de suportar tudo isso — apontou pra bagunça deixada pra trás, a agulha e os band-aids ensanguentados e as várias embalagens.

Um homem como eu. Que pensamento estranho. Que pensamento incrível.

— Que fim ele teve? — perguntei. — Esse homem como eu.

— Bem — Touch disse, como se estivesse escolhendo as palavras com muito cuidado —, de onde eu venho, a maioria é como eu. Pessoas comuns, com talentos e habilidades variados. Mas existem outros. Eles são maiores do que a vida. Têm poderes. Poderes especiais, como o seu.

— Todos eles? — perguntei. Depois de todo o whisky e daquela novidade, eu mal conseguia formular uma frase direito.

— Todos são especiais de alguma forma. Alguns mais, outros menos. Uns são capazes de voar, outros conseguem mudar de forma. Às vezes chega a ser perigoso, como quando se é capaz de criar fogo, por exemplo. Ou chuva.

— Mas como? Quero dizer, como eles ficaram assim?

— Da mesma forma como qualquer pessoa recebe seus atributos. Como eu tenho olhos azuis? Como você é alta? É a genética, Vampira.

A maioria é produto de mera hereditariedade. Mas alguns são produtos de mudanças. Mutações.

Não me pareceu uma boa resposta, mas decidi deixar passar naquele momento.

— E o que vocês fazem com os perigosos? Os que são como eu.

— Existem centros, como escolas. Para ajudá-los a controlar suas habilidades. Como esse homem que eu conheci. Gordium seria como vocês o chamariam aqui. Ele aprendeu a controlar o efeito de sua pele.

Essa informação me fez idealizar o que pensava ser impossível. Sentei com a coluna perfeitamente ereta. Até o corte parou de latejar.

— Como assim, controlar?

— Ele aprendeu a evitar que sua pele desencadeasse esse efeito a não ser que quisesse.

— Então ele podia tocar nas pessoas?

— Sim, podia. Se ele quisesse. Ele podia tocar nelas sem provocar efeito algum. Ou então era capaz de tocar nelas e sugar somente um pouco do que precisasse. Controlava sua pele.

— Você acha... — eu disse, com medo até de completar a pergunta.

— Você acha que poderia me levar de volta com você, depois que tudo isso estiver resolvido? E eu poderia ir pra esse centro, essa escola, e aprender como... tocar nas pessoas?

Touch contorceu o rosto.

— Não — ele disse, com bastante firmeza na voz. Como se já tivesse decidido antes mesmo que eu perguntasse. — Eu jamais poderia levá-la para lá.

— Mas...

Ele suspendeu a mão.

— Eles estão perto, eu já falei demais. Você precisa descansar e se recuperar logo. Não podemos correr o risco de outro confronto.

Concordei com um sinal de cabeça. Mas, ainda assim, aquela velha palavra, “esperança”, tinha despertado no meu coração. Nada que Touch dissesse seria capaz de destruir a fantasia de voltar com ele ao seu planeta e aprender a controlar meu flagelo (não, minha habilidade!), saindo de lá capaz de me juntar ao mundo. Capaz de caminhar de mãos dadas e catar os cílios caídos nas bochechas dos outros e usar vestidinhos de verão sem me preocupar em esbarrar no

cotovelo de alguém. E, o melhor de tudo, poder tocar nele, Touch, onde, quando e como eu quisesse.

Não deu pra ouvir o que ele disse em seguida. A dor, a exaustão e o álcool tomaram conta de mim. Dormi por doze horas seguidas, o que deve ter sido meu sono ininterrupto mais longo desde que partimos nessa jornada.

Quando acordei, vi que Touch tinha me embrulhado num lençol feito uma mumiazinha, e seus braços estavam firmes em torno de mim. Mal me importei com a pontinha de dor ainda remanescente no ombro.

Juntamos nossas coisas, entramos na camionete azul e seguimos rumo a Utah.

oito

Pra mim, Utah parecia outro planeta, com seus vudus e sua argila vermelha, e formações rochosas imponentes por toda parte. Ainda mais do que no Colorado, finalmente senti que não estava apenas dirigindo ao léu, mas *viajando*. Conhecendo o mundo. Nunca tinha sequer imaginado nada parecido com aquele lugar em toda a minha vida.

Touch estava quieto demais. Sentado ali, olhando a paisagem pela janela do passageiro, com o queixo apoiado na palma da mão. Eu ficava apontando pra um monte de diferentes rochas e cores e montanhas no horizonte, dizendo o quanto aquilo tudo era bonito. Mas ele só fazia dizer “Hmm”, ou dava um aceno de cabeça, como se não estivesse nada impressionado. Ou então como se tivesse coisas demais na cabeça pra conseguir apreciar a vista.

Quanto a mim, até que me sentia estranhamente alegre. Meu ombro não doía mais nem perto do quanto eu esperava, e tinha parado de sangrar. Naquela manhã, Touch e eu tínhamos nos enfiado nas roupas de Joe Wheeler, o que acabou proporcionando uma aparência bem mais normal do que a habitual. Touch usava calça jeans e uma camisa xadrez por baixo de um suéter grosso de lã, além de um colete Down Vest. Fui obrigada a me contentar com meu jeans de couro, mas, por outro lado, vestia uma das camisetas de Joe e sua jaqueta jeans, junto com minhas luvas brancas de renda e um gorro de lã sobre o rabo de cavalo, o que fazia meus cabelos ficarem muito menos visíveis. Enquanto eu dirigia e Touch permanecia calado, pensei em

dois planos diferentes que caíam em duas categorias distintas: o agora e o planeta Terra estavam em uma categoria; o futuro e o Planeta Touch em outra.

Quanto ao agora e ao planeta Terra, havia duas grandes preocupações: manter distância dos homens da lei e levar Touch pra um lugar onde, no inverno, ele não congelasse até morrer. O México, portanto, estava nos meus planos. E estávamos indo na direção certa, de um jeito ou de outro. Dei-me conta de que não havia necessidade de maiores certezas porque, pelo que sabia, não iríamos voltar. Jamais. Claro que isso acabou significando deixar pra trás tudo o que eu já tinha conhecido no mundo. Descobri que isso não me deixava nem um pouco incomodada.

Quando pensava sobre o futuro e o Planeta Touch, ficava tonta na hora. Que notícias foram aquelas que ele tinha me dado na noite passada! Não só havia uma pessoa idêntica a mim lá de onde ele veio como também uma série de caras *mutcho locos* que simplesmente não eram tratados como caras *mutcho locos*! Faziam parte da população em geral e trabalhavam pra Arcádia. Eles tinham até uma escola especial! Adorava o fato de que existisse um mundo onde uma coisa dessas existia — paz e simplicidade, e de tudo um pouco pra todos — e que talvez eu pudesse ser parte disso, não perversa e imoral como Tia Carrie sempre dizia que eu me tornaria.

Touch nunca tinha dito com todas as letras o que ele planejava fazer. Às vezes, quando ele falava sobre seu filho, por exemplo, eu tinha a impressão de que ele ainda planejava ir pra casa, cedo ou tarde. Outras vezes parecia que ele não queria voltar nunca mais. Mas agora que eu sabia como seria no seu planeta, “maior do que a vida”, tudo o que queria fazer era me mandar pra lá. Naquela escola eles me ensinariam a controlar meu flagelo (não, meu poder!) e Touch e eu acabaríamos nos tornando um casal normal, capaz de fazer todas as coisas que um casal normal faz. Mas e se ele tiver de enfrentar sua ex-mulher e aqueles homens que usam rabo de cavalo? Talvez fosse só uma valentia besta da minha parte, mas sentia como se eu me garantisse contra qualquer um, em qualquer lugar. E mesmo que ele não quisesse voltar pra casa por mim, cedo ou tarde acabaria voltando

pra casa por seu filho. Eu sentia que era por isso que ele tinha ficado tão quieto. Estava pensando no seu filho, Cotton, e se preocupou com o fato de ele estar completamente sozinho com aquela maluca e seus *wildebears*.

Claro que eu ainda não poderia pressioná-lo tanto sobre meu plano Planeta Touch. Isso iria requerer algum cálculo e um pouco de tempo. Então, quando paramos pra almoçar num lugar chamado Escalante, logo depois que passei manteiga de amendoim no pão com os dedos, abri o mapa para expor a Touch tudo o que eu estava pensando. Pra minha surpresa, antes que pudesse dizer uma palavra, ele apontou pra rota exata que eu ia sugerir.

— Por aqui — ele disse, como se não fosse um ponto passível de discussão.

Olhei pro mapa e pras estradas sinuosas que cruzavam Utah e o Arizona até o México. Imaginei Touch e eu juntos em um paraíso tropical, sem ninguém nos perseguindo.

Touch pegou seu sanduíche sem tirar os olhos do mapa. Sentamos avistando um grande lago no meio de um lugar parecido com o Grand Canyon que eu imaginava — rochas imponentes e um monte daqueles pilares malucos em espiral —, mas com uma enorme quantidade de águas plácidas passando por ele. Touch já tinha recolhido alguns panfletos do centro turístico e lido tudo sobre como aquele lago, o Lake Powell, tinha sido formado pela represa da garganta do Glen Canyon. Entregou-me um de seus panfletos, sobre as ruínas Anasazi.

— O que você pode me dizer sobre isso?

Eu afastei o panfleto, da maneira mais gentil que pude.

— Nada — respondi. — Nunca ouvi falar delas.

— Vamos pegar um barco e ir por água.

Eu o encarei como se ele fosse um doido.

— Um barco? Você não está me ouvindo? A gente tem que ganhar chão, continuar seguindo rumo ao México. Lá pelo menos só vai ter o seu pessoal perseguindo a gente.

Touch olhou pra água. Tamborilou os dedos sobre a mesa de piquenique. Eu já tinha devorado meu sanduíche e ele ainda nem

tinha dado uma mordida sequer no seu. Senti um nó no estômago ao ver aquela expressão em seu rosto.

— Touch. O que aconteceu pra você ficar nesse humor tão distante hoje? Não é por causa *dela*, é?

Ele olhou pra mim por um minuto, como se não tivesse certeza do que eu estava falando. Então disse:

— Ah. Alabaster. Bem, de certa maneira, até que é. Quer dizer, ela é parte disso tudo. Mas não do jeito que você está pensando.

— O que você quer dizer com “do jeito que estou pensando”?

Podia sentir minha voz ficando cada vez mais na defensiva, e isso acabou me deixando ainda mais na defensiva de fato. Sabe, nunca tinha tido um namorado de verdade antes. E lá estava eu com um homem adulto que tinha uma esposa, e a única experiência na minha cabeça pertencia a Wendy Lee, mais do tipo que atirava vasos ou catava logo uma espingarda. Na verdade, naquele exato momento, lembrando o rosto muito bonito e visivelmente maligno de Alabaster, e observando o olhar confuso e preocupado no rosto muito bonito e visivelmente não maligno de Touch, eu podia escutar a voz de Wendy Lee dentro da minha cabeça: *Docinho. Em nove de cada dez vezes que você achar que um homem pode estar mentindo, você está com a razão. E não importa qual é a impressão que você tem dele agora. Eu estou aqui pra lhe dizer que um homem nunca abandona sua esposa. Não por um tipo como você, de todo modo.*

Ele já tinha abandonado sua esposa, pensei. Mesmo antes de eu aparecer. Isso deve valer alguma coisa, certo?

— O que eu quero dizer — Touch disse —, é que eu não estou pensando nela de uma maneira romântica. Faz um tempo que não penso nela dessa forma... — sua voz foi sumindo. — Eu só espero que meu filho esteja seguro. Queria ter tirado o menino dela antes de vir para cá. Eu espero... espero um monte de coisas.

Pode ter sido pura malícia da minha parte. Mas podia jurar que ele estava com a cabeça cheia de dúvidas. Arrependimentos. O que poderia significar que estava disposto a voltar ao Planeta Touch e me levar com ele, tudo por conta própria!

Ainda assim, me sentia mal com ele parecendo tão preocupado e culpado daquele jeito, como se tivesse mais pensamentos do que uma pessoa é capaz de suportar passando pela cabeça. Então, disse:

— Beleza, Touch. Vamos pegar um barco.

Ele esboçou um sorriso, e então finalmente deu uma mordida no sanduíche. Um olhar estranho apareceu no seu rosto, como se ele tivesse acabado de ser envenenado. Colocou a mão na garganta ao engolir a seco.

— O que diabos é isso? — ele disse, com a língua de fora. Era o primeiro gesto dele que eu via e não podia dizer que era elegante.

— Como assim, é manteiga de amendoim. Não tem esse tipo de coisa no lugar de onde você veio?

— Não. — Ele pegou uma garrafa d'água e deu uma grande golada. — Não tem.

E mesmo que eu nunca em minha vida tivesse conhecido uma pessoa que não gostasse de manteiga de amendoim, percebi que cada coisinha que ele não fosse gostando do planeta Terra acabaria sendo revertida a meu favor.

Tinha um monte de coisas legais por Escalante. No caminho pra alugar um barco, Touch e eu paramos pra entrar na cavidade de uma pegada fossilizada de dinossauro. Tentei explicar pra ele um pouco sobre os dinossauros e a evolução.

— Algum dia, eu vou te mostrar uma imagem em algum livro. Eles eram como lagartos, só que maiores. Muito, muito maiores. E alguns deles podiam voar.

Ele me olhou como se eu fosse meio maluca e ajoelhou-se para tocar o solo endurecido que formava a pegada.

— Muito fascinante — ele disse. A maneira como ele disse me fez lembrar que, lá de onde veio, ele era um cientista. — Lembra de quando você me perguntou como as pessoas com poderes, as pessoas como você, ficaram assim? É exatamente o que você está falando. Evolução. Mudanças graduais, principalmente, mas às vezes súbitas e que estabelecem um único membro de uma determinada espécie para além dos demais.

— Você quer dizer que um dia todo mundo vai ser como eu?

Ele olhou para mim e sorriu. Então disse:

— É o que se espera.

Preferi não salientar que isso praticamente significaria o mundo inteiro em estado de coma.

Na pequena marina, encontramos um índio navajo que vendia joias feitas à mão e alugava barcos. Ficamos com o que Cody teria chamado de uma voadeira; apenas um pequeno e simples barco de pesca com um motor de popa. Mesmo com Touch sendo o único que tinha vindo de um lugar formado basicamente por água, fui eu quem dirigiu. Cody já tinha tido um igual àquele, em que costumava viajar pelos igarapés e no rio Mississipi, quando estava calmo o suficiente. Touch enfim desandou a falar, tagarelado sobre a forma como os meios de transporte eram diferentes em seu planeta, nada desse negócio confuso de gasolina derramando e destruindo a água. Ficou bem horrorizado com a mancha que nosso pequeno barco estava deixando pra trás.

— Faz sentido vocês não terem gasolina já que não tiveram dinossauros — eu disse. E expliquei o pouco que sabia sobre combustível fóssil. — Eles dizem que isso está destruindo o planeta, tornando o mundo mais quente. Por causa da... camada de ozônio e tal.

Esperava que Touch ficasse muito mais interessado no assunto, mas ele se calou de novo. Queria saber mais sobre o tema pra poder impressioná-lo com meu conhecimento. Tinha sido uma aluna muito boa na escola, mas nossas aulas de ciência não tinham tratado por muito tempo sobre as mudanças climáticas, já que a legislatura do Mississipi não dava muita atenção à teoria. Provavelmente estava ficando cada vez mais claro pra Touch que eu não tinha nada de cientista. Ficava imaginando se Alabaster tinha sido uma.

— O que Alabaster faz, afinal? Pra ganhar a vida, quero dizer.

— Ganhar a vida? — aquele olhar de novo, e ele se virou, olhando novamente a paisagem. — Eu não sei. É difícil explicar. Tudo funciona de forma tão diferente aqui. Algumas coisas simplesmente são impossíveis de se traduzir.

— Bem... ela era uma inventora, uma cientista, como você?

— Não. — Ele não conseguiu ir além disso.

Deslizei o pequeno barco ao longo da água e as grandes paredes do desfiladeiro foram se avolumando cada vez mais sobre nós. Foi

estúpido sentir ciúmes de uma mulher maligna de outro planeta. Mas não pude evitar. Perguntava-me o que aconteceria se, quando finalmente nos encontrássemos de novo, eu tirasse minhas luvas e simplesmente a agarrasse. Talvez absorvesse um pouco da sua beleza, além de saber tudo o que ela sabia sobre Touch. Mas então, é claro, ela estaria em coma ou morta, e não importa o quanto Touch a desprezasse naquele momento, ele provavelmente não aceitaria o fato de bom grado, sendo ela a mãe do seu filho e tudo mais.

Minha mente passou a vagar por tudo o que Touch tinha me contado sobre seu lar.

— Utopia — eu me peguei dizendo.

Touch virou sua cabeça em minha direção:

— O que você disse?

— Nada de mais, só essa palavra que a gente aprende em sociologia, uma palavra pra uma sociedade ideal. Utopia. Parece uma utopia, esse lugar de onde você veio. Eu acho que é só mais uma palavra pra Arcádia. Um mundo perfeito.

Touch ficou pensando na nova expressão. Eu percebia como ele a revirava na sua cabeça, matutando sobre ela, comparando-a com o que quer que os ruídos e os assobios da sua língua se valessem pra dizer a mesma coisa. Então ele balançou a cabeça, concordando comigo, mas parecia estar imensamente triste.

— Sim. Eu acho que é. Ou pelo menos costumava ser.

Fomos deslizando por entre os desfiladeiros. Como uma boa menina do Mississippi, passei um bocado de tempo na igreja. Mas quero dizer que nunca senti uma sensação espiritual (de Deus) como senti ao flutuar descendo por aquela hidrovía, com aquelas paredes enormes de rochas. Algumas delas se encontrando em arcos, algumas outras subindo em formatos malucos. Você poderia ficar observando aquelas rochas como observa nuvens, pensando em todas as coisas com que elas se pareciam. A cabeça de um touro ali, um tênis mais além. Uma senhora com cabelos longos, flutuantes. Mas, ao contrário de nuvens, as rochas não se dissipavam e voavam pra longe. Permaneciam firmes,

encarando a gente de volta. Era como se a alma de qualquer forma que você já tenha visto vivesse dentro delas.

Puxamos o barco até uma pequena ilha, arrastando-o pela areia, e fomos dar uma volta. Touch já tinha descoberto o que eram mapas e seguiu as instruções do seu livreto sobre os Anasazi. Ele lia em voz alta pra mim enquanto caminhávamos, e eu aprendi que os Anasazi eram povos antigos que viviam em cabanas e grutas espalhadas por todo o Novo México, Arizona, Colorado e Utah. Dava pra encontrar vestígios das suas aldeias por toda a região de Four Corners e, antes que me desse conta, Touch e eu estávamos plantados no meio de uma delas, um pequeno vilarejo com trilhas escavadas e grutas construídas nas rochas, grandes o suficiente pra que nós rastejássemos pra dentro e prosseguíssemos agachados.

Mais do que nunca, eu sentia os espíritos ao meu redor. Quando fechei meus olhos, vi todo o lugar cheio de vida, as crianças pequenas zanzando por aí, mulheres carregando cestos e jarros cheios d'água. Havia tanta coisa pra se admirar sobre a forma como aquela pequena aldeia tinha sido construída nas rochas, como um arranha-céu maluco que se misturava perfeitamente à paisagem. Dava pra ver que parte da estrutura pertencia à parede rochosa natural e quais partes tinham sido feitas com lama e pedras da margem do rio.

Touch não parecia estar com muita vontade de entrar. Permaneceu próximo, andando pra cima e pra baixo, examinando as coisas tão de perto que mais parecia que aquilo era o real interesse dele neste planeta, desde o princípio.

— Ei — eu disse. — Você não quer subir um pouquinho pra ver mais de perto?

— Não. Eu quero ter uma noção da construção.

Dei de ombros e me abaixei pra passar por um pequeno arco. Já bem acomodada numa pequena gruta, cruzei as pernas e, em seguida, ergui as mãos, juntando os polegares aos indicadores. O tipo de posição em que minha mãe ficava, pelo que me lembro, concentrando-se com todas suas forças. *Silêncio, Anna Marie. Mamãe está se concentrando.*

Abri meus olhos e vi Touch com as mãos nos quadris, olhando pra mim. Sorri pra ele e ele sorriu de volta, mas nada tão cintilante quanto

seus sorrisos costumavam ser.

— Vocês têm lugares como esse?

Ele me veio com outro daqueles semblantes meio perturbados e logo apontou o queixo em direção à parede atrás de mim.

— Olha — ele disse. — Arte.

Levantei-me e dei uma boa olhada na parede. A gruta pra qual me arrastei tinha um formato diferente dos outros cômodos, era meio arredondada, e de repente tive uma súbita percepção das coisas. A razão pela qual não tinha visto os desenhos enfileirados era que as paredes estavam carbonizadas, tinham diferentes camadas de preto e, de alguma forma, eu sabia que aquele cômodo tinha sido um local de culto. A palavra “kiva” pipocou na minha cabeça, uma palavra que eu nunca tinha escutado antes. Se algum dia chegou a existir um teto, ele já tinha sumido fazia um bom tempo. O sol queimava o topo da minha cabeça.

Os desenhos na parede pareciam bem primitivos. Linhas, círculos e quadrados. Eu podia distinguir diferentes tipos de animais (ursos, cervos e lobos), além de pessoas de diversos tamanhos, algumas com cabeças de animais, algumas delas *segurando* o que pareciam ser cabeças humanas. Olhando estas últimas, tive a sensação de que tinham sido feitas pra servir como um aviso. Como se talvez eu não devesse estar naquela pequena sala oval, examinando aquela arte.

— Touch, estou com um pouco de medo.

— Está tudo bem — sua voz soou muito diferente naquele momento. Parecia firme, sem maldade alguma, com uma certeza que eu nunca tinha escutado antes. Por um momento senti que ele sabia exatamente onde estava e o que estava fazendo. Como se tivesse algum outro tipo de propósito além de escapar de quem nos perseguia.

O mundo todo começou a pulsar a minha volta. Não conseguia me conter. Estendi a mão em direção a um dos desenhos, o personagem mais alto. Sua cabeça estava rodeada pelo que parecia um sol e ele não tinha nenhuma cabeça humana pendurada nas mãos. Ainda assim, eu poderia dizer que ele era um guerreiro, ou talvez até mesmo um deus, com um escudo cheio de cruces desenhado no peito.

— Vampira — Touch exclamou, e mal pude dizer se ele quis me parar ou me incentivar. Tudo o que soube foi que, tão logo meus dedos estabeleceram contato com o desenho, meu corpo foi atravessado por alguma coisa terrível e poderosa. Algo quente e brilhante feito o próprio Sol. Aquilo me embrulhou o estômago de um jeito que, mesmo absorvendo Cody, Wendy Lee e os *wildebears*, não tinha acontecido antes. Eu podia ver a própria terra em toda sua singularidade me circundando. Senti como se minhas veias estivessem sendo inundadas pelo barro vermelho abaixo dos meus pés. Um tipo de conhecimento que não tinha palavra alguma vinculada a ele tomou conta de mim, preenchendo até a borda da minha cabeça, que tinha a ver com a natureza inconsequente de qualquer coisa humana, qualquer coisa feita pela homem.

Tawa. A palavra, um nome, pulsou nos meus ouvidos. Bem na minha frente, na parede, a imagem ganhou vida. Levantou seu escudo e brandiu o punho na minha direção, como se eu tivesse feito algo muito errado. Em seguida ajoelhou-se já fora da parede e me encarou.

— Touch — sussurrei.

O mundo inteiro tinha ficado embaçado. Meu rosto estava quente por causa do sol que ardia dentro de mim. A voz de Touch surgiu de muito longe e lenta, tão lenta, que mais parecia uma gravação na velocidade errada. Eu não conseguia entender o que ele estava dizendo. Mas reconheci algo na expressão da imagem (a gravura viva e movediça) diante de mim. *Tawa*. Esse era seu nome, e percebi que ele estava perscrutando meu rosto, decidindo se eu era ou não digna do que tinha acabado de tomar dele.

E, logo em seguida, todo um universo explodiu dentro de mim. Tudo ardia. Escutei um estalido e pensei que meus olhos fossem saltar das órbitas. Eu queria gritar, mas alguma coisa lutava pra conter os gritos.

— Guerreiros não gritam — *Tawa* disse. — Guerreiros permanecem firmes e lutam.

— E os deuses? — perguntei, talvez em voz alta ou talvez apenas na minha cabeça. — O que eles fazem?

— Eles não cedem seus poderes. Você não pode sugá-los deles.

— Não foi isso que eu quis dizer... Não quis dizer...

— Silêncio — Tawa retrucou. — Calma, menina.

Percebi com tanto horror quanto reconforto que eu ainda estava tocando nele. Sob meus dedos, o desenho tremia. Ele desapareceu, e então cresceu ainda mais, pra logo diminuir e depois desaparecer por completo. De repente a terra vermelha correu de encontro ao meu rosto. Senti uma grande onda, como se uma corrente fluvial me encobrisse, só que não era água, mas sol.

— Pegue o que você precisa — Tawa sussurrou — e nada mais.

Quando abri os olhos, o céu estava azul e tranquilo acima de mim. O desenho de Tawa tinha retornado ao seu lugar, intocado e inalterado. Imóvel. Todo o meu corpo estava destruído, devastado, como se tivesse passado por algo terrível, algo do qual ele precisasse se recuperar. Sentei-me e pisquei os olhos contra a luz do sol. Meu ombro não doía. Empurrei minha camisa de lado pra examinar a ferida. Tinha desaparecido, curado, deixando só uma cicatriz estranha em zigue-zague no lugar das fibras e do sangue. Quase tão surpreendente quanto, a pele do meu antebraço e das minhas costas tinha mudado de cor, escurecido, adquirido uma tonalidade avermelhada que refletia a paisagem ao redor.

— Touch — eu disse, com a voz um pouco rouca e minhas entranhas mais secas do que o quase deserto à nossa volta —, você viu isso? Você ouviu?

Mas ele não respondeu. Não exatamente. Só disse:

— Pronto. Deixa eles tentarem levar você agora.

O tempo passou. Eu estava deitada no chão do kiva, e nada preparada ou capaz de me levantar ainda. Minhas pernas e braços pareciam estar imóveis, e meu corpo esgotado, como se eu tivesse acabado de correr uma maratona ou me recuperado de uma febre de matar. Aquilo teria me preocupado se Touch não parecesse tão calmo.

Ele só ficava ali no mesmo lugar com os braços cruzados, observando-me como se esse tivesse sido seu plano o tempo todo.

E tem mais uma coisa. O que eu tinha tocado era grande demais, forte demais pra que eu absorvesse tudo. Talvez até mesmo pra tirar uma migalha que fosse. Ao mesmo tempo, sabia que um bom pedaço tinha sido dado de bom grado, adicionado à minha coleção cada vez maior de forças vitais. Tawa. O menor pedacinho dele era maior do que uma pessoa inteira, ou dois *wildebears*. Por mais que a absorção tivesse me enfraquecido, eu sabia que, quando me recuperasse, seria mais forte do que nunca.

Finalmente me arrastei pra fora de lá, rastejando de quatro. Então, levantei-me e fui em direção a Touch. A sensação de *recuperação* passou a crescer e senti estar praticamente *recuperada*. Na verdade, sentia-me muito melhor do que simplesmente bem. Os desfiladeiros zumbiam ao meu redor, falavam comigo e me infundiam cada vez mais força.

Dava pra ter imaginado que Touch pudesse dizer alguma coisa sobre o que tinha acabado de acontecer. Minha convulsão, eu me debatendo no chão e logo me levantando com a pele num tom mais escuro, esse tipo de coisa. Mas ele apenas disse:

— Tem um desfiladeiro mais profundo do que esse ao sul daqui. De alguma forma eu sabia exatamente o que ele queria dizer.

— Tranquilo — retruquei. — É bem na direção do México.

— Amanhã de manhã vamos seguir para lá.

— Por mim, tudo bem. — É claro que eu sempre quis ver o Grand Canyon. Só não estava muito pronta pra perguntar a Touch como diabos ele sabia daquilo tudo. Ainda sentia meu corpo um pouco estranho e formigando, congestionado demais e ao mesmo tempo forte e imbatível.

Seguimos nosso caminho de volta ao barco. Talvez o que eu tinha acabado de passar, o que ele tinha acabado de presenciar, tivesse ido muito além de meras palavras pra que fosse possível um diálogo. Já na água, passamos deslizando por todas as rochas voluptuosas e todas as ruínas, nós dois sentindo como se milhares de rostos ancestrais estivessem nos observando. E sabíamos que, de alguma forma, eles queriam nosso bem.

Quando voltamos ao cais de aluguel de barcos, o cara navajo devolveu a licença falsa que Touch tinha lhe dado; na hora supus que ele estivesse usando alguns documentos dos seus amigos de Smith Park. Claro que eu só tive um tipo de identificação em toda a minha vida, a carteira de motorista autêntica que eu tinha queimado nas dunas de areia. Perguntava-me se deveria pensar em como obter uma nova nos próximos dias. Não levaria muito mais do que isso pra que chegássemos ao México.

Touch colocou a identidade falsa de volta no bolso interno. O navajo perscrutou atentamente meu rosto.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Claro — tentei parecer casual. Algo como *Por que eu não estaria bem?*

— Você me parece diferente. Diferente de quando chegou.

— Peguei muito sol — retruquei.

Ele assentiu solenemente:

— Mais sol do que você esperava, eu diria.

Não consegui pensar numa boa resposta pra isso. Meus ombros estavam um tanto curvados. Escorei meu peso em Touch.

— Aqui — disse o navajo. Pegou uma pequena corrente de prata com um pingente de sol. No centro do sol de prata havia uma turquesa redonda. — Leve isso. Fique com ela.

— Ela vai me manter segura?

— Escute. Quando eu era menino, meus avós me disseram pra nunca entrar nas ruínas. “Observe-as de uma certa distância”, eles sempre disseram. Porque quando você entra, você nunca sabe quais espíritos podem saltar pra dentro de você. Bons ou ruins.

A sensação nebulosa e confusa de febre voltou a me tomar, mas pulsava longe, como uma memória.

— O que eu estou dizendo é que você não precisa de joias pra mantê-la segura. Não mais. — Mas deixou o colar nas minhas mãos ao mesmo tempo.

Touch e eu voltamos à camionete e dirigimos por apenas alguns quilômetros até encontrarmos um acampamento. Dessa vez fomos

bem cuidadosos ao preencher o envelope com o dinheiro enfiado dentro, o modelo, a marca e a licença da nossa camionete. Eu estava um pouco nervosa com a placa original da camionete, enquanto também guardava um sentimento de esperança de que, quem quer que fosse o dono, tinha deixado o carro pra trás por toda uma temporada, e não descobriria que ele estava desaparecido até que o verão voltasse de novo. De modo geral, tinha me recuperado do incidente nas ruínas. Minha pele, no entanto, continuava escurecida e avermelhada, e meu cérebro não parava de formigar. Além do mais, não conseguia me livrar da sensação de que Touch sabia exatamente o que estava fazendo quando me levou àquelas ruínas. Quando perguntei sobre isso, ele apenas disse:

— Como eu poderia saber?

E já que eu não tinha uma resposta, deixei por isso mesmo.

Não tínhamos uma barraca pra armar, então simplesmente nos atiramos na caçamba da camionete e nos envolvemos nos cobertores de Joe Wheeler. Puxei sua enorme mochila verde bem pro meio de nós.

— Pra que isso? — Touch perguntou.

— Você sabe pra quê. Você não quer acabar como aqueles *wildebears*, não é?

— Posso imaginar maneiras piores de ir embora.

Pelo menos sua voz tinha recuperado aquele tom brincalhão. Apoiei-me num dos cotovelos e olhei pra ele, que ainda vestia cada peça de roupa que tínhamos roubado, embora para mim a noite estivesse bem agradável. Mais quente do que no Colorado.

— Touch — eu disse.

— Vampira?

— O que aconteceu lá atrás? Nas ruínas?

— Acho que as pinturas rupestres estavam mais vivas do que fomos capazes de perceber.

— Você sabia que aquilo ia acontecer? — não pude deixar de perguntar outra vez. Ele não disse nada e, muito rapidamente, acrescentei: — O que você quis dizer quando falou que eles não poderiam me levar agora?

Desejei na mesma hora que eu não tivesse acrescentado a segunda pergunta, porque foi logo a que ele acabou escolhendo pra responder, em vez da primeira.

— Pareceu que você se tornou mais poderosa. Agora, você tem os *wildebears* em você, mais os Anasazi. Eu diria que isso te faz uma mulher bastante forte.

Touch sorriu pra mim e eu sorri de volta, embora o ato de sorrir fizesse parecer que estávamos mudando de assunto. Estava escuro, o sol tinha se posto, mas, acima de nossas cabeças, milhares de estrelas brilhavam. Ele tirou os olhos do meu rosto e os lançou aos céus. E logo em seguida de volta pra mim.

— Oi — ele disse, como se tivesse acabado de notar que eu estava ali.

Então fez algo que eu não esperava. Pegou um de seus cobertores (ele tinha dois contra apenas um meu) e o jogou por cima de mim, cobrindo-me toda: cabeça, rosto, tudo. Senti uma ponta de medo instintivamente, como se ele quisesse me sequestrar. Mas logo lembrei que eu já tinha sido sequestrada. E estava *ok* com isso. Não afastei o cobertor, embora esse tenha sido meu reflexo natural. Em vez disso, simplesmente deitei com minha cabeça ainda por baixo do cobertor e as estrelas fora do meu campo de visão. E, no instante em que me dei conta do que Touch faria em seguida, ele foi em frente e fez: subiu no cobertor, o que era o mesmo que dizer que tinha subido em mim.

O peso de um homem por cima de mim, seu corpo encaixado no meu. Nunca tinha sentido isso antes. Poderia acabar tendo sido uma coisa assustadora, acho, não fosse pelo fato de que eu confiava em Touch. Mesmo que estivesse confusa com tudo o que tinha acontecido naquele dia, lá no fundo eu confiava nele. E o amava. Pronto. Falei. Ou pelo menos pensei. Parte de mim estava com medo de que, se dissesse aquela palavra em voz alta, ele faria aquela cara confusa que aprendi a reconhecer tão bem, tipo quando eu disse “ar-condicionado” pela primeira vez.

Mas meu coração me dizia que não, ele não faria aquela cara de novo. O cobertor era feito de flanela de algodão, macio e quentinho, mas fino o suficiente pra que eu pudesse sentir o calor de Touch, sentir

seu cheiro. Ele me envolveu com os braços e apertou sua bochecha contra a minha e, através do cobertor, eu podia sentir seus lábios roçando minha orelha, sussurrando algo em seu próprio idioma, estranho e bonito. E mesmo que eu não conseguisse entender, gostava de escutar. Fez com que me sentisse mais perto dele, e um pouco menos como se houvesse um cobertor entre nós. Tratei de me concentrar no peso do seu corpo sobre o meu.

Touch sabia o que significava o amor.

Eu não estava nem aí se não podia ver as estrelas ou se Touch tinha me levado àquelas ruínas de propósito. Eu nem sequer me preocupava em respirar. Só me apertei de volta contra ele, saboreando a sensação do seu abdômen respirando contra minha barriga e seus lábios no meu ouvido, dizendo coisas que eu não conseguia entender, mas amava o jeito como soavam. Eu poderia ter continuado com isso durante a noite toda e pra sempre, mas Touch enfim adormeceu, e com muito cuidado tirei-o de cima de mim e coloquei a mochila entre nós, porque, né, segurança nunca é demais. Não se você ama o cara.

Em minha vida, já tinha conhecido o significado de culpa muito antes do que tinha acontecido com Cody. Acho que é uma emoção que todo mundo tem e, no meu caso, com certeza não ajudou o fato da Tia Carrie viver cutucando o mal que vivia dentro de mim. Quando eu estava na pré-adolescência, ela me alertou sobre os homens e as partes do meu corpo que ninguém nunca deveria tocar. Incluindo eu. Talvez se ela não tivesse me advertido sobre eu mesma me tocar, isso nunca tivesse me ocorrido. Mas todo aquele seu falatório acabou me deixando curiosa e lá estava eu, bela noite (no escuro, sem ninguém observando), quando resolvi fazer uma tentativa e bem... estaria mentindo se dissesse que não foi bom. Daí pra frente meio que se tornou minha nova maneira de cair no sono, tocar nos lugares que eu não devia, e pouco tempo depois meus seios começaram a brotar no peito, e depois cabelo em lugares onde antes não havia nenhum. Tinha certeza de que, se tivesse escutado Tia Carrie, meu corpo teria

ficado do jeitinho que costumava ser. Parei com tudo na mesma hora, mas o estrago estava feito. Continuei crescendo até me tornar uma mulher. E, mesmo depois de descobrir que, é claro, a culpa não tinha sido minha e meu corpo teria mudado de qualquer jeito, eu nunca poderia retomar o velho hábito de novo. Alguma coisa na minha cabeça fez com que isso parecesse errado, sujo. Até mesmo o que eu sentia por Cody às vezes me fazia sentir como se eu estivesse fazendo algo errado. Impuro.

Talvez, quando Touch enfim apareceu, eu tenha me sentido como se tivesse sido catapultada pra bem longe do meu próprio mundo e esses pensamentos nunca tivessem entrado de fato na minha cabeça. Com ele, eu nunca tinha me sentido nem um pouquinho culpada. Ou talvez a atração por ele fosse tão forte que acabava barrando todo o resto. Amor. Sim. Não havia outra palavra pra isso. Eu também amava Cody, mas aquilo era diferente. Era maior. Mais maduro. Mais permanente.

E no que deu: trouxe a culpa de volta. Por causa do meu surto de romantismo, Cody estava numa cama de hospital, seu passado e seu futuro sugados. E quanto a mim, eu simplesmente tinha decidido seguir em frente. Próximo cara.

É bem provável que esses pensamentos fossem o motivo pelo qual tive um sonho com Cody na outra noite, dormindo na caçamba da camionete azul. Cody teria adorado aquele carro e, no sonho, eu e ele estávamos sentados na caçamba, um de cada lado, por cima de uma pequena fogueira, assando marshmallows. Cody era paciente com seu marshmallow, girando-o lentamente de um lado pro outro, deixando que ficasse no tom exato de um marrom meio pálido, borbulhante. Ao passo que eu só fazia tacar o meu no fogo, apagar a labareda num sopro e retirar a casquinha carbonizada. Minha língua queimava um pouco em toda e qualquer tentativa.

— Você tem que ir mais devagar — Cody disse, girando o marshmallow com o máximo de cuidado. — Não tem por que ter pressa, Vampira.

Aquilo soou muito engraçado aos meus ouvidos, escutar Cody me chamando de Vampira, e não de Anna Marie.

— Como você sabe meu nome?

— Eu te conheço desde sempre.

Vi seu olhar recair sobre minhas mãos, sobre o anel que ele tinha me dado.

O sonho foi tão real. Não da forma como meus outros sonhos tinham sido. Faltava aquela qualidade dos sonhos, mas me pareceu como se fosse a vida normal, exceto pelo fato de que tinha sido mais profundo do que a vida real, como se eu tivesse de estar cuidadosamente em busca de significados ocultos. Cody parecia estar como sempre esteve, muito jovem e cheio de vida, mas falava com muito mais precisão. Lembrei de todas as vezes em que ele tinha sido a única pessoa com quem eu podia conversar. Tirou o marshmallow do fogo e estendeu o espeto na minha direção.

— Não. Fica pra você, Cody. Você deu um duro danado por ele.

— Agora é seu. É importante que fique com ele.

Pareceu-me um tanto rude dizer não com ele me estendendo o marshmallow daquele jeito. Feito um presente. Então peguei o espeto e puxei o marshmallow com muito cuidado, lembrando do que ele tinha dito: eu tinha todo o tempo do mundo. O gosto do marshmallow estava maravilhoso, crocante por fora, derretendo suavemente por dentro, e fechei os olhos por um breve momento pra saboreá-lo. Quando abri os olhos de novo, Cody ainda estava sentado à minha frente, mas o fogo tinha apagado, e ele tinha puxado seus joelhos de encontro ao peito. Seus braços estavam em torno das suas pernas, abraçando-as, e seu rosto estava enterrado entre elas. Ele estava chorando, tremendo, soluçando.

— Cody. Não chore, por favor.

Antes que pudesse evitar, estendi a mão pra tocá-lo, não me dando conta até o último segundo de que não deveria fazer aquilo. Mas Cody se lembrou por mim e se afastou a tempo, como ele nunca tinha feito em qualquer um dos outros sonhos.

— Cuidado, Vampira. Essa é a coisa mais importante. Cuidado enquanto você estiver aqui. Cuidado quando você estiver lá.

As lágrimas tinham desaparecido. Ele estava de pé, olhando pra mim. Parecia muito sério, mas não com raiva nem com medo.

— Quando eu estiver lá? Lá onde?

— Me escuta. Existe apenas um mundo pra você.

Isso me deixou meio fãula da vida, considerando todos os planos que eu tinha na cabeça. Abri minha boca pra perguntar como ele sabia disso e por que ele tinha dito aquilo e, do nada, o cenário mudou e *eu* era Cody, uma criancinha que mal tinha dado seus primeiros passos, sentado num balanço de bebê, e sua mãe estava me embalando. Toda vez que eu ia na sua direção, ela segurava meus pés e esfregava seu nariz contra o meu e eu ria sem parar, gargalhadas estrondosas de bebê nos meus ouvidos.

De repente, eu era eu mesma de novo, crescida, sentada numa das extremidades de uma gangorra. Cody estava sentado na outra ponta, suspenso no ar.

— Chegou a hora, Vampira. Chegou a hora.

Acordei sobressaltada, sentando-me na caçamba da camionete azul, enquanto Touch dormia profundamente ao meu lado. Um milhão, um bilhão, um trilhão de estrelas acima da minha cabeça. Tudo calmo e quieto.

As cartas. Tinha esquecido completamente de escrever as cartas pros pais de Cody. E, com os tiras na minha cola, não conseguia vislumbrar maneira alguma de voltar a escrevê-las de novo. O que, na verdade, pode ter sido um alívio pra eles. De qualquer jeito, continuei sentindo a mesma coisa, que eu era a culpada. Deitei, puxei meu cobertor e observei todas aquelas estrelas por um longo tempo, ouvindo a respiração lenta e cadenciada de Touch e imaginando qual daquelas distantes esferas de luz podia ser sua casa. De uma coisa eu tinha certeza: o que tinha acabado de acontecer não tinha sido um mero sonho. Tinha sido Cody, que veio me ver de outro lugar. Estar com ele, vê-lo por inteiro, isso tudo me confortou tanto quanto me deixou confusa. E eu esperava, do fundo do coração, que ele estivesse errado sobre quantos mundos existiam pra mim.

Finalmente consegui voltar a dormir e, quando abri meus olhos de novo, Touch já estava de pé, zanzando pelo acampamento e preparando uma pequena fogueira, mesmo que não tivéssemos nada pra cozinhar. Já era setembro e deveria estar frio pela manhã, mas o sol subia alto no céu e castigava o dia com um calor massacrante. Ainda

assim, Touch estava todo empacotado em sua flanela acolchoada, esfregando as mãos enluvadas como se precisasse aquecê-las. Eu não parava de me perguntar se seria capaz de me adaptar à temperatura do seu planeta, já que tinha sido eu mesma quem puxou a conversa sobre ele me levar pra lá.

— Lá é quente, tudo bem. Mas... é quente quanto?

Já tinha escovado meus dentes e me juntado a ele em volta da fogueira, vestindo uma camiseta e a saia florida roubada da esposa de Joe Wheeler. Estava com meu suéter (o que tinha as luvas embutidas) por cima dos joelhos, remendando o buraco feito pelo *wildebear*. O suéter era tão escuro que a mancha de sangue nem era tão perceptível assim, e aquela era uma roupa das mais úteis pra simplesmente ser jogada fora.

— De acordo com o sistema de temperatura de vocês? Provavelmente uma média de uns 50 graus. Entre 50 e 65, eu diria.

— Meu Deus. — Eu não podia imaginar estar num lugar tão quente, muito menos qual seria a sensação. — Todo mundo deve se mover bem devagar.

— Estamos acostumados — Touch retrucou, sorrindo. — Sabe, não precisamos nos preocupar muito com tanta roupa do jeito que vocês fazem.

— E quanto às queimaduras do sol?

— Até que estamos bastante avançados no que diz respeito à proteção.

Imaginei a pele pura e intocada de Alabaster. Bastante avançado era o mínimo pra manter aquela aparência sob um sol de 50 graus!

Comemos algumas sticks de carne (levemente melhores ao estômago de Touch do que a manteiga de amendoim), enquanto eu observava o mapa.

— Não vai demorar muito pra gente chegar ao Grand Canyon daqui — eu disse. — Só mais umas sete horas, acho, com as paradas e tudo mais. Você está pensando em descer o desfiladeiro quando a gente chegar lá? — Estava esperando que ele dissesse que sim. Eu

sempre quis descer o Grand Canyon com uma daquelas mulas carregando nossas coisas no lombo.

— Sim, definitivamente vamos até lá embaixo — ele respondeu. À luz do dia, o olhar introspectivo tinha voltado a tomar seu semblante. Mas ele sorriu pra mim, e em seguida colocou sua carne de voltam ao fogo. — Quanto ainda temos de dinheiro? Vamos tomar um café da manhã de verdade antes de partir. Aí talvez devêssemos tentar um caixa eletrônico.

Contei os últimos centavos do dinheiro de Joe Wheeler. Lá em Caldecott County, quinhentos dólares seriam uma fortuna. Eu tinha fugido de casa com não muito mais do que isso. A vida na estrada, no entanto, estava se mostrando bastante cara. Entre o motel, o aluguel do barco, a taxa do acampamento e os parcos suprimentos que tínhamos comprado, restavam apenas cento e cinquenta dólares.

— É melhor conseguirmos mais dinheiro — Touch disse. — Depois, temos que dar um jeito de ficar longe do caixa eletrônico.

Assenti com um aceno de cabeça e entreguei-lhe o dinheiro. Estaria mais seguro dentro do seu bolso. Ele se levantou e foi sentar ao meu lado.

— Deixe-me ver a ferida.

Hesitei por um minuto, então pensei: “Mas que diabos”. Ninguém estava ali por perto pra xeretar. E ele estava vestindo suas luvas. Suspendi a camiseta por cima da cabeça, fiquei lá sentada só de saia e sutiã, e virei de costas.

Ele pressionou as pontas dos dedos enluvados de maneira muito delicada em torno de onde a ferida estava. Não cheguei a sentir nada diferente, só que estava completamente curada.

— Impressionante.

Prendi minha respiração. Touch levou seu dedo da minha cicatriz até minha coluna. Foi descendo com muito cuidado por quase todo o caminho até meu traseiro. Fiquei toda arrepiada com aquele toque suave e me concentrei em apenas ser grata por isso — deleitando-me mesmo —, em vez de desejar que pudesse sentir as verdadeiras pontas dos dedos e não somente o couro. Ele deixou que sua outra mão entrasse em ação, tocando minhas costas em redemoinhos dos mais gentis, até que eu não passasse de uma tremenda e trêmula confusão

ali naquele tronco. Não havia nada que pudesse fazer pra evitar. Virei-me pra encará-lo.

Assim que me virei, suas mãos escorregaram das minhas costas pros meus joelhos. E então ele suspendeu as mãos e as colocou nos meus seios. Quase tive um troço. Mas logo o choque passou e não só me senti incrível como também fazendo a coisa certa. Os tremores se transformaram num calor que foi crescendo dentro de mim. Fechei os olhos, concentrando-me nas suas mãos e no calor que pulsava delas, e foi como se o ímã mais forte do mundo estivesse me puxando em direção aos seus lábios pra beijá-lo. E ele também passou a se inclinar na minha direção.

Eu nos interrompi a tempo, levantando-me de forma tão abrupta que ele quase caiu do tronco. Endireitou-se e sacudiu forte a cabeça, como se tivesse acabado de despertar de um transe.

— Desculpe-me. É só que eu quero muito isso.

— Nem me diga — retruquei. E seguimos rumo à camionete pra que eu pudesse me cobrir com toda a roupa disponível.

Quando enfim nos sentamos pra comer uns ovos, algumas torradas e tomar café no Harvey's Diner, eu já estava toda suada, de volta à minha calça de couro, camisa de flanela e jaqueta jeans. Imaginei que, se quisesse viver em um planeta a 50 graus, seria melhor começar logo a me acostumar à ideia. Touch devorou seus ovos com torradas, limpando o prato em cerca de dois minutos, e em seguida pediu outra rodada com uma porção extra de bacon. Ele era um cara muito grande e mal estava comendo o suficiente pra manter um rato vivo, nesses últimos dias. No meio tempo entre a noite anterior e aquela manhã, pra não mencionar todos os nossos dias juntos naquela fuga, eu estava me sentindo horrível perto dele. Então fui em frente e contei-lhe sobre meu sonho com Cody.

Touch escutou tudo com muita atenção.

— Interessante. É quase como se ele soubesse o que está acontecendo com você, como se ele estivesse observando você do quarto dele no hospital.

— Sim — concordei. — Mas é um sonho. Então, é claro que ele sabe o que está acontecendo comigo, porque *eu* sei o que está acontecendo comigo. Tudo está acontecendo na minha cabeça.

— Talvez. Ou talvez ele esteja se comunicando com você através de um plano astral.

— Um plano astral!

— Os Anasazi eram pessoas muito místicas. Eles não estavam presos somente a um único mundo, como as pessoas que vivem o aqui e o agora. Talvez, agora que já absorveu um pouco do poder daquele guerreiro, você não esteja presa aqui também.

Apesar de toda a comida, senti meu estômago ficar vazio de repente. Todas aquelas coisas que Touch estava dizendo sobre os Anasazi... Ele não podia ter obtido tanta informação assim de um panfleto qualquer na administração do parque. Baixei minha torrada e o encarei.

— Você costuma fazer isso no seu planeta? Se comunicar com os antigos Anasazi do planeta Terra?

— Não sei do que você está falando. Mas sei bastante sobre planos astrais. Apenas os místicos muito avançados podem alcançá-los. Eu nunca cheguei a tanto. Mas e se houver duas pessoas, ambas capazes? Elas poderiam muito bem visitar uma à outra. Em sonhos. Ou em qualquer outro lugar.

Em outro lugar. Touch sempre falava de maneira tão perfeita e fantasiosa. Eu amei a ideia de outro lugar.

— Talvez a gente pudesse se encontrar num desses planos astrais, qualquer dia desses. E você poderia me tocar de fato. Sem luvas. Sem roupas.

Ele pousou a xícara de café e me encarou, longa e profundamente. Quando vi Touch pela primeira vez, fiquei impressionada com a cor dos seus olhos. O formato. Sua beleza. Agora, quando observava aqueles olhos, via todas essas qualidades, mas também enxergava algo mais. Culpa, bondade e o peso de todo um mundo. Além de, talvez (e isso bem podia ser mero devaneio), amor. Talvez eu também enxergasse amor.

Ele estendeu o braço sobre a mesa e colocou sua mão enluvada sobre a minha.

— Só não deixe que Cody toque em você nesse plano astral — ele disse, e meu coração quase pulou pela boca no maior sorriso de todos os tempos. Ele me amava! De verdade. Por que mais diria aquilo? Touch me amava.

Pude sentir isso ao segurar sua mão e sorrir para seus olhos cheios de malícia. Amor. Tão claro quanto o dia.

Enquanto Touch pagava a conta do café da manhã, fui ao banheiro. Assim que me tranquei na cabine, vi uma carteira marrom de couro, grande e gorda, esquecida na parte de trás do vaso sanitário.

Meu peito começou a batucar. Era um sinal! Alguém lá em cima quis que continuássemos. Peguei a carteira e me sentei no vaso. Pertencia a Mary Ginsberg, de Flagstaff, no Arizona. Ela tinha vinte e dois anos e nada na carteira demonstrava o menor sinal de riqueza (era velha e surrada), exceto pelos trezentos dólares em dinheiro.

Permaneci lá sentada por muito tempo depois que terminei de fazer xixi, olhando pra foto dela na licença de motorista. Parecia ser uma pessoa bem legal. Parte de mim só queria esperar mais um pouco pra me certificar de que ela não viria atrás do que era seu.

Quando enfim saí do banheiro, Touch já estava do lado de fora, no estacionamento, esperando por mim. Respirei fundo e fui marchando com a carteira até o balcão.

— Alguém deixou isso no banheiro — eu disse ao funcionário, deslizando a carteira na direção dele com esperança de que não embolsasse a grana.

Assim que saí à luz do sol, o fato de a carteira de motorista de Mary Ginsberg continuar no meu bolso de trás me fez sentir apenas ligeiramente menos virtuosa. Tinha feito a coisa certa. Arcádia, aqui vou eu.

Infelizmente, nenhuma boa ação fica impune. Touch e eu tratamos de nos mexer em direção à loja de conveniência adjacente ao restaurante pra que pudéssemos usar o caixa eletrônico. A bolinha azul flutuou pra dentro dele. Dessa vez a tela não disse “Saldo Insuficiente”. Não disse nada. Nem cuspiu nota alguma. Pior de tudo ou quase isso: quando Touch cancelou a operação, a bolinha não foi liberada de volta.

Sacudi a máquina o mais forte que pude.

— Ei! — gritou o homem atrás do balcão. — Você aí! O que pensa que está fazendo?

Que maravilha. E eu sem meu gorro, ainda por cima, só com aquela cabeleira selvagem toda e suas mechas brancas. Não conseguiria ser mais reconhecível nem se tentasse. Merda de virtuosismo, pensei, lembrando dos trezentos dólares. Merda.

Já na calçada, Touch e eu ficamos parados na frente da camionete azul.

— Bem. Vamos ter que nos virar sem aquilo.

— Bem uma ova — eu retruquei. — E se alguém a encontrar?

— Ninguém do seu tempo saberia como usá-la.

— Do meu *tempo*?

— Seu planeta — ele disse de um jeito meio distraído, apressado, pra enfim concluir: — Pode ser uma coisa boa, na verdade. Deixá-lo lá. Pode acabar confundindo os dispositivos de rastreamento.

O que era uma ótima notícia, mas não resolvia a questão de como diabos iríamos seguir em frente sem fonte alguma de dinheiro. Ainda assim, joguei as chaves pra Touch. Eu sabia reconhecer um homem teimoso quando olhava pra um. Seria o Grand Canyon ou as grades.

Chegamos ao Grand Canyon ainda no fim daquela mesma tarde. Aquela velha camionete Chevy azul bebia gasolina. Quando Touch e eu enfim estávamos na beira do precipício, mirando uma imensidão que eu nunca podia ter nem sonhado, o tanque da camionete já estava quase vazio, e tínhamos só mais vinte e dois dólares sobrando, enfiados no bolso de trás da calça jeans de Touch. Como diabos conseguiríamos ir do Grand Canyon até o México com vinte e dois dólares? Por toda

minha vida tinha sonhado com um momento como esse, com vista pra uma das maravilhas do mundo, ao lado de um homem que eu amava. E tudo que conseguia pensar era em como aquele balconista cheio de espinhas provavelmente tinha embolsado o dinheiro de Mary pra que pudesse comprar um novo iPod, e nós ali, totalmente quebrados.

Touch parecia ter pensamentos mais grandiosos em mente. Parecia pálido e trêmulo, tomado por um certo temor. Coloquei meu braço sobre o dele e tentei desviar meus pensamentos práticos e egoístas para a grande maravilha do mundo, como uma boa menina de uma sociedade perfeita faria.

— Nunca tinha visto nada como isso em toda a minha vida — disse, com a voz tomada por uma franca reverência. Ao mergulhar os olhos desfiladeiro adentro, sem ligar para a história de ser uma das maravilhas do mundo, eu simplesmente o senti em seu mais absoluto estado nas profundezas do meu ser. Pude senti-lo como jamais tinha sentido qualquer outro fenômeno da natureza: todas as rochas e árvores e aquela água toda respiravam em perfeita harmonia com minha nova pele escurecida.

— Eu sim — Touch disse. — Já tinha visto algo parecido com isso.

Sua voz soou bem diferente do que de costume, parecia abalada e rouca. Percebi que seu braço tremia contra o meu.

— Vampira.

Eu sabia exatamente o que Touch diria antes mesmo que ele dissesse. Parte de mim já sabia havia alguns dias. Eu apenas não estava pronta pra dizer em voz alta. Apertei bem meu cotovelo contra o dele. Seu olhar estava absorto além dos verdes e marrons e azuis e a amplitude vertiginosa de uma cratera que parecia não ter fim.

— Touch — eu finalmente disse —, você não é de outro planeta, é?

— Não. Não sou.

— Esse anel de viagem no tempo. Ele funciona mais do que só algumas horinhas aqui e ali, não?

— Sim. Sim, Vampira, funciona.

Respirei profundamente. Qualquer coisa que ele tivesse a dizer dali em diante me parecia muito mais importante do que o fato de que esteve mentindo pra mim todo aquele tempo.

— Distante quanto? — perguntei, impressionada em como minha voz soava tranquila. — De quando no futuro você veio?

— Dez mil anos — ele respondeu com uma voz muito calma, ainda que parecesse ter ecoado por conta daquele vasto mundo estirado abaixo de nós.

— Dez mil anos — repeti, ecoando o eco.

Eu não o encarava. Não conseguia, não naquele momento. Mas pude senti-lo acenando com a cabeça, mirando todo aquele vazio. E, quando ele enfim falou, nem foi tanto pra me dizer alguma coisa nova, mas como se só quisesse escutar dele mesmo a verdade depois de todos esses dias de mentiras. Poucos metros desfiladeiro adentro, uma águia dourada mergulhou, desenhando círculos graciosos no ar e fazendo parecer que nós dois estávamos em pé bem no meio do céu.

— Estou em casa.

NOVE

No intervalo de apenas alguns minutos, o Futuro e o Planeta Touch tinham se tornado tão somente o Futuro. Ficamos ali, encarando o desfiladeiro.

— Daqui a dez mil anos, esse desfiladeiro estará coberto de água até a metade. Será possível descer por um longo caminho até uma pequena planície que se projeta lago adentro. Eu já mergulhei lá com... Eu estive lá, de férias.

— Por que você mentiu pra mim?

— Não foi minha intenção. Quer dizer, eu não planejava fazer isso. Você me perguntou, lembra? Você me perguntou se eu vinha de outro planeta. E me pareceu que você teria menos perguntas daquela maneira. Senti que, quanto menos você soubesse, quanto mais subjetivas fossem minhas informações, mais segura você estaria. E, para ser sincero, não me pareceu muito como uma mentira. Daqui a dez mil anos, este será um outro planeta de fato, em vários aspectos.

Soltei um longo e profundo suspiro. Minha mente entrou numa espécie de frenesi, tentando remendar a verdade a partir do que ele tinha me falado. Acho que Touch pôde perceber isso, porque logo acrescentou:

— Eu não menti para você a respeito de onde vim, Vampira. Não de verdade. Basta pensar em tudo o que eu contei e substituir a palavra “planeta” por “tempo”.

— Então quer dizer que daqui a dez mil anos a terra vai ter noventa e cinco por cento de água salgada?

Touch confirmou com a cabeça. Tentei imaginar aquilo. Todas as partes do mundo que ficariam submersas. O Mississippi, por exemplo. Não sei bem dizer o porquê, mas aquela ideia fez meus olhos se encherem de lágrimas. Minha casa, inundada.

Talvez eu devesse ter ficado furiosa com ele. Talvez *tivesse* ficado furiosa, se eu mesma não estivesse mantendo meu próprio segredo (o que minha pele era capaz de fazer) até meio que ontem. Na verdade, podia escutar Tawa dentro de mim dizendo pra que eu sufocasse minhas emoções de menininha. Existiam problemas mais importantes em questão do que aquele mimimi todo.

— Mas o que você quer fazer agora? — enfim perguntei a Touch. Parecia que tínhamos passado metade daquela tarde ali parados, um encarando o outro em silêncio, pra que eu pudesse absorver essa nova revelação.

— Eu quero ir lá embaixo — Touch disse, apontando pro desfiladeiro.

Na central de informações, descobrimos que o pedaço de terra do qual Touch se lembrava (o que em dez mil anos viria a ser o fundo do desfiladeiro, ao menos no que dizia respeito à parte de terra) era uma chapada e se chamava Horseshoe Mesa. Levaríamos umas três horas pra descer por ali, e já estaria escuro quando enfim chegássemos. Pegamos tudo da camionete que pudesse caber no mochilão que Touch carregava. Mesmo entupida de cobertores e roupas, quando eu a peguei pra colocar nas costas, a mochila não parecia pesar mais de cinquenta, sessenta gramas. Acho que por conta da minha nova força depois dos *wildebears* e de Tawa.

A caminhada seria por uma ladeira bastante íngreme, cheia de zigue zagues, então toda a atenção era pouca em cada passo do percurso. Ainda assim, Touch e eu fomos conversando pelo caminho. Sim, o fato de eu saber que ele vinha do futuro, e não de outro planeta, motivou milhares de outras perguntas. Mas acho que dá pra chutar qual foi a primeira.

— Então... por que você viajou dez mil anos pro passado?

Ele deu alguns passos sem falar nada. Então, disse:

— Há um monte de lacunas em nossa história. Na história de nosso povo. Arqueologicamente é complicado porque quase tudo ficou submerso. Nós não sabemos muito sobre o que existia antes. Tudo o que conseguimos encontrar foram lugares como os que você e eu vimos ontem, as ruínas Anasazi, e muitas delas estão debaixo d'água.

— Espera aí. Quando você diz “lugares como os que a gente viu ontem”, você quer dizer prédios. Cidades, né? Quer dizer, mesmo que a maior parte do mundo esteja embaixo d'água...

— Eu nunca tinha visto um único pedaço do seu mundo até eu vir pra cá.

— Você quer me dizer que não sobrou nada depois dos Anasazi? Nenhum povoadinho, nenhuma cidade, uma construção que seja, *nada*?

— Não — Touch disse, sendo bem direto. — Eu não sabia o que encontraria em termos de civilização até chegar aqui.

Meu estômago revirou. Dentro dos próximos dez mil anos, todo e qualquer vestígio de vida no planeta Terra teria desaparecido. Tudo varrido do mapa. O que diabos aconteceu no mundo entre minha época e a dele? O que tínhamos feito, minha parcela da humanidade, pra destruir tudo aquilo que passamos milênios construindo, a ponto de civilizações futuras sequer saberem da nossa existência? *Não deixem nada além das suas pegadas pra trás*, o chefe escoteiro costumava dizer a Cody, quando rumavam deserto adentro com a tropa. De certo modo eu sabia, no fundo do meu coração, que não foi por excesso de zelo que acabamos não deixando nada pra ser encontrado pela geração de Touch.

— Então você veio pra cá ser tipo um antropólogo?

— Pode-se dizer que sim.

— E aquelas pessoas que estão te perseguindo...

— Eu já disse. Eles querem derrubar Arcádia.

Aquilo não me dizia exatamente como os dois pontos estavam ligados. Mas Touch começou a andar mais rápido, como se o que ele tivesse dito concluísse o assunto. Eu sabia que, se fizesse mais

perguntas, ele me responderia que eu estava prestes a fazer todo o exército anti Arcádia aparecer bem na nossa frente — o que acabaria sendo um tanto conveniente demais, então eu engatei outro assunto que também estava martelando em minha cabeça.

— Se esse seu anel de ouro é tão especial, como é que todos os seus amigos podem viajar no tempo pra te encontrar?

— Eles precisam de um parâmetro para isso. Uma configuração específica de DNA. Mesmo assim é bastante complicado.

— Mas eles estão dando conta, pelo visto.

— Aparentemente. — Sua voz soou um tanto sem paciência.

Não importava o quanto eu tivesse me tornado forte. Sentia todo o peso do mundo sobre minhas costas. Além disso, estava bem preocupada. Preocupada por nossos problemas e preocupada com dinheiro, em como Touch e eu sobreviveríamos sem um tostão furado. Era preocupante o quanto eu estava faminta. Não comíamos nada desde o café da manhã, e o sol já tinha começado a se pôr. Tudo o que tínhamos pro dia seguinte era um pacote de biscoitos, alguns pães e a manteiga de amendoim de que Touch não gostava. Tínhamos enchido algumas garrafinhas d'água na central de informações, mas isso não nos renderia mais do que um dia ou dois. E depois?

Eis a única certeza que eu tinha sobre o futuro, não o futuro de Touch, mas o meu, o nosso, o dessa civilização onde eu tinha passado minha vida inteira até então: alguma coisa nos varreria da face da Terra, varreria quase todos, e não só as pessoas como também cada vestígio da civilização em que vivíamos. Quando isso aconteceria? Se eu não fosse pro futuro com Touch, quanto mais eu viveria pra ver?

Daqui a dez mil anos, o mundo seria formado basicamente por água. Faria muito, muito calor. E as pessoas que sobrassem, os tatatata-e-daí-em-diante-tataranetos das pessoas de hoje, conseguiriam criar, ao menos a partir dum determinado ponto, um mundo bem melhor do que aquele que tínhamos conseguido destruir.

Mas olha só que novidade: os caras maus, os canalhas, continuavam resistindo. Suas ambições perversas e insaciáveis seguiam ameaçando destruir tudo de novo. Os caras desse tipo que viviam em Arcádia queriam retornar a um mundo governado só pelos ricos, onde se apropriariam de tudo que deveria ser coletivo e compartilhado. Do

mesmo jeitinho como nosso próprio mundo é hoje e como, aliás, acabaria destruindo a si mesmo sem deixar nada pra trás capaz de alertar o futuro.

Quando enfim chegamos a Horseshoe Mesa já estava escuro. Estávamos cansados demais pra comer. Só nos enrolamos nos cobertores, puxamos nossos gorros e caímos no sono sob um céu de estrelas, os dois sonhando com o tempo, pra trás e pra frente, até que os primeiros raios do sol nos acordassem.

Touch foi o primeiro a levantar, mas não acendeu uma fogueira, como de costume. Por algum motivo ele parecia ter recuperado as energias, e estava radiante de novo.

— Bom dia, terráquea — ele disse ao me ver sentada sobre meu cobertor.

— E aí, bom dia — eu disse. E depois acrescentei: — Terráqueo.

Aquilo quase conseguiu me tirar da confusão matinal: vê-lo caminhar de modo tão sereno e se ajoelhar pra remexer a mochila, tirando comida e água. Meu estômago roncava esfomeado com a visão do pão dormido e da manteiga de amendoim.

— Você trouxe aquela lanterna? — ele perguntou, revirando a mochila.

— Trouxe, está no bolso lateral.

O que eu gostaria mesmo de ter era uma escova de dentes. Eu me arrastei pra fora do cobertor e bochechei um pouco d'água. Da próxima vez que estivéssemos perto de uma loja de conveniência, podíamos ter só dois dólares sobrando, eu não ia estar nem aí, gastaria tudo em pasta e escova de dentes.

— O que você está pensando? — perguntei, passando manteiga de amendoim no pão.

Touch tinha achado a lanterna e a enfiou na parte da frente da sua calça. Apontou pro chão.

— Grutas subterrâneas. Quando vim aqui da primeira vez, fomos mergulhando por baixo, através de grutas. Coletei alguns cristais do teto para usar nas minhas pesquisas. Queria dar uma examinada, ver

como elas se parecem sem água. E ver se os cristais já estão lá, se têm as mesmas propriedades.

— Ei, é verdade, você já veio pra cá e passeou pelas dunas de areia e tudo mais. Onde é que vocês todos moravam?

Tínhamos deixado o atlas na camionete, então peguei uma vara e desenhei um mapa da América do Norte no chão. Não desenhei os países ou os estados, isso não significaria nada pra ele. Só importava o formato do continente.

— Acho que aqui — Touch disse, apontando um lugar ao sudeste de onde estávamos, o que seria o meio do Novo México. Ele também delimitou os perímetros, o que o continente viria a ser. No mundo dele, a América do Norte só iria até Nevada. O leste começaria em algum lugar no norte do Texas. Apenas um naco de terra, a maior parte planalto, restava do que tinha sido a América do Norte. Touch se ajoelhou e apagou com as mãos o que um dia desapareceria de fato. Tentei resistir aos calafrios que subiram pela minha espinha, vendo ele apagar tudo.

Ele comeu os biscoitos e dividimos os dois últimos pedaços de carne. Depois tomamos uns goles de água dos mais comedidos (seria importante economizar) e partimos pras grutas subterrâneas, em busca do que restou do futuro.

Eu nunca tinha estado numa caverna antes. Touch foi abrindo caminho, segurando a lanterna com uma das mãos e minha mão com a outra, os dois usávamos luvas. Minhas mãos suavam e eu queria tirar minha jaqueta jeans, mas também queria continuar me acostumando a isso, a temperaturas elevadas, a me sentir com calor, encharcada de suor. Porque eu ainda queria ir pro mundo de Touch, mesmo que não fosse outro mundo no fim das contas, só meu próprio mundo um tanto distante no futuro.

—Acho que daria pra consertar muita coisa — eu disse — só voltando no tempo. Tudo o que a gente precisaria fazer seria descobrir onde errou, onde o mundo deu errado, em primeiro lugar.

— Ah, mas é aí que você tem de ter cuidado — ele disse. Parou e jogou a luz no teto, a apenas centímetros de nossas cabeças e forrado

com pedras cintilantes, quartzo e cristal, uma coisa simplesmente deslumbrante. — Parece bem diferente, fora da água. É muito bonito. — Nova pausa, e então acrescentou: — Mudar a história, o passado, é um negócio complicado. Nunca se sabe o que mais poderá acabar mudando inadvertidamente. Por exemplo, se esta civilização não chegar ao fim, a nossa talvez jamais exista.

— Mas você voltou no tempo. Pra chegar aqui, você voltou no tempo.

— Não tive bem escolha.

— Mas depois você disse que fez de novo, lá em Jackson.

— Apenas uma hora aqui, outra acolá. Poucos dias ou uma semana. E fui muito cuidadoso para não fazer nada diferente, não voltar aos dias que tinham sido significativos para mim. Prometi a mim mesmo que, uma vez que a técnica estivesse dominada, só viajaria para frente no tempo, e só em casos de emergência. A única vez que abri exceção foi com você.

Passamos engatinhando por entre um vão. As grutas eram conectadas umas às outras, como cômodos interligados. Conforme Touch falava, penetrávamos cada vez mais profundamente na chapada, de mãos dadas, sentindo as estalactites gotejarem sobre nossas cabeças pequenas partículas de orvalho. O que me fez lembrar da nossa carência de água, e esticar minha língua pra fora para aparar as gotas.

— Eu sabia que o momento era propício para fugir de Jackson — Touch disse. — Passei tempo demais ali. Usei vários tipos de material. Seria apenas uma questão de tempo antes que os rastreadores me localizassem. Sabia que tinha de partir, mas não queria ir sem você. Daí fui a seu apartamento, mas você tinha ido embora.

— Embora?

— É, embora. Eu consegui abrir a porta e havia algumas coisas deixadas para trás, mas a maior parte delas, a maioria de suas roupas e o mapa que você tinha na parede tinham sumido. Eu não podia continuar sem você. Tinha de trazer você comigo. Então o jeito foi quebrar minha própria regra.

— Você voltou pra me pegar.

— Eu voltei no tempo.

Balancei a cabeça, ainda que ele não pudesse me ver sem apontar a luz pro meu rosto. Estava bem escuro nas grutas e já tínhamos avançado tanto que nem o mais fino espectro de luz conseguiria entrar ali. Fiquei tentando imaginar aonde eu tinha ido quando ele foi ao meu apartamento, e pra onde eu tinha pensado que fugiria, sem ele pra me tirar das ruas, depois do que aconteceu com Wendy Lee. Até onde eu teria chegado? Onde estaria agora?

— Você voltou no tempo por mim. — Seria difícil descrever em palavras o quanto eu queria beijá-lo naquele momento.

Touch parecia estar se sentindo do mesmo jeito. Nós dois ficamos perigosamente próximos. Então ele recuou. Apontou a luz em direção ao teto da caverna e a todos aqueles cristais tão densos. Vi quando ele se esticou pra tocá-los e fiz o mesmo, passando minhas mãos sobre aquela superfície gelada, úmida e irregular. Mas Touch não se limitava a sentir os cristais. Ele também os arrancava, enfiando suas mãos fundo no barro e retirando pedaços de rocha translúcida e cristalina.

— Ei, moço. Isso é certo?

Ele não respondeu e, a essa altura, percebi que pouco importava se ele soubesse ou não o que estava fazendo: eu definitivamente estava junto. Ao lado dele. Também passei a recolher os cristais, extraindo as amostras do teto e repassando pra Touch, que guardava tudo num saquinho de pano.

— Provavelmente já é o bastante — ele disse quando enfim o saco se encheu. Baixou a lanterna e a luz brilhou sobre o piso empoeirado da gruta, projetando uma iluminação suave ao nosso redor. Não sei do meu rosto, mas o dele me parecia misterioso e lindo e cheio de emoção, como se emoção fosse um líquido, tipo água.

Então de repente a lanterna piscou. A luz falhou por um instante, depois voltou, aí apagou de novo. Saí cambaleando no escuro, peguei a lanterna e bati contra a palma da mão. Ela acendeu por um segundo, depois já era. Sem pilha. Nós dois abandonados lá, de pé numa escuridão tão profunda que nem meus olhos de gato podiam ver muito mais do que uma sombra em movimento.

Junto com a escuridão total e absoluta veio o silêncio. Quietude. Touch e eu juntos nas grutas, num buraco profundo com paredes e tetos que não conseguíamos enxergar. Era o silêncio de um erro com proporções monumentais. Uma daquelas coisas que a gente não aprende na escola: quando for passear profundamente por uma série de grutas, certifique-se de ter mais de uma lanterna. Ou um conjunto extra de pilhas.

Enfim Touch rompeu o silêncio:

— Não estou entendendo o que aconteceu.

Naquele momento a proporção do erro me atingiu em cheio e com força total. Era tudo minha culpa. Touch não entendia nada sobre pilhas. Na sua sociedade perfeita e com desperdício zero, os aparelhos eletrônicos provavelmente ficavam brilhando pra sempre. Eu o enrolei com uma explicação medíocre sobre a vida curta das pilhas, quase contente em não poder vislumbrar a expressão no seu rosto.

— Primitivo — ele disse ao fim da explicação, com uma voz rosada de velho ranzinza, irritada pra valer.

A situação toda era claramente desesperadora. Tínhamos nos deslocado de uma caverna pra outra por entre os vãos, não por um percurso tão longo, mas bastante sinuoso. Tínhamos chegado bem ao centro subterrâneo da chapada, onde nem o menor fóton de luz conseguiria chegar. Uma escuridão só. Escuro demais, a ponto de não conseguirmos ver os rostos um do outro. Não dava pra ver os cristais ao nosso redor, muito menos as paredes em que eles estavam incrustados. Estava mais escuro do que se fechássemos os olhos, porque até aí dá pra ver cores, a luz do outro lado das pálpebras. Tentei procurar em meio ao arsenal de entidades dentro de mim. Nenhuma delas sabia como se esgueirar por entre aquelas grutas no breu, com exceção talvez de Tawa. Tentei invocar os raios de sol que ele tinha deixado dentro de mim, mas sem sucesso. Não surtiam efeito no mundo exterior.

— E os cristais? Você não pode fazer alguma coisa com eles?

— Não sem a luz do sol.

A luz do sol... A passos dali ou talvez dentro dos limites da minha própria pele: bem poderia estar a um milhão de quilômetros, não faria diferença. Pensei no anel de ouro no bolso do sobretudo de Touch, e

me bateu um pico de euforia. Com certeza aquela era uma situação na qual precisávamos nos agarrar a nosso último recurso.

— Não — Touch disse. — Não vai funcionar. Ele só viaja através do tempo, não do espaço. Acabaríamos bem aqui mesmo na gruta, no escuro, em outro tempo. — Aquilo me surpreendeu, o quanto ele parecia estar calmo.

— Mas não pode ser. Você é do Novo México. Só que acabou em Jackson, no Mississippi.

— Antes de usar o anel da primeira vez, eu peguei um barco e naveguei para o leste.

— Por quê? — Dentro da minha cabeça, as coisas já tinham chegado a um estágio bem tenso. Mesmo que Touch puxasse aquele anel dourado de dentro do bolso e se valesse dele, nada mais aconteceria senão apenas aterrissarmos na escuridão daquela mesma caverna, só que em outro tempo. Dez mil anos de volta? Ainda ali, dentro das grutas. Dez mil anos adiante? Ainda ali, ainda nas mesmas grutas, só que com o bônus de estar embaixo d'água.

Touch não respondeu minha pergunta e, de qualquer jeito, a coisa mais importante era descobrir uma maneira de sair dessa.

— E se você levasse a gente de volta no tempo há tipo quinze minutos, quando a lanterna ainda estava funcionando?

Mesmo na escuridão, deu pra senti-lo sacudindo a cabeça a centímetros de distância de mim.

— Não funciona desse jeito. O tempo para as *pillas* — ele disse essa última palavra num tom de puro desgosto, e nem dá pra dizer que eu o condeno. — O tempo para a lanterna ainda está se movendo para frente, no mesmo ritmo. Nós voltaríamos quinze minutos com uma lanterna descarregada.

Dei um passo em direção ao seu cheiro, à sua respiração. Seus braços me envolveram. Por um segundo me senti um pouco mais calma, mas imediatamente depois senti uma nova pontada de pânico. E se nessa escuridão o rosto dele roçasse no meu?

Touch não precisava de luz pra ler minha mente.

— Shhh — ele sussurrou, como se pudesse ver claramente o pânico à sua frente. — Isso não importa agora.

— Com toda certeza importa sim. Você acha que eu quero ficar aqui esperando pra morrer do lado de um cadáver? Se isso acontecer, quero pelo menos estar acompanhada. — Senti um frio na espinha até os ossos só de dizer aquilo. É claro que se ele desse conta de não tocar no meu rosto, a única parte em mim que não estava coberta por roupas, eu morreria antes dele. Eu era menor e mais magra. A inanição e a desidratação me pegariam primeiro.

— Veja bem — Touch disse. — Não vamos perder as esperanças. Há sempre a chance de que outros mochileiros venham explorar as grutas.

Concordei, torcendo pra que ele pudesse sentir e ouvir o movimento da minha cabeça balançando, porque eu não conseguia nem falar direito.

— Ou um guarda florestal — eu disse. — Um guarda poderia encontrar nossas coisas lá em cima e descer pra procurar a gente.

— Então vamos esperar. Vamos esperar e ficar de ouvidos atentos. Vamos beber água e comer a comida que ainda nos resta.

— E se ninguém vier...

— Nós vamos morrer — ele disse, com essa simplicidade toda.

Ficamos ali parados por um minuto, os dois morrendo profunda e dolorosamente de culpa. Quanto a mim, senti que tinha sido tão cuidadosa em não tocá-lo, em mantê-lo tão seguro, pra depois acabar matando o cara de uma forma diferente, com um tipo diferente de descuido.

Os braços dele ainda estavam firmes em volta de mim. Encostei meu rosto no seu sobretudo de couro. Se eu ficasse ali, quietinha, encostada nele, não tinha como machucá-lo. Fazia tanto calor dentro daquelas grutas, apesar da umidade que vinha das paredes, mas eu ainda não me atrevia a tirar uma camada sequer de roupa. Tentei imaginar como seria se tudo o que eu desejava se tornasse realidade, e outra espeleologista (uma esperta, com duas lanternas e pilhas extras) fosse nos resgatar. Não tínhamos visto ninguém no caminho até lá, então eu não estava com tanta esperança assim. Mas se esse pedido se realizasse, talvez meu outro pedido também acabasse sendo atendido, e Touch me levaria com ele pra casa, pro seu tempo, meu próprio planeta. Lá, daqui a dez mil anos, eu me sentiria sempre assim, com

esse calor todo, suada, mesmo andando por aí completamente nua. Quem diria que em todo esse tempo usando couro no verão, eu estava mesmo era treinando pro que um dia viria a ser meu maior desejo.

Sem dizer nada, nós dois caímos ao mesmo tempo naquele chão arenoso. Como eu disse, os olhos não conseguem realmente enxergar no escuro total (não só escuridão, mas trevas). Parte de mim já tinha começado a se acostumar com isso. É incrível com o que uma pessoa pode se acostumar! Conseguimos meio que nos esgueirar de volta à posição inicial, até que Touch caiu no chão e escorou suas costas numa parede da caverna, e eu me apoiei nele, mantendo minha cabeça bem abaixada e pressionando meu rosto contra ele, sentindo aquele seu cheiro tão familiar.

— Ei, como é que é isso, afinal? Viver num planeta onde faz 50 graus?

Touch suspirou, e eu me encostei ainda mais nele, sentindo todo o movimento do seu peito. Ele estremeceu de leve, como se já estivesse com frio por tempo demais.

— É maravilhoso. De fato, eu nunca tinha dado valor de verdade ao quanto isso é maravilhoso até me dar conta de que nunca mais poderia voltar.

Então, ali naquela escuridão, sem saber se iríamos sobreviver ou acabar morrendo, mas bastante seguros de que a segunda opção era mais provável, Touch foi em frente e me contou tudo.

A história que ele me contou se passava num tempo bem distante do presente. Não em dez mil anos, mas quase. Mal sei se conto isso no passado ou no futuro. Mas como foi no passado que escutei de Touch, acho que vou me basear nisso.

Quinhentos anos antes de Touch nascer, o mundo meio que era como o nosso mundo, ou talvez ainda pior. A água já tinha, fazia muito tempo, inundado a maior parte da Terra. Havia pouquíssimo chão, o que significavam recursos escassos. Como dá pra imaginar, como o mundo se tornou essencialmente mar, o oceano passou a ser a principal fonte de extração dos alimentos. O povo só comia peixe e algas marinhas. Algumas plantações eram cultivadas no solo, mas o

clima era muito árido e só chovia de estação em estação. De algum modo ficou acertado muito antes que apenas algumas famílias em cada continente ficariam no controle (eram três a essa altura, até onde pude entender: versões menores da América, África e Ásia). Essas famílias viviam em áreas enormes e todos os luxos futuros pertenciam a elas.

E o resto da população? Trabalhava pras famílias dominantes, passando a maior parte das suas vidas no mar, em barcos, e debaixo do sol escaldante, pescando e cultivando algas marinhas, ou mergulhando atrás de mariscos. Só voltavam à terra firme pra entregar as mercadorias às famílias dominantes, que basicamente sentavam suas bundas nas poltronas e ficavam esperando pelas encomendas. Os mais sortudos, os plebeus (acho que hoje daria pra chamar de classe média) viviam em terra firme e trabalhavam pra classe dominante em seus castelos, servindo todo mundo e tal. Mas a maioria da população estava lá no oceano, onde a vida era difícil e curta demais. A vida em terra firme era um ócio total, um luxo só, pelo menos pras pessoas no comando, então era tudo superinjusto, e acho que assim as coisas ficaram por milhares e milhares de anos.

Touch disse pensar que, em parte, essa provavelmente seria a razão pela qual eles não sabiam muito sobre nós, sobre as pessoas que tinham existido antes deles, e não só porque a gente tinha conseguido, no fim das contas, não deixar vestígio algum. A sociedade era tão corrupta e tão centrada em satisfazer pouquíssimos indivíduos que nunca ninguém parou muito pra pensar sobre o passado.

E então, uns quinhentos anos antes de Touch nascer, surgiu uma ideia num barco de pesca. Todas aquelas pessoas recebiam redes de pesca praticamente quando começavam a dar seus primeiros passos. Elas cresciam embaixo do sol mais quente que você possa imaginar, com muito pouco espaço pra todo mundo e sem outra opção senão pescar e navegar até morrer, geralmente muito jovens. Só que nesse barco, em especial, as pessoas começaram a falar. Touch não conseguia pensar numa tradução pro nome do barco (a palavra, na língua dele, soava como o zumbido mais bizarro e fantasmagórico do mundo, ecoando pelas grutas de Horseshoe Mesa), então decidi chamá-lo de *Lincoln*. Havia todas essas pessoas trabalhando no *Lincoln*, nunca

vestindo muitas roupas, vivendo apenas dos restos que sobravam das suas entregas pro pessoal rico dos três continentes que ainda existiam. E eles passaram a observar (a concluir) que as pessoas no controle não conseguiam realizar uma mísera tarefa que fosse por si mesmas. E assim, em vez de fazerem suas entregas, começaram a navegar pelo mar, encontrando-se com outros barcos pesqueiros e convencendo as pessoas (que ultrapassavam as famílias dominantes em milhares) de que não havia necessidade de continuar vivendo dessa maneira só porque sempre tinha sido assim.

Eclodiram as primeiras revoltas. Ao longo dos cem anos seguintes, as classes dominantes foram derrubadas. Foi uma longa e sangrenta revolução, mas, quando chegou ao fim, um novo governo ascendeu. Só que em nada parecido com o governo que nós mesmos tínhamos hoje. Era apenas um mundo onde todos trabalhavam em conjunto, todo mundo tinha apenas o que precisava e ninguém tinha nada a mais do que os outros. Quando as pessoas completavam dezoito anos, tinham de trabalhar nos barcos pesqueiros por quatro anos. Depois, podiam voltar pra casa e usufruir do que bem entendessem. O mundo inteiro funcionava colaborativamente, com todas as pessoas escolhendo o que faziam da vida (o que faziam de melhor) e empregando suas ações a favor do bem de todos.

O que Touch fazia de melhor, o que mais gostava de fazer, era construir aqueles dispositivos, que pra mim pareciam mágica (tipo o tradutor, a bola azul e o anel de ouro), mas no seu mundo eram considerados apenas tecnologia de ponta. Quando ele voltou pra casa após servir em seu período nos barcos de pesca, passou a trabalhar na produção de novas invenções, viajando dum jeito que nunca tinham visto.

— Eu sei o que aconteceu depois — eu disse, interrompendo Touch. — Foram as famílias, né? As famílias primitivas. Eles queriam que as coisas voltassem a ser como eram antes. Não queriam que as coisas fossem compartilhadas. Queriam tudo só pra elas mesmas.

— Isso mesmo — Touch disse em meio ao negrume. — Foi exatamente isso.

— Então, Alabaster... Ela deve ser descendente deles, dos aristocratas originais?

— Isso mesmo — ele disse de novo. — Ela é.

Ficamos ali sentados, quietos por um tempo, e pensei sobre como a natureza humana nunca mudaria. Nem mesmo em Arcádia. Uma imagem diferente do planeta Terra vinha se formando na minha cabeça, e eu já não estava mais pensando nele como um amontoado de diferentes mares e blocos de terra, mas um único oceano gigantesco. Na verdade, a Terra não passava disso mesmo, um oceano em ascensão, e todo e qualquer solo ainda intacto era passageiro. Não importava de fato o que tinha sido feito do nosso mundo, mesmo que eu soubesse que estávamos a caminho de sermos mergulhados embaixo d'água. Até mesmo no mundo de Touch... Era uma questão de tempo até que o nível do oceano resolvesse subir um pouco mais e condenar todo mundo de uma vez. Pode até parecer deprimente, mas, pra ser bem sincera, aquilo tudo me confortava, porque afinal eu estava ali sentada, quietinha, só esperando pra morrer, e se desistir de mundos inteiros não importava tanto assim, o que poderia importar menos que duas pessoas presas dentro de uma série de grutas subterrâneas?

— A questão é — Touch começou a dizer, mas logo o interrompi.

— Eu sei o que você vai me dizer. Alabaster não é a única herdeira dessa história. Você também é. Não é?

Touch não disse nada. Só balançou a cabeça. Deu pra sentir seu queixo cutucando o topo da minha cabeça, então só enterrei meu rosto ainda mais no seu peito, pra protegê-lo.

E não pude deixar de sorrir, pensando no quanto Touch tinha me parecido elegante desde sempre, mesmo quando eu o encontrei tentando fraudar o sistema do vale-alimentação nas ruas de Jackson, ainda no Mississipi. Típicos filhinhos das castas superiores. Não faz diferença se aparecem num bairro feito Bellhaven, Jackson, ou em Arcádia, dez mil anos no futuro. Dá pra reconhecer no ato, a um quilômetro de distância.

O tempo seguia passando nas grutas, impossível de ser mensurado. De vez em quando tomávamos um gole d'água ou comíamos um biscoito. Caíamos no sono e acordávamos de repente pensando ter escutado alguém, mas sempre acabava sendo só nossa imaginação

sonolenta. A certa altura, acordei e pensei que a caverna estivesse iluminada, mas deve ter sido uma visão remanescente do meu sonho, porque, no instante seguinte, todo a escuridão tinha voltado.

— Touch?

Ele não respondeu.

— Touch? — eu o balancei um pouco, pensando se devia simplesmente deixá-lo dormir. Vai saber por quanto tempo ficamos lá embaixo... O tempo tinha parado. Mesmo se usássemos o anel e viajássemos pra frente ou pra trás por milhares ou talvez milhões de anos. Pra nós, todo o tempo existia apenas na escuridão, ali nas cavernas, e não havia mais como mensurá-lo.

De primeira, concluí que morreria antes de Touch por causa do meu tamanho. Mas tinha esquecido do *wildebear* e de Tawa, e da força extra que eles tinham me passado. Fechei meus olhos e, quando os abri de novo, estavam cheios d'água. Touch morto naquela gruta, e eu não muito longe disso, sem sequer ter chegado a dizer o quanto o amava.

— Touch — gritei, bem na sua orelha.

Deu pra senti-lo dando um pulo e logo endireitando a postura.

— O que foi? Vampira, o que foi?

O alívio que eu deveria ter sentido nem chegou a me atingir. Porque, justamente naquele momento, a gruta passou do breu total pra uma luz branca e ofuscante, clara demais até pra que os cristais pudessem brilhar.

Pá! Creque! Bum!

Ele tinha feito aquilo de propósito. Eu tinha certeza. Ficou falando e falando sobre seu mundo na esperança de que aquelas palavras e histórias levassem um dos seus caçadores até nós. Só porque era nossa única chance. Minha única chance. Ele estava disposto a ser capturado pra me possibilitar uma chance de sobreviver. Só porque ele me amava. Eu tinha certeza. Ele me amava.

— Touch — sussurrei. — Você não devia ter feito isso.

Pelo menos pude ver seu rosto (pálido e belo e cheio de medo) uma última vez. Porque bem ali na nossa frente, iluminando a gruta, estava Alabaster. Eu nunca pensaria que uma pessoa tão miúda pudesse

parecer tão amedrontadora e tão formidável ao mesmo tempo. Mas lá estava ela, feito um anjo do inferno, dessa vez totalmente coberta de lã branca e com seus braços bem abertos; seu rosto a própria definição de fúria.

E ela não estava sozinha. Havia um sujeito ao seu lado, com olhos tão azuis quanto os de Touch mas sem qualquer traço da sua bondade, e um semblante fechado, com aquela mesma linha profunda que Touch tinha entre os olhos, mas que no seu caso estava ali marcada permanentemente. Ele parecia, se isso era possível, até mais enfurecido do que Alabaster, e quando falou foi num tom dos mais penetrantes e assustadores, uma nota raivosa e grave, sustentada por tempo demais.

Enquanto o sujeito conversava com Touch, que estava fraco a ponto de mal conseguir levantar a cabeça, Alabaster se voltou em minha direção. A expressão do seu rosto tinha suavizado. E, quando ela falou, não foi naquela linguagem cantarolada deles, mas num idioma que eu pude compreender, e sua voz soou gentil e até mesmo atenciosa.

— Minha querida — ela disse. — Afaste-se dele, sim? Deixe-nos mantê-la em segurança daqui em diante.

Olhei pra Touch. Ele sacudiu a cabeça, um gesto perceptível apenas o suficiente pra fazer com que o sujeito rugisse alguma coisa bem grosseira pra ele.

— Não dê ouvidos a Touch — Alabaster disse. — Ele não é quem você pensa.

Um grande pedaço das minhas entranhas derreteu, uma enxurrada fresquinha de medo que congelou os meus órgãos feito gelo. Todas as vezes em que eu tinha meio que desconfiado de Touch — desde a primeira vez em que não tinha acreditado nele e, assim, decidido que passaria a desconfiar das minhas próprias reações — começaram a ser freneticamente desfiadas de um carretel na minha cabeça.

Acho que essa era justamente a intenção de Alabaster, porque ela deu o passo mais prazeroso em minha direção. Notei que ela usava luvas e uma das suas mãos estava fechada, sem dúvida carregando uma de suas armas minúsculas e todo-poderosas. Ao mesmo tempo, o sujeito ao seu lado suspendeu a mão. Ele não parecia estar segurando nada, só esticou os dedos bem abertos e deles emanou um estrondo

dos mais barulhentos, misterioso e penetrante. Naquele momento, dei-me conta de que ele e Alabaster usavam tampões quase imperceptíveis nos ouvidos, com certeza pra poupar a si mesmos dessa arma em particular. Touch despencou imediatamente de joelhos, cobrindo as orelhas com as mãos, em agonia.

Fiquei esperando que o mesmo efeito me atingisse, mas devo ter sido protegida pela força que tinha reunido ao longo do caminho. O ruído soava bastante desagradável e um tanto aterrorizante, ecoando daquele jeito pelas grutas, mas nada comprometedor.

E agora não havia tempo pra desconfiar de Touch, ou de mim mesma, ou de qualquer um que não aquelas duas pessoas do futuro. Eu sabia que, se não agisse rápido, Touch seria arrebatado por eles e eu seria abandonada naquelas cavernas pra morrer sozinha. Então, enquanto Alabaster e seu amigo me encaravam impressionados por eu ainda estar de pé, numa fração de segundo tomei a dianteira e puxei um tampão de cada uma de suas orelhas.

Os *wildebears* devem ter me abastecido com o melhor instinto de sobrevivência do mundo, além de toda aquela força, é claro, porque entendi na mesma hora: enquanto Alabaster e seu amigo permaneciam afundados de joelhos no chão (aquele barulho terrível ainda explodindo pelas grutas), agarrei Touch pela cintura, joguei-o nas costas feito um leitão e saí correndo pelo vão na parede da gruta. Pode ter parecido que eu estava usando seu corpo como escudo, e meio que era isso mesmo, mas tinha certeza de que eles não matariam Touch. Precisavam dele vivo.

O barulho cessou de repente, o que só podia significar que eles logo estariam na nossa cola. Alabaster e seu companheiro provocavam um clarão tão grande por onde passavam que chegavam a iluminar até mesmo a gruta da frente. Logo ao dobrar na segunda curva, o que pareceram ser cordas acabaram enlaçando meus tornozelos. Caí de cara no chão e Touch caiu em seguida, esparramando-se todo por cima de mim. Ele rolou pra fora das minhas costas e, quando enfim olhei pros meus pés, vi tentáculos de luz rodeando minhas pernas e se estendendo de volta até a gruta anterior.

Touch se ajoelhou e tentou puxar as cordas de luz. Mas elas nem sequer se mexeram. Um segundo depois, Alabaster despontou na curva, segurando as extremidades opostas. Ela tinha me laçado como se fosse uma vaqueira futurista e eu, um bezerro. Não fosse pelo fato de que, graças aos *wildebears*, eu estava bem mais pra predadora do que

pra presa. Então, ora, só me restou inclinar pra frente, segurar firme numa parte mais frouxa daquela corda toda brilhosa e tascar uma mordida. Faíscas de luz explodiram por tudo a nossa volta e saíram voando na direção de Alabaster, cuja única reação foi dar um passo pra trás. Quando dei por mim, Touch já tinha empurrado o anel de ouro pra minha mão. O mundo todo passou a girar como se estivéssemos no olho de um furacão. Dessa vez, como eu já sabia o que estava acontecendo, senti uma onda maravilhosa de adrenalina, além, é claro, da preocupação com a possibilidade de apenas acabarmos caindo em outra parte daquela mesma caverna escura e sombria.

Mas, quando chegamos sabe Deus onde, as cordas em torno dos meus pés ainda estavam lá, as mesmas tiras incandescentes de luz. Touch e eu nos ajoelhamos pra desamarrá-las e aí nos valemos delas pra iluminar o caminho até a saída, onde fomos recebidos pelo sol da manhã e o mais fantástico dos silêncios à nossa volta.

Nunca na minha vida tinha ficado tão feliz ao ver toda a imensidão daquele céu azul sobre minha cabeça. Respirei profundamente todo aquele ar empoeirado, como alguém morrendo de sede tomaria um copo d'água de um só gole — o que não quer dizer que não estivesse com sede também. Com sorte, nossa água ainda estava nos esperando no acampamento. Não fazia ideia do quanto tínhamos viajado no tempo. Mas tinha certeza de que Touch não tinha levado a gente pro seu próprio tempo, porque, ainda que estivesse quente, a temperatura me parecia bem familiar, digamos que suportável. Além do que a outra metade do Grand Canyon se estendia por baixo dos nossos pés e por tudo ao nosso redor, ainda muito longe de ser preenchida com água. Touch ficou parado segurando o outro lado do anel; ambos ainda o segurávamos, na verdade. Ele estava magro, desidratado e muito pálido, mais parecido com o cara que eu tinha visto no SNAP do que com aquele que eu viria a conhecer melhor, uma vez na estrada, em rota de fuga. Eu me recusava a até mesmo pensar, por um segundo que fosse, em tudo o que Alabaster disse, que ele era alguma outra coisa senão exatamente quem eu pensava que ele fosse: o homem que eu amava.

Nas grutas, quase tínhamos nos perdido sem que eu nunca tivesse dito aquelas palavras. Quem poderia dizer o que nos aguardaria nos

minutos seguintes? Não podia deixar que outra oportunidade passasse.

— Eu te amo. Eu te amo, Touch.

Seu semblante mudou na hora. Seus olhos voltaram a brilhar e ele deu um sorriso de canto da boca.

— Ei. Eu também te amo.

A coisa natural a fazer, em seguida, era dar um beijo. Mas é claro que não podíamos chegar a tanto. Assim, o jeito foi só ficarmos ali parados nos encarando no fundo dos olhos, nos embriagando com a visão do outro, enquanto a manhã à nossa volta subia ainda mais brilhante.

Enquanto subíamos a ladeira de volta ao acampamento, Touch me disse que não tinha levado a gente muito adiante no tempo, apenas ao dia seguinte. Isso me pareceu um tanto arriscado, já que nada impedia aqueles caras de terem apenas dado um giro por aí enquanto não chegávamos.

— Eu não acho que eles estarão nos esperando — Touch disse. — Primeiro, eles não têm como saber em qual direção nós viajamos no tempo, ou até quando. Segundo, aqui faz muito frio. Essas pessoas não são do tipo que gostam de ficar desconfortáveis. Faz muito mais sentido que tenham voltado para casa e que tentem me rastrear de lá.

Sua esperança era de que, viajando apenas um dia no futuro, nossas coisas ainda estivessem no acampamento. Mas, quando chegamos, o lugar estava vazio, nenhum sinal dos cobertores ou das roupas extras ou dos alimentos. Alabaster deve ter levado tudo antes de voltar pro futuro.

Touch estendeu sua mão enluvada e pegou a minha. Apertou com força de verdade, quase até esmagar meus ossos, como se aquela pressão toda pudesse compensar a ausência de pele sobre pele. Mal tínhamos comido ou bebido ou visto a luz do sol nos últimos dias. Não tínhamos dinheiro, não havia comida, não havia mais nada, apenas as roupas que vestíamos. Mas tínhamos um ao outro. E aí, naquele exato momento, isso fez com que nos sentíssemos as pessoas mais ricas de todo este maldito mundo.

Essa sensação não durou muito tempo. Como sempre tinha escutado Tia Carrie dizer, não dá pra uma pessoa viver de amor. Touch e eu não tínhamos sequer uma gota de água. Não tínhamos sequer um pouco de comida. Estávamos desidratados e famintos. E até mesmo pra começar a pensar no que faríamos ainda tínhamos que chegar até a borda do desfiladeiro, o que daria uma bela caminhada de umas quatro horas.

Aquela caminhada foi a pior coisa que eu já tive de fazer na minha vida. Pior do que os dias nas grutas e pior do que ser atacada por aqueles *wildebears*. Na verdade, acho que ter aqueles *wildebears* dentro de mim foi a única razão pela qual consegui suportar aquilo tudo. Não sei como Touch estava conseguindo aguentar. Eu não podia nem sequer deixar que ele se apoiasse em mim, já que a trilha era estreita demais. A trilha toda, aliás, era uma série de zigue zagues muito estreitos, de modo que nunca dava pra saber o quanto ainda faltava até o topo. A todo momento eu levava os olhos novamente ao final de cada trecho, torcendo pra que fosse o último, só pra chegar ao topo e me encontrar na base de outro decurso. Um após o outro, retorno após retorno, cambaleávamos de fome e de sede e de cansaço, mas tomando cuidado pra não vacilar muito, caso contrário, acabaríamos derrapando e desabando quilômetros e quilômetros desfiladeiro adentro. Morte certa.

E então, de repente, os passos de Touch ficaram mais lentos, dobramos numa curva e, enfim, vislumbramos a borda do desfiladeiro. Mais ou menos uns cem turistas, gordos que só eles, vestindo camisas floridas e com câmeras penduradas ao pescoço, viraram seus rostos na nossa direção: duas pessoas altas, famintas e com aquele couro todo só pra incrementar ainda mais o ar selvagem.

Continuei andando, dois, três, quatro e mais uns dez passos antes de desmoronar aos pés de um casal de velhinhos. O céu estava perfeitamente azul, sem um único pedacinho de nuvem, mas os cabelos dos tiozinhos acabaram pincelando a paisagem de branco. O velho segurava uma garrafa d'água em sua mão enrugada. Devia ter acabado de comprá-la, dava pra ver que ainda estava gelada, suando;

acho que, inclusive, cheguei a sentir uma linda e refrescante gota caindo sobre meu rosto.

Não me pergunte como Touch conseguia ainda permanecer de pé. Talvez porque, pra ele, não estivesse tão quente? Ele estendeu a mão ao velho.

— A menina está muito desidratada. Poderíamos ficar com sua água?

Acho que não foi bem pela bondade no coração que o velhinho entregou a garrafa. Deve ter sido só medinho do Touch, mesmo.

Touch abriu a tampa e deu o primeiro gole, um longo gole, bem devagar, esvaziando a garrafa pela metade. Eu nunca tinha viajado de avião, mas Wendy Lee já, e me lembrei de como as aeromoças dizem nas regras de segurança que primeiro você coloca a máscara de oxigênio em si mesmo, e só depois ajuda outra pessoa. Ele se ajoelhou ao meu lado e com muito cuidado me suspendeu pelos ombros até que eu conseguisse ficar sentada, meio que escorada nele. Então ele derramou um pouco d'água nos meus lábios. Bebi feito louca, a melhor coisa que eu já tinha provado no mundo, até que a garrafa estivesse completamente vazia.

— Não é melhor que um médico veja você, minha querida? — a velhinha perguntou. A essa altura, ela mesma já tinha tratado de oferecer sua garrafa d'água, o que definitivamente conquistou minha simpatia.

— Não — resmunguei, enquanto Touch pegava a garrafa das mãos dela e me passava. — Nada de médico. Eu estou bem.

Os dois velhinhos se entreolharam um pouco rápido demais até, Vovô e Vovó. E saquei no ato que, não importava o quanto eles fossem gentis e amáveis (ou talvez fosse esse o exato motivo por trás de tanta gentileza e amabilidade), algum policial ou qualquer outro tipo de autoridade logo estaria sabendo sobre nós.

Por que a vida tinha de ser fácil, afinal, quando podíamos ter cada vez mais pessoas atrás de nós?

Dois sinais de alguns resquícios de boa sorte, pelo menos. Primeiro, nossa camionete azul ainda estava lá bonitinha, no mesmo lugar onde

a deixamos no estacionamento. Em segundo lugar, não estávamos assim tão sem dinheiro no fim das contas, já que Touch ainda tinha os vinte e dois dólares no bolso de trás do seu jeans. Vinte e dois dólares. Pode não ser muito, mas como estávamos pensando que não tínhamos mais nem um tostão furado, aquilo pareceu uma fortuna. Pareceu fazer toda a diferença entre sobreviver ou não até o minuto seguinte.

— Vamos botar dez paus de gasolina no carro — eu disse —, e gastar doze em comida.

Poderíamos até não chegar assim tão longe com apenas dez dólares naquela máquina de queimar combustível, mas chegaríamos longe o bastante para pensar sobre o que fazer em seguida.

Dirigimos até o posto de gasolina mais próximo e, primeiro, enchemos o tanque. Com os vinte e dois dólares todinhos. Depois, paramos num pequeno café e pedimos bastante comida, tudo leve. Ninguém ali queria destruir estômagos tão vazios, não é mesmo? Touch pediu torradas com sopa de tomate, eu fiquei com mingau de aveia e algumas frutas frescas, e bebemos bastante chá gelado, não daquele chá doce e meio rançoso que eles servem lá no Sul, mas o velho e bom chá preto com gelo e fatias bem fininhas de limão. Foi a melhor refeição que eu já tinha comido na minha vida e, quando a garçonete foi até a cozinha pra pegar o prato de outro cliente, Touch e eu tratamos de dar o fora dali. Subimos na camionete azul e fomos dirigindo e dirigindo sem parar até que o céu estivesse escuro e o tanque, quase vazio.

Ainda nos sobrava exatamente um cobertor de Joe Wheeler na caçamba da camionete, e o jeito foi nos aconchegarmos por baixo dele, tendo o cuidado de manter nossas peles afastadas. A noite, na verdade, estava tão clara quanto antes, quando voltamos do Grand Canyon e pudemos ver milhares de estrelas. Só que, dessa vez, eu não estava mais procurando pelo planeta de Touch. Eu estava no planeta de Touch e ele estava no meu, dois terráqueos que nunca deveriam ter se conhecido.

Seus braços me envolveram com força e ele sussurrou “eu te amo” com a boca encostada nos meus cabelos. Nós dois estávamos exaustos. Estacionamos o carro bem longe da estrada, não em algum tipo de acampamento, apenas um pedaço de chão cheio de rochas e cactos por

todos os lados e ninguém ao nosso redor num raio de milhas e milhas. Mesmo cansados daquele jeito, se pudéssemos, teríamos nos beijado. E beijado mais. E feito amor. Meu corpo todo doía e eu sabia que o dele também. Enfim, era isso, estávamos bastante cansados e nossos cérebros não estavam funcionando muito bem pra sermos tão criativos quanto já tínhamos sido no passado. Se minha pele não fosse tão, mas tão perigosa, não teria importado o quanto estivéssemos cansados, simplesmente teríamos caído um por cima do outro com toda nossa fome sonolenta e apaixonada.

Só que não. O jeito, então, foi se valer da pouquíssima energia que ainda nos restava pra conter nossos próprios ímpetos. E caímos no sono, arriscando-nos a ficar com meu rosto descoberto assim tão perto dele apenas pra que pudéssemos estar juntos.

— Touch — eu disse, com uma voz tão rouca e carregada de tensão que mal pude reconhecê-la. — Aquele cara com Alabaster...

— Sim? — ele me interrompeu antes que eu pudesse terminar.

— Ele meio que se parecia com você. Quem era?

— Aquele era meu pai.

Senti um calafrio passando por todo o meu corpo. Daí tentei me convencer de que não importava se o futuro era essa confusão toda. O presente, afinal, era tão ferrado quanto. Talvez seja isso o que Cody tenha tentado dizer quando falou que só havia um mundo pra mim. Porque, no fim, esse meu mundo de agora e o mundo do amanhã de Touch não passam do mesmo lugar.

Acordei antes de Touch e engatinhei até a cabine da camionete, onde tratei de encontrar o mapa, um dos poucos e valiosos bens que ainda nos restavam, junto com a carteira de motorista de Maria Ginsberg e o anel de ouro. Com sorte Touch ainda possuía alguma das suas identidades falsas bem escondida dentro daquele seu bolso sem fundo. Se fosse o caso, só mais umas três horas de estrada, e enfim poderíamos atravessar a fronteira do México. Lá pelo menos não precisaríamos mais nos preocupar com a polícia. Com Wendy Lee viva e disposta e assando seus bolos de casamento, era impossível que o FBI

não tivesse coisa melhor pra fazer do que montar uma operação internacional em busca de uma zé-ninguém feito eu.

Assim, a única coisa com que tínhamos de nos preocupar naquela manhã era descobrir como ganhar algum dinheiro que desse pra manter nosso tanque de gasolina e nossas barrigas cheias. Pelo retrovisor, pude ver Touch sentado na caçamba da camionete, acenando pra mim.

Eu me arrastei de volta e estiquei as pernas sobre seu colo. Ele colocou as mãos por cima das minhas calças. Fazia tanto tempo que eu estava com aquele mesmo par calças, por dias e dias seguidos. Tudo o que precisava era de um bom banho demorado e de novas peças de roupa. Verdade era que nós dois precisávamos de um tapa no visual, se quiséssemos cruzar a fronteira sem chamar a atenção dos fiscais. Na minha cabeça, o México se tornava mais e mais importante. O lugar onde Touch enfim me mostraria o mar. O lugar onde nós dois estaríamos enfim juntos. Que nem a canção do filme que a mãe de Cody gostava tanto, “um lugar pra nós”.

Numa pequena cidade chamada Buckeye, encontramos uma loja do Exército da Salvação. Graças a Joe Wheeler, as roupas de Touch (sem contar com o longo sobretudo de couro, que ele não precisa usar) pareciam bem próximas do normal não fosse pelo fato de já terem ultrapassado o limite da sujeira depois da nossa curta estadia em Horseshoe Mesa. O jeito foi entrar numa loja e comprar um novo par de jeans, algumas camisetas, umas duas camisas de botão e mais um suéter, tudo só pra ele, que já saiu do trocador vestindo a maior parte delas. Colocou o resto numa mochila que tínhamos encontrado na seção de material escolar. Daí chegou minha vez. Foi patético o tanto que me senti normal apenas por vestir um par de calças verdes e uma camiseta de mangas compridas. Também peguei um grande capuz azul, que seria perfeito pra encobrir meu cabelo e proteger meu rosto, ou outras pessoas do meu rosto, quando eu precisasse. Amarrei um lenço florido e transparente em volta do pescoço e deixei minhas

calças de couro e meu suéter manchado de sangue no trocador, dentro da mesma sacola com as roupas descartadas de Touch. Em seguida nós dois caminhamos pra fora da loja sem pagar nada. Ninguém nem nos olhou diferente.

Enquanto eu estava no trocador, Touch tinha embolsado uma chave de fenda, acho que pro caso de precisarmos roubar outro carro. Dirigimos rumo a Tempe, e depois pra uma cidadezinha nos arredores. Como eu sabia que muitas das pessoas que passavam o inverno no Arizona ainda não tinham dado as caras, nosso plano naquele dia era encontrar uma casa abandonada onde pudéssemos tomar banho, descansar e comer quaisquer suprimentos secos e enlatados que os proprietários tivessem deixado pra trás na última temporada. Aí sim, após uma boa noite de sono, poderíamos pensar em como conseguir gasolina pra camionete e seguir nosso caminho pela fronteira.

Ficamos seguindo uma perua dos correios por uma longa e empoeirada estrada. Imaginei que seria possível descobrir quais casas estariam vazias pelas caixas de correios onde o carteiro não depositasse nada. Um monte de famílias naquela estrada devia estar nessa situação, porque ele acabou entregando correspondências só pra algumas poucas casas. Esperamos até que a pequena perua branca fizesse o retorno de volta à estrada principal, então seguimos pela alameda no final da estrada de terra. Lá encontramos uma pequena casa marrom com telhas vermelhas e flores murchas nas janelas. Touch fez uma mágica com sua chave de fenda na porta dos fundos e logo estávamos abrigados. A casa era feita de barro, eu acho, aquele mesmo estilo que tanto tínhamos visto desde que chegamos ao Arizona, e, uma vez no seu interior, deu pra entender por que era o material de construção ideal pra esse tipo de clima. Estava tão bom e fresquinho lá dentro; foi só passar pela porta que Touch começou a tremer todo. Acabou encontrando um belo e grosso suéter pendurado no armário do corredor e o jogou por cima do seu casaco de couro. Logo em seguida passou a procurar algumas ferramentas. Claro que ele não se dignou a me dizer o que estava aprontando, mas decidi deixá-lo um pouco sozinho enquanto eu explorava a casa.

Era tudo tão claro e arejado, com sofás de couro dos mais confortáveis e tapetes indianos belíssimos. A cozinha era enorme, com um fogão de aço inoxidável dos grandes e uma geladeira. Além da despensa, onde acabei encontrando todos os tipos de latas de sopa e bolachas e mingau de aveia e barras de granola. Peguei um pacote de biscoitos e saí caminhando de volta pela casa pra compartilhar as guloseimas com Touch.

Eu o encontrei já do lado de fora, na marquise. Havia um saquinho cheio de cristais do Grand Canyon ao seu lado e ele estava ajoelhado de frente pra uma tomada, segurando a chave de fenda.

— Opa, é melhor não colocar isso aí.

Ele me olhou e sorriu.

— Não se preocupe. Estou apenas tentando descobrir maneiras de acrescentar algumas propriedades a isso. — Suspendeu a chave de fenda e a analisou como se nunca tivesse visto algo tão promissor. — Tem um design primitivo, mas também um enorme potencial.

— Pois é, a gente é assim mesmo — retruquei, oferecendo-lhe alguns biscoitos. — Primitivo. — Se havia uma coisa que eu tinha notado em Touch durante a viagem era que ele gostava de coisas doces.

Achei melhor deixá-lo quieto lá pra que ele pudesse explorar um pouco mais seu novo brinquedinho. Alguma coisa naquela casa tão iluminada pelo sol e em toda aquela luz após a escuridão terrível das grutas fez com que me sentisse segura, calma e feliz. Ainda que eu não o visse, era reconfortante demais saber que Touch estava lá, trabalhando em algum projeto seu.

— Ei — eu o chamei, assim que encontrei um banheiro. — Tira a roupa.

Isso realmente pareceu ter chamado sua atenção. Daria até pra pensar que havia um *wildebear* dentro dele, do tanto que chegou rápido.

— O que foi?

Tirei um roupão grande e felpudo do gancho e o joguei no seu rosto.

— Tira a roupa. Vou procurar a lavanderia.

Parecia até fácil esquecer que estávamos em fuga enquanto eu dava uma de dona de casa, lavando a roupa e preparando o almoço naquela cozinha enorme e confortável. Depois de comermos, ficamos um pouco sentados, à toa, vestindo roupões de banho emprestados até que nossas roupas saíssem da secadora mais chique que eu já tinha visto na vida. Os donos daquela casa só podiam ser malucos. Olha que eu não sou o tipo de pessoa que gosta particularmente de calor, mas... se eu tivesse uma casa dessas? Pode apostar que eu nunca a deixaria.

Àquela altura, já estava pronta pra encarar o que eu mais precisava desde que tínhamos chegado ali: um chuveirada. Tomei o rumo do quarto, o maior deles, a suíte que tinha o banheiro conjugado mais belo do mundo; mais azulejos de barro, vermelhos e fresquinhos, por baixo dos meus pés e ao longo das paredes. O chuveiro tinha três diferentes torneiras, o que possibilitava ajustá-lo de modo que a água jorrasse em diferentes direções a velocidades distintas. Foi o mais perto do paraíso que eu jamais tinha chegado, e acho que acabei ficando lá por mais de meia hora sem nunca diminuir a temperatura da água.

Mas a melhor descoberta de todas veio assim que saí do banheiro e passei pela porta da enorme suíte: uma pequena escada que levava até uma torre de onde dava pra ver as montanhas. As Montanhas da Superstição, como eram chamadas, o que fiquei sabendo pelo mapa. Permaneci ali parada por um tempo, apreciando a vista, e, no caminho de volta, ao descer as escadas, vislumbrei uma portinha de cedro no primeiro piso. Eu nunca tinha visto uma daquelas antes, mas soube o que era na hora (as lembranças de Wendy Lee novamente — aquela mulher com certeza tinha batido bastante perna por aí). Corri o mais rápido que pude, o que a essa altura era rápido pra diabo, até o outro lado da casa, até a marquise, pra dizer a Touch que parasse o que quer que estivesse fazendo e viesse comigo.

— O que é isso, exatamente? — ele perguntou, passando a cabeça pela portinha de madeira. Cheirava a eucalipto e cedro. O quatinho era minúsculo, menos de dois metros quadrados, e logo apontei pro banquinho de madeira preso à parede.

— Você já vai ver.

Pressionei alguns interruptores, e em seguida me sentei no banco o mais afastada que pude de Touch, e tirei o roupão. Ele cerrou os olhos, um tanto desconfiado, embora se mostrasse bastante interessado, e encostei minha cabeça contra a parede, à espera do vapor.

Mas foi tanta fumaça que quase nem o enxerguei direito. Tentei olhar através do vapor, com meus olhos de gato, direto no seu sorriso escancarado cheio de amor e desejo. Eu sinceramente esperava que, se ele pudesse me ver, meu olhar transmitisse a imagem que eu tinha construído na cabeça, das suas mãos passando por todos os cantos do meu corpo que ele quisesse. Sem obstáculo algum, só nós dois. Porque, infelizmente, fora da minha imaginação, tudo o que podíamos fazer era ficar ali, nus e sentados em lados opostos, um encarando o outro, sentindo o calor por todo o ambiente.

Acho que acabou sendo bom o fato da geladeira estar vazia a não ser por um potinho de sal de frutas. Pelo menos isso me deixou um pouco mais segura de que os donos da casa não dariam uma de Joe Wheeler, aparecendo do nada. Mesmo assim, até que seria bom ter alguma coisa fresquinha, alguns ovos e umas ervas aromáticas. Enquanto Touch terminava seu projeto na marquise, encontrei alguns peitos de frango no congelador, junto com um quadrado de espinafre congelado. Descongelei os peitos de frango no micro-ondas, mergulhei tudo num molho barbecue que tinha encontrado na despensa, e dali direto pro forno. Depois acendi o fogo e passei a cozinhar o espinafre numa panelinha.

Sim, eu já estava de volta às minhas roupas do Exército da Salvação, claro que sem o capuz. Nem me preocupei em vasculhar todas as gavetas como sempre fazia. Eu tinha consciência de que era apenas uma questão de sobrevivência, mas eu amava tanto aquela casa que acabei me sentindo como se amasse até mesmo as pessoas que moravam ali. Havia alguns porta-retratos com fotos de um casal de meia-idade, ambos de óculos e segurando raquetes de tênis ou tacos de golfe, além das tradicionais fotografias de família com quem deveriam ser seus filhos e netos. Todos pareciam tranquilos e sorridentes, e por que não estariam? Eu viveria sorrindo pras paredes por todos os dias da minha vida se morasse naquela casa.

Touch teve de roubar algumas roupas pra se manter aquecido. Eu só tive mesmo de roubar comida, e talvez a energia elétrica que consumimos pra ligar a sauna e acender as luzes e assim por diante. Mas, fora isso, preferi deixar as coisas deles em paz. Tudo o que eu usava, como os pratos em que servi nosso jantar, depois lavava e colocava de volta no lugar onde tinha encontrado. Como os castiçais na mesa já tinham sido acesos, pensei que não teria mal algum deixar as velas queimando um pouco mais. Quando Touch apareceu na sala de jantar, eu estava acendendo as velas. Dava pra sentir o cheiro do frango assando na cozinha, e o sol começou a se pôr. No dia seguinte, cruzaríamos a fronteira com o México. Naquela noite, teríamos um jantar à luz de velas.

Por alguma razão, porém, meu senso de segurança tinha ido pro buraco junto com o sol. Eu me sentei à cabeceira da mesa e Touch se sentou à minha esquerda. A sauna o tinha deixado bem aquecido, então ele só vestia um chapéu de tricô, moletom e jeans. Cortou um pedaço do seu frango e deu uma mordida sem dizer se estava bom ou não. Não é que eu tenha me dedicado por quatro horas pra preparar aquele prato ou coisa do tipo, mas sabe, ainda assim, eu *tinha* cozinhado. Será que iria matá-lo dizer que estava uma delícia?

— Aquela sauna foi a coisa de que eu mais gostei do seu tempo. Eu poderia até dormir lá dentro.

E eu que pensei estar ocupando essa posição! Melhor nem perguntar o que aconteceu comigo. Mais cedo, estava me sentindo tão feliz e tão ligada a ele. Agora, de repente, eu me sentia só... sombria.

— Mas, então — eu disse, espetando um pedaço de frango. Enfiei na minha boca e mastiguei. Pra mim, estava delicioso, mesmo que ele não achasse o mesmo. — O que você acha que Alabaster quis dizer com aquilo? Sobre você não ser quem eu estava pensando?

Touch parou de comer e me encarou.

— Ela estava tentando deixar você nervosa — respondeu, e logo acrescentou, como se eu fosse a pessoa mais burra do mundo: — É claro.

— É claro — repeti. As palavras saíram amargas. — Como vocês se conheceram, afinal?

— Como nos conhecemos?

— É, isso aí mesmo. Como é que vocês se conheceram? É uma pergunta bem básica.

— Bem... De onde eu venho, no futuro...

— Eu sei que é no futuro. Isso já está muito bem definido entre a gente. Mas também é no passado, no seu passado, e o que eu quero saber é como você foi capaz de se apaixonar por uma pessoa tão má. Alguém que chega ao ponto de dizer que você não é quem eu acho que você é.

— Bem. Ela não foi sempre má. Ela não me parecia ser assim, de forma alguma. Havia uma certa doçura nela. Ainda há, de certa forma. Especialmente quando se trata de Cotton.

Droga. Não tinha me dado conta, até que ele respondesse isso, que eu estava esperando que ele me dissesse nunca ter sido apaixonado por ela.

Mas não. Aparentemente, em vez disso, eu tinha preparado uma armadilha pra que ele ficasse todo nostálgico, pensando na pessoa inocente e bela que Alabaster costumava ser e, de certa forma, ainda era.

— Eu a conheço praticamente por toda a minha vida. Ela sempre foi tão frágil. E tão bonita. Não tão bonita quanto você — ele acrescentou essa última parte tão rápido que pareceu não passar de uma grande mentira. Enfim. Eu já tinha visto Alabaster e me via todo dia no espelho. Sabia bem qual das duas ganhava no quesito beleza, e não era a que tinha mechas de vovozinha no cabelo.

Touch levou um pedaço de espinafre à boca, mas não o considerou digno de maiores comentários além dos que tinha dispensado ao frango, embora eu o tenha polvilhado com alho e sal.

— O que acontece é o seguinte. Às vezes, eu realmente não acho que seja culpa dela. Muitas pessoas, inclusive familiares, enchiam a cabeça dela com todas aquelas ideias erradas. Se você é levado a crer em um certo tipo de pensamento quando ainda é muito jovem, torna-se quase impossível escapar desse condicionamento.

— Mas com sua família não é muito diferente. Seu pai quer que as coisas voltem a ser do jeito que eram antes. Antes do *Lincoln*. E isso não passou pra você. Você é forte o bastante pra lutar contra ele.

Touch ficou calado. Espetou um pedaço de espinafre e o levou à boca. Então, disse:

— Alabaster foi criada em um ambiente onde ideias totalmente erradas eram cultivadas. Ela nunca teve uma chance de fato.

— É evidente que não — retruquei, com a voz carregada de sarcasmo. — Ela é tão inocente. Como eu não pude ver isso antes?

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Eu suponho que você não se incomode que ela provavelmente esteja educando seu filho com essas mesmas ideias...

— É o que mais me incomoda. Acima de tudo — ele respondeu. Touch parecia triste e francamente incompreendido.

De repente, minha fome tinha passado.

— Pouco importa — eu disse, empurrando meu prato. — Eu não estou com a menor vontade de conversar, de qualquer jeito. Vai lá, vai, vai dormir na sua sauna.

Fui embora da sala de jantar martelando o chão, entrei no corredor e passei direto pra um dos quartos de hóspedes. Eu não queria ficar na suíte principal por onde Touch teria de passar pra poder chegar até a sauna. Mesmo no escuro, dava pra ver pela janela o contorno das montanhas e, do nada, caiu a ficha. As pessoas que moravam naquela casa não podiam ser sorridentes o tempo inteiro, por todos os dias das suas vidas. Não importa o quanto as coisas pareçam ser perfeitas e maravilhosas e belas, temos sempre que contar com a possibilidade de que a tristeza um dia venha a desabar feito tempestade sobre nossas cabeças, de uma hora pra outra.

Tirei toda a minha roupa e me enfiei debaixo das cobertas. Parte de mim queria cair direto no sono (talvez encontrar Cody num plano astral como vingança), e parte de mim queria, acima de tudo, que Touch aparecesse me procurando.

Mas ele não apareceu. Não por um bom tempo. Pelos barulhos que vinham do outro lado da casa, parecia que ele tinha acabado de jantar. Pouco depois, deu pra escutar o tilintar de aço contra porcelana e água

jorrando, como se ele estivesse lavando a louça. Será que eles precisam lavar pratos em Arcádia? Na antiga fazenda da Tia Carrie, onde cresci, não tínhamos máquina de lavar louça. Era bem a cara de Arcádia, isso de só empilhar os pratos numa engenhoca de aço inoxidável e pronto, embora Touch provavelmente não soubesse como usar aquilo.

Até que enfim pude escutá-lo zanzando pela casa, abrindo e fechando as portas. Demorou uma eternidade até que ele escancarasse a minha. As luzes da sala também estavam apagadas, já tínhamos decidido que não dava pra deixar o lugar todo iluminado. Ninguém ali queria alertar os vizinhos sobre o arrombamento da casa. No escuro mesmo ele se aproximou caminhando pelo piso e então pelo tapete, e logo estava sentado na cama. Não quis saber de lado oposto ou bordinha da cama, foi direto pro meio, bem do meu lado, de um jeito que seu traseiro se encaixou perfeitamente na curva do meu corpo, embaixo dos cobertores. Colocou a mão no meu ombro e notei que ele estava usando luvas. Não aquelas grossas que ele normalmente usava, mas luvas de camurça bem fininhas. Pareciam macias, como se pertencessem a alguém muito rico. Touch deve tê-las encontrado em alguma gaveta por aí.

— E aí, terráquea.

— E aí você, cara-pálida.

— Eu viajei anos e anos para encontrar você — Touch disse, num tom de voz bem baixo e muito sério. — Eu sou mais velho do que você de várias formas diferentes, e tive uma vida antes de conhecer você. Mas isso não quer dizer que não ame você agora. Porque é o que sinto. Eu te amo. Muito.

— Tá certo — eu disse, muito baixo, já que de repente eu estava me sentindo a maior idiota do mundo por ter arruinado nosso jantar sem nenhum motivo.

— Vampira?

— O que foi?

— Agora é sua vez de dizer.

— O quê?

— Você sabe.

Gostei da forma como sua voz soou, mesmo que ele parecesse um pouco irritado. Foi meio engraçado ele ficar lá me dando ordens.

— Eu te amo, terráqueo.

Ele puxou as cobertas, nada surpreso em me ver nua (todas as minhas roupas estavam espalhadas pelo chão, bem aos pés dele). Todo esse tempo eu estava deitada de lado, mas aí rolei pra ficar de costas.

Touch começou pelo topo da minha cabeça. De um jeito bem suave (pele de carneiro, acho que era disso que as luvas eram feitas), ele passou os dedos ao longo da minha testa traçando todos os ossos do meu rosto. Fiquei de olhos abertos o tempo todo, olhando pra ele. Seus dedos percorreram meu pescoço, minha clavícula, e foram descendo. A essa altura, já não eram mais só os dedos, suas mãos estavam completamente sobre meus seios, e deslizavam e apertavam e passavam por todos os cantos, exatamente como eu tinha imaginado na sauna. Claro que, na minha imaginação, a pele era *dele* mesmo e não de um pobre carneirinho morto. Estava incrível. Fui à loucura, mal conseguia respirar direito. Não se parecia com nada que eu já tivesse experimentado antes.

— Diga de novo — Touch ordenou.

E assim o fiz. Disse uma, duas, três vezes. Disse bem alto feito um grito e suave feito um mantra. Não dizia mais nada, apenas *eu te amo, eu te amo, eu te amo*. Finalmente fui obrigada a fechar os olhos. Aquela sensação era tão boa e, ao mesmo tempo, eu queria tanto mais do que apenas aquilo, que cheguei a pensar que pudesse morrer.

Só que eu não morri. Nadinha. Vivi plenamente cada segundo do que pareceu ter durado horas, adoráveis e dolorosas horas, até que eu adormeci abraçada a Touch do outro lado das cobertas. Foi o melhor, o mais longo e profundo sono de toda a minha vida. Quando abri os olhos Touch ainda estava dormindo. Coloquei suas luvas de pele de cordeiro, puxei as cobertas e o acordei com o mesmíssimo tratamento.

Depois, Touch deu um último pulo na sauna enquanto eu botava a casa em ordem. Por fim carregamos a camionete e partimos rumo ao último trecho de nossa viagem antes de cruzarmos a fronteira com o México.

ONZE

Touch estacionou no primeiro posto de gasolina que vimos. Eu lembrei que estávamos sem dinheiro, zerados, sem dólar algum, mas ele só me olhou e sorriu. Saiu da camionete, deu a volta até a bomba e tirou aquela chave de fenda do bolso. Ele tinha trabalhado nela por horas a fio, fazendo sabe-se lá o que com as tomadas e os cristais e o sol que atravessava as vidraças, mas a ferramenta ainda parecia exatamente a mesma que ele tinha roubado da loja do Exército da Salvação. Enfiou a chave de fenda na abertura do cartão de crédito, colocou o bico no tanque de gasolina, virou o interruptor da bomba e, é claro, os números começaram a rolar e o combustível passou a fluir.

Isso é que era uma ferramenta útil.

Touch entrou na loja de conveniência e logo voltou com duas garrafas d'água. Jogou a mochila no banco de trás e me deu uma barra de granola. Também me entregou duas notas de vinte dólares, então imaginei que a chave de fenda devia funcionar também em caixas eletrônicos. Guardei o dinheiro no bolso, achando melhor perguntar sobre isso mais tarde. Por alguma razão, enquanto ele ainda estava na loja, comecei a pensar em Alabaster e em como seu nome lhe caía tão bem, com cada pedacinho daquela sua pele alva e resplandecente, e o azul suave dos seus olhos. E em Touch.

Percebi que, no seu tempo, as pessoas deviam receber seus nomes de acordo com suas principais qualidades. Meu rosto ruboresceu um pouco, pensando na noite anterior e em como ele tinha me tocado.

Mas aquele não era o único tipo de toque especial que ele tinha. Era só ver as coisas que ele tinha inventado, como aquela bolinha azul e o tradutor e o anel de ouro. Agora, ainda por cima, ele tinha transformado uma chave de fenda comum em algo mágico e dos mais úteis. Era um toque e tanto. Ele girou a chave na ignição. Estava vestindo um boné de beisebol dos Red Sox, com os cabelos presos num rabo de cavalo. Quem olhasse pra janela do nosso carro, veria um homem comum, ainda muito jovem, com certeza, e muito bonito. Mas eu sabia que ele não era comum, que ele tinha essa coisa especial, esse brilho, esse toque. Meu coração se encheu de amor e orgulho.

Não tive coragem de dizer pra ele que, muito embora fosse mais quente do que a maioria dos lugares nos Estados Unidos, a tendência era que a temperatura no México não chegasse nem perto dos 50 graus a que ele estava acostumado. Ainda assim, parecia ser pra valer quando ele dizia que estava começando a se acostumar com o clima daqui. Ainda vestia sua jaqueta de couro, mas apenas uma camiseta e uma camisa de flanela por baixo.

A verdade era que eu estava muito entusiasmada com a ideia de viver no México. Tinha a impressão de que, quando enfim chegássemos, seria tipo a Casa dos Sonhos dentre todos os países. Mal podia esperar por um pouco de paz. Paz e segurança. Como qualquer outra família. Talvez, depois que recuperássemos nossas forças no México, poderíamos dar uma voltinha até o futuro, onde eles me ensinariam a controlar meus poderes pra que eu pudesse tocar nas pessoas, e depois Touch e eu retornaríamos até o presente pra que conseguíssemos evitar aquela guerra tão desagradável. Talvez pudéssemos até mesmo trazer Cotton, e depois tratar de ter mais alguns filhos juntos. Voltaríamos ao México por esta época mesmo, e teríamos nossa própria família, nosso próprio mundo juntos.

Agora só faltava mais uma autoestrada do lado americano, a US-85, uma reta sem fim que dava direto na fronteira entre Lukeville e Sonoyta. Mary Ginsberg não se parecia muito comigo, mas era alta e tinha cabelos castanhos e olhos azuis. É, até que chegava perto, imaginei, principalmente pra alguém que olhasse pra foto e depois pra

mim. Mas, de qualquer jeito, acabei concluindo que eles não deviam ser tão rígidos com quem entrava no México quanto eram com quem saía de lá, o que eu não planejava fazer nunca.

— Eu tenho uma pergunta a fazer — disse a Touch. — Por que você simplesmente não disse às pessoas no comando de Arcádia sobre os rebeldes que querem assumir? Ninguém podia ajudar você?

— Não é assim que funciona de onde eu venho. Não mais, pelo menos. Não há ninguém de fato no comando, não da maneira como você entende.

— Nenhum policial? Nenhum presidente? Nada de cadeia?

Ele sacudiu a cabeça, como se soubesse o que essas palavras queriam dizer e o tanto quanto soavam tristes e ridículas.

— Tão primitivo...

— É, primitivo, talvez — retruquei —, mas até que eles vêm a calhar quando é pra frustrar planos malignos, por exemplo.

— Estamos falando de um mundo onde crimes não são cometidos há centenas de anos. Não há um sistema que os impeça de acontecer, pois, essencialmente, eles não existem. É bem provável que acabemos encontrando um mundo onde as prisões e os policiais serão necessários novamente. Mas, antes disso, haverá uma guerra. E ela será horrível. Muito horrível.

Fiquei ali sentada sem falar nada por um minuto, sem pensar muito sobre aquela última parte, mas sim sobre um lugar onde nenhum crime tinha sido cometido por tanto tempo. Parecia seguro e adorável. Parecia também um excelente lugar pra se cometer um crime.

— Você está com fome? — Touch perguntou, tentando mudar de assunto.

Estávamos nos aproximando de uma cidadezinha chamada Gila Bend e, pelo que dava pra ver no horizonte, não nos restariam muitas outras opções antes de chegarmos à fronteira. O jeito foi parar num restaurante chamado Outer Limits Space Age, um lugar maluco que parecia mais ter sido construído com um monte de ferro-velho, com uma pequena nave espacial se equilibrando no topo da coisa toda. A placa dizia que eles serviam tanto pratos mexicanos como *yankees*, e

me dei conta de que aquela seria a última vez na minha vida que eu teria a chance de comer comida americana. Foi o tempo de batermos as portas da camionete pra que eu decidisse pedir um bom e velho steak de frango frito com uma porção de batatas fritas e uma Coca-Cola. Ao pensar sobre qual seria a reação de Touch diante da imagem daquele prato de peão, tive vontade de dar uma bela risada, bem alta, e minha mão procurou a sua, e a sensação daquele couro de cordeiro roçando minhas luvas de algodão rendadas me fez estremecer um pouco por dentro.

Creque! Bum! Bum! Treque!

Merda.

Do nada, de repente, lá estava o Sr. Touch, bem na nossa frente.

Senti medo. Medo de verdade. Mas devo dizer também que em momento algum pensei ser o fim de tudo. Até então, o povo da época de Touch tinha aparecido tentando nos capturar e fracassado. Sempre acabávamos escapando. Eu sinceramente não queria ter de lidar com o pai de Touch, não mesmo. Mas não acreditava que ele seria capaz de nos capturar, sequestrar ou machucar.

E poderíamos realmente ter escapado, caso Touch não tivesse soltado minha mão. Tudo o que posso dizer é que deve ser difícil pensar direito nessas horas, quando as pessoas que estão tentando passar por cima de você e destruir tudo o que você acredita são membros da sua própria família. Se eu já ficaria doidinha se um policial aparecesse pra me jogar na cadeia... Imagina se fosse Tia Carrie tentando me prender. Eu diria poucas e boas pra ela, pode apostar.

Touch enfiou a mão no casaco, como se fosse tentar não se envolver em tudo aquilo. Mas então seu pai disse alguma coisa no idioma musicado deles. E Touch deixou sua mão cair de lado. Respondeu alguma coisa de volta, um tanto furtivo. Aproveitei a oportunidade pra examinar um pouco mais seu pai. Não era tão alto quanto Touch. Tinha o mesmo cabelo comprido, só que grisalho. Os mesmos olhos azuis, mas nada gentis, apenas cruéis e gananciosos.

— Touch, não cai na dele. Vamos logo dar o fora daqui.

Pensei que talvez pudéssemos viajar no tempo ou simplesmente sair correndo feito loucos como tínhamos feito nas grutas. Mas o pai de

Touch estendeu o braço na minha direção com o punho bem cerrado e voltado pra cima. Aquele gesto devia significar alguma coisa bem pesada no mundo deles, porque, pelo jeito que Touch gritou, mesmo na sua própria língua, deu pra notar perfeitamente o que ele queria dizer.

— Não! — Touch bradou.

Fiquei paralisada de medo. Parecia que tinham me jogado um balde d'água gelada na cabeça, do tanto que aquela voz era horripilante. Estava só esperando que o pai de Touch desse o primeiro passo, pra agarrar o filho ou mesmo me atacar, mas ele não teve tempo pra tanto. Touch partiu pra cima dele. Enquanto corria, enfiou a mão no bolso. Primeiro, tirou o anel de ouro, o que não fazia muito sentido, já que ele estava indo na direção errada. Pra longe de mim. Deu pra escutar o barulho de alguma outra coisa caindo no chão, mas eu mal notei o que era, porque, afinal, Touch não estava oferecendo aquele anel de ouro pra mim. Ele estava oferecendo pro seu pai.

— Não! — berrei.

Passei a correr na velocidade dos *wildebears*, mas não rápido o bastante. Touch enfiou o anel de ouro na mão do seu pai. E, num piscar de olhos, eles desapareceram. Completamente.

Outro estalo. Outra explosão. E eu lá parada no estacionamento do Limits Outer Space Age, completamente sozinha, com uma chave de fenda perfeitamente normal e quietinha ali no chão, aos meus pés.

Isso já tinha acontecido comigo uma vez, o mundo todo simplesmente mudando numa fração de segundo. Mas não é o tipo de coisa que dá pra se acostumar, sabe. Parada ali naquele estacionamento, com um carro dando a volta bem devagar em torno de mim, eu me senti vazia, completamente oca. Feito uma abóbora sendo preparada pro dia das bruxas, como se alguém tivesse acabado de atravessar a mão pela minha barriga e arrancado todas as minhas vísceras. De alguma forma juntei forças pra me ajoelhar e pegar a chave de fenda. Naquele momento, não estava nem aí pro que ela pudesse fazer. Só me importava o fato de que ele tinha feito aquilo, Touch, aquela magia tinha sido criada por ele. Puxei uma das luvas

com os dentes e fechei a mão em torno da extremidade de aço. Não sabia dizer se era só minha imaginação ou se ela estava mesmo quente. Será que daria pra sentir sua inteligência, seu talento, seu *toque* irradiando do metal direto pra minha pele? Eu só sabia que, não importava o que acontecesse, ele queria continuar tomando conta de mim.

Touch tinha ido embora. Tinha partido pra me proteger, era a única explicação. Tinha certeza absoluta que a única coisa que poderia tê-lo feito me abandonar aqui sozinha era a vontade de me manter protegida. E o que será que ele encontraria ao voltar pra casa? Quanto ele teria se arriscado pra me salvar? Algo menor tipo seu mundo, ou tão importante quanto seu próprio filho?

Talvez agora (não, agora não, daqui a dez mil anos) Touch estivesse arrependido do seu ato impulsivo, daquele momento de fraqueza.

Outro carro entrou no estacionamento, mas esse motorista não parecia tão paciente quanto o primeiro. O cara, vermelho de raiva, estava com sua mulher um tanto abatida e um carro cheio de crianças. Fez uma curva tão fechada que quase me atropelou. A chave de fenda pulsava, quentinha e reconfortante, tocando minha pele.

Não, a pulsação me dizia. Ele não está arrependido. Sai dessa. E outra: ele vai dar um jeito de voltar pra você.

Tinha de existir um lugar pra nós. Um lugar e um tempo. Então pode apostar que eu não arredaria pé do nosso plano, o plano que tínhamos pensado juntos, e entraria naquela camionete e pegaria a estrada na direção que tínhamos combinado.

Era o mínimo que eu podia fazer, depois de ele ter arriscado sua vida (toda a sua vida e todo o seu mundo) pra salvar a minha.

Nem era preciso dizer que eu não estava mais com a menor vontade de comer aquele frango frito. Pra dizer a verdade, não estava com a menor vontade de comer o que quer que fosse, nunca mais. Fui caminhando em direção à Chevy azul, ainda me sentindo feito uma abóbora vazia pronta pra ser esculpida. Era como se alguém tivesse me programado e então eu pudesse seguir no piloto automático, feito um

robô. Atravessei o estacionamento. Abri a porta da camionete. Subi ao volante. Enfiei a chave na ignição.

Mas assim que fechei a porta, algo me arrebatou. Toda a cabine cheirava a cedro e eucalipto, a canela e gengibre. Tinha o cheiro de Touch e não apenas o dele, mas nosso cheiro, o cheiro de toda essa viagem que tínhamos feito juntos.

Sim, eu precisava girar a chave na ignição. Eu precisava rumar meu carro ao sul, ao México, e passar pela fronteira e esperar Touch. Ele tinha dito que a eletricidade tornava mais fácil rastrear as pessoas, então eu iria pra maior cidade que pudesse encontrar. Pô, eu tinha uma chave de fenda que fazia bombas de gasolina jorrarem combustível e caixas eletrônicos cuspirem dinheiro. Então era bem capaz de que, quando chegasse ao México, eu me hospedasse num daqueles grandes *resorts*. Ficaria o dia inteiro à beira da piscina, tomando minhas *piña coladas* até que, de repente, Touch apareceria, todo agasalhado, ao pé da minha cadeira de praia.

Mas e se ele não aparecesse? Quem poderia dizer tudo o que eles deviam estar fazendo com ele, daqui a dez mil anos?

Não havia nada a fazer. Senti uma coisa subindo pela garganta, algo que não acontecia, não totalmente, havia muito tempo. E fiz o que não tinha feito quando Cody caiu em coma ou quando Wendy Lee me despediu da padaria. Encostei minha cabeça no volante e chorei, chorei e chorei.

Até que finalmente escutei alguém batendo no carro. Levantei a cabeça. Meus olhos estavam tão inchados que eu mal podia enxergar. Enxuguei as lágrimas, soltei um longo suspiro e abri a janela.

Era uma senhora de meia-idade com cabelos curtos tingidos de loiro e rugas ao redor dos olhos, daquelas que aparecem de tanto dar risadas. Mas ela não estava rindo. Parecia muito triste. Por um instante cheguei a me perguntar o que estaria errado com ela, e me dei conta de que ela estava triste por mim.

— Você está bem, minha querida? — ela perguntou, com muito cuidado e realmente preocupada.

— Sim, senhora. Obrigada. Eu estou bem.

Ela inclinou a cabeça e deu um discreto sorriso.

— Você tem certeza? Ficaria feliz em pagar uma xícara de café, se você precisar de alguém pra conversar.

Respirei tão fundo que até estremei. Provavelmente ela era só mais uma carola fanática, querendo me mostrar Jesus e o caminho até Deus. Ou uma empresária do sexo que aliciava jovens vulneráveis para uma vida miserável. Ela ficou ali parada com seu jeitão de mãe, seu jeans largo e sua camiseta rosa, esperando algum tipo de resposta. E eu sabia que ela não era nenhuma dessas coisas, só uma senhora simpática, provavelmente com uma filha da minha idade.

— Isso é bem legal da sua parte. De verdade. Só você ter oferecido já me fez sentir melhor.

— Que bom, minha querida. Mas a oferta é sincera. Deixe que eu pague uma xícara de café.

— Obrigada. Agradeço sua gentileza. Mas tenho que ir.

— Você tem certeza?

Fiz que, sim, com a cabeça e ela então disse, meio relutante:

— Tudo bem, minha querida. Dirija com cuidado, ok?

— Pode deixar — prometi. E saí do estacionamento do restaurante, mas não de Gila Bend. Porque aquela simpática senhora acabou me lembrando de algo importante. Eu ainda tinha uma última coisa a fazer antes de deixar os Estados Unidos.

Queridos Sr. e Sra. Robbins,

Eu estava sentada à frente de um computador na Biblioteca Pública de Gila Bend, com os olhos fixos no cursor. Havia apenas cinco computadores naquela salinha fria de teto baixo. Imaginei o tanto que Touch não estaria tremendo todo se estivesse lá ao meu lado. Antes de começar a carta aos pais de Cody, procurei na internet por notícias dele. E a verdade era que eu não precisava procurar porque, no fundo do meu coração, eu sabia que ele ainda estava dormindo em seu coma. Dava pra sentir isso nos meus ossos, como se estivessem repletos da medula de Cody, junto com todas as suas lembranças. Foi a internet que tinha me dito sobre Wendy Lee ter acordado, e não algum sentido especial dentro de mim. Mas Cody e eu

tínhamos sido tão mais próximos e nosso contato tinha durado por tanto mais tempo... Eu tinha certeza de que sentiria de imediato caso ele algum dia abrisse os olhos, não importa onde eu estivesse.

Queridos Sr. e Sra. Robbins,

Era uma carta perigosa de escrever. Àquela altura, provavelmente, alguém no Mississippi já devia ter conectado os fatos entre Cody e Wendy Lee. Fiquei imaginando o que eles andariam dizendo de mim lá em Caldecott County. Que tipo de fofoca estaria correndo por lá sobre o que eu tinha feito com Cody? Será que Tia Carrie tinha acreditado? Será que ela tinha se enforcado na igreja como punição por seu fracasso em tirar o diabo do meu corpo? Será que ela chegou a me procurar quando desapareci? Eu me lembrei de como ela costumava entrar no meu quarto de madrugada, nas pontas dos pés, e tirar o cabelo do meu rosto enquanto pensava que eu estivesse dormindo. Talvez ela ainda tenha entrado lá algumas noites, só pra se sentar na minha cama e ficar olhando pra grande mancha quadrada, mais branca do que o resto da parede, onde meu mapa ficava. Mas o que me dava motivos pra acreditar que ela deixaria o quarto do jeito que estava? Era bem capaz que ela tivesse criado uma pequena sala de costura só pra ela ou coisa assim.

De alguma forma, assim como eu sabia que Cody dormia na sua cama de hospital, também sabia que meu quarto estaria esperando por mim, exatamente como eu o tinha deixado, se algum dia eu quisesse voltar, o que acabei não fazendo. Não podia. Não depois de tudo em que eu tinha me transformado, tudo o que eu tinha visto, feito e passado. Sabia que era um caminho sem volta, pra nunca mais.

Queridos Sr. e Sra. Robbins,

Cody, com toda certeza, era um bom menino, mas disso vocês já sabem. Só que ele não era de falar muito, então talvez nunca tenha

dito o quanto ele gostava daquelas pescarias com o pai. Ele adorava ficar sentado no barco com você num dia ensolarado, naquele silêncio profundo, onde o que menos importava era fisgar um peixe. Ele só gostava de saber que você estava por perto, e que ele tinha o pai todinho só pra ele.

Mas é verdade que a pessoa mais presente nas lembranças dele é a mãe. Ele adorava ficar sentado no balcão enquanto você cozinhava. Na opinião dele, você faz as melhores tortas de limão do mundo. Uma coisa que ele lembra muito bem e com muito carinho é da vez em que vocês dois foram ao zoológico de Jackson numa excursão da escola. Os pais não deviam comprar nada na loja de souvenirs, mas, enquanto as crianças voltavam pro ônibus, você foi de mansinho e comprou a girafa de pelúcia que ele tanto queria. Você sabia que ele ainda tem aquela girafa? Dê uma espiada na prateleira do armário dele, debaixo da luva de beisebol. Às vezes, quando ficava um pouco triste, ele a pegava e segurava por um tempo. Acho que ele ia gostar de ficar com ela no hospital, acabei de pensar nisso.

Essa é minha última carta. Espero que ela possa confortá-los de algum modo. Caso contrário, se ela e todas as outras só fizeram deixar vocês ainda mais tristes e culpados, peço desculpas do fundo do meu coração. Só achei que seria importante que vocês soubessem, Cody os considerava bons pais de verdade. Ele com certeza teve uma infância feliz, e era realmente grato por isso.

Com o amor de Cody.

Eu não sabia mais o que assinar. A essa altura, não faria mal algum escrever Anna Marie, mas eu já tinha deixado aquela menina tão lá pra trás que escrever seu nome me fazia sentir como se fosse uma mentira. E é claro que não poderia escrever Vampira. Então deixei daquele jeito mesmo, “Com o amor de Cody”. Por fim, imprimi a carta, comprei um envelope e alguns selos num supermercado. Desta vez não importava de onde essa ou todas elas tinham sido enviadas. Se alguém algum dia se desse ao trabalho de rastrear esse lugar, até que

mandassem alguém atrás de mim eu já estaria bem longe. Pela localização, provavelmente deduziriam que eu tinha desaparecido no México. Mas nenhum deles jamais me encontraria lá, porque nenhum deles sabia como vasculhar dez mil anos no futuro.

A verdade é que eu tinha chorado tanto naquele estacionamento que achava que meu rosto nunca mais voltaria ao normal. Quando enfim terminei tudo o que eu tinha de fazer e resolvi me olhar no retrovisor, o inchaço já tinha passado, mas meus olhos ainda estavam um pouco vermelhos, e minha pele um pouco manchada. Vesti meu abrigo do Exército da Salvação. Touch tinha deixado seu boné dos Red Sox no banco da camionete e eu o botei na cabeça, enfiando meus cabelos por baixo. Encarando-me de volta no retrovisor, agora estava uma garota americana qualquer, simples e normal. Um pouco triste, mas só. Desde que o oficial da guarda de fronteira não me olhasse bem fundo nos olhos, ele não seria capaz de notar nada de peculiar.

Meti o pé no acelerador e minha camionete cantou pneu de volta à US-85. Era assim que eu passaria a chamar aquele carro dali em diante, minha camionete, ainda que eu estivesse com ela havia apenas alguns dias. O tempo já tinha perdido totalmente o significado pra mim; bastou ter viajado algumas horas no futuro por duas vezes. Não fazia a menor ideia de quando cada coisa tinha acontecido, ou por quanto tempo eu fiquei na estrada. Caramba, nem sabia qual era o dia da semana. Tudo o que eu sabia era que eu estava viajando pro sul, em direção ao México, em direção ao futuro. Geralmente essa é a única maneira de viajar no tempo, em direção ao futuro, a menos que você conheça alguém com um anel de ouro e o toque de um anjo.

Os raios do sol invadiam minha camionete pelo para-brisa, esquentando meu rosto. Fechei o casaco até o final e liguei o aquecedor. Nada em mim dizia pra abrir aquelas janelas e desfrutar do vento fresquinho que entraria pelas frestas. Aquele calor me fazia lembrar de Touch. Uma gota de suor descendo pela minha nuca me fez sentir como se ele estivesse ao meu lado. E no fim eu tinha que me acostumar a isso, não é mesmo, a esse clima quente, se quisesse mesmo me juntar a ele no seu tempo?

Era assim que eu tinha de pensar. Que estava a caminho de me juntar a Touch no tempo dele. Se tivesse pensado nisso de outra maneira, tipo ele ter sumido pra sempre, eu teria rachado ao meio e minhas entranhas teriam explodido na cabine da minha amada Chevy azul.

E ainda assim senti as malditas lágrimas brotando nos meus olhos de novo. Mesmo que eu fosse uma garota normal, seria bem improvável que chegasse a encontrar alguém como ele de novo.

A estrada desaparecia e reaparecia por baixo dos meus pneus, trecho após trecho, um igual ao outro. As plantas pelo caminho não se pareciam com nada que eu já tivesse visto no Mississippi. Cactos e pés de mandioca, tudo muito robusto, espinhoso e rasteiro, exceto por uns cactos realmente altos que mais se pareciam com pessoas recobertas de espinhas purulentas, batendo continência à beira da estrada. As rochas e a poeira eram vermelhas, meio acinzentadas. Até o céu parecia diferente, muito maior, escancarado sobre minha cabeça feito uma janela com vista pra todo o universo.

Fiquei imaginando quando seria o juízo final ao qual o planeta estava condenado, e que devastaria todo e qualquer vestígio da nossa existência sobre a face da Terra. Se Touch nunca mais voltasse pra mim, será que eu viveria pra ver isso acontecer? Sacudi minha cabeça com força, como se assim pudesse me ver livre desse pensamento. Touch voltaria pra mim. Não podia haver dúvida alguma sobre isso, não senhor, simplesmente porque eu não estava nem um pouco a fim de continuar vivendo sem ele.

A essa altura aquele trecho do mapa já estava implantado no meu cérebro. A camionete roncava pela estrada, cada vez mais perto de Lukeville, onde eu enfim atravessaria a fronteira com Sonoyta, no México. Depois poderia seguir em direção ao oeste, até Puerto Penasco. Seria uma viagem de apenas duas horas até o golfo da Califórnia, até que eu mergulhasse meus pés no mar pela primeira vez. Talvez então Touch já tivesse me encontrado, e ele mesmo poderia me mostrar o mar, exatamente como eu sempre quis.

Cheguei à fronteira algum tempo depois do almoço. Não que eu tenha conseguido comer alguma coisa. Ultimamente andava impressionada com o fato de uma pessoa ser capaz de seguir adiante com tão pouca comida. Parte de mim queria fazer algum tipo de proclamação mental, que eu ficaria sem comer até que Touch me encontrasse, por exemplo. Mas eu tinha noção do quanto isso soava ridículo. Dava pra escutar a voz de Touch dizendo que eu precisava comer, precisava cuidar de mim, precisava ficar forte. Um pouco mais à frente, uma longa fileira de carros esperava pra atravessar a fronteira até o México. Fiz umas contas de cabeça e deduzi que devia ser o fim de semana do Dia do Trabalho.

Havia uma barraquinha de cachorro-quente à beira da estrada, então estacionei no acostamento e comprei dois sanduíches, um saco de batatas fritas e a Coca-Cola que eu queria em Gila Bend. Só depois que voltei pro carro e dei a primeira mordida foi que me dei conta do quanto eu estava com fome. Praticamente engoli inteiro o primeiro cachorro-quente, daí fui em frente e coloquei a camionete na fileira de carros, onde tratei de pôr pra dentro o resto da comida.

Fiquei meio perplexa com quanto tempo aquilo tudo estava levando. Um casal de oficiais da guarda de fronteira estava parado na frente da fileira de carros que esperavam para passar pelo que, pra mim, parecia um pedágio. Pelo que dava pra ver, ou você levava uma seta verde ou uma seta vermelha. Se levasse a verde, como a maioria das pessoas, você simplesmente passava direto pro México. Se levasse a vermelha, teria de encostar logo após a cabine (quase no México). O que acontecia depois disso tudo, quando a pessoa chegasse lá, já não dava pra ver. Mas, mesmo assim, puxei o boné de beisebol ainda mais pra baixo e pra perto dos olhos. Já tinha colocado as luvas de Touch e soquei as mangas da minha camisa pra dentro delas, só pro caso de que alguém tentasse me agarrar pelo pulso.

Meu coração batia forte dentro do peito, *tum, tum, tum* sem parar. E lá se foi um carro sem ser parado, depois outro e mais outro, e opa... pararam aquele lá. Isso tudo me pareceu aleatório demais, e só pude rezar pra que eu não fosse um dos azarados. A boa notícia era que aqueles oficiais não pareciam ser assim supereficientes no

cumprimento da lei — só mesmo o pessoal do pedágio. O que eu estou tentando dizer é que eles não tinham cara de quem me reconheceria como uma fugitiva.

Finalmente chegou minha vez. México, a poucos centímetros de distância. Deixando os Estados Unidos pra trás para nunca mais voltar. Mal tive tempo de desejar que meu espanhol fosse melhor, ou de rezar por uma seta verde, antes de frear em frente à cabine. O oficial, vestido em seu colete de néon amarelo, olhou pra mim. Sorri e acenei, tentando parecer uma garotinha inocente. Logo acima da minha cabeça: seta vermelha.

Droga.

Estacionei a camionete atrás dos outros carros que também esperavam pra serem inspecionados. Tão perto, tão longe! Dava pra ver direitinho a estrada que levava ao México, as lojas ao longo dela e até mesmo uns dois cães sarnentos revirando o lixo. Tamborilava meus dedos no volante enquanto me perguntava se deveria simplesmente jogar a mochila nos ombros e sair correndo na minha nova velocidade *wildebear*. Mas aí eu teria todas as autoridades mexicanas no meu encalço, o que afinal arruinaria toda a lógica de chegar ao México. Então o melhor que eu tinha a fazer era ficar ali sentada, esperando que meu destino fosse decidido.

Finalmente o oficial apareceu ao meu lado. Abri a janela e tentei sorrir de um jeito realmente amigável (não que isso tenha me ajudado muito antes).

— Hola — ele disse. Tinha um sorriso escancarado no rosto, o que me fez sentir um pouco mais aliviada. — Saindo de férias?

Seu sotaque era carregado o suficiente pra que eu levasse quase um segundo pra entender o que ele dizia.

— Isso aí. Pode apostar, saindo de férias. Rumo à Baja Peninsula. Dá pra acreditar que eu nunca vi o oceano em toda a minha vida?

Ele balançou a cabeça.

— Você tem alguma arma no carro?

— Armas! Não, senhor, com certeza não.

Ele fez um gesto com sua prancheta, como se eu devesse sair da camionete. Todo o meu corpo começou a tremer. O guarda se afastou pra que eu pudesse empurrar aquela porta pesada e lá estávamos lado a lado. Ele se aproximou da minha orelha. E diabos se meus joelhos não começaram a bater um no outro. Minhas pernas tremiam pra valer, completamente bambas. Os olhos do guarda se arregalaram um pouco.

— Desculpe. É que eu estou tão ansiosa pra ver seu belo país...

Ele subiu até a cabine com uma lanterna e examinou as saídas do ar-condicionado, depois iluminou atrás do banco. Inclinou-se pra olhar também por baixo. A mochila de Touch continuava lá. O guarda deu um puxão pra arrancá-la e, quando ela veio, algumas notas de vinte dólares voaram junto pelo zíper meio aberto. Ele ficou parado do lado de fora do carro com a mochila balançando, pendurada nos seus dedos por um minuto antes que enfim decidisse abrir todo o zíper. De onde eu estava, deu pra ver, até pela maneira como outras notas pipocaram lá de dentro, que aquela coisa estava entupida de dinheiro. Touch deve ter passado no caixa eletrônico quando entrou na loja de conveniência sem mim. Em outras palavras: eu devia ter pensado em olhar dentro daquela mochila.

E devia ter avisado Touch, só por precaução, que cruzar a fronteira entre o México e os Estados Unidos com uma mochila cheia de dinheiro como aquela era uma estupidez sem tamanho, porque praticamente só existiam duas possibilidades pra que uma pessoa naquela situação tivesse tanto dinheiro assim: comprar drogas ou comprar armas. Ah, sim, e uma terceira: recomeçar uma nova vida pois estava sendo procurada por crimes praticados nos Estados Unidos.

Enquanto isso, o guarda permanecia ali com a mochila aberta, olhando pra mim. Então, ele puxou um walkie-talkie do cinto e falou alguma coisa em espanhol, em meio aos ruídos da estática. Faltava apenas uma coisa pra fazer. Dei meia volta e saí correndo o mais rápido que pude pela estrada em direção ao México.

E quem diria que todos aqueles agentes da guarda de fronteira teriam um tempinho pra admirar minha alta performance como velocista, não é mesmo? O problema foi que, além de estarem em número grande demais, eles resolveram ficar a postos bem no meio do

meu caminho... com armas. Quando dei por mim, estava cercada de oficiais por todos os lados, mexicanos e americanos, todos com rifles apontados pra mim.

A verdade é que uma garota pode até ter uma pele que leve os homens ao chão com o mais sutil dos toques. Pode até ter a força e a velocidade de dois *wildebears*. Mas nada disso importa tanto quando ela é confrontada com os canos de dez bons e velhos rifles americanos.

Levei minhas mãos ao alto, sem saber o que diabos eu faria a seguir.

doze

Burra ou azarada, burra ou azarada. Essas duas palavras ficaram zanzando de um lado pro outro na minha cabeça. Decidir qual delas melhor se aplicava a mim parecia tremendamente mais fácil do que descobrir como raios eu me livraria de qualquer uma das duas categorias.

Os oficiais da guarda de fronteira conseguiram me algemar sem que se autoinfligissem mal algum, já que minhas mangas estavam por dentro das luvas de Touch. E lá estava eu, sentada sozinha numa cela e só esperando que eles descobrissem que eu de fato não era Mary Ginsberg, e que aquela Chevy azul era roubada.

— De onde é que veio aquele dinheiro? — Três diferentes oficiais da polícia fronteira já tinham me perguntado a mesma coisa.

— Meu namorado me deu — respondi aos quatro. Eles podiam até colocar um detector de mentiras em mim pra fazer essa pergunta!

— E o que é que seu namorado faz da vida?

— Ele mexe com eletrônica. — Certeza que eu também passaria com essa resposta.

— E onde é que ele está agora?

— Eu não sei.

Daí eles me jogaram de volta pra dentro da cela, onde ficaria esperando até que meu processo ficasse pronto, acho, pra que assim eles pudessem lidar com as prisões menos complicadas, aquelas em que as pessoas simplesmente ficavam caladas e não tentavam escapar.

Quando enfim alguém chegou pra me buscar, caiu a ficha de que eu tinha de tomar uma atitude o quanto antes. Mas qual atitude seria não dava pra dizer. Eu não entendia nada sobre ser presa, sabe. Já tinham tomado todas as minhas coisas, inclusive a chave de fenda mágica de Touch, e me deixado com nada além das roupas do corpo. Mas suspeitei que, quando um dos policiais viesse me buscar pra registrar minha prisão, ele tiraria minhas luvas pra pegar minhas digitais. E então vai saber o estrago que eu acabaria fazendo e o que fariam comigo (lembrando daquelas armas) quando os policiais começassem a cair no chão.

Sentei num banco duro de ferro e fechei os olhos. *Touch*, pensei. *Se você está planejando me resgatar e me levar de volta pro seu mundo, agora com certeza seria uma boa hora.* Pestanejei um pouco antes de abrir os olhos, e uma parte de mim esperava encontrá-lo na minha frente com seus olhos azuis brilhando e seus lábios formando aquele meio sorriso. Em vez disso, só vi uma cela vazia e escutei passos pesados de botas descendo o corredor.

— Mary?

Era uma oficial não muito mais velha do que eu, com os cabelos amarrados num rabo de cavalo. Parecia ter belas curvas por baixo daquele uniforme, e perguntei-me o que teria levado aquela beldade a entrar pra força policial. Fora que a guarda da fronteira me pareceu um braço particularmente rigoroso da lei. Pra ser franca, o jeito como ela disse “Mary” soou bem sarcástico, como se soubesse que esse não era meu verdadeiro nome. Não gostei do seu jeito. O que não queria dizer que eu quisesse jogá-la num coma profundo, então tratei de manter o máximo de distância possível.

— Você não quer me dizer seu nome de verdade, meu bem?

Apesar do termo afetuoso, ela não chegou a usar um tom de voz dos mais gentis.

— Não exatamente — respondi, torcendo pra que algum tipo de plano brotasse na minha cabeça. Sinceramente, a melhor chance que eu tinha era sair correndo. Se conseguisse chegar ao andar de cima, onde teria o caminho livre até a porta, eu não só me valeria da supervelocidade dos *wildebears* como também pegaria todos de

surpresa por conta disso. Dessa vez, podia apostar que conseguiria escapar antes que alguém pudesse sacar uma arma.

Mas o que diabos eu faria depois disso?

— Vire de costas — a policial disse, mal-humorada. Levei os braços pra trás pra que ela pudesse me algemar. — Um tanto friorenta você, hein? — ela provocou, apontando pras mangas enfiadas nas luvas.

— Eu tenho um problema de pele.

Isso calou sua boca. Ela colocou a mão no meio das minhas costas e me empurrou pra fora da cela com as pontas dos dedos.

— Vem, vamos tirar suas impressões digitais e depois te levar pro interrogatório.

Passamos pelas outras celas, repletas de pessoas desamparadas e ansiosas, todos homens, amontoados, aguardando pra serem deportados ou encarcerados de vez. Meu cérebro estava a mil por hora, mas eu não conseguia pensar em nada. A mulher que estava ao meu lado (oficial Jeanne Sincero, segundo seu crachá) me pareceu calma e destemida, ali fazendo apenas o seu trabalho, como em qualquer outro dia. Senti-me como se estivesse escoltando a pobre moça pelo corredor da morte. O que aconteceria quando eu tirasse aquelas luvas e ela segurasse meu dedo contra a almofadinha de tinta?

E lá estava. Fiquei parada olhando pra ela, uma almofadinha de tinta das mais ordinárias. A oficial Sincero puxou um formulário e o colocou em cima da mesa. Depois tirou minhas algemas. Seu rosto era bonito, mesmo que de um jeito meio bruto e regular. Fiquei pensando em quais habilidades especiais ela poderia me transferir.

— Bem, você vai tirar essas luvas pra gente fazer isso ou não? Mary?

— Claro — respondi. Puxei minha luva direita com muito cuidado e a policial esticou o braço pra pegar minha mão. Eu a retraí. — É melhor você me deixar fazer sozinha, é uma doença muito contagiosa.

Isso bastou pra que ela recolhesse o braço bem depressa. Pressionei meu dedo contra a tinta e ela apontou pro quadradinho onde eu deveria imprimir a digital.

— Pressione forte, mas não demais — ela disse, entregando-me um papel toalha, que peguei com a mão ainda enluvada. — E vê se não me olha com essa cara de coitadinha.

— Você por acaso é graduada em dermatologia?

Ela rosnou um pouquinho enquanto eu vestia a luva de volta e colocava a manga dentro. De onde estava, conseguia ver pessoas entrando e saindo sem parar pela porta, mas eu simplesmente não conseguia tomar iniciativa alguma. Uma hora eu teria de pensar em alguma coisa, porque nem todos os policiais que entrassem em contato comigo seriam tão fáceis de manipular como a oficial Sincero estava demonstrando ser (uma garota bonita escuta as palavras “problema de pele” e você pode ter certeza de que ela não vai tocar em você tão cedo).

— Se eu fosse você — ela aconselhou, enquanto me algemava de novo —, não daria uma de espertinha com os detetives, Mary.

O que me fez lembrar na hora: não eram apenas os policiais que precisariam de proteção. Quando descobrissem quem eu era, não faltariam muitas outras acusações contra mim, incluindo, mas não se limitando, a roubo de carro, assalto e agressão, assalto a banco, e talvez até tentativa de homicídio.

A oficial Sincero me levou até um quartinho. Havia uma mesa, algumas cadeiras e um espelho comprido que imaginei ser daqueles falsos. Ela tirou minhas algemas e me disse pra sentar.

— Você quer um café, uma água ou alguma coisa?

Dava pra notar que essa era a parte que ela mais detestava do seu trabalho, oferecer refrescos a vagabundos. E só por isso eu disse que queria uma xícara de café, e lá se foi ela buscar, com cara feia.

Fiquei batendo os pés no chão enquanto esperava. Burra. Essa era a resposta. Eu só podia ser retardada pra não ter checado a mochila de Touch; uma retardada por tentar invadir o México, em primeiro lugar. Touch não tinha dito que, de onde ele vinha, eles conseguiam rastrear uma pessoa através do tempo e do espaço? Um pouco tarde demais até pra eu me tocar que ele seria capaz de me encontrar independente de onde eu estivesse. A não ser (e era justamente nisso que eu mal suportava pensar) que algo tivesse acontecido pra impedi-lo de me procurar.

Olhei pras minhas mãos, embrulhadas nas luvas de Touch e apoiadas nos meus joelhos. Pensar que aquelas luvas estavam protegendo suas mãos até uma noite atrás... Fechei meus olhos e sussurrei em voz alta:

— Estou bem aqui, Touch. Aqui em Lukeville, no Arizona. Vem me procurar. Vem me buscar. — E achei melhor acrescentar: — Eu te amo.

Quando abri os olhos, vi um sujeito de camisa branca de botão segurando um copo de café em uma das mãos e um arquivo bem gordo na outra. Sem dúvida aquele arquivo era meu. De repente me lembrei que não tinham me deixado usar o banheiro desde que eu tinha chegado lá. Tinha certeza de que aquele cara viria andando direto até a sala onde eu estava e, quando abrisse a porta, daria um sorrisinho cínico e colocaria o copo de café na minha frente. Queria beber aquele café tanto quanto queria dar um beijão molhado em quem o trouxesse.

Ele se sentou à minha frente. Então disse:

— Olá, Anna Marie.

Merda.

— Você quer me contar o que está fazendo tão longe de casa?

— Eu não sei o que você está querendo dizer.

— Eu quero dizer que você não deveria estar aqui no Arizona. Você deveria estar lá pras bandas do leste, em Caldecott County, no Mississippi. Tem um pessoal lá que está desesperado atrás de você.

— Eu não sei o que você está dizendo, eu não sou do Mississippi. Eu sou de Flagstaff, no Arizona.

Fiquei esperando que ele me perguntasse o endereço, que eu já tinha decorado com todo o cuidado, mas ele nem perguntou. Em vez disso, apenas sorriu. Claro que, pra entregar que eu era do Mississippi e não do Arizona, bastava abrir a boca, coisa que eu já tinha feito. Como se fosse capaz de disfarçar o sotaque... E foi aí que me ocorreu: eu tinha o direito de não abrir a boca. Já tinha visto isso em *Law & Order*. Eu tinha o direito de permanecer calada!

— Ei, eu estou presa ou o quê?

— Pode apostar que está presa sim, baixinha — ele disse, tamborilando seus dedos gordos nos meus arquivos. Não gostei muito de ter sido chamada de baixinha, até porque ele não era assim tão mais alto do que eu. — Presa por duas tentativas de homicídio, mais latrocínio e resistência à prisão. E só pra começar.

— Nesse caso, quero um advogado.

Sua expressão se fechou na hora. Deu um tapa na pasta dos arquivos, pegou-a de cima da mesa e saiu pela porta. Deu pra ouvir seu grito na sala ao lado:

— Chama aí um advogado!

Pelo menos tinha ganhado algum tempo. Cruzei os braços em cima da mesa e deixei minha cabeça cair sobre eles. Se eu já não tivesse chorado todas as lágrimas do meu corpo naquela manhã, depois que Touch desapareceu, eu talvez tivesse chorado mais um pouquinho por pura frustração. Nunca na minha vida tinha ficado trancada numa sala de onde simplesmente não dava pra escapar. Era uma sensação bastante peculiar, meio desagradável e primitiva, e que eu jamais gostaria de sentir outra vez.

Não queria levantar o rosto e ter que olhar para aquela sala, então apenas continuei com a cara enterrada nos braços. Eles mantinham a temperatura elevada, provavelmente de propósito, e senti o suor empogando na base do pescoço.

O tempo foi passando e eu ali pensando nas inúmeras possibilidades que existiam pra frente e pra trás, uma horinha aqui, uns mil anos acolá... O que acontecia quando alguma coisa mudava no tempo? Por exemplo, quando Touch foi até meu apartamento atrás de mim e eu não estava lá, eu tinha que estar em algum outro lugar. Será que aquela eu simplesmente desapareceu quando ele voltou no tempo pra me procurar? Ou ela estaria em outro lugar, vivendo a vida que eu levaria caso aquele Camaro não tivesse parado ao meu lado? E se Touch tivesse decidido voltar no tempo, tipo meia hora antes do pai dele nos encontrar naquele restaurante Outer Limits Space Age? Aquela seria uma Vampira diferente que ele teria salvo, e assim eu teria de continuar sozinha neste *continuum*, ou o presente de repente mudaria? Imaginar um monte de eus diferentes, todos continuando por aí de acordo com o tempo interrompido ou não, me deu uma dor de cabeça terrível. Além de me deixar exausta. Mas eu me recusava a levantar os olhos e apenas apertei ainda mais meu rosto contra os braços.

E não que eu tenha caído no sono propriamente, mas alguma coisa aconteceu (algum tipo de lapso, um coma todinho só pra mim),

porque durante quase um minuto inteiro eu não estive na sala de interrogatório.

Eu estava numa praia imensa e branquinha. A mais limpa, a mais pura e a mais resplandecente areia que meus pés jamais pisaram. O sol brilhava muito, muito claro. E então a água encobriu meus pés (o oceano!) e aquela sensação foi maravilhosamente boa.

— Falta muito pouco agora — Touch disse. Sim, ele estava bem ali ao meu lado, nem um pouco agasalhado, vestindo só uma bermuda cáqui folgada e nada mais.

— Eu não sei nadar direito — retruquei. E mesmo que fosse eu dizendo aquelas palavras, elas me soaram mentirosas. Ora, eu tinha passado minha infância toda nadando contra as correntezas do rio Mississippi, e antes disso, quando era só uma criancinha, tinha brincado nas águas no pântano com todas aquelas cobras e jacarés.

— Não precisa — Touch respondeu. — Eu estou aqui.

Quando ele disse isso, reparei que também não estava muito mais vestida do que ele, só um short jeans e um biquíni. E a mão descoberta de Touch foi se aproximando, pronta pra me agarrar pela cintura e me puxar pra perto dele...

Fsszzzt. Logo acima da minha cabeça, uma lâmpada fluorescente piscou e ficou chiando. Meu pescoço chegou até a esticar de susto. Deu pra ver pelo vidro que os policiais estavam se preparando pra voltar pras suas casas. E lá veio Jeanne Sincero, marchando pelo corredor. Abriu a porta.

— Vem comigo, só conseguimos arrumar um advogado pra amanhã de manhã. Você vai ter que ficar na cela mesmo até lá.

A oficial Sincero me levou até uma celinha com uma privada no canto e uma pequena cama.

— Alguém logo vem te trazer o jantar — ela disse, e partiu pra casa dela, pro namorado, ou gato, ou talvez até pra família. Talvez, em Lukeville, as pessoas se casassem jovens, como em Caldecott County.

Acho que tinham me colocado na ala feminina da cadeia, e acho que eu tinha sido a única mulher a ser presa tentando atravessar a fronteira naquele dia. Tudo estava fantasmagórica e assustadoramente

quieto. Eu só conseguia pensar naquela praia quente. Tinha parecido tão real. Será que foi mesmo Touch ao meu lado, conversando comigo? Será que ele tinha minhas coordenadas ou meu DNA ou seja lá do que ele precisasse? Será que estaria aqui em breve?

Ajoelhei ao lado da cama e tentei repetir a posição exata em que eu estava quando tive a visão. É claro que não havia uma janela na minha cela, e meus olhos estavam fechados, mas ainda assim eu tinha a sensação de que o céu ficava cada vez mais escuro lá fora, enquanto eu esperava atrás das grades até descobrir qual seria meu destino. Certa hora, alguém empurrou por baixo das barras uma bandeja com feijões verdes, gordurosos, e um pouco de frango com molho. Pude sentir o cheiro da comida, mas nem quis tocá-la; o cheiro de produtos químicos empestou todo o ambiente, nem um pouco mais apetitoso do que uma lata de fluido pra isqueiro. *Primitivo*, uma voz disse na minha cabeça.

Mas Touch não foi ao meu encontro, então finalmente me arrastei até o colchão e deitei por cima daquela manta áspera e do travesseiro de papelão, tratando de dormir.

Pá! Creque! Bum!

Mesmo dormindo, aquele ruído foi muito bem-vindo. Era como se fogos de artifício estivessem explodindo na minha cabeça, só que mais barulhentos e mais brilhantes, do lado de dentro das minhas pálpebras, ressoando em algum lugar no fundo do meu cérebro. Saltei da cama, torcendo pra que fosse Touch ali, de pé ao meu lado naquele lugar. A cela estava inundada por uma luz ofuscante que dificultava muito mais a visão, pelo menos pra mim, do que se eu estivesse em plena escuridão. Mas deu pra enxergar um homem no meio de toda aquela claridade, alto, com ombros largos e um longo sobretudo de couro. Dei um passo afoito na sua direção.

Foi aí que seu rosto apareceu com mais nitidez, não muito diferente do rosto de Touch, mas com o dobro da idade, o olhar carregado de arrogância e cobiça no lugar de toda aquela gentileza.

— Você.

O que antes era medo foi substituído pelo ódio. Por tudo o que ele tinha tomado de mim. O pai de Touch falou na minha língua:

— Parece que tem alguém aí com problemas.

Detesto admitir, mas ele tinha uma bela voz. De certa forma, ela mantinha o charme original da língua dos arcadianos, uma propriedade suave e musical.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu vim salvá-la.

Isso soou tão gentil. Por um segundo passou pela minha cabeça: talvez Touch estivesse enganado a respeito dele. Ou talvez o tenha convencido a ficar do seu lado. Claro que existia só uma pessoa que poderia responder a isso com certeza.

— Cadê o Touch?

— Touch está em casa, são e salvo. Ele me mandou até aqui para buscar você.

Estava na cara que era uma emboscada. Touch jamais teria mandado seu pai. Ele mesmo teria vindo. Mas não me importei, desde que eu tivesse um meio de viajar pro futuro, até seu tempo. Pra onde quer que ele estivesse. Engraçado: naquele tempo, o meu tempo, eu não fazia ideia do que fazer ali presa na cadeia. Mas, tratando-se do futuro, um plano logo se formou na minha cabeça. De um jeito ou de outro, eu encontraria Touch, e nós dois descobriríamos como salvar Arcádia juntos. Eu faria o que fosse preciso pra salvar o mundo que ele amava, inclusive abrir mão da minha própria vida, inclusive encarar o mal e viajar com seu pai.

— Bom, então vamos. — O pai de Touch escancarou seu sobretudo. Fiquei ali parada olhando pra toda aquela luz crepitante e clara demais. — Você terá de chegar mais perto, querida. Se quiser que eu a transporte.

Espremi os dedos, ainda envoltos nas luvas de Touch, e dei um passo adiante. E se a mão dele encostasse no meu rosto enquanto estivéssemos viajando? Por mais que eu quisesse derrotar esse homem, não queria nunca sua cabeça dentro da minha.

— Não se preocupe, minha querida, eu sei tudo sobre seus dons. Vim preparado para me proteger.

Ele se aproximou de mim com o sobretudo ainda aberto e, morrendo de asco, me dei conta de que teria de abraçá-lo. Rangi os dentes. O que fosse preciso pra chegar até Touch. Era o preço que estava disposta a pagar. E mais, muito mais.

Fechei meus olhos e pressionei meu rosto contra o peito daquele senhor. Ele fechou o casaco em volta de mim e senti um enorme solavanco, um impulso profundo, e estávamos cercados de cores, escuridão e barulho, o som de séculos e séculos se passando.

Quando viajei no tempo com Touch, foram apenas algumas horas. Tudo foi tão rápido que eu mal pude notar a sensação, foi quase como um espirro. Mas como seu pai e eu percorremos todo o caminho até o tempo de Touch, um universo de imagens giravam à nossa volta, vozes em meio à estática, o calor crescente do sol e, finalmente, água. Água corrente, litros e mais litros dela, subindo e espirrando, cobrindo quase todos os centímetros de terra. Assim se seguiu por eras, tanto tempo que até perdi a conta enquanto passavam.

Então finalmente o movimento cessou. Abri meus olhos e me afastei dele, que me segurou por um último segundo, talvez pelo simples prazer de me ver resistindo. Daí, como se tivesse lembrado do que eu era capaz de fazer, me soltou.

— Pois bem. Chegamos.

Queria logo dar uma volta. Dava pra escutar o barulho das ondas, e a luz era quase tão clara quanto a que tinha preenchido as grutas subterrâneas de Horseshoe Mesa. Queria ver como era o mundo de Touch, Arcádia. Mas eu não conseguia. Fazia um calor insuportável. Um calor que eu jamais tinha sentido antes. Um ar quente e seco que foi me sufocando, tomando meus pulmões e me fazendo cada vez mais desejar água, não apenas pra beber, mas pra pular dentro, água bem, bem gelada até meu queixo.

Gotas e mais gotas de suor passaram a brotar na minha testa, por debaixo dos meus cabelos, nas minhas axilas. Queria rasgar minhas roupas, maldita seja essa pele e o perigo que ela representa. Eu não aguentava mais. Nem por mais um segundo.

— O que há de errado com ela? — Escutei a voz de uma mulher dizer. Não na minha língua, claro, na língua de Touch, mas mesmo

assim deu pra entender (talvez, julguei, fosse por conta dos *wildebears* dentro de mim). O problema era que isso não fazia o menor sentido. Por que um *wildebear* entenderia a língua deles mais do que um urso ordinário entenderia minha língua? Não conseguia pensar direito, era como se o calor estivesse fritando meu cérebro.

— É o calor — respondeu a voz musical de um homem. — Ela não está acostumada.

Abri minha boca pra tentar dizer que eu estava bem, que não havia problema algum, que só precisava ver Touch e pronto. Em vez disso, cambaleei pra frente, envolvendo as mãos sobre minha garganta, e murmurei alguma coisa parecida com “água”.

E desmaiei. Bem aos pés dos meus inimigos.

Não dá pra dizer quanto tempo se passou até que meus olhos se abrissem. A noção de tempo estava toda embaralhada na minha cabeça. Imagino que seja a tendência natural quando, do nada, você está no planeta Terra dez mil e dezoito anos depois de ter nascido. Levaram alguns bons minutos até que meus olhos conseguissem focar direito o que estava ao redor, que não se parecia nada com um cenário futurístico.

O clima do quarto estava agradável, fresco. Não sei como mantinham a temperatura assim, pois não via nenhum ar-condicionado e nem sentia ar gelado algum circulando pelo quarto. Só estava agradável, talvez uns 23 graus, frio o suficiente pra que eu me sentisse confortável por baixo do edredom suave que me cobria. Tentei imaginar como diabos eles tinha me deitado naquela cama sem tocar na minha pele, então notei que eu ainda estava vestindo minha calça, minhas luvas e minha camiseta. Do outro lado do quarto havia uma poltrona enorme com roupas perfeitamente dobradas. Imaginei que devesse vestir essas roupas ao levantar.

Afastei as cobertas e me sentei na cama. O piso era de madeira, uma cor pálida, e havia um tapete redondo de tricô no chão. A cama tinha uma cabeceira de ferro que alguém tinha pintado de verde, um tom dos mais belos. As paredes tinham uma tonalidade amarela quase neutra, e a poltrona onde estavam minhas roupas parecia um lugar

perfeito pra ler um livro. Havia duas grandes janelas em paredes opostas. A não ser pelo teto, que era arredondado em vez de inclinado, o lugar se parecia com um quarto qualquer numa casa de fazenda bem arrumada: bonito, limpo, confortável.

Mas o que eu queria mesmo ver estava do outro lado daquela janela: como aquele mundo era, o mundo em que Touch sempre viveu. Joguei minhas pernas pra fora da cama. Quando tentei ficar de pé, elas cambalearam um pouco, trêmulas, como se eu não as tivesse usado em muito, muito tempo. Apoiei as mãos na cabeceira pra me equilibrar e fui andando até a janela. A vista era linda. Hectares e mais hectares de terra vermelha, artemísias e montanhas ao longe. Sem neve nos topos, é claro, mas repletas de pinheiros bem verdinhos. Não conseguia enxergar mais nenhuma casa, pelo menos não daquela janela. Mas mesmo assim pude ver que a luz ali tinha uma qualidade muito diferente. Não apenas como se não houvesse uma camada de ozônio, mas também poluição alguma pra bloquear o sol. Ele brilhava tão forte que chegava a criar uma espécie de neblina, como se, estando lá fora, eu fosse capaz de juntar minhas mãos e aparar a luz do sol feito chuva.

Antes, quando imaginava o futuro, era como nos filmes, com prédios altos e prateados e carros voadores atravessando o céu. Em vez disso o que vi foi uma paisagem primitiva, despoluída e tão clara que dava pra imaginar que, a qualquer momento, Deus afastaria os raios do sol como se fossem cortinas e os atravessaria. Pressionei a cabeça contra o vidro e senti seu calor tentando pulsar pelo frescor do quarto. E então a janela ficou escura, como se alguém de repente tivesse pintado o vidro pra que eu não pudesse mais ver. Suspensei repentinamente minha cabeça, como se ela tivesse sido escaldada. Pressionei minha mão contra a janela e todo aquele negrume desapareceu. Não era nada demoníaco. Somente a versão futurística das persianas.

Havia duas portas no quarto, e uma delas dava pra um banheiro com piso de cerâmica branca. Deu pra ver uma banheira bem funda. Do lado oposto estava a segunda porta, uma porta como nenhuma outra que eu já tinha visto, madeira branca, com uma bela maçaneta de cristal que, de certa forma, combinava com a cabeceira da cama, mas não muito. Detalhes bonitos e sutis. Atravessei o quarto e levei a

mão à maçaneta. Não girava. No fim, ali no futuro, pelo menos naquele quarto, o que mais se assemelhava ao passado era o fato de eu continuar sendo uma prisioneira.

Fui até a poltrona e peguei a roupa que tinham deixado pra mim. Um macacão verde meio brilhoso, feito do tecido mais leve e macio que eu já tinha sentido. Fechado pela lateral, do quadril até o braço. Tinha uma gola que ia até o queixo e luvas embutidas, até mesmo meias embutidas, como um macacãozinho de neném. Não dá pra dizer que fiquei empolgada com o fato de ser obrigada a vestir um uniforme de prisioneiro, que era o que aquilo era de verdade, não importava o tanto que fosse lindo, nem como acabava protegendo os outros de mim. Aliás, ele era até um pouco adequado demais pra isso. Com aquela roupa, se por algum motivo eu precisasse usar meus... dons, como o pai de Touch tinha chamado, eu teria de dançar de rostinho colado com a pessoa que quisesse atacar.

Mas, por outro lado, a roupa do Exército da Salvação não disfarçava que alguém tinha dormido com ela por dias a fio. Coloquei o macacão de volta na poltrona e fui pro banheiro. A privada estava cheia de terra em vez de água, e havia uma cordinha pendurada no teto que devia ser a descarga. O cômodo tinha suas próprias janelas, e por elas pude ver outro prédio. Tinha o formato de um longo túnel, da mesma cor avermelhada que o solo, e imaginei que, de longe, deveria se confundir facilmente com a paisagem.

Pressionei minhas mãos contra as janelas, senti um calor pulsante, e então o vidro escureceu. O box era meio engraçado, bem fundo no chão feito uma banheira, com degraus ladrilhados e uma ducha suspensa. Não havia cortina nem registro. Tirei minha roupa e descí pela escadinha. Assim que me posicionei embaixo da ducha, a água começou a jorrar, e tratei de me preparar pras temperaturas escaldantes que Touch tanto gostava. Mas não estava assim tão quente, apenas o suficiente, e apesar da minha situação totalmente incerta, não pude deixar de suspirar quando a água quente bateu nas minhas costas. Vi algumas toalhas brancas, grandes e felpudas penduradas na parede. Até então, aquele cárcere estava se saindo bem mais luxuoso do que o que eu tinha deixado pra trás em Lukeville, no Arizona.

Mas não deixava de ser uma prisão. E à medida que o tempo passou, fui ficando mais e mais certa disso, empacotada no meu macacão verde e circulando pelo quarto até que meu cabelo estivesse seco. E eu estava faminta. Lembrei da bandeja de comida na minha outra cela. Quase me fez sorrir, pensar na guarda de fronteira vasculhando a cela toda sem encontrar nada, e aquela bandeja de comida ali parada, intocada — a não ser, é claro, que um rato tenha saído pelas rachaduras nas paredes e comido um pouco. Mas logo meu estômago tratou de roncar, me lembrando de que minha última refeição tinha sido as batatas fritas e o cachorro-quentes na fronteira. Mal tinha dado um gole no refrigerante, e minha boca estava seca de matar.

Alguém bateu do outro lado da porta, uma batida gentil e discreta. Fiquei paralisada. Será que eu deveria responder “Pode entrar”? Não dava pra dizer que eu estava com muita vontade de fazer isso, considerando que não fazia ideia de quem entraria. Por outro lado, talvez fosse Touch. Botei a mão no peito, sobre o coração.

Antes que pudesse pensar no que fazer, a maçaneta de cristal verde girou. Nem um fio de cabelo se mexia na minha cabeça. Seria demais esperar que Touch entrasse por aquela porta, e me lembrei de não fazer nada imprudente. Porque o que eu queria fazer mesmo era sair correndo pela porta, passar por quem quer que fosse que estivesse ali e tratar de encontrá-lo o quanto antes. Só que a coisa mais inteligente no momento, sabia bem, seria ganhar tempo, situar-me um pouco e descobrir o que eu teria de fazer pra chegar até ele.

A porta se abriu. Não era Touch. No lugar dele entrou Alabaster, toda agasalhada em um casaco de pele, luvas e um chapéu de tricô, tudo branco. Ela fechou a porta e escutei um suave clique. Estávamos trancadas lá dentro, e quando ela tremeu (uma bela estremeçada), eu sabia bem que não era medo de mim. Lançou-me um sorriso discreto, como se sentisse pena e me odiasse ao mesmo tempo, e pude sentir minha própria tremedeira, um pouco menos bela. Alabaster parecia uma boneca de porcelana. Tinha um rosto lindo, grandes olhos azuis e lábios vermelhos. Covinhas. Seus cabelos saíam do chapéu em ondas suaves e loiras, e eu podia apostar que ela tinha feito aquele penteado

de propósito. Queria estar linda e maravilhosa pra quando ficasse cara a cara comigo, o que acabou dando certo até demais.

— E cá nos encontramos novamente — ela disse na minha língua, com o mesmo sotaque elegante de Touch. Fiquei enjoada ao perceber as semelhanças, como se ele pertencesse mais a ela do que a mim. Antes que eu pudesse perguntar como ela tinha aprendido a se comunicar comigo, enfiou a mão no bolso e tirou uma bolinha de energia vermelha, igual à de Touch. Um tradutor. Deixou que flutuasse sobre a palma da sua mão por alguns segundos, depois a guardou de volta no bolso.

— Ele faz coisas incríveis, não é mesmo? Um homem tão talentoso. Foi por isso que me apaixonei por ele.

Sabendo que ela me entenderia perfeitamente, não conseguia pensar no que dizer. Então disse a única coisa que tinha pra dizer a ela, a única coisa que eu queria saber:

— Cadê o Touch?

— Ah, meu marido...

— Seu *ex-marido* — retruquei, um pouco mais alto do que eu pretendia.

Ela empinou o queixo e sorriu, como se aquilo fosse a coisa mais engraçada que eu pudesse ter dito. E repetiu:

— Meu *marido*. Essa era nossa casa, sabia? Onde morávamos juntos.

— Ainda bem que você sabe que isso foi no passado.

— Ah, mas não pelo motivo que você está pensando. Estamos nos mudando, Touch e eu, para uma estação mais grandiosa. A estação que fomos predestinados a ter. Onde nosso filho nasceu e deve ser criado. Você gostaria de ver uma fotografia?

Por um instante pensei que ela estivesse falando de uma fotografia da sua casa nova e mais requintada, mas é claro que ela estava falando de uma foto de Cotton. O filho deles. Alabaster não precisou fuçar na bolsa pra me mostrar como ele era. Ela apenas desenhou um quadrado no ar com a ponta de um dos seus dedos enluvados e uma foto colorida apareceu, a foto de um menino com cabelos loiros bem claros, quase brancos, e os olhos azuis e gentis de Touch. Ele estava sorrindo e segurava algum tipo de bola de praia incandescente. Dava

pra ver o mar ao fundo. Ele tinha as covinhas da mãe. Por algum motivo, aquela fotografia me fez sentir um medo profundo, e não era medo de que algo pudesse acontecer comigo. O que me assustava era que Touch e Alabaster tivessem algo tão importante juntos, algo tão lindo. Ver aquela foto tornou tudo muito mais real do que simplesmente saber.

— O nome dele é Cotton. Pelo menos por enquanto. Aqui, em nosso tempo, recebemos um nome para toda a nossa vida somente aos doze anos de idade. Às vezes, as pessoas mantêm seus nomes originais, se lhes caem bem. Como eu. Sempre fui Alabaster, desde o dia em que nasci.

Simplesmente fiquei ali parada, olhando-a, subitamente aterrorizada só de pensar que ela pudesse estar lendo minha mente. Soltou uma gargalhada.

— Não consigo ler mentes. Somente seu rosto. Ele entrega o jogo. Talvez seja do seu interesse dar um jeito nisso.

Limpei minha garganta e endireitei minha postura, esticando-me o máximo possível, o que me deixou muito mais alta do que ela, mesmo calçando só meias e ela usando botas com saltos bem grossos. Novamente eu disse a única coisa que tinha a dizer.

— Cadê o Touch?

Ela respirou fundo e disse:

— Uma garota simplória de um tempo simplório. Só consigo enxergar uma única coisa em sua mente, e é meu querido, meu belo marido. Não lhe ensinaram modos melhores do que exigir ver o marido de outra mulher em sua própria casa? — Ela apontou pra cama logo atrás de mim, a cama em que eu dormi por sabe-se lá quanto tempo. — Fizemos amor naquela cama, sabia? Não que esse fosse nosso quarto; nós o mantínhamos para as visitas. Mas fizemos amor em todos os cômodos desta casa, até na cozinha. Você por acaso acha essa informação muito pessoal? — Ela inclinou a cabeça e eu tentei apagar todos os meus pensamentos, junto com minhas reações. Então continuou: — Touch é um amante maravilhoso. Mas acredito que você saiba disso.

E sorriu novamente. Tinha dentes branquíssimos, apenas ligeiramente grandes pra sua boca, de um jeito que os deixava

acomodados sobre seu lábio inferior. Era charmoso. Sexy. Eu queria fechar minha mão e socar aqueles dentes pra dentro.

— Não — retomou a palavra, repensando o que tinha acabado de dizer. — Acho que você não deve saber. Ou saberia?

Eu sabia. Eu sabia muito bem, mesmo que não pudesse fazer amor com ele em todos os cômodos da casa, não do jeito que ela tinha feito. Mas mesmo assim eu sabia tudo a respeito dele, e continuaria lembrando a mim mesma disso. Não me deixaria cair naquela armadilha.

— Nós conhecíamos um homem chamado Gordium. Acredito que Touch deva tê-lo mencionado. Ele tinha o mesmo dom que você. Mas aprendeu a controlá-lo e acabou vivendo uma vida normal.

Reparei que ainda estava de pé e tratei de sentar na cama. Queria muito perguntar a que tipo de vida normal ela se referia, mas ao mesmo tempo não queria informação nenhuma que viesse dela.

— Ora essa — disse, como se eu tivesse falado em voz alta. — Ele conseguia ter relacionamentos. Ficar de mãos dadas. Beijar. Fazer amor. Tudo o que queria. Como uma pessoa normal. Exceto pelo fato de ser melhor do que o normal, por conta do poder que tinha. Você consegue ver como seu poder pode ser muito útil? Basta apenas que você aprenda a usá-lo.

Meu rosto não conseguia disfarçar minha reação a tudo o que ela estava dizendo, por mais que eu tentasse.

— Gordium era capaz de segurar o ombro de alguém e tirar apenas o pouquinho que precisasse ou o tanto que quisesse — Alabaster prosseguiu. — Um pouco de conhecimento aqui. Um pouco de habilidade ali. Ele conseguia deixar o bastante para a pessoa, se assim desejasse. Ou podia tirar tudo, conforme quisesse.

Um calafrio atravessou minha espinha só de pensar em usar esse tipo de poder de propósito. Já era ruim o suficiente aquilo acontecer sem querer! A única certeza que eu tinha era de que nunca acreditaria em nada que Alabaster dissesse.

— Cadê o Touch? — perguntei de novo.

— Touch está onde sempre estive. Em sua oficina. Criando invenções maravilhosas.

— Eu não acredito em você.

— Invenções como aquela que permitia que ele me enviasse mensagens enquanto estava longe, e me levou de volta a seu tempo.

— Isso é mentira. Ele estava tentando fugir de você.

— Foi ele que me chamou — ela disse com firmeza —, e ordenou que eu levasse os *wildebears*.

— Por que diabos ele ia querer fazer isso? — mal terminei de perguntar e já me sentia desconfortável, lembrando o modo com que ele tinha me levado às ruínas Anasazi e Tawa.

— Por que seria, mesmo? Ah. Ele me convocou uma segunda vez. Para salvá-los nas grutas.

— *Salvar* a gente? Não é bem como eu penso que tenha acontecido.

— Mas você estaria morta se não tivéssemos chegado.

Eu não conseguia pensar em uma resposta. Não conseguia pensar em nada.

— Cadê o Touch?

Alabaster deu um passo ao lado e abriu a porta. Acenou pra que eu me aproximasse.

— Venha, sua impaciente. Eu a levarei até ele. Você então poderá ver com seus próprios olhos.

Pisei no corredor esperando ser fulminada pelo calor. Em vez disso, parecia estar apenas um pouco mais quente do que dentro do quarto. Enquanto isso, Alabaster começou a tirar suas roupas e pendurá-las em ganchos do lado de fora do quarto. Havia vários ganchos, com roupas maiores, parecendo masculinas, e ao ver isso uma sensação terrível de medo enfim começou a me tomar. Já era ruim o suficiente que a ex-mulher do seu namorado pudesse entrar no seu quarto sem bater antes, a hora que bem quisesse. Mas pensar que homens estranhos tinham o mesmo privilégio? Não dava pra engolir isso, nem naquele momento nem nunca. Assim que tirou todo o seu traje de frio, Alabaster ficou de pé na minha frente usando um biquíni branco de renda e um pequeno bolero de mangas curtas. Acabou mantendo aquelas botas cafonas. Odeio dizer, mas ela estava fantástica. Coloquei a mão na testa, meio que testando a temperatura.

— Você não sentirá calor. É por causa da roupa. Foi Touch quem a criou. Ela regula a temperatura do corpo, mantém o ar ao seu redor na temperatura exata para que você se sinta confortável.

Ela caminhou em direção ao fim do corredor. O teto acima das nossas cabeças era baixo e arredondado. Enquanto a maioria dos prédios no meu mundo eram construídos com base em ângulos, os prédios ali pareciam ser construídos a partir de curvas. Segui Alabaster pelo corredor. Parecia que a casa tinha sido esculpida em um grande bloco de barro em vez de ter paredes e chão conectados. Deixei-a dar mais alguns passos e tratei de me apressar pra alcançá-la.

— Foi Touch quem fez essa roupa? Ele sabe que estou chegando?

— Ele desenvolveu o material — ela respondeu, simplesmente ignorando minha segunda pergunta. — Fui eu quem fez a roupa para você. Nós somos um time, Touch e eu.

— Isso não é verdade. — Assim que as palavras saíram da minha boca, me arrependi. Ela parou e se virou pra mim. Tropecei de leve e logo me endireitei.

— É verdade, sim. Sempre foi verdade. Por isso ele não foi pessoalmente buscar você, sabe. Por que eu não aprovei, sabendo como você se sentia. — Minha única reação foi piscar os olhos. Ela sorriu um pouco. — Nunca subestime o poder de uma esposa — concluiu, voltando a caminhar.

Eu já tinha sentido medo de muitas coisas nas últimas trinta e seis horas, mais ou menos. Mas agora eu também sentia medo da reação de Touch, e pensava se tudo entre nós seria igual quando nos reencontrássemos. Nunca subestime o poder de uma esposa. Era exatamente esse o tipo de coisa sobre o qual as memórias de Wendy Lee vinham tentando me avisar.

Passei as mãos no tecido sedoso da roupa que vestia. Fiquei imaginando como Touch poderia ter desenvolvido aquele material se o levaram ainda ontem. Como Alabaster teria tido tempo pra fazer essa roupa? Claro que Touch pode tê-la desenhado antes de ter partido, mas por que não teria feito uma roupa pra que ele mesmo pudesse usar no meu tempo? Certamente teria sido útil lá, impedindo que ficasse com tanto frio.

Enquanto seguia caminhando atrás de Alabaster, perguntava-me se ela estava rebolando daquele jeito pra me provocar ou se esse era realmente o modo como ela caminhava. Ela me lembrava qualquer coisa que pudesse, de repente, sair de uma lâmpada mágica; não parecia ser exatamente real. Tentei bloquear da minha cabeça a imagem dela com Touch em todos os cômodos da casa, e tratei de me concentrar, em vez disso, no fato de eu estar prestes a encontrá-lo. Isto é, se Alabaster estivesse me dizendo a verdade.

Quando o encontrasse, ele explicaria tudo. Melhor ainda, ele me olharia e eu o olharia de volta, e então já não importaria mais o que tivesse acontecido, tudo estaria bem. No andar de baixo, a casa era como uma versão mais agradável, mais limpa e arredondada da cabana de madeira de Joe Wheeler. Não era imensa, mas tinha um ar agradável e confortável, e era muito, muito bonita. Madeira e cerâmica brilhando por todos os cantos, e um pé direito alto e redondo. Percebi que não havia lâmpadas ou lamparinas, apenas muitas janelas, com aquele sol ultraforte raiando pra dentro da casa. Não havia tomadas nas paredes; nada tinha fios. Se Touch estivesse ali, teria tirado uma com a cara dele, dizendo que aquilo tudo parecia muito primitivo. Não fosse pelo fato de que aquele mundo se valia de uma energia que não custava nem um centavo, nem prejudicava nada ou ninguém.

Descemos as escadas até uma área rústica e aberta, com uma sala de estar confortável e o que parecia uma cozinha, apesar de não ter fogão ou geladeira, somente muitos armários de diversos tamanhos. Meu estômago roncou e eu me perguntei se eles iriam me alimentar, uma hora ou outra.

Já do lado de fora, passamos por um quintal empoeirado. Quando me virei pra olhar a casa, ela era diferente de qualquer outro prédio que eu já tinha visto na vida, uma série de abóbodas em ascensão. Suas paredes refletiam a luz do sol radiante, tornando a construção quase invisível; uma luz trêmula e pálida, como se fosse uma miragem. Dava pra sentir todo aquele calor no topo da minha cabeça, mas a roupa que Touch tinha projetado me mantinha a uma temperatura agradável. Não havia grama no chão, mas, em compensação, havia muitas flores silvestres e arbustos pequeninos ao redor. Era bastante bonito. Alabaster não parecia se preocupar com uma tentativa de fuga da

minha parte, mesmo sabendo em primeira mão o quanto eu conseguia correr rápido. Ela apenas perambulava na minha frente, toda confiante de que eu a seguiria pra onde quer que fosse, contanto que dissesse que Touch estaria à minha espera.

Se eu descobrisse que qualquer coisa tinha acontecido com ele, ela não me acharia mais assim tão fácil de controlar. Bem ali, naquele mesmo instante, eu a agarraria pelo ombro e apertaria minha bochecha contra a dela, usando toda a minha força de *wildebear* pra mantê-la colada em mim pelo máximo de tempo possível. Então todas as suas memórias, tudo o que ela possuía, tudo pertenceria a mim. E ela simplesmente não estaria mais lá.

Ao nos aproximarmos da casa, baixa e comprida, um pedaço da parede sumiu pra que pudéssemos passar. Por dentro tudo aparentava ser tão industrial quanto parecia confortável por fora, com um piso frio e duro feito de um material que eu não soube reconhecer. Parecia muito maior do que eu imaginava, cheia de portas atrás de mais portas, cada uma delas com uma cerâmica pendurada, onde havia um pequeno símbolo desenhado. Alabaster enfim parou em uma das portas e abanou a mão. Quando a porta simplesmente desapareceu, ela passou pela abertura. Após um segundo de hesitação, fui em frente e a segui.

O ambiente era enorme, com um teto alto e arredondado, e o mesmo piso industrial e gelado de antes. A luz entrava com dificuldade pelas frestas perto do chão, então não era tão claro quanto o resto da casa. Pelo lado de fora cheguei a imaginar que toda a construção seria do tamanho daquele cômodo. Ele era dividido ao meio por uma parede de vidro que ia até o teto e se estendia por todo o seu comprimento. Do outro lado do vidro, havia uma sala muito mais aconchegante, com piso de madeira e um tapete de crochê como aquele que ficava no meu quarto. Também havia uma pequena área de estar com um sofá, poltronas e uma mesa de centro. Sentado na poltrona grande e confortável estava o pai de Touch. E no sofá, espremendo as mãos uma na outra como se não tivesse mais nada a fazer senão esperar, estava Touch.

Ele parecia bem. Descansado e bem alimentado. Estava vestido como nunca o tinha visto, num tipo de calça folgada e leve e uma blusa de mangas curtas. Ele não estava tremendo ou incomodado com a temperatura. Parecia bastante confortável. Corri até o vidro. Pressionei meu corpo inteiro contra a parede e gritei o mais alto que pude.

— Touch! Touch!

Alabaster revirou seus belos olhos.

— Muito romântico. Mas ele não consegue ouvir você.

Virei-me pra ela.

— Pensei que não existissem prisões neste mundo.

— Este mundo mudou.

Então, naquele exato momento, Touch levantou os olhos. Por um instante fiquei com medo de que ele não pudesse me ver através do vidro, mas logo em seguida ele se levantou e foi andando na minha direção. Esperava ver aquele mesmo brilho em seus olhos, aquele ar malicioso que ele não conseguia controlar toda vez que me via. Em vez disso, ele me olhou como se não pudesse acreditar no que estava vendo. Ele caminhava bem devagar, e de alguma forma eu sabia (mesmo sem conseguir tirar meus olhos dele) que sua mulher e seu pai estavam rindo enquanto o observavam.

Touch ficou ali parado, bem em frente ao vidro. Levantou sua mão e a pressionou contra a minha, nossas palmas separadas pela grossa camada de vidro; na verdade tão longe quanto sempre estiveram. Encostei minha testa também. O vidro estava quente. E no mesmo instante me dei conta de que Touch não tinha desenvolvido aquele tecido antes de ter ido a Jackson, e muito menos pra que eu pudesse viver confortavelmente neste mundo. Ele tinha projetado aquela roupa pra ele mesmo. Pra que, talvez, pudesse voltar pra mim.

Mas ali, em pé do outro lado do vidro, ele não sorriu ou aparentou estar feliz. Ele não parecia sentir nada, na verdade. Só estava ali. E não consegui escutá-lo quando ele falou, nem mesmo ler seus lábios, já que não havia dúvidas de que ele estava assobiando em sua linda língua nativa. É claro que eu não queria perguntar nada a Alabaster. Mas ela era a única pessoa na sala, e a curiosidade estava me matando.

— Me diz. O que ele está falando?

— Ele está dizendo que, agora que a última arma está aqui, podemos enfim nos mudar para o castelo.

— Última arma!

— Isso. A última arma na guerra contra Arcádia.

— Guerra contra Arcádia — repeti bem devagar, detestando o jeito como aquelas palavras soavam.

Alabaster sorriu. Tinha um sorriso doce, convincente. Tanto que chegou a me dar calafrios ainda maiores quando ela enfim disse:

— E agora que você está aqui, de uma vez por todas, Arcádia será vencida.

Virei para o vidro, torcendo pra que o rosto de Touch fosse me dizer alguma coisa diferente. Mas ele só continuou ali parado, lindo como sempre e, aos meus olhos, indecifrável.

treze

E, sinceramente, o que importava um mundo que não tinha nada a ver comigo? Arcádia. Nada mais do que uma palavra. Um conceito. Um ideal inalcançável.

Daqui a dez mil anos, todas as costas e planícies de todos os países vão estar debaixo d'água. Eu não estou falando só da Califórnia e da Flórida submersas nos oceanos. Estou falando que não vai sobrar nada além das Montanhas Rochosas e o deserto em torno delas, e talvez mais uns três estados dignos de nota. A mesma situação vai se dar em todos os outros continentes, com exceção daqueles (Europa, Austrália e Antártida) que serão totalmente submersos. Tudo o mais que restar será apenas uma fração do que costumava ser, flutuando no meio de um único e grande mar azul-esverdeado. Eles não terão diferentes nomes pra diferentes oceanos. Será um nome só, O Mar, que ocupará a maior parte do planeta, fazendo com que a terra firme não passe de uma reflexão tardia.

Mas me mostrar o mapa não foi a primeira coisa que o pai de Touch fez quando veio falar comigo no meu quarto. Antes ele perguntou meu nome.

- Você não sabe?
- O que você acha?
- Eu acho que você sabe.

Ficamos ali por um breve momento, um encarando o outro, até que eu resolvi ceder. O que provavelmente não era um bom sinal.

- Meu nome é Vampira.
- Esse é o nome que Touch lhe deu.
- É o único nome que eu tenho.
- Muito bem, Vampira. Você pode me chamar de Rei.
- *Rei?*

Ele sorriu, como se minha aversão à ideia fosse a coisa mais engraçada do mundo.

— É o único nome que eu tenho — retrucou, com um ar ligeiramente severo. Então ele me mostrou o mapa do que o mundo tinha se tornado.

Com os olhos fixos na imagem, senti uma tristeza profunda por tudo o que aquilo tinha sido. Mas tentei não transparecer isso ao Rei. Odiava o jeito como ele me olhava à espera de uma reação ou uma emoção qualquer. Recordei o que Alabaster tinha dito sobre como meu rosto entregava o jogo, e dei um duro danado pra permanecer com a cara virada pra frente. Ficava me lembrando a todo momento que, submerso ou não pela água do mar, nada dura por dez mil anos. Tudo o que eu conhecia já teria desaparecido pra sempre àquela altura, de um jeito ou de outro.

Mas sem sequer deixar um rastro que seja da nossa existência? Quer dizer, é só pensar em tudo o que nossos próprios arqueólogos encontraram. Fósseis de dinossauros, ossos de pessoas que viveram centenas de milhares de anos atrás. As aldeias Anasazi, como aquela aonde Touch tinha me levado, não podiam simplesmente desaparecer assim. Do que se deduz que, aparentemente, mesmo debaixo d'água, somos capazes de destruir todas as nossas grandes cidades e todas as nossas pequenas cidades também, e assim essa nova civilização não sabia nem que já tínhamos existido. Não até que Touch tropeçasse em nós por acaso. Foi nossa ganância, eu tinha certeza. Nossa ganância e nossa cegueira nos varreram da face da Terra sem deixar o menor rastro. E agora aquelas pessoas (a família de Touch) queriam varrer Arcádia do mapa e seguir pelo mesmo caminho.

Enfim. Dava pra entender bem por que Touch não tinha sido capaz de ler meu atlas de Rand McNally. O mapa que o Rei me mostrou era como a fotografia que Alabaster carregava, de Touch com seu filho.

Pairando no meio da sala, havia um imenso holograma do oceano, com a possibilidade de zoom em qualquer ponto. Quando o pai de Touch moveu o mapa mais ao leste, pra longe do que tinha restado da América do Norte e rumo ao que costumava ser a Europa, tentei imaginar o Mississipi no fundo do oceano. Nada de igarapés, nada de jacarés, nenhum rio. Será que os pinheiros e as árvores de Tupelo ainda estariam oscilando por baixo d'água? Era uma imagem das mais esperançosas, mas claro que as árvores precisam de muito mais luz solar do que jamais chegará ao fundo do oceano.

— Então, veja bem — o Rei continuou —, tudo o que você conhecia ficou para trás. O que lhe resta é o aqui e o agora, neste mundo. Nosso mundo. Seu futuro, nosso presente. E nossa intenção é transformá-lo em um lugar onde você gostaria de ficar.

Estávamos sentados no meu quarto (o quarto de hóspedes na casa de Alabaster e Touch, o lugar onde eles já tinham sido uma família). Eu numa poltrona. O Rei num banquinho que ele tinha levado. Acho que ele era educado demais pra sentar na cama onde eu dormia. Tinha deixado a porta do banheiro escancarada pra que eu pudesse ver de longe, através da janela, a casa onde eles mantinham Touch. Onde mantinham Touch... ou onde ele estava hospedado? Ainda não dava pra dizer ao certo. Ainda não tinham me deixado vê-lo, muito menos falar com ele.

O Rei continuava lá, sentado no seu banquinho, todo empacotado numa parca. Alguém bateu na porta e ele assoviou em resposta. Um sujeito com um casaco branco e grosso entrou carregando uma espécie de mesa/tabuleiro e o colocou na minha frente. Finalmente. Já estava ficando preocupada que eles não me servissem nada pra comer. A essa altura eu já estava com tanta fome que não me importaria nem se eles tivessem envenenado a comida.

Os utensílios eram diferentes dos nossos, uns pauzinhos que se conectavam nas extremidades. Levei um tempo pra entender como funcionavam. Logo na primeira mordida, entendi por que Touch não tinha se impressionado tanto com a nossa cozinha. Era uma espécie de peixe branco e eu nem tenho certeza se estava cozido, mas simplesmente derreteu na minha boca, a mordida mais deliciosa e fresquinha de qualquer coisa que eu já tivesse experimentado. O

mesmo valia pra salada, nada cozido, somente verduras limpas e verdes como eu nunca tinha visto antes, um pouco doce e, ao mesmo tempo, ligeiramente picante. Céus.

— Deixa eu te fazer uma pergunta — disse ao Rei, depois de algumas tantas mordidas, quando a fome enfim diminuiu um pouco.

— Você pode perguntar o que quiser.

— Por que você não usa uma roupa tipo essa? — apontei pro macacão verde que eu ainda estava vestindo, que me manteria confortável caso eu resolvesse sair do meu quarto tão especial e geladinho. — Em vez de ficar todo agasalhado, digo.

— Ah. Esse é um dos problemas deste mundo, do nosso tempo. O material utilizado no traje que você está vestindo ainda é um protótipo. Assim como o anel de ouro de Touch. Ele o construiu se valendo de recursos que pertencem à Arcádia. Mas como ainda está em fase de desenvolvimento, a distribuição é regulada. Foi ele quem desenvolveu o material de sua roupa também. Alabaster tinha o suficiente apenas para costurar esse macacão para você.

— Mas por que alguém mais precisaria de um? Se todos estão confortáveis com o clima? Pelo que parece, ninguém que não venha a esse quarto precisa de uma roupa feita desse material.

— É exatamente meu ponto — o Rei disse, jogando as mãos pra cima e sorrindo de um jeito que talvez fosse pra eu pensar que tinha sua aprovação. — Todo esse falatório, essa burocracia, essa preocupação demasiada com igualdade. Isso tudo vai contra o senso comum.

Minha cabeça começou a doer um pouco.

— Eu preciso ver Touch.

— E assim será.

— Quando?

— Na hora certa.

Ele se levantou. Sério, ele se parecia tanto com Touch (e, ao mesmo tempo, não se parecia nada) que meu coração chegou a doer. O que, suponho, tinha sido o objetivo. Pra me deixar ainda mais sozinha naquele quarto, presa e insegura, e amaciar minha carne com a promessa de Touch como recompensa.

— Tem algo que eu gostaria que você visse primeiro — prosseguiu —, antes de ver Touch.

- O quê?
- O lugar onde você vai viver. Caso escolha ficar aqui conosco.
- Escute, “escolha” me parece uma palavra um tanto engraçada de se usar, quando você me deixa trancada num quarto e Touch em outro.
- Touch não está trancado em quarto algum.
- Isso é mentira.
- Ele pode ir e vir como bem entender.
- Se isso fosse verdade, ele estaria aqui comigo.
- Não se esqueça de que ele é casado.

Droga. Ele estendeu a mão. Não usava luvas, mas eu tinha as do macacão que Touch tinha feito para mim, como se ele tivesse lembrado das blusas que tinha sido obrigada a vestir ao longo da nossa viagem.

- Venha comigo, Vampira. Há muito mais para lhe mostrar.

Foi bem diferente de viajar pelo tempo. Mais rápido, com uma sensação maior de frio no estômago. Acho que não cheguei a fechar os olhos, mas assim que chegamos tive a nítida impressão de abri-los.

O Rei e eu estávamos numa ampla colina, toda gramada. Muito além vislumbrei o oceano, com suas ondas de metros e metros de altura e extensão. Um pouco mais perto, no entanto, pude avistar a casa mais incrível do mundo. Sua arquitetura não se parecia nada com a da casa de Touch, pelo contrário, seus ângulos e espirais ascendiam aos céus. Cada detalhe parecia brilhar, e tive a impressão de que os cristais ao sol também alimentavam sua energia.

- Essa é uma das casas que nossos antepassados construíram. Claro que recebeu algumas melhorias ao longo dos anos. E espero que, em breve, seja sua.

Ele enlaçou seu braço no meu e fomos caminhando em direção ao castelo. Não havia um fosso, guardas ou qualquer coisa do tipo. Em vez disso, *wildebears* montavam guarda. A princípio parecia que eles estavam apenas andando, nenhum método em particular, mas ao nos aproximarmos pude ver que um cruzava o caminho do outro, rosnando. Seria preciso um forasteiro muito valente pra ao menos tentar passar por eles.

— Vá em frente. Veja o que acontece quando chega mais perto.

A cicatriz no meu ombro coçou um pouco, alertando pra que eu não fizesse isso. Mas senti uma espécie de parentesco com aqueles animais, por mais amedrontadores que fossem. Mesmo que o Rei não tivesse me dito nada, eu acabaria fazendo o que fiz em seguida. Dei um passo à frente e estendi minha mão. Os grunhidos dos *wildebears* ficaram mansos no mesmo instante e eles recuaram, abrindo passagem.

— Eles a reconhecem como uma de nós. Venha.

O Rei me pegou pelo braço como se quisesse me escoltar até o palácio. Vendo aqueles *wildebears*, no entanto, acabei me lembrando de uma coisinha. A força dentro de mim. Puxei meu braço de volta.

— Eu não dou a mínima pra esse palácio. Se você acha que vai me conquistar com esses seus castelinhos, pode tirar o cavalinho da chuva.

— Escute.

O sol brilhava tão forte e luminoso que ficava difícil vê-lo, como olhar através de névoa densa.

— Já estou farta de ficar ouvindo. O que você quer de mim? Porque eu só quero uma coisa de você, e é o Touch. Leve-me até ele ou traz logo ele pra mim.

— Vampira. Touch chegou a lhe dizer por que foi ao seu mundo? Até seu tempo?

— Claro que sim — eu disse, embora na verdade a pergunta tenha me pegado um tanto de surpresa. Isso sempre tinha me incomodado, a imprecisão de Touch nesse ponto específico. — Ele foi por sua culpa. Porque ele tinha que escapar e impedir que vocês derrubassem Arcádia.

— Arcádia já caiu.

— Eu não acredito em você.

— Mas é a verdade — ele disse, apontando pro castelo. — É por isso que esse lugar nos pertence. Você sabe o que se passa lá dentro? É onde as pessoas como você vivem. Onde nós as ensinamos a controlarem seus poderes muito especiais.

Isso me deu calafrios. Lá estávamos, bem na frente do lugar pra onde eu mais queria ir. Se o que o Rei tinha dito fosse verdade, tudo o que eu tinha a fazer era passar por aqueles *wildebears* e depois por

aquela fonte imensa e reluzente. Pelo que dava pra ver, não havia porta alguma, mas tinha certeza de que, quando me aproximasse, alguma parte da parede desapareceria. Uma vez lá dentro, eu conheceria pessoas como eu e aprenderia a controlar meu flagelo. Aprenderia a tocar nas pessoas sem machucá-las.

Touch.

Eu não conseguiria pensar direito. Não até que o visse. O que eu estava fazendo ali de pé, afinal, negociando com um homem desses, conversando com ele como se fosse uma pessoa razoável? Fui tomada por uma espécie de raiva repentina e me lembrei de todo o meu poder, minha força e minha velocidade. Avancei e empurrei o Rei ao chão.

— Chega! — berrei. — Você quer me convencer de alguma coisa? Então primeiro traz o Touch aqui agora.

Então me virei e saí correndo. É óbvio que eu não tinha um plano propriamente dito. Mas imaginei que, se me perdesse em algum canto daquele mundo, Touch acabaria me encontrando. Eu sabia que o Rei não podia correr rápido o bastante pra me pegar. Só que simplesmente esqueci que aqueles *wildebears* podiam.

O Rei assoviou. De repente, galopes trovejaram logo atrás de mim, centenas de patas carregando seus donos peludos. Tentei pegar velocidade, até fiquei na dianteira por um tempo, mas acho que uns dois ou três dos que estavam me perseguindo eram um pouquinho mais velozes do que aqueles que eu tinha absorvido. O primeiro se jogou bem nas minhas costas e lá fomos pro chão, enquanto os outros nos rodeavam, rosnando. Dava pra sentir a textura daquela pata nojenta nas minhas costas pelo macacão. Um fiapo de baba caiu na minha nuca e eu me arrepiei toda.

O Rei assoviou de novo. O *wildebear* saiu de cima de mim. Eu me virei e sentei no chão. O Rei veio na minha direção a passos largos, com o rosto desfigurado de tanta raiva. Agachou-se e me pegou pela mão (de um jeito muito menos cortês do que da primeira vez), e de repente, com aquele mesmo zás vertiginoso, estávamos de volta ao meu quarto. Minha prisão.

Assim que nossos pés tocaram o piso de madeira, o Rei me soltou.

— Eu venho tentando ser gentil, Vampira. Mas acho que já é hora de você ouvir toda a verdade.

— Eu não vou acreditar em nada a não ser que ouça da boca de Touch.

— Por ele ter sido sempre tão franco com você?

Não. Eu não iria deixá-lo me controlar. Eu tinha de continuar firme e forte.

O Rei levou um tempinho pra extirpar a raiva da sua voz e, quando enfim falou, parecia assustadoramente calmo.

— Eis a razão pela qual Touch viajou até seu tempo, sendo simples e direto. Perdemos um dos nossos mais importantes trunfos. Seu nome era Gordium e ele tinha os mesmos poderes que você. Touch descobriu uma maneira de vasculhar o tempo e o espaço atrás de alguém que tivesse o mesmo gene trapaceiro que Gordium. Quer saber qual era seu codinome, antes mesmo de sabermos que quem encontraríamos *seria* você? Vampira. E só então ele foi ao seu mundo. Por você. Para trazê-la de volta.

— Isso não faz sentido nenhum — eu gritei. — Touch está a serviço de Arcádia!

— Não. Touch está a meu serviço. Sempre esteve.

— Touch nunca ia trabalhar pra você, ele acredita em Arcádia. Ele quer que todo o mundo seja igual.

— Não existe tal coisa como igualdade — o Rei rosnou, furioso feito um *wildebear*. — Ou qualquer outra mentira de Arcádia. Algumas pessoas nascem com mais do que as outras. Naturalmente. Você, dentre todos, deveria saber bem disso.

Não era bem um ponto passível de maiores argumentações, então o jeito foi ficar lá sentada, bem quieta. Fiquei imaginando o que devia ter acontecido com Gordium.

— Deixa eu te fazer só mais uma perguntinha. *Rei*.

Ele tentou recompor o ar diplomático que sustentava antes.

— Pergunte o que quiser.

— Se Touch está do seu lado de verdade... Se ele quer tudo igualzinho ao que você quer... Por que ele mesmo não está aqui

tentando me convencer, em vez de você?

— Alabaster...

— Não. Isso não vai colar. Não dessa vez. Se Touch fosse como você, ou seja, diabólico e mentiroso, era só ele fingir tudo o que precisasse fingir. E acho que vocês devem saber muito bem que ele já teria me convencido com muito, muito mais facilidade do que essa lengalenga toda de vocês.

O Rei se levantou subitamente. Ele me lançou um olhar longo, apertado, e deixou o quarto, trancando a porta. Levantei da cadeira e fui pro banheiro. Pela janela, observei a estrutura tipo túnel onde Touch era mantido prisioneiro num mundo onde prisões simplesmente não tinham existido por muito tempo. Queria tanto que ele tivesse uma janela também, de onde pudesse me ver... Fechei os olhos contra tudo o que o Rei me tinha dito. Quando os abri de volta, pude ver Alabaster, sentada na grama com um garotinho loiro.

Coloquei minha mão na janela pra que ela escurecesse. Minha cabeça já estava cheia demais de tantos pensamentos contraditórios. Mas então de repente eu quis vê-los de novo, Alabaster e Cotton. Se Touch não era um prisioneiro, por que ele não estava lá com eles? Bati no vidro outra vez e ele clareou. Dessa vez tinha batido com os nós dos dedos, e o pequeno anel de ametista que eu ainda usava, que tinha resistido a tudo o que eu vinha passando, o anel que Cody tinha me dado, acabou fazendo um arranhãozinho de nada no vidro.

Pressionei o anel um pouco mais. O vidro escureceu de novo, só que dessa vez o anel provocou um corte um pouco mais profundo. Meu quarto ficava uns três andares acima do solo. Mas esse era um problema que eu poderia resolver mais tarde.

Se as vidraças podiam ser arranhadas, o que as impedia de serem estilhaçadas de uma vez?

Queria arrebentar de vez aquela janela lá mesmo, naquela hora. Mas fazia bem mais sentido esperar até que anoitecesse. Pra me acalmar um pouco, o jeito foi tomar uma longa e quente chuveirada.

Depois botei de volta a roupa que Touch tinha feito pra mim e fiquei deitada na cama, observando as sombras que os galhos das árvores projetavam nas paredes. Fazia horas que eu tinha comido, mas o prato tinha sido tão farto e nutritivo que eu não me sentia nadinha com fome.

E é claro que não conseguia parar de pensar: *e se tudo o que o Rei tinha dito fosse verdade?*

Eu era novata neste mundo, recém-chegada. Tudo o que eu sabia sobre Arcádia era por meio de Touch. E se ela não fosse tão grandiosa, mas cheia de burocracia e mediocridade, como o Rei tinha dito?

E se Touch não estivesse a serviço de Arcádia, mas conspirando contra ela? Será que realmente importava quem estaria à frente do governo, desde que ele e eu pudéssemos ficar juntos? Será que Arcádia tinha realmente caído? Alabaster agia como se a guerra ainda estivesse acontecendo. Mas, caso Arcádia tivesse mesmo sido derrubada, por que mais eu não poderia me mudar pro castelo, aprender a controlar meus poderes e ficar aqui com Touch? E o mais importante: se Touch e eu íamos de fato escapar de volta ao meu mundo pra formarmos nossa própria família no México, por que diabos isso tudo importava tanto?

Não, pensei. Importava *sim*. O que quer que acontecesse comigo e com meus poderes, ou meu flagelo. Eu queria estar a serviço do bem. Não do mal.

O tempo passava lento, cadenciado. O pôr do sol levou tanto tempo que nem aguentei admirar sua beleza. Quando enfim se pôs, eu já tinha decidido o que usaria pra quebrar a janela. Exatamente o que o Rei tinha usado pra se sentar, aquele simples banquinho de madeira, sim, mas muito mais pesado do que parecia. Assim que o mundo lá fora ficou devidamente escuro, peguei o banquinho e o arremessei contra o vidro.

Esperei pelas sirenes, mas a noite permanecia quieta. Acho que seria perda de tempo inventar alarmes contra roubos num mundo sem ladrões. Fui tirando os cacos ainda presos à moldura até que o caminho estivesse livre o suficiente pra que eu pudesse me arrastar de vez pra fora dali. Fiquei agachada no parapeito por um tempo, tomando coragem. A essa altura, já estava cansada de saber sobre todo o

potencial dos *wildebears* como velocistas. Mas será que eles podiam saltar de uma janela no terceiro andar e aterrissar de pé?

Só tinha um jeito de descobrir.

Uma coisa é você saber que tem de ser corajoso. Outra coisa é se convencer a saltar de uma janela. Você quer fazer isso, quer de verdade. O problema é seu corpo, que simplesmente não está a fim de cumprir a ordem que o cérebro dá.

— Pula — sussurrei pra mim mesma. — Vamos lá, agora. Pula.

Nada. Eu simplesmente não me mexia. Bem... talvez, eu tenha começado a tremer um pouco.

Fechei os olhos e pensei em Touch. E eu não podia deixar que um temor tão egoísta de um pé quebrado me impedisse de fazer o que precisava ser feito, pegar impulso de uma vez e saltar pelo ar quente e úmido daquela madrugada.

Aquele vento abafado batia em meu rosto enquanto eu caía, esvoaçando meus cabelos com uma rajada de calor que podia bem estar vindo dum alto-forno. Pra ser bem sincera, o ar estava tão quente que quase me fez flutuar um pouco; parecia que eu estava caindo mais devagar. Então pode não ter sido só o *wildebear* em mim que me levou a aterrissar ilesa, mas a consistência do próprio ar, atuando quase como uma almofada. Seja lá qual for a razão, caí de pé e com as mãos espalmadas no chão, agachada e pronta pra começar a correr.

Se ao menos o treinador do time de corrida da Caldecott County High pudesse me ver agora! No segundo ano, minha tentativa de entrar na equipe tinha sido um fracasso. Agora duvido que seu atleta mais veloz seria capaz de sequer tentar se aproximar de mim. Percorri o trecho em questão de segundos. Quando cheguei ao prédio onde Touch estava, imitei Alabaster e simplesmente suspendi a mão pra fazer com que uma passagem se abrisse. Funcionou.

O corredor estava deserto. Não se ouvia nem sequer um ruído por trás de qualquer uma das portas. Rezava pra que conseguisse reconhecer o símbolo que marcava a cerâmica de Touch quando enfim o visse; todos me pareciam tão horripilantemente iguais... Fiquei zanzando pra cima e pra baixo por um tempo e, quando me deparei

com a que eu tinha certeza ser a porta certa, suspendi minha mão outra vez e entrei.

A sala estava exatamente tão clara quanto tinha estado ao longo do dia — resplandecia feito um laboratório iluminado por lâmpadas fluorescentes. Mas dessa vez a divisória de vidro não estava lá. Era apenas uma sala imensa, ampla e vazia, não fosse por uma longa mesa de madeira bem no centro. E sentados ao fim da mesa, coladinhos um no outro, Touch e Alabaster se entretinham com algum tipo de carteadado. Os dois levantaram a cabeça ao mesmo tempo e me lançaram olhares como se eu estivesse interrompendo um momento de profunda concentração. Então Alabaster sorriu, aquele sorriso demorado e com covinhas que qualquer pessoa nesse mundo teria achado verdadeiramente encantador. Menos eu.

— Ah, é você — ela disse, como se não fizesse a menor diferença. — Estávamos nos perguntando agora mesmo o que tanto impedia você de sair daquele quarto.

Não me pergunte o que eu esperava encontrar quando irrompi naquela sala. Mas com certeza não era aquilo. As cartas não eram exatamente cartas, eram feitas de um material mais espesso, arredondado. Touch permaneceu sentado, meio que embaralhando tudo pra uma próxima rodada. Não estava usando luvas. E por que estaria? Afinal, ele só estava jogando cartas no seu planeta de origem, numa temperatura precisamente ideal, sentado ao lado de uma mulher em quem podia tocar sem receio de sofrer algum dano. Meu olhar estava fixo nele, tentando interpretar a expressão naqueles olhos azuis. Por mais errado que fosse, não conseguia conter a explosão de felicidade no meu peito ao olhar pra ele, o cara que eu mais amava no mundo inteiro. Tudo o que eu queria fazer era sair correndo e me atirar nos seus braços e segurar aquele rosto e cobri-lo de beijos, praticamente tudo o que eu não podia fazer.

Mas Alabaster podia.

Um bando de telepatas, esse povo. Alabaster esticou seu braço fininho, branco feito marfim, e o passou pela nuca de Touch. Foi um gesto dos mais casuais, lento e tranquilo. Ela já tinha feito isso milhares de vezes antes. Pareceu bem natural. Touch só conseguia continuar ali parado, segurando aquelas cartas bizarras e olhando pra mim. Acho

que, se eu fosse do seu tempo, teria sido capaz de imaginar o que ele estaria pensando. Mas não. Droga, eu não sabia nem quanto tempo tinha passado pra ele desde a última vez que nos vimos no Arizona. Até onde podia ver, ele me parecia totalmente indecifrável. Poderia muito bem ter passado por um estranho, ali sentado ao lado da sua bela esposa.

As pontas dos dedos de Alabaster brincavam no pescoço de Touch. Em seguida, ela suspendeu o braço de cima do seu ombro e correu a mão por sua cabeça. Tirou o elástico que prendia seus cabelos num rabo de cavalo e os acariciou. Tudo o que eu teria dado minha vida pra estar fazendo naquele momento, mas nunca pude. E Touch ainda lá parado, talvez com a ponta de um sorriso no canto dos lábios. Aí, ele (*ele*, não ela) se inclinou e a beijou. Seus lábios direto nos lábios dela. Beijando-a. Sem nenhuma balaclava piniquenta entre eles. Apenas um beijo, boca com boca. Como pessoas normais e apaixonadas costumam fazer.

Ligeira feito um *wildebear*, dei meia volta e saí correndo pra fora daquele inferno.

E corri. E corri. Até então mal tinha me valido da velocidade dos *wildebears*. O mais longe que eu tinha corrido era o quilômetro e meio entre a casa de Joe Wheeler e a camionete estacionada. Apesar de tudo o que se passava dentro de mim, a tempestade de ciúme e tristeza e pânico, eu até me sentia bem por estar correndo daquele jeito, mesmo com aquele vento quente contra meu rosto. Minhas pernas se moviam feito fios de espaguete, lançando-se tão rápido pelos ares que eu mal conseguia senti-las. Parecia que estava cobrindo uma distância de quilômetros e mais quilômetros, sem ficar nem um pouco cansada, apenas correndo tão rápido que estava quase pra voar.

A questão é: não importa nada o quanto você corra rápido quando as pessoas de quem você foge podem se teletransportar bem pra onde você esteja com um mero assovio.

Derrapei um pouco até conseguir parar, com meus calcanhares levantando poeira. De um lado, dois daqueles capangas com rabos de cavalo que apareceram no estacionamento da concessionária da Chevy,

enormes e com cara de poucos amigos. Aí me virei e, do outro lado, lá estavam Alabaster, o Rei e Touch.

— Vampira — o Rei disse, dando um passo adiante. — Você já devia saber que não adianta nada correr. Volte logo conosco.

Provavelmente eu deveria ter encontrado um jeito de esconder o jogo, manter minhas emoções sob controle. Em vez disso, virei para Touch e gritei a plenos pulmões, pra que todos aqueles inimigos e todo o resto do mundo naquele futuro longínquo pudesse escutar:

— Você estava beijando ela!

Enfim Touch abriu a boca:

— Ela é minha mulher.

Ele disse isso de um jeito tão calmo. Tão preto no branco. Da mesma forma como diria “eu tenho olhos azuis” ou “eu sou do Mississippi”. A declaração de um fato que não podia ser contornado, e muito menos mudado. Assim como todas as memórias de Wendy Lee tentaram me avisar.

Todas as nuvens carregadas que se formavam no meu peito foram então abaixo, furiosas, descarregando seus relâmpagos. Sentia-me como se estivesse partida ao meio, chovendo sobre todos eles. Eu *queria* chover sobre todos eles. O que mais eu tinha a perder àquela altura? Já tinha deixado meu mundo todo pra trás. Fazia dez mil anos que todas as pessoas que eu conhecia na vida tinham morrido. Exceto por Touch. Meu amante casado. Não havia nada na droga deste mundo que me fizesse voltar praquela quarto, pra casa deles. A única coisa que me fazia algum bem ali era correr. Então me lembrei de que não possuía apenas a velocidade de um *wildebear*. Também possuía sua força.

Girei e dei um chute num daqueles capangas. Chutei com toda a minha força, bem no estômago. Assim que ele tombou no chão como se tivesse sido atingido por uma bazuca, fui em frente e desferi outro chute no segundo cara.

E saí correndo.

Escutei uma grande agitação de assobios ficando pra trás, notas longas e agudas. Imaginei que Alabaster estivesse dizendo coisa do tipo “Atirem nela, atirem nela” e o Rei retrucando “Não, ainda precisamos

dela viva”. Mas alguém deve ter concordado com Alabaster, pois o que escutei em seguida foi uma espécie de zumbido, um ruído crepitante logo atrás de mim, pelo visto muito mais rápido do que eu poderia correr. Quando enfim virei a cabeça, vislumbrei uma bola incandescente vindo em minha direção, do mesmo tipo que tinha explodido aquele Mustang 1965 em Napoleon, Ohio.

O tempo parecia passar em câmera lenta. Eu me abaixei e a bola passou zunindo pela minha cabeça, errando o alvo, mas num piscar de olhos apareceu outra voando bem na minha direção e eu tive de saltar pra fora do caminho. E depois mais outra. E, por fim, Touch pipocou ao meu lado, do nada, sem estar escoltado por sua mulher ou seu pai, completamente sozinho.

— Confie em mim — ele disse.

Então ergueu suas mãos e agitou seus dedos sobre mim, como se estivesse aspergindo água na minha cabeça, se suas mãos estivessem molhadas. Em vez de água, longos e formidáveis fios dourados correram dos seus dedos. Pros diabos com o que ele tinha acabado de dizer. Eu só pensava comigo mesma: *Touch vai me matar. Bem aqui. Agora. A única pessoa que eu amo neste mundo vai me fazer cair dura no chão, mortinha.*

Só que não foi isso o que aconteceu. Em vez de me derrubarem, os fios envolveram todo o meu corpo, crepitando feito uma descarga elétrica. E no instante seguinte, tudo (a noite, os capangas, o Rei, Alabaster, Touch), tudo tinha desaparecido.

Por um bom tempo, o mundo inteiro ficou num silêncio profundo. Não havia sensação de movimento algum. Não havia som. Eu nem sequer podia ver ou sentir o chão por baixo dos meus pés. Estava tudo completamente branco, como se eu estivesse viajando por dentro de uma nuvem. Na verdade, era mais como se eu estivesse sentada numa nuvem. Uma nuvem muito volumosa e estancada no céu num dia sem vento.

Confie em mim, ele disse. Não era como se eu tivesse um leque de opções, sabe. Confiando ou não, lá estava eu, apenas flutuando, talvez em pleno ar, talvez não. Não podia sequer ter certeza do fuso horário

ou do planeta em que eu estava. Será que ele tinha me mandado de volta ao passado? Ou mais pro futuro? Ou será que tinha me enviado pra outra realidade totalmente diferente, outro mundo, outra galáxia?

Finalmente aquela calma toda passou um pouco. Senti como se algo caísse no meio do meu estômago, e de repente, com um solavanco, foi como se eu estivesse num elevador em queda livre. A velocidade foi ficando cada vez maior, até que fui inundada pela sensação de ter mergulhado na água, bem fundo. Quando abri os olhos, aquele branco todo tinha sumido e pude ver as bolhas da minha própria respiração subindo bem na minha frente, em meio a uma quantidade imensa de água azul-acinzentada. Suspendi a cabeça, prendendo a respiração, e vi a superfície não muito acima de mim, e o sol, aquele sol brilhando através da água. Não me restava o que fazer senão sair nadando e subindo. Acabei encontrando uma jangada à minha espera, uma jangada de madeira de bom tamanho, plana o suficiente pra que eu não me esforçasse tanto na hora de subir. Por um tempinho, só fiquei ali deitada de bruços, agarrada às tábuas, aliviada. Quando enfim minha respiração voltou ao normal, sentei e dei uma espiada em torno.

Água. Nada além de água por quilômetros e quilômetros. Nenhum pássaro no horizonte, nenhuma terra à vista. Somente ondas suavemente rolando, um céu azul e aquele sol enorme e escaldante. Torci pra que Touch tivesse pensado em projetar o material do macacão de modo que fosse resistente também aos raios UV. De um jeito ou de outro, eu com certeza queria muito estar usando um chapéu. E óculos escuros. O sol não estava dando a mínima trégua, castigava sem dó, e eu apertava os olhos contra a luz, colocando a mão no rosto pra protegê-los. Não que eu seja uma expert, mas aquela luz me pareceu menos densa. Era como se eu pudesse enxergar com muito mais nitidez. Esse sim, pensei, é o planeta Terra pra valer. Um vasto oceano, sem terra à vista, um sol quente e as ondas. Nós, os seres humanos, éramos animais terrestres num mundo feito de água, só esperando nosso tempo passar até que a verdadeira matéria-prima do planeta emergisse e nos cobrisse pra todo o sempre.

E então, despontando no limiar do horizonte, surgiu um barco. Um veleiro branco maravilhoso seguia direto na minha direção. Bateu-

me uma ponta de medo, junto com um fiapo de esperança.

Pensei em tudo o que Touch tinha feito por mim, como voltar no tempo pra me tirar de Jackson. Mesmo prisioneiro, ele tinha dado um jeito de inventar um traje pra que pudesse viajar ao longo dos anos e me encontrar. Será que um homem que faz tudo isso por uma mulher a deixaria pra voltar aos braços da sua esposa?

Pode apostar que sim, a voz de Wendy Lee disse dentro da minha cabeça. Empurrei a voz de lado.

Confie em mim, ouvi em seu lugar.

A essa altura, já tinha certeza de que o barco estava mesmo se aproximando, cada vez mais à vista. Apenas uma pessoa a bordo, olhando bem na minha direção. Vestindo luvas, não por conta do frio, mas para que, quando parasse seu veleiro ao lado da jangada, ele pudesse estender a mão e me ajudar a trocar de embarcação.

Subi a bordo e fiquei no convés com Touch. Aí joguei meus braços em volta do seu pescoço e enterrei meu rosto no seu peito, deleitando-me com a sensação provocada por sua respiração, seu cheiro e, especialmente, seus braços me envolvendo de volta com tanta força quanto eu. Talvez até um pouco mais. Era tão bom que esqueci de todo o resto e até mesmo de pensar, mas acabei sendo obrigada a lembrar que eu não podia beijá-lo, simplesmente o que mais queria fazer no mundo.

Em vez disso, só ficamos ali abraçados, o mais forte que podíamos, até que fosse um verdadeiro milagre nossos ossos não racharem sob tanta pressão.

Touch conduzia o barco e eu estava logo atrás dele, com os braços em volta da sua cintura e minha bochecha acomodada logo abaixo da sua nuca, na parte coberta pela camisa, em segurança. Era óbvio que eu tinha um monte de coisas pra perguntar, mas o que eu queria saber em primeiro lugar não tinha nada a ver com a política deste novo mundo.

— Ei, terráqueo — eu disse. Estava tão bom ficar ali quietinha só com ele de novo, tudo tão tranquilo, que eu praticamente odiei a ideia de começar a falar.

— Sim, terráquea? — Seu rabo de cavalo fazia cócegas no meu rosto.

— Faz quanto tempo que eles te levaram do Arizona?

— Muito mais para mim do que para você.

Claro que ele deve ter pensado que eu ficaria contente com aquele muito mais.

— Mas muito mais tipo quanto?

— Um ano? Talvez um pouco mais.

Um ano inteiro. Deve ter sido o quanto levou pro Rei ter me encontrado sem a ajuda de Touch, vasculhando o tempo-espaço. Enquanto isso, pra mim, três dias sem ele, e parecia uma eternidade.

— É um bom tempo.

— É sim.

— Você chegou a pensar em mim?

— Todos os dias — ele disse. Não dava pra ver seu rosto, mas pude sentir um sorriso irradiando da sua pele através da camisa e direto no meu rosto. Sorri de volta.

— Você ficou feliz de me ver quando eles me levaram até você?

— Bem... a verdade é que eu passei um bom tempo tentando ao máximo evitar que aquilo acontecesse. Mas o coração desconhece a razão, não é mesmo? Eu não tinha como não ficar feliz de ver seu rosto. Porque eu te amo.

— Ainda?

— Sim. Ainda.

— E por que você simplesmente não veio comigo, então? Por que me mandou pra cá sozinha? Fiquei morrendo de medo.

— Eu tinha algo a fazer antes disso.

— Cotton?

— Cotton.

Ele se virou e passou o braço por mim. Ele me suspendeu um pouco pra que ficássemos ombro a ombro. Eu me debrucei sobre ele e, com a outra mão, alcancei o timão. Sem perguntar nada, pressupus que estivéssemos indo em direção à terra firme, e meus olhos simplesmente vasculharam o horizonte. Ao mesmo tempo eu não estava nem aí se nunca mais pisasse em chão firme de novo. Pra mim, tudo estava perfeitamente bem ali, com toda aquela água ao redor e o

céu derretendo sobre nossas cabeças e, os braços de Touch em volta de mim e me puxando pra perto.

Dias antes e também dez mil anos atrás: o Rei encontrou Touch no Arizona e o levou de volta pra casa.

Mas, antes disso, quando Touch veio para meu mundo, ele não estava a serviço de Arcárdia. Ele vinha conspirando contra ela, assim como o Rei tinha dito.

— Por que você não me contou?

— O que você teria pensado? Como teria confiado em mim?

— E é verdade todo o resto que ele me disse? — perguntei com muito cuidado. — Que a única razão pela qual você veio foi pra me levar embora e me usar como um trunfo?

— Sim — Touch disse. Acho que eu deveria ter ficado chocada com a resposta. Mas sabia que não estaríamos ali, e que ele não teria respondido daquela forma, se ainda fosse verdade. — Escute bem. Fui criado em meio a certas ideias. De tudo o que tinha sido tirado de mim, de nós. De nossas famílias. Meu pai vem planejando essa reviravolta por toda a sua vida. Ele tem me preparado por toda a minha vida. Mas quando cheguei ao seu mundo...

— Você viu o que era — fui mais rápida. — Você chegou a Smith Park e viu o que acontece num mundo onde as riquezas pertencem apenas a um pequeno grupo.

— Isso. E aí conheci você.

— E você se apaixonou.

— Isso — ele disse de novo.

— Alabaster me disse que você a chamou. E disse pra ela trazer os *wildebears*.

— Eu queria que você ficasse mais forte. E queria que ela pensasse que eu ainda estava tentando levar você embora, assim eles não viriam atrás de mim com tanta frequência.

— E nas grutas subterrâneas?

— Não consegui pensar em nenhuma outra maneira de nos tirar de lá. — Meu silêncio a essa resposta deve tê-lo preocupado, porque um pouco depois ele acrescentou: — Eu te amo.

Pode me chamar de ingênua. Mas com certeza, naquele momento, essas três palavras eram tudo o que eu precisava escutar. Acima das nossas cabeças, um tom de rosa passou a pincelar o céu, e o sol, aquele sol tão brilhante, parecia estar cada vez mais baixo. A boa e velha Terra de sempre. Eu era capaz até de dizer em qual direção estávamos indo, observando o sol se pôr atrás de nós. O que eu queria mesmo saber era qual parte do mundo estava por baixo de nós, embaixo de toda aquela água.

E, ao mesmo tempo, eu simplesmente não estava nem aí. Eu tinha tudo de que precisava no mundo bem ali naquele velho barco.

catorze

Touch e eu dormimos no interior do barco, em uma cabine das mais aconchegantes. Ele acabou me contando um pouco mais da história toda. De como não deixava de ser verdade que Arcádia tinha caído (o Rei e seus súditos tinham reconquistado os castelos e expulsado o povo, que teve de voltar aos barcos pesqueiros). Mas Arcádia não se entregaria assim tão fácil, não sem antes lutar; e o povo já estava se reorganizando, por terra e por mar, pra reconquistar seu mundo.

— É algo que não víamos há centenas de anos. Uma guerra. E se estenderá por um longo período, pelo visto, e não será nada agradável. Bastante perigosa. Meu pai está em menor número, mas seus súditos têm armas muito poderosas. No fim, acredito de coração que Arcádia acabe vencendo.

Perguntei por que ele não tinha ajudado Arcádia, pra começo de conversa, se não era de fato um prisioneiro.

— Porque eu sabia que eles ainda estavam à sua procura. Não poderia arriscar que eles a encontrassem sem que eu tomasse conhecimento disso.

— Mas... Touch, o que foi aquele beijo?

Ele sorriu, parecendo estar um pouco envergonhado.

— Eu precisava que você corresse. Foi o único jeito que encontrei de garantir sua segurança. Não teria funcionado dentro daquela cela.

— E agora que você está livre?

— Eu vou para a guerra.

— Então Arcádia vai contar com sua ajuda. Você pode construir armas pra eles.

Touch concordou com um aceno solene de cabeça, e fiquei imaginando contra quem aquelas armas seriam usadas, sua própria família. Acho que eu deveria estar apavorada, ou pelo menos com medo. Mas a verdade é que me sentia maravilhada. Não queria nem dormir. Depois que Touch pegou no sono, ainda fiquei acordada, com minha cabeça no seu peito e meus braços enrolados em volta dele. Sentia-me tão bem por estar no seu tempo, ao seu lado. Sentia tanta pena da garota que eu costumava ser, aquela que queria fugir de casa, de Jackson, sem ele. De uma coisa tinha certeza: nunca mais queria ficar longe dele de novo.

Enfim, o sono bateu, derrubando até minha felicidade. Acho que dormi a noite inteira com um sorriso gigante estampado no rosto. Quando acordei, Touch estava deitado ao meu lado, com uma das sobrancelhas arqueada, observando-me enquanto eu dormia.

— E aí, terráquea?

— E aí, terráqueo? — Levei minha mão até seus cabelos, e ele os segurou pelas pontas e fez cócegas no meu nariz, o que me fez sorrir.

Subimos ao convés e tomamos o café da manhã que ele tinha preparado. Frutos do mar de novo. Desta vez algum tipo de marisco com um molho marrom, ainda mais delicioso do que a refeição que o Rei tinha me servido. Só que eu não conseguia me concentrar muito na comida.

— Mas então... Cotton está com o povo de Arcádia agora?

O semblante de Touch foi tomado por uma tristeza profunda.

— É uma decisão difícil de ser tomada — ele respondeu. — A verdade é que, apesar de todas as falhas de Alabaster, ela ama o filho. Mas, se eu o deixar com a mãe, ele acabará crescendo como eu, corrompido por todas aquelas crenças equivocadas. E se eu o levar para Arcádia...

— De um jeito ou de outro — interrompi —, ele crescerá no meio de uma guerra.

— E nunca estará seguro em nenhum dos lados. Mesmo com Arcádia, seu histórico familiar irá persegui-lo.

— Você tem o mesmo histórico.

— E eu por acaso disse que estaria seguro? Eu nunca estarei seguro, Vampira, não neste mundo. Não até que tudo esteja acabado. Mas isso não quer dizer que eu não queira ou que não *tenha* de permanecer firme e lutar.

— Você tem que fazer a coisa certa — eu disse, toda orgulhosa dele. Touch concordou. Parecia estar triste de verdade.

— Tem sido uma série de decisões difíceis. Como o fato de que o melhor para as duas pessoas que eu mais amo é que fiquem longe daqui. De mim.

Balancei a cabeça, como se concordasse. Um segundo depois, a ficha caiu.

— Calma lá. Quê?

— Vampira. Você sabe bem que eu tenho de tirar você daqui.

Eu disse a mim mesma pra manter a calma. Tinha de confiar nele. Por isso esperei pra ouvir o resto, imaginando que ele fosse me levar pra algum foco rebelde. Sei lá, talvez um posto avançado no meio do oceano ou um pedaço de terra em outro continente.

— Mas então... pra onde a gente vai? — perguntei.

— Você irá voltar.

— Voltar pra onde?

— Ao seu próprio tempo.

Não foi bem por causa da roupa especialmente projetada por Touch que todo meu corpo gelou na hora.

— Não. De jeito nenhum. Não vou fazer isso.

— Vampira...

— Não!

Não quis nem saber o quanto aquela comida estava deliciosa. Peguei meu prato e o arremessei feito um *frisbee*. O marisco, ou o que quer que fosse aquilo, saiu voando pelos ares e caiu na água, o que acabou mostrando o quanto estávamos longe em alto-mar, já que não apareceu um pássaro sequer pra mergulhar atrás dele.

Touch se levantou e deu alguns passos na minha direção. Não gritei, mas minha voz saiu num tom tão enérgico e furioso que poderia muito bem ter sido um grito.

— Eu vou ficar aqui. Com você. Ao lugar onde pertenço. Onde eu sempre quis estar.

Seu rosto foi tomado por um semblante meio esquisito. Era um cara inteligente, esse Touch, e eu sabia bem que ele estava pensando em como reagir à palavra “sempre”. Afinal, quanto tempo fazia que nos conhecíamos? Nada perto de dez mil anos. Nada perto nem mesmo de um mísero ano. Uma questão de semanas, na verdade. Mesmo assim, o que eu tinha dito era a mais pura verdade. Estar com ele era tudo o que eu *sempre* tinha desejado, desde antes de saber da sua existência. Já desejava estar com ele ao longo de todos aqueles anos solitários em que vivi com Tia Carrie. Mesmo quando me inclinei pra beijar o coitado do Cody, o que eu realmente estava fazendo era esperar por Touch, só não sabia disso ainda. Por todos aqueles milênios, hoje e sempre, estávamos destinados a permanecermos juntos. Em algum lugar. Em algum tempo. Juntos.

— Eu te amo — eu disse, como se fosse um feitiço. Como se isso fosse fazê-lo cair em si e entender que eu não podia mais ir embora, nunca mais, a não ser pra onde ele estivesse.

— E eu também te amo. Mas Vampira. Você não quer saber o que aconteceu com Gordium?

— Não estou nem aí. Porque eu sei que não vai acontecer comigo.

— Ele morreu. Pelas próprias mãos. Porque ele não pôde mais aguentar todas as lembranças das pessoas que o fizeram...

— Para!

— Você não percebe o quanto é preciosa? Você não só é capaz de debilitar alguém com seu toque como também de absorver seus conhecimentos. Sem necessidade de maiores interrogatórios. Apenas um único toque seu e todo um mundo de informações poderia acabar caindo nas mãos erradas.

— Eu não vou deixar que isso aconteça.

— Se eles capturarem você de novo, é bem provável que não tenha escolha. Não posso arriscar. Nem por você, nem por Arcádia.

— Mas, mesmo que você me mande de volta, o que te faz pensar que eles não vão simplesmente me rastrear de novo?

Ele se levantou e desceu até a cabine. Quando voltou, segurava uma pequena caixa. Ela zumbia cada vez mais alto, conforme foi se aproximando de mim. Antes que eu tivesse a chance de perguntar o que era aquilo, ele suspendeu a caixinha bem na altura do meu rosto e ficou girando de um lado pro outro, enquanto ela continuava a zunir sem parar.

— Beleza — eu disse, quando ele finalmente a baixou. — Que diabos é isso?

— Algo no qual eu venho trabalhando há um tempo. Esse dispositivo é capaz de mudar a estrutura do seu DNA, o modo como ele é lido. Também muda as impressões de suas digitais. Assim você não poderá ser encontrada.

— E como você sabe que isso funciona?

— Porque você não é a primeira cobaia.

É claro. Cotton. Eu não era a única pessoa que Touch precisava manter em segurança. Não tinha nem reparado no quanto meu coração estava batendo rápido. Mas, naquele momento, ele desacelerou. Segurei a mão de Touch, desejando que, quando projetou aquela roupa, tivesse pensado num modo de fazer com que eu pudesse sentir sua pele através do tecido. Pra compensar isso um pouco, apertei forte.

— Eu queria ficar aqui. Mas se você quiser voltar comigo pro meu tempo, então tudo bem. Não importa onde a gente vai estar. Caramba, pode até ser de volta pro tempo dos homens das cavernas. Antes disso, até. — Aquela ideia me deixou encantada, eu e Touch feito Adão e Eva, antes mesmo de surgir a noção do tempo. — Eu não me importo com nada, desde que estejamos juntos.

Ele colocou sua mão sobre a minha e pressionou tão forte quanto eu pressionei a mão dele.

— Mas Vampira...

Droga. Droga e merda. Meus olhos se encheram de lágrimas. Nada que eu pudesse dizer melhoraria a situação. Porque é claro que ele não pretendia voltar pro passado comigo. Nem pro meu passado nem pra nenhum outro. Ele pretendia permanecer onde estava e lutar por Arcádia, em nome de um força bem maior do que eu. Uma força tão

poderosa a ponto de evitar que uma mulher diabólica fosse assim tão diabólica.

— Ela me mostrou a foto dele — eu disse, entre lágrimas. — É lindo.

— Obrigado — Touch respondeu baixo. Ele também tinha lágrimas nos olhos.

— Eu lutaria por ele. Eu lutaria por todos vocês, se você me deixasse ficar.

Por um longo e silencioso minuto, tive esperanças. Nesse minuto pude vislumbrar um mundo inteiro... o passado, o presente, o futuro, nenhum deles tendo nada a ver com qualquer outro lugar na galáxia ou um *continuum* espaço-temporal que não meu próprio coração. E lá estávamos, sentados em meio a um vasto oceano. Nunca na minha vida eu tinha visto o oceano, e agora era simplesmente tudo o que eu podia ver, por todos os lados. É claro que tinha vontade de saber como era estar numa praia. Queria ir pra água e voltar pra areia sendo carregada pelas ondas.

Touch ficou me olhando com seus grandes olhos azuis cheios de amor e angústia. Eu quase nem reparava mais no quanto ele era bonito. Tudo o que conseguia ver quando olhava pra ele era o que eu sentia. Amor. E o resto da minha vida seguindo em frente com ele, precisamente com ele, porque qualquer outra coisa me parecia definitivamente insuportável.

— Eu te amo — eu disse, tentando igualar a força da minha voz à força do meu desejo.

— Eu também te amo — Touch sussurrou.

Não seria capaz de dizer o quanto odiava o risco que eu representava, não apenas ao homem que amava, mas a todo o seu modo de vida. Uma pele fatal, uma fina camada entre mim e o mundo, que poderia colocar tudo a perder.

Então praticamente todas as minhas esperanças já tinham ido pro ralo antes mesmo de sermos cercados por aquela irradiação intensa e cintilante, e de Alabaster e o Rei aparecerem no convés ao nosso lado, acompanhados do que pareciam ser uns cem vassalos.

Se ao menos eu tivesse nascido naquele mundo, pra começo de conversa... Aí sim eu poderia ter sido alguma coisa diferente. Não essa aberração ou um monstro, mas alguém com um lugar pra chamar de seu. Só que essa definitivamente não tinha sido minha sorte, e agora todo um inferno se abria aos meus pés. De cara aquele idioma maluco deles. Eu sinceramente queria que Touch tivesse me dado um daqueles tradutores. Porque não importava o quanto aquilo acontecesse, eu simplesmente não conseguia me acostumar a esses bandidos que se autoproclamavam aristocratas surgindo do nada e desaparecendo no instante seguinte.

Num piscar de olhos, Touch se virou e saiu correndo pra cabine. Mal pude acreditar que ele tivesse mesmo me abandonado, e minha primeira reação foi correr até a lateral do barco pra mergulhar na água. Nenhuma bola alaranjada saiu pairando atrás de mim. Só deu pra escutar o barulho de uma corrente elétrica das mais imponentes, que pareceu ter desacelerado meus movimentos de alguma forma, como se o ar estivesse superdenso, denso demais pra que eu pudesse me mexer, e quente demais também. Desisti de correr e me virei. Lá estava Alabaster com suas mãos estendidas e uns raios prateados irrompendo dos seus dedos direto pra mim. Claro que a intenção não era a de me manter em segurança ali, “protegida” por aquele escudo de energia. Muito pelo contrário. A irradiação me dominava de jeito, derretendo a roupa que Touch tinha projetado, a roupa que me protegia do calor, um fio de cada vez.

Olhei pra baixo. Pedacinho por pedacinho, o tecido foi desaparecendo, expondo minha pele e me deixando cada vez mais nua. Será que eles não sabiam o que minha pele era capaz de fazer? Lembrando de tudo o que Touch tinha me dito, cheguei à conclusão de que talvez esse fosse o objetivo.

Os raios do sol foram ficando cada vez mais intensos, o calor cada vez mais insuportável. A cada fiapo destruído, o frescor da proteção se esvaía um pouco, e cada vez mais era como se alguém estivesse pressionando um punho cerrado contra minha garganta. Mal conseguia respirar. Sentia como se fosse derreter.

Onde é que estava Touch? Não conseguia dar um passo que fosse. O tecido que cobria minhas mãos já tinha derretido todo. Alabaster

estava bem diante de mim, com sua pele alva e perfeita, de algum modo inatingível pelo sol e, oh, tão exposta por seus habituais trajes minúsculos. Se ao menos eu pudesse me livrar daqueles raios que ela apontava pra mim, daria pra encostar minhas mãos nela e sugar toda a sua vida.

Mas eu não podia. Quer dizer, mesmo que conseguisse, eu não poderia. Era a mãe do filho de Touch e tudo mais.

De qualquer jeito, àquela altura minha moral não tinha importância. Eu não conseguia me mexer. Os capangas tinham formado uma barreira, todos de pé num círculo em volta do corrimão do barco. Da cabine, o Rei surgiu segurando Touch pelos dois braços. Pela primeira vez naquele mundo, Touch estava usando seu longo sobretudo de couro, e na mesma hora veio a dúvida sobre quais dispositivos mágicos ele estaria carregando nos seus bolsos internos.

Alabaster baixou as mãos. Seu trabalho estava feito e eu me afundava no calor, mal conseguindo respirar, não vestindo nada além de calcinha e sutiã. O Rei continuou andando na minha direção, segurando Touch feito um escudo, e entendi na hora qual era o plano. Queriam obrigá-lo a me tocar por tempo suficiente pra que eu absorvesse tudo o que ele sabia, todos os seus dons e seu conhecimento, não deixando nada além de uma casca vazia no lugar.

— Não adianta resistir — o Rei disse, e como eu podia entendê-lo, supus que estivesse falando comigo e com Touch. — Se ao menos você não tivesse lutado contra o que era seu por direito... — Sua voz parecia um tanto trêmula, como se talvez estivesse mesmo passando por um momento de remorso por ter de matar seu próprio filho.

— Não se preocupe — Alabaster disse ao Rei. — Seu neto herdará tudo o que era para ter sido dele.

Aqueles dois... Tão gananciosos que chegavam a se regozijarem com o momento, conversando um com o outro. Parabenizando-se por seus bens futuros.

Fazia tanto calor que já estava pra perder minha capacidade de concentração. Tudo o que eu conseguia ver era Touch. Chegando mais e mais perto. Quando levantei os olhos, foi como se ainda o visse de dentro daquela sauna através da cortina de vapor, mas cerca de um milhão de vezes mais quente. E mais quente. Quente pra diabo.

Chegava a me engasgar com o próprio ar. Enquanto o Rei o impelia cada vez mais adiante, mal era capaz de me perguntar por que Touch não esboçava a menor reação, não lutava, não tentava dominar seu pai, até que eu vi o mesmo tipo de raio prateado saindo dos dedos do Rei, a magia de Touch roubada e deturpada, usada contra ele mesmo.

E contra mim. Eu era a outra peça do quebra-cabeça, a segunda parte da arma, destinada a não só destruir o mundo que ele amava como também a ele. Que ser humano desprezível eu era, tinha de admitir: me preocupava mais com a segunda parte do que com a primeira. Dava até pra viver com a ideia de destruir um mundo que não era meu. Mas destruir Touch? Nunca.

De algum lugar lá no fundo, tirei forças pra olhar bem nos olhos de Touch. Pra tentar interpretar o que estava passando pela sua cabeça, do jeito que ele sempre tinha lido meus pensamentos. E tive consciência de que não tinha estado sozinha desde o dia embaixo daquela árvore de Tupelo com Cody. Desde que eu o tive, Cody, dentro de mim. E aí foi a vez do gatinho, de Wendy Lee, dos *wildebears* e de Tawa. E, de uma maneira diferente, a mais importante de todas, eu tinha Touch. Então não foi só com a minha própria força, mas com a força de todos nós que eu me arrastei de pé e dei um passo pra frente. Passei raspando por Touch, meu braço descoberto quase roçou seu rosto de um jeito perigoso, e enfiei a mão aberta na cara do seu pai.

O Rei estremeceu. Tossiu um pouco. Assim que cambaleou pra trás, soltando Touch e perdendo a magia prateada dos seus dedos, tirei a mão. Por um instante deu pra sentir o fluxo de uma nova pessoa correndo por mim. A última coisa que eu queria na face da Terra eram as lembranças e os sentimentos do Rei, mas mal tive tempo pra pensar nisso. O calor veio castigar de novo. Pude escutar os gritos de Alabaster vociferando palavras chorosas e furiosas ao mesmo tempo. E então Touch empurrou uma coisa maravilhosamente familiar pra dentro da minha mão e nós dois saímos voando pra uma região desconhecida, o anel de ouro sendo o único veículo de que precisávamos.

Era bom ter uma cabeça tão aberta pras loucuras que aconteciam na natureza. Tipo viagem no tempo, ou pele humana que se

metamorfoseia numa arma letal ou maldição, ou uma raça tão avançada que chega mesmo a aprender como concentrar energia nos dedos. Porque o que aconteceu do momento em que Touch me entregou o anel de ouro em diante foi a coisa mais estranha do mundo. Nem tanto pelo que aconteceu quanto por como eu me senti.

Juro por Deus, meu primeiro pensamento foi que eu tinha morrido e ido pro céu. E não estou dizendo do jeito que Wendy Lee diria, dando uma mordida numa bomba de chocolate. Quero dizer que tive uma forte sensação de estar deixando meu corpo pra trás em algum lugar, flutuando pra longe dele, por conta própria. Dizer que eu estava me sentindo mais leve do que o ar não seria suficiente. Eu me sentia mais leve do que a leveza em si, como se não existisse gravidade alguma. Ao mesmo tempo, meu corpo estava bem ali, muito comigo, juntinho de mim. Dava pra sentir as batidas do meu coração nos ouvidos. Podia sentir o atrito em minha pele nua, e o ar já não parecia tão quente. Estava perfeito.

E o tempo. O tempo não tinha importância. Era como se eu pudesse de fato escutá-lo derrapando até parar. Simplesmente não existia em nenhum dos lados, nem rumo ao passado nem rumo ao futuro de Touch. Tudo o que existia era aquele momento, esculpido no espaço e em qualquer *continuum* só pra nós.

Touch e eu. Numa praia. Eu ainda vestindo a mesma roupa do momento em que quando ele me arrebatou, praticamente nada. Só ficamos ali na linha costeira, um de frente pro outro. Ondas rolavam sobre nossos pés. A maré estava subindo e eu pude ver, a cerca de uns cinquenta metros, uma pequena cabana de palha rodeada por palmeiras e bananeiras. Uma brisa perfeita roçou nossos rostos.

— Seu cabelo — Touch disse.

Peguei uma mecha e a examinei. Tudo castanho. Sacudi minha cabeça pra que meus cabelos caíssem feito uma cortina sobre meu rosto. As mechas não estavam mais lá. Nenhum fio branco. Apenas castanho, uma cor que eu não via mais sozinha, há anos.

Tirei todo aquele cabelo do rosto.

— E os meus olhos?

Touch me olhou bem.

— Castanhos. Escuros e lindos.

Um sorriso se abriu por todo o meu ser. Fechei os olhos, meus próprios olhos, os olhos que Touch tinha achado tão lindos. Deixei que eles se voltassem pro meu interior. Sozinha. Ninguém mais estava lá. Nada de gatinho ou *wildebears* ou Tawa. Nada de Cody ou Wendy Lee ou (graças a Deus) o Rei. Só eu. Anna Marie, além de tudo o que ela tinha se tornado. Vampira.

— Onde é que a gente está? — sussurrei. Meu olhos pestanejaram um pouco antes de abrirem. Touch tinha exatamente a mesma aparência de sempre, a não ser pelos cabelos soltos e a barba bem feita. Usava calças brancas e folgadas, e nada mais.

— Nós estamos por aí, viajando pelo tempo. Demora de fato bem mais do que dá para perceber, você sabe.

Concordei com a cabeça, lembrando minha viagem com o Rei.

— Dez mil anos é um bom tempo...

— É sim — Touch concordou.

— Mas então — eu disse, entendendo —, nossos corpos estão fazendo a viagem sem a gente. Eles estão por aí, vagando pelos séculos. Enquanto isso, nós...

— Nós tiramos um tempinho pra ficarmos aqui. Juntos.

— E onde é aqui?

— Um lugar fora do tempo e do espaço. Um lugar que nós mesmos criamos. Um lugar seu e meu.

Não parecia real aquela possibilidade, e ao mesmo tempo parecia a coisa mais real de toda a minha vida, em qualquer universo. Touch se permitiu ser tomado por um sorriso. Fui capaz de percebê-lo se formando nos lábios e passando por sua garganta e seus ombros até os cotovelos, inundando seu peito e seguindo por todo o caminho até os dedos de seus pés.

Ele deu um passo na minha direção. Dei um passo na direção dele. Minhas mãos tremiam, absolutamente conscientes e, ao mesmo tempo, sem coragem alguma.

A essa altura, já estava bastante claro que Touch era o mais corajoso de nós dois. Ele estendeu ambas as mãos. Colocou uma de cada lado da minha cintura nua. Por um instante, temi que ali, naquele lugar

que nós mesmos criamos e tão distante dos nossos corpos, eu não fosse capaz de senti-lo. Mas eu era. Suas mãos. Fortes, gentis e ligeiramente ásperas, mãos sem luvas, as unhas em meia-lua pressionando minha pele. Desencadeando os fogos de artifício da maior alegria do mundo a explodir na minha cabeça e por todo o meu corpo.

— Ah, meu Deus. Touch...

E me joguei nos seus braços e ele me segurou e nossos peitos ficaram pressionados um contra o outro, seus lábios nas minhas orelhas, suas mãos pelas minhas costas inteiras.

O que fizemos foi o seguinte. Ficamos abraçados por um longo, longo tempo. Não há nada em todo este mundo como o contato direto entre peles. Depois, tiramos o que quer que tenha sobrado das roupas e caímos no surf. Mergulhávamos e espirrávamos água um no outro. Ele me ensinou como pegar as ondas de volta até a areia, e assim ficamos, sem nos preocuparmos com o tempo.

A coisa mais simples do mundo. Duas pessoas apaixonadas de um tanto que todo o universo deixava de existir. Depois de um tempo, enfim estávamos de volta à areia. Eu estava deitada. Touch ficou lá, olhando pra mim por um momento. Então começou a me tocar em todos os lugares que ele nunca tinha podido. A partir dos pés. Passando por todo o meu corpo. Quando alcançou minha cabeça, ele gentilmente me virou de costas e seguiu na direção oposta. Deixei meu rosto acomodado sobre meus braços cruzados e tratei de apenas aproveitar, sentindo seus lábios e as pontas dos seus dedos. Sem chance de sequer pensar em outras preocupações.

Depois nos levantamos e caminhamos até a pequena cabana, de mãos dadas. Ao nos aproximarmos, pudemos ver um chuveiro logo ao lado. Havia um grande barril em cima dele, onde a água da chuva ficava armazenada. Fomos até lá e Touch puxou uma cordinha; a água da chuva caiu sobre nós, lavando toda a areia e o cascalho. Havia um pouco de xampu, cheirava a coco. Touch me ensaboou, enxaguou meus cabelos, e depois fez o mesmo com ele. Daí deixamos a corrente d'água cair sobre nós, de alguma maneira numa temperatura ideal pros dois, ali abraçados e nos beijando, beijando muito, até que o barril ficasse completamente vazio e apenas o sol banhasse nossos corpos.

Seguimos pra dentro da pequena cabana de palha. Tínhamos esperado tanto por aquele momento. Não dava nem pra dizer que tinha sido uma longa espera, na verdade, já que simplesmente não era algo que imaginávamos um dia ser possível. Pelo menos eu não imaginava.

— Você planejou tudo isso? — perguntei, enquanto estávamos deitados na cama e o vento soprava contra as cortinas brancas na janela.

Touch debruçou-se sobre mim, seu rosto tão perto do meu. A visão das minhas mãos nos seus ombros era a coisa mais maravilhosa do mundo.

— Passei mais de um ano até descobrir como poderia fazer uma parada dessas, se alguma vez tivéssemos de viajar no tempo de novo. Eu sabia que você seria capaz. Desde que absorveu o Anasazi, você se tornou capaz de alcançar um plano astral mais elevado.

— Foi por isso que você me levou até aquelas ruínas?

Touch sorriu.

— Foi basicamente por conta do poder. Mas pensei que isso poderia vir a calhar também. Você se lembra de ter me encontrado na praia?

— Aquilo foi real?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Foi minha primeira tentativa. Então eu sabia que seria capaz de fazer acontecer de novo, quando eu enfim precisasse.

Uma série de novas questões pipocaram na minha cabeça. Mas eu não queria ouvir as respostas pra nenhuma delas. Só queria estar ali, naquele momento. Aproveitar o aqui e o agora. A única coisa que eu queria eram os lábios de Touch nos meus. A única pergunta pra qual eu queria uma resposta era como me sentiria quando Touch fizesse amor comigo.

Felizmente não tive de esperar tanto pra descobrir.

Fui pega de surpresa quando vi que a noite já estava pra cair. Touch e eu ficamos sentados à beira do mar, enrolados num cobertor, olhando o pôr do sol.

Havia tanta coisa que eu queria pedir a ele. Como *Por favor, você tem de me levar com você*, ou *Por favor, vem comigo*. Queria perguntar por que não podíamos simplesmente ficar ali pra sempre, mas é claro que eu já sabia a resposta.

E, quanto às perguntas, eu sabia de mais uma coisinha. Que, quando alguém lhe dá o maior e mais sensacional presente que você jamais recebeu em toda a sua vida, a única coisa que você não deve fazer é abrir a boca pra pedir algo mais.

Então tudo o que eu disse foi:

— Eu te amo, Touch, e vou te amar por toda a minha vida.

Ele não precisava dizer *Eu também*. Só precisava arriscar tudo no mundo e deixar aquele cobertor cair para colocar os braços em volta de mim e me beijar, beijar até que nossas peles desaparecessem e não houvesse nada mais em todo o universo a não ser nós dois, abençoados e envoltos um no outro. E nos tocando.

Um pouco mais tarde, já de volta à cama, eu disse:

— Será que a gente ainda vai estar aqui pela manhã?

— Não. Quando acordarmos, vamos estar em nossas casas.

— Então, eu não vou dormir nunca.

E bem poderia ter sido nunca, mesmo. Aquela noite durou tanto tempo, e fizemos amor tantas vezes... até que finalmente minhas forças estavam tão completamente esgotadas que o nunca não chegou a acabar de fato, pois logo se tornou nunca mais. Mas não era algo com que eu pudesse me incomodar, ao menos não enquanto dormia nos braços de Touch, sem roupas ou cobertores, sem barreira alguma entre nós naquela que era nossa própria extensão espaço-temporal.

quinze

A ESPERANÇA BROTA ETERNAMENTE

Touch e eu devemos ter chegado a nosso último impasse com Alabaster e o Rei a uma altitude um pouco mais elevada do que onde costumava estar a cordilheira de montanhas Great Smoky. Quando enfim acordei, alguns minutos ou algumas centenas de anos depois de ter adormecido nos braços de Touch, dei-me conta de que estava no topo da montanha mais alta delas, Clingmans Dome, completamente sozinha, vestindo apenas o sobretudo de couro de Touch. O galho de pinheiro que tinha servido como travesseiro tinha deixado marcas tão profundas na minha bochecha que senti as linhas quando passei os dedos sobre meu rosto. Sacudi mais algumas agulhas de pinheiro pra fora do meu cabelo e logo notei as velhas mechas brancas, e sabia que eu enxergava com meus olhos verdes de gato. Podia sentir Cody dentro de mim, e Wendy Lee, e os *wildebears*, e Tawa. No entanto, por mais que vasculhasse, para meu alívio não conseguia encontrar qualquer vestígio do Rei. Talvez porque Touch tenha me arrebatado tão rápido daquele jeito. Talvez porque só fosse acontecer dali a muitos anos no futuro. Ou talvez tenha sido apenas um pouco de força de vontade interior, recusando-me a transferir tamanha maldade ao meu próprio coração. Talvez, do mesmo jeito que Gordium, eu tenha aprendido (pelo menos naquele momento isolado) a controlar meus poderes.

Olhei em volta, bem do topo daquele pico no Tennessee. A impressão era que dava pra ver o mundo todo dali, em sua enorme imensidão. Era tudo tão verde e tão bonito. Muito mais acima, o outono já tinha tratado de mudar o tom de algumas folhas pra vermelho e dourado. Senti uma leve pontada no coração, desejando que Touch tivesse permanecido pra ver as cores do outono, mas sabia que aquela era somente a primeira de muitas pontadas que eu teria, todos os dias, pro resto da minha vida.

Mesmo que estivesse fazendo um friozinho de leve, desabotoei o sobretudo e enfiei a mão num dos bolsos internos. A primeira coisa que encontrei eu já imaginava que estaria lá. O anel de ouro. Não precisei perguntar pessoalmente a Touch pra saber o que ele queria que eu fizesse com ele. A segunda coisa bem poderia ser considerada uma carta de amor, por tudo quanto dizia *Eu preciso que você fique bem*: uma chave de fenda simples e comum, aos olhos de todo o resto do mundo, como qualquer outra comprada numa loja de departamentos por U\$ 9,99.

De repente, as nuvens estancaram no céu. Fiquei tensa. Alguma coisa me dizia, antes mesmo de escutar qualquer ruído, que uma visita não tardaria a chegar. Meu corpo se preparou pros estrondos de praxe, os creques e os pás e os buns, mas antes que eu tivesse a chance de me preocupar se seria Alabaster ou o Rei, ou nutrir esperanças de que seria Touch, um menino apareceu na minha frente.

Ele devia ter uns sete anos e vestia roupas feitas a partir do mesmo material do macacão que eu tinha usado. Seus cabelos eram loiros e ele tinha os olhos azuis e gentis do pai. Ele não estava sorrindo, mas eu tinha certeza de que, quando sorrisse, daria pra ver as mesmas covinhas da sua mãe.

— Oi, Cotton.

Ele acenou com a cabeça, assustado e triste demais pra dizer alguma coisa. Mas também parecia conformado. Como se confiasse cegamente em quem o tinha enviado.

Claro, uma pessoa cuja pele pode deixar um adulto em coma permanente não tem nada que ficar criando uma criança. Mas — especialmente se recebeu meios pra tanto, na forma de uma chave de

fenda das mais úteis — certamente poderia deixar o menino num lugar seguro. O que eu não conseguia encontrar de jeito nenhum no meu próprio passado. Não poderia levar Cotton pra comunidade, por exemplo, e é claro que não o entregaria pra Tia Carrie. Mas veio a calhar eu conhecer um casal que com certeza seriam pais muito gentis e amorosos. Eles já tinham proporcionado uma infância estável e feliz a um menino antes. E pareciam estar precisando muito, no momento, de outra criança em suas vidas.

A Chevy azul que fui dirigindo até Caldecott County não era a mesma que Touch e eu tínhamos roubado no Colorado, mas era bem parecida. Eu a tinha comprado por uma pechincha numa loja de carros usados na saída de Memphis. Quando aquele vendedor viu o bolo de dinheiro que tirei do bolso, nem quis fazer pergunta alguma. Mal chegou a contar as notas. Apenas entregou as chaves.

No caminho de volta, enquanto passava por Memphis, planejei como ocuparia meu tempo livre dali em diante. Primeiro passaria horas na fila pra fazer um *tour* por Graceland. Depois iria caminhando até Beale Street e pediria uma porção de costela assada.

Mas não havia tempo pra isso naquele momento. Eu tinha uma entrega a fazer. Na calada da noite, fui dirigindo pela estrada de terra que levava à fazenda dos Robbins. Entre mim e Cotton havia uma sacola repleta do material especial que Touch tinha inventado. A Sra. Robbins era uma costureira de mão cheia. Poderia criar roupas pra Cotton até que ele se adaptasse ao clima.

Parei o carro no meio da estrada e desliguei o motor. Cotton e eu fomos caminhando pelo chão de terra batida até a casa dos Robbins. Eu usava luvas pra que ele pudesse enfiar sua pequenina mão direita na minha enquanto seguíamos nosso caminho. Senti um aperto no coração do tanto que eu queria ficar com aquele menino, se pudesse.

Mas não podia. Então me ajoelhei na frente dele.

— Cotton, essas pessoas são muito legais e elas vão cuidar muito bem de você.

Cotton assentiu com um aceno solene de cabeça, entendendo bem o que eu dizia, pois, como ele já tinha me dito, o último ano tinha sido

dedicado a aprender meu idioma com Touch. Peguei sua outra mão e disse:

— Você é um bom menino. E um menino corajoso. Eu sei que você não vai ter chance de ser batizado, mas... se você concordar, eu gostaria muito de escolher um nome novo pra você.

Ele fez que sim outra vez, esboçando aquelas covinhas nas bochechas.

— Daqui pra frente, você vai se chamar Conrad. Porque quer dizer valente. Valente de verdade. Assim como você é, meu amor.

Não me atrevi a colocá-lo em risco, dando-lhe um abraço. Só fiquei lá na calçada, onde já tinha ficado mil vezes antes, observando o filho de Touch caminhar em direção à sede da fazenda e a uma boa educação de verdade, com pessoas que seriam sempre gentis e agradecidas por tê-lo em suas vidas.

É claro que precisei cair fora de Caldecott County o mais rápido possível. Uma vez de volta à estrada, botei meu plano em ação e tirei um tempo pra curtir Memphis. Depois, segui em direção ao oeste, rumo ao Colorado, com as janelas abertas e qualquer estação de música country que eu conseguisse sintonizar no rádio e fosse capaz de sufocar meus pensamentos da melhor maneira possível. Dessa vez, estava viajando sozinha, mas ainda assim minhas mãos estavam cobertas. Com o dinheiro que a chave de fenda tinha conseguido num caixa eletrônico, comprei um bom estoque de calças de couro e blusas com luvas embutidas. E ainda estava com o sobretudo de Touch. Nunca se sabe quando uma pessoa vai acabar tocando em você por acidente. Por sorte, o clima já tinha esfriado um pouco e a temperatura estava bastante agradável. Permiti-me até mesmo acelerar um pouco. Por conta das minhas novas impressões digitais e do meu novo DNA, as autoridades já não eram uma ameaça. Anna Marie estava oficialmente desaparecida pra sempre. Restara apenas Vampira.

Existem algumas coisas neste mundo que não dá pra esquecer. Como todo e qualquer passo que dei durante a viagem com Touch. Não tive maiores problemas pra encontrar o caminho pelas dunas de

areia até o lugar onde tínhamos roubado a camionete azul original. Como eu suspeitava, nada tinha saído do lugar. Acho até que nem sequer notaram o sumiço da Chevy. Estacionei no mesmo pedaço de chão sem grama e deixei as chaves debaixo do assento. Então dei meia volta e iniciei minha longa e lenta caminhada até Hooper, onde peguei um ônibus pra Salt Lake City. Lá comprei um Camaro usado com banco recostado. Segui dirigindo até o lago Powell, aluguei um barco do mesmo Navajo e saí velejando até um ponto onde a água fosse tranquila e escura.

Até o lugar em que eu deveria deixar outra coisa que Touch tinha me dado sem a intenção de que permanecesse comigo. O anel de ouro. Eu o arremessei pelo ar, onde pairou por um instante, refletindo a luz do sol, com todas as suas propriedades inacreditáveis.

E caiu, como outra coisa qualquer cairia, e rasgou o espelho d'água. Ainda que apenas na minha cabeça, pude vê-lo submergindo lentamente até o fundo, onde correnteza alguma poderia levá-lo de volta à costa.

Com a última tarefa concluída, faltava só descobrir o que faria com o resto da minha vida. O que mais uma aberração como eu poderia fazer depois de viver tudo o que tinha vivido nas últimas semanas?

O que mais qualquer outra garota poderia fazer? No meu caso, fugi. Na esperança de que pudesse esquecer, e ao mesmo tempo sabendo que sempre me lembraria. Dirigi rumo ao leste, e depois ao norte, seguindo em direção a Maine, onde eu poderia finalmente ver um farol e comer uma boa lagosta. Aluguei um apartamento e arrumei um emprego numa padaria, assando bolos. No início não ficaram dos mais empolgados com minha aparência, com certeza. Mas quando se viram as habilidades de Wendy Lee, não tiveram muito o que dizer. Sabia que não daria pra usar a chave de fenda com muita frequência, e sabia também que seus poderes provavelmente não durariam pra sempre. Nada nunca durou.

Todo santo dia eu acordava, ia pro trabalho, voltava pra casa. Às vezes vestia um agasalho e saía caminhando por aquela praia fria e cinzenta. Pode parecer uma vida solitária, eu sei. Talvez até

desesperada. E, pra ser bem sincera, eu me sentia sim desesperada, de vez em quando. Mas o tempo que tinha passado com Touch (o tempo fora do tempo) com certeza me bastou por uns meses. O tipo de felicidade que a gente sente ao amar alguém que nos ama de volta simplesmente não nos abandona, independente das circunstâncias.

E não só isso. Quando o homem que a gente ama sabe como viajar através do espaço-tempo, simplesmente não dá pra gente ter certeza absoluta de que ele um dia não vai voltar. Especialmente se deixou seu filho aqui. Por isso, eu sabia que tinha de me cuidar, e me certificar de que minhas escolhas fossem direcionadas ao bem e não ao mal, pois, se Touch resolvesse algum dia voltar, eu ainda seria digna dele.

Mas não era só isso que alimentava minhas esperanças. Embora nunca tenha tido a chance de conhecer Gordium, eu sabia da sua existência. Aqui, neste planeta, em dez mil anos. E se ele vai existir daqui a dez mil anos, e eu existia agora...

Haveria sempre a chance de que mais dia, menos dia, eu acabasse trombando com alguém como eu. Talvez isso fosse só mais uma esperança brotando eternamente. Ou talvez, apenas talvez, fosse o que o futuro me reservava.

Christine Woodward é o pseudônimo da escritora norte-americana Nina de Gramont, autora de *Gossip of the Starlings* e *Of Cats and Men*, além do romance infanto-juvenil *Every Little Thing in the World*, todos ainda sem tradução no Brasil. Ela vive no litoral da Carolina do Norte, com seu marido e sua filha.

SAIBA MAIS, DÊ SUA OPINIÃO:

Conheça - <http://www.novoseculo.com.br>

Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta -  /NovoSeculoEditora

Siga -  @novoseculo

Assista -  /EditoraNovoSeculo

